

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL**

Maria Cleonice Mendes de Souza

**DA BARRA AO FINDAR DO DIA:
HIPERMODERNIDADE NO COTIDIANO DE PESSOAS IDOSAS**

Belo Horizonte
2013

Maria Cleonice Mendes de Souza

**DA BARRA AO FINDAR DO DIA:
HIPERMODERNIDADE NO COTIDIANO DE PESSOAS IDOSAS**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação

Linha: Psicologia, Psicanálise e Educação

Orientadora: Dra. Regina Helena de Freitas Campos

Belo Horizonte
2013

CIP – Catalogação na Publicação

SOUZA, Maria Cleonice Mendes de.

DA BARRA AO FINDAR DO DIA: HIPERMODERNIDADE NO
COTIDIANO DE PESSOAS IDOSAS / Maria Cleonice Mendes de
Souza. - - 2013.

256 f. II.

Orientador: Regina Helena de Freitas Campos

Tese (Doutorado) - - Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Belo Horizonte, MG, 2013.

1. Hipermmodernidade. 2. Velhice. 3. Velhos/Idosos. 4.
Lembranças. 5. Memória. I. CAMPOS, Regina Helena de Freitas,
orient. II. Título.

Maria Cleonice Mendes de Souza

**DA BARRA AO FINDAR DO DIA:
HIPERMODERNIDADE NO COTIDIANO DE PESSOAS IDOSAS**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas, defendida em 27/09/2013 e submetida à avaliação da Banca Examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Regina Helena de Freitas Campos – FaE / UFMG
Orientadora

Prof. Dra. Inês Assunção Teixeira – FaE / UFMG
Examinadora

Prof. Dr. Luiz Alberto Gonçalves – FaE / UFMG
Examinador

Profa. Dra. Mônica Anechinni – FUVS / MG
Examinadora

Prof. Dra. Keila Queiroz e Silva – UFCG / PA
Examinadora

Dedico este trabalho aos “meus” velhos e a todos os velhos e velhas, que sonham, que sofrem e que vivem, em todos os locais do mundo.

AGRADECIMENTO

A UNIMONTES, instituição onde me realizo profissionalmente há mais de 20 anos, e ao Departamento de Educação, agradeço pelas condições oferecidas e pela amizade das pessoas que os representam;

A UFMG, Instituição que me acolheu como aluna do doutorado; sou-lhe muito grata;

A FAPEMIG e a CAPES, meu muito obrigada pelo apoio financeiro;

Aos professores do Doutorado, agradeço pelos ensinamentos, pela solidariedade e pela compreensão com todas as minhas e tantas “falhas”;

À secretaria de pós-graduação da FaE e aos ‘meninos’ e ‘meninas’ de lá; o meu muito obrigado e o meu pedido de perdão pelas tantas vezes que os “chatee”;

Sempre preferi gente ao tempo e ao espaço. Assim, meus referenciais são exclusivamente humanos. Cada época de minha vida está marcada na memória e nos sentimentos por determinadas pessoas que conheci e com as quais convivi. Não me lembro de quase nada do local onde as encontrei, esqueço as datas, as épocas, o clima e as durações dos relacionamentos. Mas as expressões dos rostos, os gestos das mãos, o calor dos corpos, os sentimentos, as emoções, os desejos aos milhares, estão intatos, vivos e atuais dentro de mim. (Roberto Freire)

Nada no mundo me comove mais do que a lembrança amorosa daqueles com quem convivi, e nesses quatro anos de doutorado conheci e convivi com pessoas que deixaram em mim, além de saudades, uma doce e terna lembrança. A todas essas pessoas os meus mais sinceros agradecimentos.

Um trabalho como esse não se realiza por uma só pessoa e eu tive ao meu lado, sonhando comigo, trabalhando comigo e vibrando comigo várias pessoas. A algumas delas, porque impossível relacionar todas, devo expressar o meu agradecimento:

Antes de citar qualquer nome, quero elevar o meu pensamento de agradecimento ao meu Deus que me deu possibilidades de aqui chegar, a esta altura da vida.

Os “meus velhos” foram o meu caminho; através deles o meu sonho se tornou realidade, não apenas o sonho de uma pesquisa, de uma tese de doutorado, mas, e principalmente, o meu sonho de me tornar uma pessoa melhor, de aprender a envelhecer com mais sabedoria. Obrigada a todos, dona Ruth, Prof. Joaquim, Profa. Cibele, ‘seu’ Elísio (de Montes Claros); Fina e Quincas, dona Maria e ‘seu’ Expedito (de Diamantina); dona Nazinha e ‘seu’ Liro, dona Nicinha e ‘seu’ Nem (de Itamirim), pelas entrevistas e pelos ensinamentos de vida.

À minha “eterna” orientadora, profa. Regina Helena de Freitas Campos, não apenas o meu agradecimento, mas o meu amor. Sempre! Você foi, é e sempre será o meu modelo de competência, de seriedade acadêmica, de profissionalismo, de cientificismo e de humanidade;

Aos queridos professores Inês Assunção Teixeira e Luiz Alberto Gonçalves a minha admiração e o meu agradecimento por tudo que vocês representaram nesse trabalho. Vocês não apenas o enriqueceram, mas dividiram comigo: solidariedade, competência, disponibilidade e muita amizade. Senti-me amada e acolhida por vocês;

A Mônica Anechinni pela participação valiosa na minha qualificação e na banca de defesa. A sua contribuição me encheu de orgulho; orgulho esse reforçado pelo trabalho e participação na vida de “seus velhos”;

Keila Silva foi de uma simpatia indescritível quando a convidei para a banca. Saiba que é motivo de vaidade para mim ter como avaliadora de meu trabalho uma pessoa com uma trajetória tão rica e tão bonita no envolvimento com “seus idosos”;

A Geisa Magela Veloso e Raquel Martins Assis, obrigada por disponibilizar a esse trabalho um pouco do tempo e da competência de vocês;

Dani, da secretaria da pós-graduação, foi um anjo e aos anjos nada melhor que um “Deus lhe pague”;

Raquel Mendonça, gentilmente aceitou colaborar com a correção gráfica deste trabalho. A gratidão é por isso e pela amizade;

Algumas pessoas passam por nossa vida e, indiferentes ao tempo e ao espaço, aí permanecem para sempre. Baby Figueiredo é uma dessas pessoas na minha vida. Obrigada, mestra amada, você me ensinou muito e também é responsável por esta vitória;

Minhas colegas e meus colegas foram aqueles que repartiram agonias e alegrias, obrigada a todos e em especial, Emília, minha amiga, minha irmã e minha confidente;

Durvalino Nunes da Silva foi o amigo que me contou casos de Itamirim. Obrigada!

Meu carinho e meu agradecimento a Élio e Mariquinha, que me acolheram em sua casa de Itamirim.

Gabriel, sobrinho querido, traduziu para o inglês o resumo deste trabalho e sou-lhe grata.

Meus filhos Gino, Gabi, Malu, Tiago; meus netos João Victor, Clara Lis, Marina Morena, Ana Beatriz, Maria Luiza Moreno, João Francisco, Samuel e Lívia Moreno; meu genro André e minhas noras Dani e Fernanda foram as presenças que me trouxeram conforto, alegria e paz em meio ao tumulto e ansiedade de um Doutorado. Tenho a todos vocês em meu coração como jóias preciosas;

Fátima, minha “escudeira” fiel, e Liete, minha irmã querida, me deram sustentação e cuidaram de meu corpo, de minha casa e de minha alma, são anjos na minha vida;

Meu filho Gino é “co-autor” desse trabalho, a ele devo a correção, o zelo por uma escrita coerente e “acadêmica”. Obrigada, meu filho e a minha bênção!

Meu marido Júnior; o companheiro de todas as horas, de todas as aflições, de todas as alegrias, de todo tormento e de toda bonança. Sem você esse trabalho não teria se realizado. Te amo!

Se a gratidão é a memória do coração, saibam que, hoje e sempre, carrego a todos, carinhosamente, no lado esquerdo do peito.

Retrato

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:*

- Em que espelho ficou perdida a minha face?

(Cecília Meireles)

RESUMO

DA BARRA AO FINDAR DO DIA: HIPERMODERNIDADE NO COTIDIANO DE PESSOAS IDOSAS

O presente projeto se propõe a investigar como as pessoas com mais de setenta anos convivem com a modernidade e qual a influência desse fenômeno em suas personalidades / identidades, em um período histórico que comporta as oito últimas décadas do Século XX e a primeira década do século XXI. Esta pesquisa tem como *lôcus* preferencial de estudo três pontos geográficos distintos do estado de Minas Gerais: o primeiro, a cidade de Montes Claros, localizada na região norte que, ao reunir 400 mil habitantes apresenta características de uma cidade de porte médio, ou de uma pequena capital; o segundo ponto, a cidade de Diamantina, conhecida nacionalmente e portadora de referências históricas tradicionais, hoje com 50 mil habitantes e, finalmente, o distrito de Itamirim, com características eminentemente rurais, pertencente ao município de Espinosa, já na fronteira do estado de Minas Gerais com o estado da Bahia e que apresenta uma população de pouco mais de 700 habitantes. Os sujeitos dessa pesquisa são pessoas nascidas entre 1916 e 1940 e que hoje, 2013, têm entre 73 a 97 anos de idade. Para que as questões que interessam a este estudo fossem respondidas, necessário se fez que essas pessoas lançassem mão de suas memórias para que pudessem analisar os tempos de hoje recorrendo às lembranças de outros tempos. Pela própria natureza deste estudo foi adotada por esta pesquisadora a metodologia da pesquisa qualitativa, privilegiando-se o sentido da Oralidade. Autores como Halbwachs, que possuem estudos na área da memória, além de Lipovetsky e de Bauman, estudiosos da modernidade, constituem a referência bibliográfica principal desta pesquisa, como também Bosi, especialista em lembranças de velhos, sem se esquecer de Thompson e de outros ligados à área da História Oral que também se fizeram importantes para este trabalho. Os resultados confirmam, em parte, algumas das hipóteses pensadas para o projeto. Em relação ao uso da tecnologia, exclusivamente do computador, apenas três dos doze entrevistados disseram utilizar essa ferramenta e, mesmo assim, com a finalidade exclusiva de trabalho; aparelho telefônico celular foi outra das

tecnologias que os entrevistados disseram usar de forma bastante restrita e seis deles disseram jamais possuir. Os entrevistados, de forma uniforme afirmam possuir um bom relacionamento com os filhos e netos, condenando, porém, algumas atitudes que os mais jovens apresentam nos dias de hoje. Segundo os entrevistados, não há mais compromisso entre as pessoas, dentro dos padrões que concebiam em décadas passadas. Além de criticarem aspectos pontuais da modernidade, os entrevistados, em contra partida apontam também vantagens consideráveis, dentre elas, as facilidades que a tecnologia trouxe para a vida das pessoas, com realce para os eletrodomésticos que tornaram a vida doméstica mais prazerosa, menos penosa e mais cômoda; também enaltecem o avanço da medicina que proporciona para estratos significativos da população maior longevidade e uma melhor qualidade de vida, livre de doenças. Os entrevistados dessa pesquisa vêm o consumismo como fator negativo que interfere prejudicialmente nas relações pessoais e sociais, pois não se restringe apenas ao supérfluo e ao excesso de objetos oferecidos às pessoas, estendendo-se a outros malefícios visíveis no comportamento humano. Nenhum dos entrevistados confessa-se saudosista. Nota-se, contudo, em seus relatos, certa nostalgia em relação aos tempos passados especialmente da ditosa época da infância e juventude. Os habitantes do povoado rural de Itamirim que participaram dessa pesquisa, curiosamente, demonstram acentuado apreço à modernidade, fato compreensível ao se perceber ter sido justamente a modernidade, ao longo das últimas cinco décadas, que lhes trouxe o luxo da energia elétrica, e os confortos de uma vida menos sacrificada.

Palavras-chaves: Hipermodernidade – Velhice – Velhos/Idosos – Lembranças - Memória

ABSTRACT

FROM THE BAR TO THE END OF THE DAY: HYPERMODERNITY IN THE DAILY LIFE OF THE ELDERLY

The current project aims to investigate how people over seventy years old live with the modernity and what is the influence of this phenomenon in their personalities / identities, in a historical moment which beholds the eight past decades from the twentieth century and the first decade in the twenty-first century. This research has as a preferential study locus three different geographical points in the state of Minas Gerais: first, the city of Montes Claros, located in the northern region which, by gathering 400 thousand inhabitants, presents characteristics of a medium size city, or a small capital; the second point, the city of Diamantina, nation-wide known and the bearer of traditional historic references, inhabited, nowadays, by 50 thousand people and, finally, the district of Itamirim, with obvious rural characteristics, still part of the city of Espinosa, bordering the state of Bahia and presenting a population over 700 inhabitants. The subjects, are people who were born between 1916 and 1940, ranging today, 2013, from 73 to 97 years old. In order to make the adequate questions to this project answered, it was necessary for these people to give away their memories so that the present time could be analyzed according to the memories of other times. For its project's own nature, this researcher adopted the qualitative research methodology, emphasizing the oral communication tools. Authors as Halbwachs, that have showed studies in the memory field, besides Lipovetsky and Bauman, modern age searchers and study enthusiasts, constitute the main bibliographic reference in this research, as well as Bosi, elder people memories specialist, without forgetting Thompson and others linked to the oral section of History, those who were extremely important for this work. The results confirm, partly, some of the hypothesis considered for the project. Concerning the technology use, exclusively personal computer, only three from the twelve interviewed said they use this tool and, even though, with the exclusive purpose of work; the mobile phone technology was other of the technologies the interviewed said they rarely use and six of them said they have never had one. The interviewed, unanimously, affirm they

have a good relationship with their children and grandchildren, blaming on technology advances, however, some attitudes that the younger ones present nowadays. According to the interviewed, there is no longer the commitment among people, inside the patterns that were conceived in the past decades. Besides criticizing modern punctual aspects, the interviewed, on the other hand, point out some considerable advantages, among them, how easy life has become due to the technology, with special attention to the appliances that have made household life more pleasant, less tiring and a lot more comfortable; they also credit the medicine advances that provide to a significant part of the population higher life expectancy and a better life quality, free from diseases. The interviewed see the consumption as a negative factor that harmfully interferes in the personal and social relations, since it does not attain to the superfluous and the excess of objects offered to people, extending to other maladies, visible in the human behavior. None of the interviewed confess themselves as nostalgic. It is noticeable, nevertheless, in their reports, some fond feelings towards old times, specially the youth and infant bliss. The inhabitants of the rural village of Itamirim who participated in this search, curiously, show a strong appreciation to the modernity, an understandable fact when realizing that this very same modernity, in the past five decades, that brought them the luxury of electricity, and the comforts of a less sacrificed life.

Key words: Hypermodernity - Elder - Elderly people- Remembrance - Memory

LISTA DE FIGURAS

Foto 1 - Primeira casa de Montes Claros, onde D. Ruth morou.....	77
Foto 2 – Os pais de D. Ruth (1960).....	77
Foto 3 – Pais e irmãos de D. Ruth (1914).....	77
Foto 4 – D. Ruth ao centro, com 12 anos de idade.....	77
Foto 5 – Prédio da antiga Escola Normal/-/FAFIL(Sobradão a que dona Ruth se refere).....	78
Foto 6 – Prédio histórico restaurado.....	78
Foto 7 - Prédio onde funciona a Escola Normal hoje.....	79
Foto 8 – D. Ruth, aos 19 anos.....	79
Foto 9 – D. Ruth, aos 86 anos (2002).....	79
Foto 10 - D. Ruth passeando com as irmãs em BH.....	80
Foto 11 – D. Ruth e as três primeiras filhas (1945).....	82
Foto 12 – D. Ruth com cinco dos seis filhos (1949).....	82
Foto 13 – D. Ruth. Ano: 2011.....	88
Foto 14 – Cibeles (1959).....	89
Foto 15 – Cibeles, em 1998.....	92
Foto 16 - Centenário de Montes Claros - festa a que Cibeles se refere (1957)...	94
Foto 17 – Irmã Gabriela (1949).....	100
Foto 18 - Casamento do Prof. Joaquim com D. Ivete (1959).....	101
Foto 19 - Prof. Joaquim, D. Ivete e Dom José Alves (1959).....	101
Foto 20 - Bodas de Ouro, ao lado dos filhos (2009).....	101
Foto 21 – Professor Joaquim, da UNIMONTES (1989).....	102
Foto 22 – Sendo homenageado pela Universidade (2000).....	102
Foto 23 – Prof. Joaquim, criança, no Pará (1935).....	104
Foto 24 – Prof. Joaquim com os pais (1948).....	104
Foto 25 - Dia da 1ª comunhão (1937).....	104

Foto 26 - Passeando nas ruas de Belém com o pai (1933).....	105
Foto 27 - Com a mãe, já rapaz (1946).....	105
Foto 28 - Sr. Elísio (com roupa de padre), sua mãe, seu pai, sua avó e seus irmãos (1956).....	111
Foto 29 - O Sr. Elísio e Sônia num dia de atividades do grupo de terceira idade (2008).....	112
Foto 30 - Sr Elísio (o maior ao fundo), sua mãe e seis irmãos (faltavam nascer três) (1949).....	115
Foto 31 - O vigário era muito importante na comunidade.....	116
Foto 32 - A família de Sônia (avós, a mãe ainda criança e tios) (1910).....	117
Foto 33 - Momento Idade do Ouro: Sr. Elísio e Sônia dançando (2009).....	121
Foto 34 - Quincas e Fina em sua casa de Diamantina (2013).....	132
Foto 35 - D. Maria com “Seu” Anísio (1973).....	136
Foto 36 - “Seu” Anísio ainda jovem (1943).....	137
Foto 37 - Vista do 2º andar da casa de D. Maria, de onde ela avista a casa de todos os filhos.....	138
Foto 38 - D. Maria hoje, aos 77 anos de idade (2012).....	141
Foto 39 - Os momentos bons da vida de ‘Seu’ Expedito foram sempre com a música.....	142
Foto 40 - ‘Seu’ Expedito, no início de sua carreira como músico (2º sentado à direita, com um saxofone).....	143
Foto 41 - Medalha recebida pelo Sr. Expedito, pela amizade pessoal com JK	144
Foto 42 - Tocando na orquestra, em noite de baile.....	145
Foto 43 - ‘Seu’ Expedito sendo homenageado.....	147
Foto 44 - Dois momentos com os amigos de música. (‘Seu’ Expedito com a clarineta).....	147
Foto 45 - ‘Seu’ Expedito no dia da entrevista.....	148
Foto 46 - D. Nazinha e ‘Seu’ Liro em sua casa (2013).....	155
Foto 47 - Retrato a que D. Nicinha se refere, dizendo que até essa idade não tinha usado maquiagem (1960).....	160
Foto 48 - D. Nicinha (de vestido claro) com uma irmã e dois dos três filhos (1977).....	161
Foto 49 - D. Nicinha tocando sua sanfona nova (2013).....	161

Foto 50 - Adolescente, em um dos poucos registros fotográficos (1958).....	164
Foto 51 - Jovem adulto - uma das poucas fotos antigas que 'Seu' Nem possui (1983).....	166
Foto 52 - 'Seu' Nem no dia da entrevista (2013).....	167
Foto 53 - 'Seu' Nem com a esposa Marinalva (2013).....	168
Foto 54 - Largo da Matriz em dia de festa religiosa (Início).....	171
Foto 55 - Praça Dr. Chaves (Atual).....	171
Foto 56 - A luz elétrica chega em 1917.....	172
Foto 57 - Montes Claros (meados séc. XX).....	173
Foto 58 - Montes Claros hoje.....	173
Foto 59 - Grupo Escolar Gonçalves Chaves (1º de Montes Claros) : início do século XX.....	174
Foto 60 - Grupo Escolar Gonçalves Chaves (1º de Montes Claros) : 100 anos depois (2009).....	174
Foto 61 - Mercado Central (antigo) demolido.....	175
Foto 62 - Shopping Popular.....	175
Foto 63 - O "Sobradão" citado por dona Ruth e hoje, reformado é um dos pontos culturais mais importantes da cidade.....	176
Foto 64 - Grupo de Marujos ou Marujada - As Festas de Agosto povoam as lembranças de todos que aqui viveram e vivem.....	177
Foto 65 – Montes Claros - ontem e hoje.....	178
Foto 66 - Arraial do Tijuco, elevado à Vila em 1831.....	180
Foto 67 - Em 1838, a Vila é elevada a cidade.....	180
Foto 68 - Cena cotidiana - século XIX.....	181
Foto 69 - Casa de Chica da Silva.....	182
Foto 70 - Cerimônia cívica - Rua Direita (1922).....	183
Foto 71 - Auto bonde -1º transporte coletivo (1924).....	183
Foto 72- Festa do Divino (1938).....	183
Foto 73 - Procissão - Tradição religiosa ainda mantida pelo povo de Diamantina	183
Foto 74 - A cidade começa a se desenvolver em tecnologia e conforto, segundo os entrevistados, a partir de meados do século XX.....	184
Foto 75 - Alunas do Colégio Nossa Senhora das Dores - Passadiço da Glória (Ontem e Hoje).....	185

Foto 76 - Vesperata - uma das principais atividades ou eventos culturais de Diamantina e o carnaval, festa popular que leva à cidade milhares de pessoas de todo o mundo.....	186
Foto 77 - Músicos tocando em uma das ruas de Diamantina.....	186
Foto 78 - Sr. Expedito e amigos seresteiros.....	187
Foto 79 - Um sábado no Mercado Municipal (do Tropeiro).....	188
Foto 80 - Café no Beco, atividade dominical que alegra os turistas.....	188
Foto 81 - Catedral Metropolitana - centro de Diamantina hoje.....	188
Foto 82 - O altar de Santa Rita em dia de festa.....	191
Foto 83 - Igreja de Santa Rita – antiga.....	192
Foto 84 - O Largo à frente da Igreja – atual.....	192
Foto 85 – Itamirim, antigo Grupo Escolar (à esquerda), hoje, E. E. Washington X. Mendes.....	193
Foto 86 - O povoado de Itamirim (2013).....	194

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - PRIMEIRAS MEMÓRIAS.....	19
 CAPÍTULO 1 – PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	 31
1.1 A nova face da modernidade.....	31
1.2 Velhice: aqui, ali, em todo lugar.....	34
1.3 Ser velho no Brasil.....	42
1.4 Velhice e Memória.....	47
 CAPÍTULO 2 - A METODOLOGIA E OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	 54
2.1 Conhecer para entender.....	54
2.2 As narrativas.....	74
2.2.1 “Uma carta quando chegava, a notícia já nem existia mais”	74
2.2.2 “Era chique você estar no clube com um cigarro na boca”.....	88
2.2.3 “Oh gente, antes o computador ocupava uma sala, hoje é uma “coisinha assim”.....	99
2.2.4 “Essa coisa do tapinha hoje é crime”	109
2.2.5 “Viajamos sozinhos e fomos pra Bicas, lembra, Quincas?”.....	121
2.2.6 “Aquilo, filha, é a barra do dia”	133
2.2.7 “A música me abriu muitos caminhos”.....	141
2.2.8 “O que eu acho bom hoje é o conforto que a gente tem”.....	149
2.2.9 “Comer, a gente comia muito, mas não tinha dinheiro nem pra comprar roupa”.....	156
2.2.10 “Tem muita ilusão em tudo isso que a gente vê por aí”.....	162
2.3 Lugares de Memória.....	169
2.3.1 Montes Claros, Montes Claros, terra de grande beleza!.....	170
2.3.2 A Sempre Viva Diamantina.....	179
2.3.3 Itamirim, Pedrinhas, Pedra Pequena.....	189

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS DA PESQUISA.....	196
3.1 Análise dos Dados.....	196
3.1.1 As Categorias.....	197
3.1.1.1 Subjetividade.....	197
• Saudade.....	198
• Moral e ética.....	203
3.1.2 Sociabilidade.....	210
• Relações Familiares, afetivas e sociais.....	212
3.1.3 Hiper-modernidade	217
• Tecnologia e Conforto.....	218
• Consumo.....	224
 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 229
 REFERÊNCIAS.....	 240

INTRODUÇÃO

Primeiras Memórias...

*Hoje, o homem idoso não pode mais pressupor essa espécie de eternidade: o movimento da História acelerou-se. [...] As coisas que realizou e que davam sentido à sua vida encontram-se tão ameaçadas quanto ele.*¹

Estudar questões que colocam a pessoa idosa no centro do meu percurso investigativo é algo ao mesmo tempo fascinante e desafiador. O desafio relaciona-se ao empreendimento de tempo, afeto e cognição necessários ao processo investigativo. O encanto pelo assunto atravessa minha trajetória pessoal e acadêmica e ganha maior visibilidade no processo de mestrado. Ao desenvolver tal trabalho de pesquisa, busquei investigar aspectos relevantes sobre os ideais, motivações e interesses de crianças que cursavam a 4ª série do Ensino Fundamental, em escolas públicas e particulares da cidade de Montes Claros - MG. Tal trabalho reproduziu a proposta de pesquisa realizada por Helena Antipoff, na cidade de Belo Horizonte - MG, no período compreendido entre 1929-1944, com continuidade em 1993 e 1998, ainda em Belo Horizonte, pela professora Regina Helena de Freitas Campos.

Neste estudo, foram realizadas entrevistas onde, através de rememoração, seis pessoas com idade entre 60 e 80 anos empreenderam uma imersão no passado e resgataram memórias e histórias, revelando suas ideias e ideais de quando tinham dez anos de idade. Desde essa época, tive despertado em mim o fascínio pelo assunto, que sempre me tocou.

O tema da pesquisa (hipermodernidade), que sempre me interessou, foi ganhando vida durante as aulas com o professor Luiz Alberto Oliveira Gonçalves², especialmente através dos debates ocorridos em sala de aula, que muito me motivavam. Ao término da disciplina, na construção do trabalho final, já havia me decidido pelo tema e, em conversas com o professor Luiz Alberto, fui me aproximando cada vez mais de autores que discutiam questões relativas à modernidade, como

¹ BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p.468.

² O Prof. Luiz Alberto é Doutor em Sociologia pela Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, França(1994) e Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Ministrou no ano 2010 a disciplina "Referenciais de Pesquisa".

Gilles Lipovetsky, Zigmunt Bauman e outros, unindo, a partir daí, duas ideias que me fascinavam naquele momento: trabalhar com idosos e com a modernidade. Mas trabalhar o quê? Que questões poderiam ser problematizadas nesses dois universos? Conhecendo já um pouco do universo dos idosos, pelo meu trabalho no mestrado, pensei em pesquisar o seu relacionamento com a hipermodernidade. Mais especificamente, ouvir como as pessoas com mais de setenta anos se posicionavam em relação a aspectos da (hiper) modernidade passou a ser então o meu problema de pesquisa e o centro dos meus interesses no doutorado.

Na presente pesquisa de doutoramento, o objetivo é investigar como as pessoas com mais de setenta anos convivem com a hipermodernidade e qual a influência desse fenômeno em suas personalidades/identidades. A partir desse objetivo, analisei os depoimentos em entrevistas feitas junto a idoso(a)s, quando relataram suas lembranças da juventude, confrontando-as com os tempos atuais; comparei o pensamento e as ideias de pessoas idosas que vivem em grandes centros com os de idosos que vivem em cidades de porte médio e em uma vila provinciana.

Neste sentido, busco empreender questões que compõem o espectro investigativo da minha pesquisa, tais como: a hipermodernidade, em seus variados graus ou aspectos, tem impactado as pessoas idosas? O que pensam as pessoas que se encontram hoje com mais de 70 anos de idade, a respeito das transformações ocorridas na sociedade nos últimos cinquenta anos? Qual a influência dessas transformações na vida dessas pessoas, que significados foram construídos por elas em relação às suas convivências cotidianas? Como os idosos da (hiper) modernidade lidam com a tecnologia? Como estão sendo sentidas por eles as relações familiares?

Como os velhos veem e convivem com os jovens, tão completamente voltados ao mundo moderno e tecnológico, é outro aspecto que considero importante conhecer, para que o objetivo desta pesquisa seja inteiramente contemplado. Elias (2001:81)³, em seu livro *A solidão dos moribundos*, no capítulo *Envelhecer e morrer*, referindo-se aos mais jovens, diz: “[...] agora que estou velho sei, por assim dizer, pelo outro lado, quão difícil é para as pessoas jovens ou de meia-idade entender a situação

³ Neste ensaio, Norbert Elias fala sobre o temor que as pessoas sentem da morte e de como apesar de todos os cuidados assépticos, o moribundo hoje, morre mais solitário do que nunca, em leitos de hospitais e longe do carinho e afeto dos familiares.

e a experiência dos velhos.” E os velhos, como percebem os jovens e seu mundo moderno e tecnológico? Esses e outros questionamentos fazem parte daquilo que desejo conhecer e entender. Para que essas questões sejam respondidas pelo(a)s velho(a)s, necessário se faz que eles lancem mão de suas memórias, pois, a fim de que analisem os tempos atuais, terão que recorrer às lembranças de outros tempos. Bosi (2007, p.54) diz que “se lembramos, é porque os outros e a situação presente nos fazem lembrar.”

Uma das hipóteses levantadas, ao iniciar este trabalho de pesquisa, foi a de que o(a)s velho(a)s sentem dificuldades em se adaptar a mudanças tão radicais que acontecem a todo momento, resistindo, assim, às relações estabelecidas na hipermodernidade. A sociedade atual, por sua vez, não valoriza aquele que não “sabe”, ou que não domina competências tecnológicas específicas, demandadas pelo cotidiano hipermoderno. O velho se torna, então, o sujeito que não tem mais utilidade, sendo rotulado de “antiquado”, ou aquele que “já foi e não é mais”. Bobbio (1997, p.20), em seus discursos autobiográficos, apresentados em um livro escrito em 1997, diz que os costumes nas sociedades evoluídas têm se transformado de forma tão rápida que o relacionamento entre as pessoas tem sido afetado, especialmente entre as pessoas que sabem e as que não sabem e, segundo esse autor, os velhos são aqueles que não sabem, pois os jovens já nascem numa sociedade tecnológica com toda facilidade e condições para aprender e apreender as novidades e mudanças que vêm ocorrendo.

Há analogia entre Bobbio e Sigmund Freud quanto ao que pensam e ao tratarem a questão do envelhecimento. Em 1926, aos 70 anos, Freud concede uma entrevista ao jornalista americano George Sylvester Viereck⁴ apontando aspectos relativos à sua própria velhice. Algumas dessas falas denotam um pessimismo ou realismo extremo sobre a questão da idade, o passar dos anos e o próprio envelhecimento. Entretanto, ao ser perguntado se era um pessimista a esse respeito, o pai da Psicanálise diz que não, que apenas não permite que reflexões

⁴ Entrevista concedida ao jornalista americano George Sylvester Viereck, em 1926. Acreditava-se perdida e foi encontrada entre outras preciosidades na biblioteca da Sociedade Sigmund Freud. Foi publicada uma versão condensada, em 1976, pelo Boletim da Sigmund Freud Haus. O texto integral havia sido publicado no volume *Psychoanalysis and the Future*, número especial do *Journal of Psychology*, de Nova Iorque, em 1957. A tradução para o português foi de Paulo Cesar Souza, quando publicada pela *Revista IDE*, 15:54-8, em 1988, com o título “O valor da Vida (Uma entrevista rara de Freud) (Texto retirado da chamada da entrevista)

filosóficas estraguem sua fruição das coisas simples da vida, acrescentando que os setenta anos vividos ensinaram-lhe a aceitar a vida com serena humildade, razão pela qual, na qualidade de uma pessoa comum, não podia esperar nada especial quanto à sua sobrevivência: “[...] Deveria eu esperar um tratamento especial? A velhice, com suas agruras, chega para todos. Eu não me rebelo contra a ordem universal.” O que pode aparentar certo conformismo, certamente será uma sabedoria adquirida no decurso de uma vida que, além de extensa, foi rica em aprendizagens e ensinamentos. De posse dessa sabedoria, Freud se mostra ainda, um homem agradecido, “[...] Afinal, vivi mais de setenta anos. Tive o bastante para comer. Apreciei muitas coisas - a companhia de minha mulher, meus filhos. O pôr-do-sol. Observei as plantas crescerem na primavera. De vez em quando tive uma mão amiga para apertar. Vez ou outra encontrei um ser humano que quase me compreendeu. O que mais posso querer?” Quantos velhos conseguem dizer isso? O pessimismo que também pode ser percebido em suas declarações fica por conta de algumas passagens, como: “Pelo que me toca, estou perfeitamente satisfeito em saber que o eterno aborrecimento de viver finalmente passará.” Após esta entrevista, Freud viveria mais 13 anos. Em *O Mal Estar na Civilização* (1996), obra escrita em diversas etapas, Freud reafirmaria este traço nostálgico, pessimista e esta angústia de viver: “[...] Enfim, de que nos vale uma vida longa se ela se revela difícil e estéril em alegrias, e tão cheia de desgraças que só a morte é por nós recebida como uma libertação?” Os velhos que vivem nos tempos de hoje pensarão como Bobbio e como Freud?! Ou seja, acharão a velhice um tempo de sofrimento e solidão? Ansiarão pela morte?

Aos velhos resta a sabedoria dos tempos passados que muito pouco valor tem na sociedade ou vida virtual, que se insinua desde meados do século XX e que se potencializa nos dias atuais.

No entanto, há sempre o outro lado da questão. Para Ecléa Bosi (2007), existem sociedades em que o velho é valorizado, em que é sábio, que tem voz e é ouvido. Nessas sociedades, a fala das pessoas mais velhas não representa apenas histórias que contam sobre o passado ou que são ouvidas por pesquisadores que pretendem, em seus trabalhos, reconstruir fatos históricos que, muitas vezes, não possuem documentos escritos; as pessoas idosas são muito procuradas como fonte histórica, na condição de representantes de uma história que se perderia, se não

fosse por elas. Nas culturas em que os velhos têm valor, as pessoas gostam de ouvi-los não apenas como elos que as ligam ao passado, mas, principalmente, como fonte viva de sabedoria; nesta perspectiva, os velhos são procurados para orientar os mais jovens e direcionar os rumos políticos da sociedade.

Como as lembranças e representações dos velhos podem ajudar aqueles que têm interesse em decodificar a realidade presente? Alguns estudiosos têm se dedicado a esse tema e produzido importantes investigações. Através das lembranças e histórias dos velhos, temos acesso a conhecimentos que dificilmente seriam acessados de outra maneira. Bosi (2007, p. 86) afirma: “Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos”, considerada mediadora entre as novas gerações e o passado.

Esta pesquisa se justifica, então, pelo conhecimento que se pode construir através das lembranças/memória e histórias, além de ideias que as pessoas idosas possuem a respeito dos tempos vividos e vindouros. Através desse conhecimento, podemos ainda perceber as alterações qualitativas da vida social do(a)s velho(a)s decorrentes da apropriação feita por estes sujeitos dos novos valores e normas instituídos em tempos (hiper)modernos.

Instituiu-se, como palco/cenário dessa pesquisa, três lugares distintos, a saber: Montes Claros(MG), Diamantina(MG) e Vila de Itamirim (distrito de Espinosa-MG). Justificam-se tais localidades pelas diferentes características que cada uma delas apresenta: Montes Claros, que hoje se caracteriza como grande centro urbano, com mais de quatrocentos mil habitantes, polo cultural, educacional e econômico da macrorregião do Norte de Minas Gerais, cidade onde cheguei ainda criança, vinda do interior. Foi onde estudei e me formei em todos os sentidos; casei-me, constituí família e fiz a minha própria história. Interessou-me conhecer a vida de idoso(a)s numa cidade de tal porte - “de médio porte, com talento para grande”, em palavras ou poema de Drummond -, que tem se desenvolvido de forma extraordinariamente apressada, alucinante, à qual recorrem todos aqueles vindos do interior norte-mineiro, de outras regiões de Minas e do sul da Bahia, em busca de estudos avançados e/ou de uma vida melhor. Foi importante para esta pesquisa contar com pessoas, nesta localidade, dispostas a falar de sua história e experiências de vida, de como era Montes Claros em meados do século XX e de

suas relações com a Montes Claros dos tempos atuais. Além de tudo isso, é fundamental ainda estabelecer comparações com as histórias e pensamentos de outros idosos de uma cidade de porte médio e costumes ainda provincianos.

Diamantina, cidade de excepcional riqueza histórica para o estado, com população de mais de 40 mil habitantes, cheia de tradições tão ricas quanto arraigadas, chamou a minha atenção no sentido de conhecer como as pessoas idosas dessa cidade convivem e conciliam as novidades da (hiper)modernidade com os seus aparentemente tão inalterados costumes.

Finalmente, a Vila de Itamirim, que se constitui em uma escolha “afetiva”, já que “os sujeitos de lá” devem rememorar histórias que vão fazer emergir a minha própria história, a minha infância, pois ali nasci e, ainda, a compreensão dos vínculos que as pessoas investigadas estabelecem com a modernidade, já que é um local de pouco mais de dois mil habitantes e com costumes ainda bem provincianos, apesar da modernidade que também lá se instala e se faz presente, apontando as semelhanças e diferenças que se apresentam em suas vidas, com idosos de Montes Claros, cidade que é, para eles, grande centro de referência.

Nestas localidades, trabalhei com doze pessoas, de setenta anos ou mais, que vivem nas cidades selecionadas (quatro em cada uma delas). Muitos dos sujeitos pesquisados não nasceram nos locais onde a pesquisa foi realizada; esse não foi, pois, um critério de escolha, tendo em vista que o aspecto realmente valorizado foi o fato de que eles tenham vivido a maior parte de suas vidas nos lugares investigados, e que tenham vivenciado as grandes transformações ali ocorridas por meio da modernidade.

Para um melhor enquadramento metodológico da pesquisa, foi necessário buscar quem se adequasse aos objetivos e critérios estabelecidos e que dela aceitasse participar. Tornou-se importante que os entrevistados apresentassem gêneros e situações distintos. Assim, foram procuradas pessoas de classe média que tivessem condições satisfatórias de acesso a objetos e características da hipermodernidade. Ao encontrar as pessoas adequadas, convidamo-las a participarem do estudo e só então iniciamos o trabalho de entrevista, após longo e aprofundado olhar sobre o tempo inocente da infância, da juventude e do inevitável processo de envelhecimento.

Apesar das entrevistas serem *despadronizadas* ou *não estruturadas*, há uma linha de pensamento que foi seguida. O que é importante para esta pesquisa? Que conteúdos de suas memórias deveriam o(a)s idoso(a)s relatar, a fim de que este estudo obtivesse os resultados esperados? De forma não fechada, deixando o entrevistado falar livremente, já que a entrevista narrativa assim o requer, foi importante que os entrevistados abordassem a sua história de vida, como local de nascimento, condições sociais e econômicas na infância, confortos e desconfortos vivenciados, relacionamento com os familiares, diferenças que percebem hoje nesses relacionamentos, a vida amorosa e sexual naquele tempo e atualmente, papel da mulher antes e agora, lembranças de como começaram a perceber a proximidade da hipermodernidade, a forma de convivência com a tecnologia, com o consumo; relação com grupos de idosos, aspectos positivos e negativos da hipermodernidade, outros fatos que vieram à memória dos entrevistados, bem como outras colocações que julgaram importante relatar. Enfim, qual a percepção produzida por eles a respeito das vivências hipermodernas. Para Bergson (1999), toda percepção está impregnada de lembranças; no caso das pessoas idosas isso é ainda mais evidente, pois o momento presente quase sempre leva a alguma lembrança do que ficou no passado.

Em relação à pesquisa bibliográfica, foi necessário fazer um estudo de autores que teorizam sobre lembranças de velhos e velhice. Ecléa Bosi (2007, p.37) aponta que o que a levou a empreender a tarefa de estudar memórias de velhos foi “registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós”.

A bibliografia utilizada teve a finalidade de compreender, conhecer e perceber o que outros autores escreveram ou escrevem sobre o assunto. Bosi tem trabalhos que são referências para qualquer estudo sobre velhos; Simone de Beauvoir, em seu livro *A velhice*, retrata os sentimentos do velho a partir da própria velhice, além de proceder à história da velhice em vários países e comunidades - livro indispensável para o desenvolvimento deste trabalho. Outro autor que também segue a linha de Beauvoir é Norberto Bobbio, com o seu livro *Memórias de um tempo*, também fundamental para o conhecimento do universo a ser pesquisado. Além dos autores citados, outros que tratam o problema da velhice e dos velhos na sociedade compõem o investimento e o escopo teórico deste estudo.

O tema da modernidade, da pós-modernidade e da hipermodernidade também se constituiu como objeto de estudo desta pesquisa, já que as lembranças e relatos dos entrevistados têm como base as relações estabelecidas nesses tempos. Diversos autores têm hoje como referências essenciais de seus estudos questões relativas às mudanças e transformações ocorridas a partir dos anos finais do século XIX e dos anos iniciais do século XX. Lipovetsky (1993) aborda temas como o individualismo pós-moderno e diz que uma nova forma de individualismo é instaurada, que as relações da pessoa consigo mesma, com o outro, com o mundo e com o tempo estabelecem um novo perfil, desta vez baseado no narcisismo, tudo isso no momento em que o “capitalismo autoritário cede sua vez para um capitalismo hedonista e permissivo” (p. 48).

Outro autor também importante para esta pesquisa é o filósofo/sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que aborda uma nova visão da modernidade, voltada à fluidez das relações e regida por uma ambivalência. Em determinada entrevista, ao ser perguntado sobre os riscos da modernidade, Bauman diz: “Diferentemente dos perigos antigos, os riscos que envolvem a condição humana no mundo das dependências globais podem não só deixar de ser notados, mas também deixar de ser minimizados mesmo quando notados”.⁵

O filósofo Baudrillard (2004, p. 9), em uma análise sobre fenômenos da modernidade, aponta questões também interessantes e sugestivas para esta pesquisa. Ele classifica o estado de coisas que vivenciamos na atualidade como de “pós-orgia”, pois é um momento em que tudo é explosivo, desde a modernidade até a liberação em todos os domínios. Tudo está liberado: a política, o sexo, as forças produtivas, as forças destrutivas, a mulher, a criança, as pulsões inconscientes, a arte. Na fala desse autor: “Hoje, tudo está liberado, o jogo já está feito e encontramos-nos coletivamente diante da pergunta crucial: o que fazer após a orgia?” É nessa involução de valor, como classifica Baudrillard (2004) que as pessoas, sujeitos dessa pesquisa, se encontram; pessoas que viveram a sua juventude e a maior parte de sua vida produtiva em condições totalmente diversas às que são vivenciadas hoje, e que acabam sendo compulsoriamente levadas a esse “estado de coisas”.

⁵ Entrevista concedida a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke - professora aposentada da Faculdade de Educação da USP, na revista *Tempo soc.* vol.16 n^o.1 São Paulo. Jun. 2004.

Sobre a fidedignidade das lembranças e memórias, cabe apontar que, como diz Bosi (2007, p.37), o que nos preocupa não é a veracidade dos fatos, isso, com certeza, é “muito menos grave que as omissões da história oficial.” Nosso interesse está, principalmente, naquilo que os entrevistados lembraram, naquilo que foi selecionado, dentre tantos fatos de suas vidas, para ficar como marca de suas histórias. A autora diz ainda que “ser inexato em suas narrativas não invalida o testemunho dos entrevistados.” (BOSI, 2007, p.66)

E por que a escolha da hiper/modernidade como tema dessa pesquisa? O que é hipermodernidade? Lembrando Baudrillard, *“Livre do real, você pode fazer algo mais real que o real: o hiper-real”*. Para o filósofo Gilles Lipovetsky (2004), o termo “hiper” é utilizado para se referir a uma exacerbação dos valores criados na Modernidade e, atualmente, elevados de forma exponencial. O termo “hipermodernidade”, como ideia do exagero, de exacerbação da Modernidade, surge em meados da década de 1970 e ganha destaque em 2004, através do estudo de autores franceses e do livro “Os tempos hipermodernos”, de Lipovetsky. Muitos autores se referem aos tempos atuais como pós-moderno. David Harvey (1989, p.294) diz que o pós-modernismo pode ser considerado uma condição histórico-geográfica de certa espécie, mas ele se pergunta que condição é essa e como deveríamos compreendê-la. O que Harvey sugere é que esse pós-modernismo talvez seja o presságio de novos tempos, de revoluções muito mais profundas que as até agora acontecidas. Lipovetsky (2004) não concorda com o termo pós-moderno, exatamente pelas condições das transformações ocorridas, como a rapidez com que as novidades são ultrapassadas, o excesso de consumo e a forma como as pessoas lidam com o tempo e com o espaço, o que para ele dá a ideia de hiper e não de pós. Não se vive mais o momento presente, a tecnologia determina comportamentos, mostra uma infinidade de possibilidades e diz às pessoas que tudo é possível. Há tanta informação que é impossível reter aquilo que realmente importa e, assim, os sujeitos tentam transformar em real, acreditando ser isso possível, o mundo que a mídia tecnológica nos mostra a todo instante.

É fundamental para esta pesquisa compreender como se sentem o(a)s velho(a)s ao conviverem com toda essa exacerbação da atualidade, discutindo as transformações que suas vidas sofreram ou sofrem em função desses tempos intitulados hipermodernos. Conhecer, através dos relatos dos entrevistados, as

consequências e as interferências dessa modernidade hipertrofiada em suas relações cotidianas e como as pessoas com mais de setenta anos lidam com o espantoso avanço da tecnologia. As transformações dos valores e normas sociais acontecidas em tão pouco tempo é uma realidade que certamente tem afetado a vida dessas pessoas e esta pesquisa se direciona nesse sentido, ou seja, no de conhecer de que forma os idosos são afetados. Essas questões se configuram como nortes problematizadores deste trabalho.

Mas para que os velhos possam se referir aos tempos hipermodernos e deles extrair significados e sentidos é necessário que retornem a tempos precedentes, isto é, para opinar sobre o que hoje estão vivendo, têm que fazer ou estabelecer comparações. Se os tempos são ruins ou bons, o são em relação a quê ou a que outros tempos? Se perguntarmos a uma pessoa de 15 anos o que pensa sobre a tecnologia, certamente ela não terá parâmetros para comparações, pois já nasceu imbuída do *ethos* da hipermodernidade, caracterizada por um tempo essencialmente tecnológico, vertiginoso e, certamente, sequer concebe o mundo de outra maneira. No entanto, para uma pessoa de 70 anos ou mais, essa é uma perspectiva com a qual deverá se adaptar, já que a maior parte de sua vida viveu ou conviveu com outra realidade, outros valores, modos e costumes.

Esta tese se compõe das seguintes partes: no primeiro capítulo, busco elucidar a perspectiva teórica do trabalho. Tenciono, com isto, expor pontos de vista de autores, filósofos e pesquisadores que se dedicaram a estudar as condições da modernidade e da pós/hiper-modernidade; que se debruçaram sobre questões relativas ao desenvolvimento do envelhecimento humano, da velhice e da memória.

O segundo capítulo é dedicado aos sujeitos da pesquisa, aos locais onde as entrevistas foram realizadas e à metodologia adotada. Quem são, de onde vêm e como se sentem em relação ao tema abordado. Neste capítulo, a pretensão foi “desnudar” cada um dos entrevistados, mostrando seus pensamentos, sentimentos, desejos, medos e como cada um deles convive com o que aqui chamamos de hipermodernidade. Paralelamente à apresentação dos sujeitos pesquisados, vai-se delineando a metodologia trabalhada. Que instrumentos e métodos foram utilizados para se atingir o objetivo da pesquisa; o que os autores dizem a respeito desses instrumentos e métodos. Aqui também apresento os estudos de caso, ou seja, a história de cada um. Nesse capítulo, busquei identificar, nas cidades pesquisadas,

cenários e modos de vida das pessoas desde os primeiros anos do século XX, quando nascem alguns dos entrevistados, até o momento atual, quando a modernidade rompe com todas e quaisquer condições históricas precedentes. (HARVEY, 1994).

Após o conhecimento dos sujeitos desta pesquisa, o terceiro capítulo faz uma análise das narrativas apresentadas. Os relatos de vida foram categorizados de acordo com o que os entrevistados disseram. Três categorias foram criadas, sendo elas:

1. Subjetividade - categoria que envolve sentimentos, valores e conceitos, como saudade, tristeza, alegria, medos, ansiedade...
2. Sociabilidade - nessa categoria, analisei os temas relativos a namoro, virgindade, gravidez antes do casamento, trabalho da mulher, educação dos filhos, relações familiares, afetivas e sociais...
3. Hiper-Modernidade - Como hiper-modernidade, pretendo demarcar a noção de tudo aquilo a que o termo se refere, aos processos tecnológicos, avanços e transformações das cidades, como urbanização, comunicação, TV, rádio, caixas eletrônicos de bancos, água encanada, luz elétrica, transporte, equipamentos eletrodomésticos, (geladeira, por exemplo), mundo virtual, computadores, internet, consumo; comportamentos que envolvem valores em tempos passados e hoje são lembrados por eles e comparados, além dos confortos/desconfortos desde o tempo em que eram jovens até os dias atuais.

Finalmente, procurei sintetizar algumas observações que considerei pertinentes após conhecer os sujeitos desta pesquisa. A compreensão do que sentem, de como vivenciam os valores hipermodernos, de como se relacionam com os jovens, de como lidam com os artefatos tecnológicos deu-me uma noção mais apurada do que é ser velho(a) numa sociedade em que nada é permanente, em que “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Difícil, nesse momento, é fazer proposições; porém, como professora universitária, é minha pretensão criar um projeto em que meus estudos sejam aproveitados em favor das pessoas velhas. Outra intenção é desenvolver um trabalho juntamente com um grupo que envolva profissionais das áreas de saúde, lazer, artes e educação. Um dos meus desejos é também realizar uma pesquisa para melhor conhecer os ideais e interesses dos

velhos. Pesquisa esta nos moldes da que Helena Antipoff desenvolveu com crianças de Belo Horizonte, consideradas as devidas adequações, e que teve em Regina Helena de Freitas Campos⁶ a continuadora de sua obra, com réplicas periódicas das mesmas questões criadas por Antipoff, além de servirem à orientação de diversos trabalhos de mestrado e doutorado.

⁶ Regina Helena de Freitas Campos é Doutora em Educação pela Stanford University, Estados Unidos (1989). Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Pesquisadora do Laboratório de Psicologia da Educação Helena Antipoff.

CAPÍTULO 1

PERSPECTIVAS TEÓRICAS

1.1 A nova face da modernidade

*Na sociedade hipermoderna, não há mais a proteção que havia nas antigas sociedades. Nas antigas sociedades, havia a reza. Hoje, temos os shoppings centers. Você tem muitos desejos, a dificuldade de realizá-los, e, ao mesmo tempo, não tem mais a força religiosa de antes.*⁷

Em relação à pesquisa bibliográfica, necessário se faz o estudo de autores que falem sobre lembranças de velhos e velhice. Bosi⁸ (2007, p. 37) aponta que o que a levou a empreender a tarefa de estudar memórias de velhos foi “registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós”.

A percepção e os sentimentos dos mais idosos em sua juventude foram realmente semelhantes aos dos jovens de hoje? A modernidade trouxe tanta novidade a ponto de os mais jovens não se reconhecerem nos relatos de pessoas que estão hoje com 70, 80 anos? É importante ouvirmos uma pluralidade de vozes, buscadas em autores que dizem, com reconhecida competência, dos aspectos que se relacionam com as memórias das pessoas que foram entrevistadas.

O tema da modernidade, da pós-modernidade e da hipermodernidade também serão objetos de estudo desta pesquisa, já que as lembranças e relatos dos entrevistados terão como base as relações estabelecidas nesses tempos. Diversos autores têm hoje, como base de seus estudos, questões relativas às mudanças e transformações ocorridas a partir dos anos finais do século XIX e dos anos iniciais

⁷ Gilles Lipovetsky em entrevista ao *Jornal Zero Hora* em 09 de dezembro de 2006, disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/2185-nas-sociedades-antigas-havia-a-reza- hoje-temos-os-shoppings-entrevista-com-gilles-lipovetsky>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

⁸ Ecléa Bosi, professora emérita da Universidade de São Paulo, na área da Psicologia, apresenta em seu livro *Memória e sociedade - Lembranças de velhos* um estudo sobre as lembranças de velhos da cidade de São Paulo. “É um livro sério, escrupulosamente científico, onde tudo é bom, superior e útil” (Gastão de Holanda). “Um admirável estudo sobre a memória, partindo de *Lembranças de velhos*” (Flávio Rangel). Livro indispensável em qualquer estudo sobre velhos e velhice.

do século XX. Dentre eles, Gilles Lipovetsky⁹, autor de diversos livros que analisam a modernidade e a pós-modernidade, chamada por ele de hipermodernidade. Este autor aborda temas como o individualismo pós-moderno e diz que nesses novos tempos o individualismo assume um novo estágio, o do narcisismo que modifica as relações da pessoa consigo, com o seu corpo, com o outro, com o mundo e com o tempo. Para esse autor, “[...] o “capitalismo autoritário dá a vez a um capitalismo hedonista e permissivo” (1993, p.48)

Outro autor também importante para esta pesquisa é o filósofo/sociólogo polonês Zygmunt Bauman¹⁰, que aborda nova visão da modernidade, voltada à fluidez das relações e regida por uma ambivalência. Em uma entrevista, ao ser perguntado sobre os riscos da modernidade, Bauman diz: “Diferentemente dos perigos antigos, os riscos que envolvem a condição humana no mundo das dependências globais podem não só deixar de ser notados, mas também deixar de ser minimizados mesmo quando notados”.¹¹

Sobre a fidedignidade das lembranças e memórias, Bosi (2007, p. 37) argumenta que a veracidade do narrador não é uma preocupação; para ela, os erros e lapsos “[...] são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial.” O que o entrevistado lembrar em sua narrativa é que é importante, porque foi aquela lembrança a “escolhida” para “[...] perpetuar-se na história de sua vida.”

Partindo deste pensamento, algumas técnicas muito importantes neste projeto foram a entrevista não-diretiva e a história de vida. A entrevista não diretiva implica em colher informações dos pesquisados de forma mais livre. A partir de uma questão gerativa, deixar o entrevistado falar de suas lembranças, sem mais orientações ou condução.

⁹ Gilles Lipovetsky, um dos pensadores da sociedade moderna, tem causado polêmica com suas teorias. Um estudioso das mudanças que acontecem nas relações sociais no mundo moderno. Criador da expressão hipermodernidade, que ele classifica como uma segunda modernidade, Lipovetsky explora detalhadamente as múltiplas facetas do indivíduo contemporâneo, seja na moda, na ética, na sexualidade, na explosão do consumo, nas relações sociais. Um trabalho que contemple os tempos atuais não pode prescindir das obras desse autor.

¹⁰ Zygmunt Bauman, um dos sociólogos mais respeitados da atualidade, tem uma extensa obra sobre o tema da modernidade, que ele denomina de “líquida”. Esse autor discute a fragilidade dos laços humanos nos tempos modernos e questiona as relações estabelecidas em um mundo repleto de sinais confusos, onde os relacionamentos são cada vez mais “flexíveis” e “virtuais”. A obra de Bauman é de fundamental importância para os estudiosos e pesquisadores da sociedade moderna.

¹¹ Entrevista concedida a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke - professora aposentada da Faculdade de Educação da USP, na revista *Tempo soc.* vol.16 nº.1 São Paulo. Jun. 2004.

Ao relatar suas lembranças, o(a)s velho(a)s, automática e naturalmente, contaram a história de suas vidas, que foi um instrumento de fundamental importância na coleta de dados. Nesse caso, os pesquisados falaram de suas lembranças sobre as relações sociais, a convivência com suas famílias, suas práticas de lazer, o progresso e a evolução tecnológica que vivenciaram. Ao relatarem a sua relação com a modernidade, a memória desse relato os conduziu a outras histórias que envolveram suas experiências com este tempo. De uma forma ou de outra, eles estiveram expressando parte do “acervo” de suas vidas, o que nos soa como algo no mínimo precioso. Para Bosi (2007, p. 39), “uma lembrança puxa outra e seria preciso um escutador infinito”.

Sendo assim, as lembranças se tornaram histórias de vida; porém, é importante lembrar que o objetivo deste estudo não é “a história de vida” dos pesquisados e sim sua relação com a modernidade, como convivem com a tecnologia, como encaram as relações amorosas e a felicidade nesses tempos hipermodernos. Bauman (2003), autor estudioso da modernidade, argumenta sobre essas questões, dizendo que não acredita em um progresso linear; para ele a felicidade é como um pêndulo e nós estamos sempre nos movendo de tempos mais felizes para tempos menos felizes e vice-versa.

Os entrevistados desta pesquisa pensarão como Bauman? O medo que temos hoje não é diferente do medo que tínhamos há cem anos, o que difere são as razões do medo. Os tempos e os espaços sempre vão produzir medos e alegrias, sabores e dissabores, felicidades e infelicidades; nós, porém, nos lembraremos sempre mais das coisas boas que das coisas ruins. Os entrevistados desta pesquisa apresentam a sua infância e juventude quase sempre como uma lembrança boa, daí a pergunta: o que terá sido tão bom, os tempos e as situações vivenciadas por eles ou a infância e juventude perdidas? O que o(a)s velho(a)s de hoje lamentam, se é que lamentam e quando lamentam?

1.2 Velhice: aqui, ali, em todo lugar

Sentir como uma perda irreparável o acabar de cada dia. Provavelmente, é isto a velhice¹².

[...] A minha infância, que já não existe presentemente, existe no passado que já não é. Porém, sua imagem, quando a evoco e se torna objeto de alguma descrição, vejo-a no tempo presente, porque ainda está na minha memória. (SANTO AGOSTINHO¹³, 2004, p. 326)

O que é velhice? Segundo o dicionário¹⁴, velhice é o “estado ou condição de velho / o último quartel da vida” e velho é aquele “que tem idade avançada; idoso / que existe há muito tempo”. Pelo conceito, já se pode perceber que velhice designa um estado e velho um ser que já viveu demais (último quartel da vida; existe há muito tempo). Que tempo é esse? O que é viver muito? Esse tempo também tem se modificado e o “viver muito” de antigamente não é o “viver muito” de hoje. A velhice tem-se estendido muito com o avanço da tecnologia, da medicina e com os conhecimentos a respeito do envelhecimento. Beauvoir¹⁵ (1990) diz que a idade modifica nossa relação com o tempo, à medida que os anos vão se passando, o futuro vai encolhendo e o passado vai se tornando pesado. A definição de velho que essa autora nos explicita é: “[...] velho é um indivíduo que tem uma longa vida por trás de si, e diante de si uma expectativa de sobrevida muito limitada.” (p. 445)

Desde os tempos mais remotos, a velhice e os velhos são objeto de estudo e preocupação das sociedades, senão por interesse de registrar sua história, por interesses próprios da sociedade, que os tinham como algo “indesejável”, cujo destino podia interferir no equilíbrio da comunidade e das famílias. Beauvoir (1990) diz que é impossível escrever uma história da velhice, já que a História implica em uma circularidade. Para essa autora, pode-se falar de uma história da mulher, que,

¹² José Saramago, aos 83 anos de idade, no documentário “José e Pilar” - direção de Miguel Gonçalves Mendes, lançado em 2010.

¹³ Coleção “Os Pensadores”: Santo Agostinho. Nova Cultural: São Paulo, 2004.

¹⁴ KOOGAN/HOUAISS. Enciclopédia e dicionário ilustrado. Edições Delta. 1994

¹⁵ Simone de Beauvoir, ícone feminista do século XX, escreve em 1970 o livro *A Velhice*, que se torna um clássico na área do envelhecimento. Neste livro, a autora aborda questões que envolvem a velhice desde os tempos primordiais até os dias atuais. Nesta obra, Beauvoir “aborda o tema de forma totalizante, apresentando uma revisão histórica e propondo uma mudança radical na sociedade, de forma a desmistificar as hipocrisias que cercam os idosos”. Leitura obrigatória para todos que estudam ou que querem conhecer mais sobre os velhos, a velhice e o envelhecimento.

mesmo não tendo sido considerada sujeito na aventura humana, foi motivo de certos conflitos masculinos; a condição da mulher evoluiu “segundo uma linha caprichosa, mas significativa”; já o velho, enquanto categoria social, nunca interferiu ou influenciou o percurso do mundo. “[...] Os velhos não têm arma nenhuma, e seu problema é estritamente um problema de adultos ativos” (p. 109-110).

Em nota de rodapé, a autora completa: “é bem verdade que, individualmente, mulheres e velhos representaram papéis ativos”. É verdade, ainda, que a velha geração sempre se recusou a ser destituída do poder que tinha quando adultos jovens e lutava para manter esse poder. Através das mitologias, das crônicas, das literaturas, encontra-se um eco desses confrontos (BEAUVOIR, 1990). Por ser sempre uma minoria, já que as circunstâncias não favoreciam a longevidade, os velhos eram sempre vencidos e o poder que continuavam a deter dependia da vontade daqueles que o utilizavam, ou seja, os mais jovens. Até o século XIX, quem discutia a questão do poder dos velhos era a classe dominante e os “velhos pobres” não faziam parte dessa discussão, pois estes eram pouco numerosos, posto que “a longevidade só era possível nas classes privilegiadas; os idosos pobres não representavam rigorosamente nada”. (BEAUVOIR, 1990, p.111).

Algumas sociedades sempre viram os seus velhos com respeito e dignidade. Na China, segundo Beauvoir (1990), os idosos tinham uma posição elevada; na família, toda a casa devia obediência ao homem mais idoso. Confúcio justificava moralmente essa autoridade, associando a velhice à posse da sabedoria. Segundo ele, aos 15 anos se dedicava aos estudos da sabedoria; aos 30, ele consolidou esse estudo; aos 40 anos, não tinha dúvidas; aos 60, nada no mundo poderia chocá-lo e aos 70 anos podia seguir os desejos do coração sem transgredir a lei moral.¹⁶

Se na China e em outras culturas orientais, o velho era visto como alguém a quem os jovens deviam ouvir e respeitar, o mesmo não acontecia no ocidente. Beauvoir (1990), em sua pesquisa, mostra ao leitor o primeiro texto conhecido dedicado à velhice. É um texto que se encontra no Egito e foi escrito em 2500 antes de Cristo por Ptah-hotep, filósofo e poeta. Neste texto, a velhice é vista como algo triste e sombrio:

¹⁶ Afirmação de Confúcio in: BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p.113.

Como é penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem. Todos os seus ossos doem. As ocupações que até recentemente causavam prazer só se realizam com dificuldade, e o sentido do paladar desaparece. A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem. O nariz entope, e não se pode mais sentir nenhum odor.¹⁷

O envelhecimento biológico é uma realidade que foi sempre temida por todas as sociedades, mesmo aquelas que valorizam os velhos, que reconhecem a sua sabedoria. A grande diferença entre as culturas que veem a velhice como algo de bom e aquelas que a veem como algo intolerante está, justamente, no sentido e valor dados a esse momento da vida. Mesmo as sociedades que respeitam a velhice sempre estiveram à busca de poções e mágicas para o rejuvenescimento.

Para o povo judeu, a longevidade era a suprema recompensa da virtude (BEAUVOIR, 1990). Na bíblia, encontramos diversas passagens que ressaltam a velhice como um prêmio para o homem bom e temente a Deus. Em Deuteronômio, 11, 21 lê-se: “Então, a durabilidade dos vossos dias e a dos vossos filhos, no solo que o senhor jurou dar a vossos pais, será igual à durabilidade do céu que está acima da terra”. Em Provérbios, várias exortações mostram que aqueles que obedecem a Deus, que seguem seus ensinamentos serão agraciados com vida longa; pode-se ver neste livro no cap.3, v. 1-2: “Meu filho, não te esqueças de meu ensinamento e guarda meus preceitos em teu coração porque, com longos dias e anos de vida, assegurar-te-ão eles a felicidade”; ainda neste livro no cap. 9 v.10-11: “O temor ao Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é a inteligência, porque por mim se multiplicarão teus dias e ser-te-ão acrescentados anos de vida”. Ao mesmo tempo em que os justos e tementes a Deus são premiados, os infiéis serão castigados. Vê-se ainda em Provérbios, 10-27: “O temor ao Senhor prolonga os dias, mas os anos dos ímpios serão abreviados”. Diz ainda Salomão em seus Provérbios, 16-31: “Os cabelos brancos são uma coroa de glória a quem se encontra no caminho da justiça”. Enfim, são muitas as passagens bíblicas que admoestam para a obediência e cumprimento da Lei e isso mostra

¹⁷ BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 p. 114

principalmente o medo da morte, já que o viver muito é um prêmio e o ter a vida abreviada é um castigo.

Há muitos relatos na Bíblia que mostram que aqueles que não ouviam e respeitavam os velhos eram punidos. Segundo Beauvoir (1990), essas tradições são invocadas para apoiar o costume. Diz essa autora:

Na Palestina, como em todas as sociedades agrícolas avançadas, os anciãos tinham certamente um papel importante na vida pública, e, enquanto conservava algum vigor físico e moral, o homem mais idoso da família a governava. Josefo, sob Antíoco, o Grande (223-181), fala de uma *Gerúsia* presidida pelo grande sacerdote, e onde dominava a aristocracia sacerdotal; é o Sinédrio. Parece que este só apareceu nos últimos séculos. Era composto de 70 membros: os príncipes dos sacerdotes (grandes sacerdotes tirados de seus cargos), os representantes das 24 classes sacerdotais dos escribas, doutores da lei e anciãos do povo. Era o tribunal supremo. [...] Os anciãos tinham, portanto, um papel importante. Mas considerava-se que o juiz perfeito não devia ser nem jovem demais, nem velho demais. (BEAUVOIR, p.116)

É interessante notar como várias passagens colocam a velhice como um prêmio e, sendo assim, como algo desejável, como se pode ver nessa exortação de Eclesiástico:

Como acharás na velhice aquilo que não tiveres acumulado na juventude? Quão belo é para a velhice o saber julgar, e para os anciãos o saber aconselhar! Quão bela é a sabedoria nas pessoas de idade avançada, e a inteligência com a prudência nas pessoas honradas! A experiência consumada é a coroa dos anciãos, o temor a Deus é a sua glória.¹⁸

No entanto, também percebemos passagens em que a velhice é colocada como algo triste e desagradável. Beauvoir (1990) apresenta uma interpretação do exegeta judeu Jastrow, onde o Livro Eclesiastes, em seu capítulo 12, versículos de 1 a 8, dá uma demonstração dos infortúnios do homem na velhice:

Lembra-te de teu criador durante os dias de tua juventude, antes que cheguem os dias maus, e que se aproximem os anos em que dirás: Não experimento mais nenhum prazer. Antes que se obscureçam o sol e a luz, a lua e as estrelas, e que as nuvens retornem após a chuva (diminuição da acuidade visual, extinção das forças intelectuais): tempo em que os guardiões da casa (os braços) tremem, quando os homens fortes (as pernas) se curvam, quando os que moem (os dentes) param porque se enfraqueceram, quando os que olham pelas janelas (os olhos) estão obscurecidos, quando os dois batentes da porta se fecham para a rua (perturbações da digestão e da micção), quando diminui o barulho da mó

¹⁸ Livro do *Eclesiástico*, um dos 7 livros sapienciais do Antigo Testamento da *Bíblia Sagrada*. Cap.25, VS. 5-8.

(surdez), quando as pessoas se levantam ao canto dos passarinhos (mau dormir, despertar matinal), quando se enfraquecem todas as filhas do canto (perturbações da palavra), quando se teme tudo que é alto (o ofegar das subidas), quando se tem terrores ao longo do caminho, quando a amendoeira floresce (cabelos brancos), quando gafanhoto se torna pesado (diminuição da potência genital)... antes que o cordão de prata se desprenda (desvio da coluna vertebral), que o vaso de ouro se parta, que o balde se despedace na fonte e que a roda se quebre na cisterna (insuficiência do fígado e dos rins)...(p.117)

O que se pode ver nessa passagem do Eclesiastes, nada mais é do que uma descrição da velhice em termos biológicos. Essa é uma realidade incontestável para todos que envelhecerão e o que a Bíblia mostra em suas diversas passagens, como um prêmio para a velhice, é justamente o carinho e uma atitude respeitosa dos mais jovens em relação aos velhos.

Seja na Antiguidade ou na Modernidade, pensamentos negativos e positivos a respeito dos velhos sempre existiram e existirão.

Platão, em sua obra, coloca o velho como uma pessoa que merece respeito por parte dos mais jovens e possuidor de uma sabedoria que deve ser colocada a serviço da comunidade. Simone de Beauvoir, em sua obra *A Velhice*, uma antologia sobre o tema, faz uma explanação sobre esse momento da vida, desde os tempos mais antigos até a modernidade, abordando aspectos ligados à saúde, à sexualidade, às relações sociais, bem como às questões trabalhistas, em diversos modelos de sociedade. Em relação à obra de Platão, cuja essência é a valorização da sabedoria que só é conseguida com a idade e a *Polis* ideal é aquela que garante a felicidade do homem, e a felicidade só pode ser uma realidade em sociedades virtuosas em que as pessoas indicadas para governar são aquelas que “saíram das cavernas”, que contemplaram as ideias e que foram educadas desde a adolescência, atingindo sua plenitude aos 50 anos. Ter 50 anos na antiguidade era ser velho, pode-se ver aí como o conceito de velhice tem se modificado ao longo dos séculos.

Chegar aos cinquenta anos na Grécia Antiga representava uma conquista sobre o tempo e Platão defendia a ideia de que essas pessoas eram as que estariam preparadas para governar e capacitadas para orientar, pois só então seriam possuidoras da verdade, condição necessária aos bons governantes.

Aristóteles postulava uma filosofia distinta da de Platão. Para esse filósofo, o declínio do corpo acarreta a decadência do indivíduo inteiro, e as pessoas idosas deviam ser afastadas do poder porque, se o homem progredia até os cinquenta anos, a partir daí se torna fraco. No entender desse filósofo, os velhos são pessoas que, por terem vivido muitos anos, sofreram diversos tipos de humilhações, foram enganados, cometeram erros e, por tudo isso, são inseguros, medrosos e tudo que fazem está aquém das necessidades da sociedade (BEAUVOIR, 1990).

De acordo com este pensador, as pessoas idosas não possuíam força para comando e, frequentemente, se deixavam corromper, prejudicando o interesse público.

Cícero, também filósofo da Grécia Antiga, apresenta em sua obra uma posição semelhante à de Platão, em relação à velhice e aos velhos. Em seu livro *De Senectute*, ele dá a palavra a Catão, um velho de 80 anos que dialoga com dois jovens, sempre mostrando sua sabedoria e analisando a velhice de forma generosa, destacando-lhe os pontos positivos.

Em um diálogo entre Sócrates e Céfalos, em *A República* de Platão (2006), pode-se perceber o respeito e a deferência que Sócrates demonstra em relação a Céfalos, homem bastante envelhecido, segundo observação do próprio Sócrates:

Com certeza, Céfalos - disse eu -, pois é para mim um prazer conversar com pessoas de idade e bastante avançada. Efetivamente, parece-me que devemos nos informar junto deles, como de pessoas que foram à nossa frente num caminho que talvez tenhamos de percorrer, sobre as suas características, se é áspero e difícil, ou fácil e transitável. Teria até gosto em te perguntar qual o teu parecer sobre este assunto - uma vez que chegaste já a esse período da vida a que os poetas chamam estar "no limiar da velhice" - se é uma parte difícil da vida, ou que declarações tens a fazer. (PLATÃO, 2006, p.13)

Ainda nesse diálogo, Céfalos diz que, apesar dos lamentos pela juventude perdida, existem anciãos que conseguem sentir alguma paz nesse momento da vida. Assim ele se expressa:

[...] Grande paz e libertação de todos esses sentimentos é a que sobrevém na velhice. Quando as paixões cessam de nos repuxar e nos largam, acontece exatamente o que Sófocles disse: somos libertos de uma hoste de déspotas furiosos. Mas, quer quanto a estes sentimentos, quer quanto aos relativos aos parentes, há uma só e única causa: não a velhice, ó Sócrates, mas o caráter das pessoas. Se elas forem sensatas e bem dispostas, também a velhice é moderadamente penosa; caso contrário, ó Sócrates,

quer a velhice, quer a juventude, serão pesadas a quem assim não for. (PLATÃO, 2006, p.13-14)

A *hoste de déspotas furiosa* a que se refere Céfalos são os prazeres da juventude, os gozos do amor, da bebida, da comida. Para ele, aos velhos só resta lamentar, se conformar e suportar bem a velhice, e só suporta bem a velhice quem foi grandioso na juventude. O que chama a atenção na fala desse autor é que, mesmo aqueles que têm uma boa velhice, vivem-na de forma *moderadamente penosa*. Pensamento semelhante ao de Platão (Céfalos) é expresso por Cícero (2006) no diálogo entre o ancião Marco Catão e os jovens Lúlio e Cipião. Ao ser indagado pelos jovens se a sua tolerância em relação à velhice não se devia ao fato de ele ser possuidor de riquezas, Catão responde:

Cipião e Lúlio, os recursos mais adequados à velhice são o conhecimento e a prática das virtudes. Cultivadas que foram ao longo da vida, produzem frutos esplêndidos não só porque jamais nos desamparam e muito menos, quando do término da existência, o que então, é de máxima valia. Com efeito, o modo honesto de conduzir a vida, sendo associado à lembrança de realizações virtuosas, eis o que se afigura sumamente gratificante. [...] Ora, uma velhice plácida e suave também decorre de uma vida conduzida de modo tranquilo, incorrupto e nobre. (CÍCERO, 2006, p. 27-29)

Cícero cita ainda Platão como exemplo de velhice saudável e produtiva, posto que morreu aos 81 anos, em plena atividade de escritor. Em sua obra, Platão sempre apresenta a pessoa idosa como alguém que merece respeito e que deve, acima de tudo, ser reconhecida pelas experiências acumuladas. Porém, a ideia de uma velhice “bela” e saudável não fazia parte do pensamento e obra de filósofos e escritores. Para os gregos antigos, a juventude era exaltada e glorificada e a velhice temida e indesejada.

Para Beauvoir (1990), a idade modifica nossa relação com o tempo e à medida que os anos vão passando, nosso futuro vai encolhendo e o nosso passado vai se tornando mais pesado. Ser velho é isso: uma pessoa que tem uma longa vida atrás de si e à sua frente uma expectativa de vida muito limitada.

Revendo a história, encontramos aspectos interessantes sobre como as sociedades viam a questão do tempo e das idades. Em Ariés (1981), há um relato sobre textos da Idade Média que apresentavam as idades do homem correspondentes aos planetas, em número de 7:

A primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando a criança nasce e vai até os sete anos. [...] Após a infância, vem a segunda idade... chama-se *pueritia* e é assim chamada porque nessa idade a pessoa é ainda como a menina do olho... e dura até os 14 anos. [...] Depois segue-se a terceira idade, que é chamada de adolescência... e pode estender-se até 30 ou 35 anos. [...] Depois se segue a juventude, que está no meio das idades, embora a pessoa aí esteja na plenitude de suas forças, e essa idade dura até os 45 anos, segundo Isidoro; ou até 50, segundo os outros. [...] Depois, segue-se a senectude... que está a meio caminho entre a juventude e a velhice. [...] Após essa idade segue-se a velhice, que dura, segundo alguns, até 70 anos, e segundo outros, não tem fim até a morte. (ARIÉS, 1981, p.6-7)

Após estas seis idades, ainda em Ariés (1981), os textos apresentam a sétima e última idade da seguinte maneira:

A velhice, segundo Isidoro, é assim chamada porque as pessoas velhas já não têm os sentidos tão bons como já tiveram, e caducam em sua velhice. A última parte da velhice (*sétima idade*) é chamada *senies* em latim, mas em francês não possui outro nome além de *vieillesse*... O velho está sempre tossindo, escarrando e sujando... até voltar a ser a cinza da qual foi tirado. (ARIÉS, 1981, p.7)

Não era muito comum, na Idade média, as pessoas envelhecerem. A velhice era uma raridade. Segundo Mascaro (2000), encontrar idosos com mais de 65 anos era incomum, porém, se conseguissem chegar a idades avançadas, mereciam respeito e obediência e eram até valorizados no sentido de narrar e transmitir aos descendentes as tradições da família, isto quando se tornavam chefes de família, quer dizer, a valorização do velho estava de certa forma ligada ao poder que ele tinha.

Mascaro (2000) diz ainda que, com o surgimento da burguesia, os idosos pertencentes às classes privilegiadas acumulam riqueza e são reverenciados. Esse respeito e essa reverência não eram destinados à pessoa velha em si, porém, ao poder e ao dinheiro, tanto que a velhice biológica era algo indesejável e temido. Em sua descrição sobre a velhice na Idade Média, Mascaro afirma:

A velhice do corpo, a decadência física e a perda do vigor da juventude são vistas nessa época como um naufrágio, segundo as palavras do poeta italiano Petrarca (1304-1374). O corpo atraente da juventude era exaltado e valorizado, e era ridículo ter vaidade e cuidar do corpo envelhecido. O Renascimento exaltou a beleza e o vigor dos corpos jovens, principalmente

o corpo feminino. Assim, a imagem da mulher idosa é ainda mais cruelmente desprestigiada, sendo comparada muitas vezes a uma feiticeira (MASCARO, 2000, p.31).

Em tempo nenhum o envelhecimento foi ou é fácil, porém, a situação começa a se modificar com a modernidade. Na Europa do século XVII, com média de vida em torno dos 50 anos, a pessoa, especialmente a de classe proletária, já não encontrava lugar na sociedade. No século XVIII foram fundados hospitais e asilos para acolher os velhos, pobres, os doentes e abandonados. Os ricos, em função de suas posses e não de sua longevidade, continuavam a ser respeitados.

Peixoto (2007), abordando a questão da velhice na França do século XIX, diz que a velhice entre as pessoas de posse e as despossuídas era vista de forma diferenciada. Essa autora demonstra:

[...] designava-se mais correntemente como velho (*vieux*) ou velhote (*vieillard*) os indivíduos que não detinham estatuto social, enquanto os que possuíam eram em geral designados como idosos (*personne âgée*). Mas é preciso assinalar que, no século XVIII, o termo *vieillard* não possuía uma conotação fortemente pejorativa: ele designava também os velhos abastados, cuja imagem estava muito associada a “bom cidadão”, “bom pai” etc. (PEIXOTO, 2007, p.71).

Para Peixoto (2007, p. 70), a representação social da pessoa envelhecida vai se modificando ao longo do tempo, pois as mudanças sociais exigem políticas específicas para a velhice, “políticas essas que pressionavam pela criação de categorias classificatórias adaptadas à nova condição moral, assim como à construção ética do objeto velho”.

1.3 Ser Velho no Brasil

*Entre os idosos brasileiros, a grande maioria é pobre e não teve oportunidades educacionais. Os problemas sociais da velhice no Brasil são os decorrentes da pobreza e implicam em falta de acesso à educação e a um sistema previdenciário justo ao longo de toda a vida.*¹⁹

¹⁹ Entrevista com Anita Liberalesso Neri em 10 de setembro de 2002. Disponível em: <www.comciencia.br/entrevistas/envelhecimento/neri.htm>. Acesso em: 22 fev. 2013.

Pelos estudos realizados, pode-se perceber que as pesquisas sobre a velhice no Brasil seguem um caminho parecido com as investigações realizadas na França, embora admitamos que a produção brasileira sobre o tema é bem mais recente. Peixoto (2007) diz que o objeto velhice só entra na cena brasileira há bem pouco tempo. Até os anos 1960, o termo de uso corrente que designava a pessoa envelhecida era, sobretudo, “velho”, mas não possuía especificamente um caráter pejorativo. Era um termo usado tanto como expressão afetiva como pejorativa, dependendo da entonação ou do contexto em que era utilizado. Essa autora relata que documentos oficiais publicados antes dos anos 60 denominavam as pessoas com mais de 60 anos simplesmente de “velhas”. Na obra de Peixoto (2007, p. 77), lê-se o texto do Instituto Nacional da Previdência Social:

[...] Dada a preponderância marcante de pessoas jovens em nossa população, a elevada taxa de natalidade, a baixa expectativa de vida, a pequena renda média per capita e a alta incidência de doenças de massa – os programas de saúde no Brasil devem, necessariamente, concentrar seus recursos no atendimento das doenças da infância e dos adultos jovens. A assistência ao velho, é forçoso reconhecer, deve aguardar melhores dias.

Para Peixoto (2007), a imagem da velhice começa a mudar no Brasil, através de “ecos vindos da Europa” e, a partir daí, documentos oficiais, assim como a grande maioria das análises sobre a velhice, recuperam a noção de idoso, como na França (*personne âgée*). A ideia era que o termo “idoso” marca um tratamento mais respeitoso, sendo usado para as pessoas de melhor condição financeira. Diz Peixoto (2007, p.78): “O termo ‘velho’ tem assim uma conotação negativa ao designar, sobretudo, as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares que apresentam mais nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio”.

O mesmo autor afirma que alguns direitos foram adquiridos, como a aposentadoria, que data do final do século XIX, mais exatamente em 1890, quando os trabalhadores das estradas de ferro federais recebem as primeiras aposentadorias concedidas pelo Ministério da Função Pública. Daí em diante, cada vez mais, mais categorias conseguem esse direito e a vida da pessoa idosa vai se tornando menos dolorosa.

Peixoto (2007, p. 79-80), assegura que:

A criação, em 1960, da Lei Orgânica da previdência social, uniformizando as legislações dos diversos institutos de previdência social, aposentadorias e pensões, abriu caminho para a criação, em 1966, [...] do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Doravante, a Previdência passa a ser questão social de ordem pública. [...] Quanto às políticas sociais voltadas para a velhice, ressaltamos a criação, em 1973, pelo Ministério do Trabalho e pelo INPS, da aposentadoria-velhice, concedida aos homens de mais de 65 anos e às mulheres de mais de 60 anos e do decreto-lei de 1974 que estabeleceu uma renda mensal vitalícia (60% do salário mínimo) para as pessoas de mais de 70 anos. Mas foi somente em 1988, com a nova Constituição brasileira, que se reconheceu pela primeira vez a importância da questão da velhice e se estabeleceu que o valor da aposentadoria deveria basear-se no salário mínimo: “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de cuidar dos idosos, assegurando-lhes uma participação na vida comunitária, protegendo sua dignidade e bem estar, garantindo-lhes o direito à vida” (art. 230)

A velhice começa a ser vista de uma forma diferente. Em 2003, é criado o Estatuto do Idoso - Dispositivos Constitucionais Pertinentes - Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, já no art. 9º do cap. I está a confirmação, em lei específica do que diz a Constituição brasileira: “É obrigação do Estado garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade”.

A partir de então, a velhice passa a ser um problema social e o conhecimento sobre aspectos desse período da vida é um tema que começa a ser discutido nos meios acadêmicos e estudiosos de todas as áreas passam a desenvolver pesquisas que discutem o velho, a velhice e o envelhecer. Para Debert (2007), uma dificuldade, talvez a maior de todas, para aqueles interessados em pesquisar o envelhecimento,

[...] é a consideração de que a velhice é uma categoria socialmente produzida. Faz-se, assim, distinção entre um fato universal e natural - o ciclo biológico, do ser humano e de boa parte das espécies naturais, que envolve o nascimento, o crescimento e a morte - e um fato social e histórico - a variabilidade das formas de conceber o envelhecimento. (DEBERT, 2007, p. 50)

Estudar o envelhecimento traz esta dificuldade. São vários os aspectos que envolvem o tema; além daqueles biológicos, que implicam numa gama enorme de problemas, existem ainda os aspectos sócio-históricos, que exigem respostas da sociedade.

Hoje, o envelhecimento da população brasileira é uma realidade apontada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). No site desse instituto, (<www.ibge.com.br>) com o título “O país caminha velozmente rumo a um perfil demográfico cada vez mais envelhecido”, lê-se:

O índice de envelhecimento aponta para mudanças na estrutura etária da população brasileira. Em 2008, para cada grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos existem 24,7 idosos de 65 anos ou mais. Em 2050, o quadro muda e para cada 100 crianças de 0 a 14 anos existirão 172, 7 idosos. Um exame das estruturas etárias projetadas mostra, também, a transformação nas relações entre pessoas que ingressam (e permanecem) nas idades ativas e aquelas que atingem as chamadas idades potencialmente inativas. Em 2000, para cada pessoa (1) com 65 anos ou mais de idade, aproximadamente 12 estavam na faixa etária chamada de potencialmente ativa (15 a 64 anos). Já em 2050, para cada pessoa (1) com 65 anos ou mais de idade, pouco menos de 3 estarão na faixa etária potencialmente ativa. No tocante às crianças e jovens, existirão cada vez mais pessoas, em idade potencialmente ativa, “destinadas” a suprir suas necessidades.²⁰

A realidade que se nos apresenta é uma população cada vez mais velha e isso não é um simples dado, é um fato que requer providências urgentes em relação às políticas públicas do envelhecimento. Outro fato destacado pelo IBGE é quanto à idade dos velhos: a vida média do brasileiro deverá alcançar o patamar de 81 anos em 2050. Já temos, apontado pelo Censo 2010, uma população de 23.760 cidadãos centenários. Tudo isso se deve aos avanços da medicina e às melhorias nas condições gerais de vida da população. Em 1940, a expectativa de vida do brasileiro ao nascer era de 45,5 anos de idade e, em 2008, essa expectativa passou para 72,7 anos. Ou seja, em 68 anos houve um acréscimo de mais 27,2 anos de vida. Segundo a projeção do IBGE, o país continuará galgando anos na vida média de sua população, alcançando em 2050 o patamar de 81,29 anos, basicamente o mesmo nível atual da Islândia (81,80), Hong Kong, China (82,20) e Japão (82,60).

Em 2008, a média de vida para mulheres chega a 76,6 anos e para os homens 69,0 anos, uma diferença de 7,6 anos. Em escala mundial, a esperança de vida ao nascer foi estimada, para 2008 (período 2005-2010), em 67,2 anos e, para 2045-2050, a ONU projeta uma vida média de 75,40 anos. (<www.ibge.gov.br>. Em 11 abr. 2011).

²⁰ Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 abr. 2013.

Os quadros 1 e 2²¹, abaixo demonstram a distribuição de pessoas idosas no Brasil e em Minas Gerais, por gênero:

Quadro 1 - Distribuição de pessoas idosas - Brasil

Idade	Homens	Mulheres
60 a 64 anos	3.041.035	3.468.085
65 a 69 anos	2.224.065	2.616.745
70 a 74 anos	1.667.372	2.074.264
75 a 79 anos	1.090.517	1.472.930
80 a 89 anos	979.382	1.507.073
90 a 99 anos	146.493	278.400
100 anos ou mais	7.247	16.989

Fonte: IBGE, 2010

Quadro 2 - Distribuição de pessoas idosas – Minas Gerais

Idade	Homens	Mulheres
60 a 64 anos	339.165	376.212
65 a 69 anos	251.626	290.172
70 a 74 anos	191.852	233.376
75 a 79 anos	129.276	168.843
80 a 89 anos	111.154	168.599
90 a 99 anos	15.801	31.845
100 anos ou mais	739	1.904

Fonte: IBGE, 2010

Os dados mostram uma população de idosos considerável e mostram ainda que as mulheres, em todas as faixas etárias, tanto no Brasil quanto em Minas Gerais são em número maior que os homens. Um dado interessante é que no Brasil existem 134% a mais de mulheres centenárias em relação aos homens nessa faixa etária e em Minas Gerais, as mulheres centenárias superam os homens em 158%. Essa realidade do envelhecimento das pessoas demonstra a melhoria da qualidade

²¹ Os dados são do Censo 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 abr. 2013.

de vida das pessoas, o avanço da medicina e, principalmente, como os idosos estão cada vez mais “visíveis” na sociedade.

O questionamento que fica é: estamos preparados para essa nova realidade?

1.4 Velhice e Memória

Num diálogo entre o velho e o menino:

- [...] O tempo só anda para a frente.
- Não tem marcha a ré?
- Não.
- E se eu quiser viver o ontem?
- Tem de buscá-lo na memória.
- E se ela se esqueceu de guardá-lo?
- Você insiste, que vai estar lá. A memória protege tanto o vivido como o sonhado. [...] ²²

Quando fico preocupado ou triste, tento relaxar com as lembranças da minha infância. ²³

Pelo que se pôde perceber, as questões relacionadas à velhice e aos velhos sempre estiveram em debate, desde os tempos mais remotos, ainda que em divergentes posicionamentos.

Autores mais modernos também têm discutido esse tema, como uma obra específica, emitindo opiniões e apresentando ideias em relação, inclusive, à própria velhice. Nesta perspectiva, podemos citar Sigmund Freud, Simone de Beauvoir, Norberto Bobbio, B. F. Skinner, dentre outros. Autores como Zygmunt Baumann e Gilles Lypovetsky fazem uma análise da (hiper) modernidade e não apresentam nenhum direcionamento específico à velhice ou às pessoas idosas, porém, demarcam o entendimento de que os tempos hipermodernos trazem consequências e afetam de modo muito especial as pessoas com mais de cinquenta anos de idade.

Em uma análise da teoria de Halbwachs, Bosi argumenta sobre a função de pensar no adulto e no velho. Para essa autora, o adulto ativo se encontra tão ocupado com o trabalho e a lida cotidiana que não lhe sobra tempo para as lembranças. Quando chega ao fim de um dia estafante, esse adulto encontra-se tão

²² O livro infantil *Tempo de voo*, de Bartolomeu Campos Queirós (2009), traz uma belíssima análise sobre o tempo. É um diálogo entre um velho e um menino (avô e neto?), que mexe com a nossa emoção.

²³ Isak Borg, personagem do filme *Morangos Silvestre*, de Ingmar Bergman, de 1957.

cansado que o muito que lhe pode acontecer em relação às lembranças, é que estas lhe venham em forma de sonhos.

Para o velho, aposentado e com as atividades restritas, o que lhe sobra é tempo e ele, então, segundo Halbwachs, provoca as suas lembranças. Lembrar é uma atividade consciente e uma função própria. Na opinião desses autores, é a lembrança dos velhos que mantém a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. Para Halbwachs (2007, p. 60) “o velho está sempre à procura de algo que desperte suas lembranças, gosta de conversar com outros velhos, de revirar velhos papéis e fotos”; esse autor diz que o velho se interessa muito mais pelo passado que o adulto.

Le Goff (2003), ao falar dos fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, diz que esses nada mais são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e só existem porque a organização os mantém ou reconstitui. Outro aspecto da memória destacado por Le Goff é a função social.²⁴

O objeto ou acontecimento da lembrança, no caso da pessoa idosa, está distante e exige uma organização por parte do sujeito que, ao se lembrar, depara tanto com experiências positivas quanto negativas e sua narração, se alegre ou triste, está de acordo com a forma como ele enxerga a vida e a velhice.

Eulálio, personagem central do romance narrativo de autoria de Chico Buarque (2009, p. 14), *Leite derramado*²⁵ afirma que a memória é uma vasta ferida e qualquer recordação é dolorosa. Para ele o tempo prega muitas peças na memória:

[...] ao passo que o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso, onde cabem com folga meus pais, avós, primos distantes e colegas da faculdade que eu já tinha esquecido. (BUARQUE, 2009, p. 14).

Daí, talvez, a dor. Lembrar, trazer à tona pessoas que já se foram é uma forma de sofrimento que faz parte do cotidiano de pessoas idosas.

²⁴ Le Goff diz que Pierre Janet considera que o ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo” que se caracteriza, antes de qualquer coisa, pela sua função social.

²⁵ Romance de Chico Buarque vencedor do prêmio Jabuti, ano 2009.

Alguns autores, ao tratar da própria velhice, têm um tom de amargura, enquanto outros parecem mais “adaptados” e até se mostram felizes com a sua condição. Por que essa diferença? Autor de vários livros na área do Direito, Bobbio.²⁶ (1997) escreve, aos 86 anos, um livro de memórias no qual relata a velhice de uma forma realista e, por vezes, pessimista. Em uma determinada passagem, afirma:

Tenho uma velhice melancólica, a melancolia subentendida como a consciência do não realizado e do não mais realizável. A imagem da vida corresponde a uma estrada cujo fim sempre se desloca para a frente, e quando acreditamos tê-lo atingido, não era aquele que imaginávamos como definitivo. A velhice passa a ser então o momento em que temos plena consciência de que o caminho não apenas não está cumprido, mas também não há mais tempo para cumpri-lo, e devemos renunciar à realização da última etapa. (BOBBIO, 1997, p.31).

Para Bobbio (1997, p.30), ao velho só resta recordar: “O mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória”.

A lembrança parece ser assim, o que move os velhos. Ainda falando sobre a sua velhice, o mesmo autor diz que o tempo do velho é o passado e que essa- a lembrança - revive na memória. Para ele, o “grande patrimônio” da pessoa idosa é o mundo da memória que consegue, através de reflexões e lembranças, ter de volta pessoas, lugares, romances lidos na adolescência, enfim, um mundo de coisas e pessoas há muito desaparecido e que pode ser trazido à superfície durante uma conversa, uma leitura ou mesmo quando vamos à sua procura (BOBBIO, 1997, p. 53-54).

A memória dos velhos é o que os faz viver, de acordo com Bobbio e, como essa memória torna-se cada vez mais fraca, é preciso, segundo esse autor, apressar o passo. Uma observação que Bobbio faz é que o tempo da memória é inverso ao do tempo real, isto é, quanto mais distante o tempo, mais vivas as lembranças que vêm à tona e que representam uma ínfima parcela da história de nossa vida, mas que, apesar de ínfima, “[...] devemos continuar a escavar! Cada vulto, gesto, palavra ou canção que parecia perdido para sempre, uma vez reencontrado, nos ajuda a sobreviver.” (BOBBIO, 1997, p. 55).

²⁶ Norberto Bobbio nasceu em 1909, no Piemonte - Itália e foi um dos grandes pensadores do século XX. Teve grande importância no campo da Filosofia do Direito e da Filosofia da Política.

A ideia de profunda escavação existencial é o desvelo de memórias que este trabalho busca alcançar ao seu final. Ao solicitar dos sujeitos que façam uma comparação entre o tempo passado e o tempo de sua juventude com os tempos atuais, pretende-se que eles apontem exatamente isso: o que passou é melhor do que o que se vive agora? Por quê? Que características da hipermodernidade atraem ou são rejeitadas por essas pessoas?

A distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo. Quem diz isso é Le Goff, ao afirmar que o presente não se pode limitar a um instante, a um ponto, a definição da estrutura do presente, seja ou não consciente, é, para esse autor, um problema primordial da operação histórica. Citando Marc Bloch, Le Goff (2003, p. 227-228) diz:

Marc Bloch propôs também ao historiador, como método, um duplo movimento: compreender o presente pelo passado, compreender o passado pelo presente. “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas é talvez igualmente inútil esgotar-se a compreender o passado, se nada se souber do presente.” Daí a importância da recorrência em história. [...] Para restituir à história o seu verdadeiro movimento, seria muitas vezes proveitoso começar por lê-la ‘ao contrário’, como dizia Maitland.

Para compreensão do que estão vivendo nesse momento, necessário se faz uma incursão no passado. E é exatamente isso que esta pesquisa propõe; buscar entender o movimento de ir e vir no tempo. As pessoas com mais de 70 anos vivenciaram experiências que os mais jovens desconhecem e, talvez por isso, não compreendam os sentimentos por eles demonstrados.

Elias (2001, p. 83), aponta a dificuldade das pessoas que envelhecem ao se perceberem mais frágeis e menos fortes em relação aos mais jovens, e afirma que a dependência dos outros difere de pessoa para pessoa e que o curso de vida e a estrutura da personalidade dessas pessoas vão ser determinantes nas relações interpessoais que se estabelecerão. Diz esse autor que, ao chegar aos sessenta, setenta, oitenta ou noventa anos, o poder e o *status* das pessoas mudam, mais cedo ou mais tarde, de forma mais rápida ou mais lenta, e essa mudança produz uma modificação nas relações que elas estabelecem. Pode-se ver isso claramente quando uma pessoa aposenta, seu círculo de amigos passa a ser outro, o relacionamento com os familiares também se modifica.

Beauvoir, em seu livro *A velhice*, relata a condição do velho na sociedade em que vivemos. A obra é de um realismo quase cruel. A autora explicita verdades que tentamos não ver. Na introdução, afirma que:

A sociedade impõe à imensa maioria dos velhos um nível de vida tão miserável que a expressão “velho e pobre” constitui quase um pleonismo; inversamente: a maior parte dos indigentes são velhos. O lazer não abre ao aposentado possibilidades novas; no momento em que é, enfim, libertado das pressões, o indivíduo vê-se privado de utilizar sua liberdade. Ele é condenado a vegetar na solidão e no enfado, decadência pura. (BEAUVOIR, 1990, p.13).

Beauvoir (1990) nos remete a uma realidade vista a todo o momento e em todos os lugares: nos noticiários, nas cidades grandes e pequenas, no nosso bairro, na nossa vizinhança, em muitas de nossas casas. Para ela, é coerente a afirmação de que:

O fato de que um homem nos últimos anos de sua vida não seja mais que um marginalizado evidencia o fracasso de nossa civilização: esta evidência nos deixaria engasgados se considerássemos os velhos como homens, com uma vida atrás de si, e não como cadáveres ambulantes. Os que denunciam esse sistema mutilador que é o nosso deveriam trazer à luz esse escândalo. (BEAUVOIR, 1990, p.3-14).

É importante observar que, tanto Elias quanto Beauvoir, escrevem essas obras na década de 1980. O que mudou de lá para cá? Esse mesmo sentimento de marginalização ainda é uma realidade? Como a sociedade hipermoderna percebe a pessoa idosa? Quem pode ser considerado velho ou velha na atualidade? Quando se inicia e quem e o quê definem a velhice?

Bauman, ao retratar a sociedade moderna, usa a metáfora da “liquidez”, se referindo aos valores e às relações estabelecidas nesses novos tempos, onde as mudanças acontecem num ritmo extremamente veloz. Diz o autor:

Regras, normas e padrões até recentemente percebidos como adequados, eficazes e louváveis devem ser reclassificados como enganosos, inúteis e condenáveis. Como resultado dessa reversão de valores, o passado como um todo, e particularmente aquela parte que ainda está fresca na memória do público, será difamado e submetido a interrogatório rigoroso (e hostil)²⁷.

²⁷ BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 85

Os sujeitos dessa pesquisa terão essa percepção? Sentirão em suas vidas essas mudanças? Sentir-se-ão deslocados em relação às regras, normas e padrões integrantes de suas personalidades?

Bobbio, em 1996, escreve em seu livro autobiográfico:

[...] Nestes últimos anos, o limiar da velhice deslocou-se em cerca de duas décadas. Aqueles que escreveram obras sobre a velhice, a começar por Cícero, tinham por volta de sessenta anos. Hoje um sexagenário está velho apenas no sentido burocrático, porque chegou à idade em que geralmente tem direito a uma pensão. O octogenário, salvo exceções, era considerado um velho decrépito, de quem não valia a pena se ocupar. Hoje, ao contrário, a velhice, não burocrática, mas fisiológica, começa quando nos aproximamos dos oitenta, que é afinal a idade média de vida. (BOBBIO, 1996, p.18-19)

O que Bobbio diz é uma realidade fácil de constatar: com o avanço da medicina, as pessoas estão vivendo cada vez mais em termos biológicos e fisiológicos, mas a pergunta que fica é: e a qualidade de vida, tem avançado na mesma proporção?

Porém, nem todos os velhos parecem ver a velhice com pessimismo. Alguns deles, pesquisados por Bosi (2006), falam com alegria desse momento da vida: D. Alice, uma das entrevistadas pela autora, chega a dizer: *“Quem diria que um dia eu ia abrir o livro de minha vida e contar tudo? E agradeço por isso: é bom a gente lembrar. Deus te abençoe.”* O Sr. Amadeu, na mesma obra, é um exemplo de alguém que se relaciona bem com a velhice. Em suas lembranças, diz: *“Sinto-me contentíssimo com a vida, agora.”* Os velhos quase sempre mostram uma infância e uma juventude felizes em suas lembranças e alguns misturam o tempo passado com o tempo presente e mostram dificuldades em lembrar. O Sr Antônio, ainda nos depoimentos colhidos pela autora, com 73 anos na época em que foi entrevistado, dizia:

As coisas que me aconteceram ficaram guardadas na memória de tal modo que meu subconsciente vai lá e vai buscar. Das recentes não lembro mais. De certo não têm mais lugar. Lembro mais amiúde as coisas da infância. O que aconteceu ontem pode ser que eu lembre hoje, mas se passar uma semana já não lembro mais. (p. 260)

A memória parece, como diz Buarque (2009), um pandemônio, mas as lembranças estão todas lá e se há quem as escute, elas virão à tona. O triste na vida

de quem envelhece é quando “as pessoas não se dão o trabalho de escutar um velho, e é por isso que há tantos velhos embatucados por aí, o olhar perdido, numa espécie de país estrangeiro [...]” (p. 78). A partir do momento em que existe alguém para ouvir, as lembranças naturalmente vão surgir e, se elas surgem muitas vezes desencontradas é porque existem também para as lembranças os “interesses”, cabe ao pesquisador, de acordo com Bosi (2003), interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento. Essa autora, ao falar da memória oral, diz que esta também tem seus desvios, seus preconceitos, sua inautenticidade. No caso dessa pesquisa, me considero feliz em poder contar com pessoas, em sua plena capacidade mental, para testemunhar e reconstituir, como diz Bosi (2003, p. 16-17) “[...] comportamentos e sensibilidades de uma época.” Mas, para que essa reconstituição aconteça, “[...] o pesquisador deve estar atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi sugerido e encoberto pelo medo.” Tarefa caprichosa que requer do pesquisador acuidade, comprometimento, competência e seriedade.

CAPÍTULO 2

A METODOLOGIA E OS SUJEITOS DA PESQUISA

2.1 Conhecer para entender

*Antes de mais nada, convém lembrar que as entrevistas, como toda fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado. [...] Também são fontes para se conhecer o presente.*²⁸

Paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos eles. (BEAUVOIR, 1990 p.12)

Partilhar as experiências e percepções das pessoas é o eixo privilegiado do objeto desse estudo. Para que o problema investigado pudesse ser analisado de forma profunda foi necessário, de minha parte, um envolvimento amplo, enquanto pesquisadora; uma imersão profunda na vida e no contexto dos pesquisados. E esta foi uma das dificuldades enfrentadas: desfazer-me de ideias internalizadas e cristalizadas pelo tempo, desconstruir pensamentos e atitudes a respeito de valores que circundam esse ofício. Foi fundamental ter consciência de que a postura correta do pesquisador é de vital importância para o desenvolvimento do trabalho e, sendo assim, as atitudes preliminares que adotei foi o despojamento de preconceitos e uma maior abertura mental para receber dos entrevistados as informações e as manifestações, de forma a não me deixar induzir por aparências, não demonstrar sentimentos de rejeição, mostrando-me inteiramente interessada pela fala do entrevistado.

No processo de coleta e análise de dados, não há de minha parte uma preocupação excessiva com a técnica e, sim, com a questão abordada, bem como com os sujeitos que se dispuseram a participar do trabalho e estabelecer com esta

²⁸ ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar* – Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.78)

pesquisadora uma interlocução. Tal interlocução e o lugar ocupado pelos sujeitos nesta pesquisa devem, a meu ver, prevalecer sobre qualquer aspecto técnico.

Esta definição de prioridades orientou o processo da pesquisa: envolver sujeitos na complexidade das relações e abstrair deles, junto às lembranças, sentimentos e emoções. Não foi, obviamente, uma tarefa fácil, posto que a pesquisa qualitativa requer do pesquisador um olhar mais atento para as nuances que a subjetividade detém.

Thompson (1992, p. 196) fala que há um processo bidirecional e diz, com muita propriedade, que há uma diferença fundamental entre lidar com fontes vivas e fazer pesquisa com objetos. O entrevistado, ao falar de suas recordações e vivências, que são a matéria prima do pesquisador, se afeta com o que diz e pode mesmo se emocionar com fatos e situações que se encontravam “guardados” em sua memória. O processo bidirecional de que fala Thompson é exatamente esse: os nossos sujeitos de pesquisa nos oferecem muito, nos ensinam muito, mas também são impactados pela sua própria história, e a isso devemos estar atentos, especialmente nesse caso, em que os pesquisados são pessoas idosas e suscetíveis às lembranças. Assim, da minha parte, como pesquisadora, foi necessário um preparo e um cuidado especiais em lidar com as emoções, sentimentos e envolvimento dos sujeitos, ao evocarem o seu passado e passagens marcantes, determinantes de sua vida no presente.

A escolha dos sujeitos seguiu alguns critérios importantes para que o resultado e o objetivo deste trabalho fossem atingidos. Assim sendo, as pessoas escolhidas deveriam, inicialmente, querer participar da entrevista, pertencer a gêneros distintos, ter condições de usufruir da modernidade em seus aspectos materiais e ter acima de 70 anos de idade. A partir desses critérios, fui à procura dos sujeitos “ideais” em vários locais: em Montes Claros, a minha primeira escolha foi D. Ruth Tupinambá Graça, professora primária aposentada, escritora e historiadora; logo após, na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), selecionei os professores aposentados Joaquim Coelho da Rocha e Cibele Veloso Millo, aposentados; no grupo de terceira idade do SESC, encontrei o meu quarto entrevistado, o Sr. Elísio Valter dos Santos. Feitas as escolhas e o convite aceito, marcamos as entrevistas, de acordo com as possibilidades e definições deles.

Dos quatro escolhidos, apenas D. Ruth nasceu em Montes Claros; o prof. Joaquim em Belém do Pará, a professora Cibeles em Brasília de Minas e o Sr. Elísio em Taiobeiras. Não foi estabelecido como critério de escolha desta pesquisa que os sujeitos a serem entrevistados tivessem nascido na cidade onde a pesquisa seria realizada; o que importava, de fato, é que eles tivessem vivido os últimos trinta, quarenta, cinquenta ou até sessenta anos no local da pesquisa. Essa percepção me levou a entender que até a década de 50, as transformações aconteciam muito lentamente; hoje, na era da globalização, acontece exatamente o oposto: qualquer mudança ou alteração no modo de vida é imediatamente conhecida e adotada (quando é o caso) por todos, até mesmo por aqueles que vivem em localidades extremamente distantes dos grandes centros. A exceção, dentre os quatro, foi o prof. Joaquim, que viveu sua infância em Belém, cidade bem mais evoluída que as do norte de Minas, segundo ele (tanto que o professor Joaquim foi, de todos os entrevistados, o que apresentou o maior número de fotos, inclusive dos pais, dele bem pequeno e até mesmo de vizinhos). As cidades de Montes Claros, Brasília de Minas e Taiobeiras, segundo os testemunhos prestados pelos narradores, apresentavam, no início do século, basicamente as mesmas características e costumes, sendo que Montes Claros logo começou a evoluir mais rapidamente e a se destacar. Cibeles, uma das entrevistadas, diz que quando a família dela mudou de Brasília de Minas para Montes Claros, sentiu uma grande diferença:

[...] e nós mudamos para Montes Claros, o que foi muito gratificante, porque aqui a gente encontrou um meio mais evoluído e eu acho que essa convivência, numa cidade maior, com pessoas mais esclarecidas, de um certo nível intelectual (que lá em Brasília de Minas tinha também, mas aqui aparecia mais, porque havia eventos constantes, apesar de ser ainda uma cidade de interior) nos ajudou a crescer pessoal e profissionalmente. Montes Claros possuía alguns lugares especiais, como o Clube Montes Claros, onde a sociedade se reunia para as festas; tinha a Praça de Esportes também, que nós, adolescentes, frequentávamos.

Esse relato de Cibeles se refere à década de 1950, quando, realmente, Montes Claros já se distinguia das cidades vizinhas. Em relação a Diamantina, pelo relato de D. Ruth, vê-se exatamente o oposto: *“[...] Montes Claros era isolada de*

tudo, não tinha comunicação, era tudo muito difícil[...]” Falando dos cometas²⁹, D. Ruth diz:

[...] eles ficavam muito tempo aqui e daqui iam fazer a praça nas cidades aqui perto e Montes Claros era o ponto central, pois, mesmo atrasada, era muito melhor que as outras cidades, a não ser Diamantina, que era a “supra-supra”. Diamantina era evoluída, Diamantina é muito mais velha que Montes Claros [...].

Nesse relato, D. Ruth se refere às primeiras décadas do século XX.

Em Diamantina, procurei inicialmente pessoas conhecidas minhas que pudessem me indicar sujeitos que estivessem dentro dos critérios estabelecidos para a minha pesquisa. Tendo a indicação, entrei em contato com essas pessoas, expliquei o meu trabalho e fiz o convite. Todas aceitaram. Os entrevistados de lá foram: Fina, uma dentista aposentada da Universidade Federal de Diamantina e seu marido Quincas, jornalista conceituado e muito conhecido na cidade. A ideia era entrevistar apenas Fina, mas, como Quincas participou da entrevista de forma bem efetiva, terminei considerando também a sua narrativa como uma das que fariam parte da minha pesquisa. D. Maria, dona de casa, viúva, foi outra participante desse trabalho e que muito o enriqueceu e, finalmente, ‘Seu’ Expedito, um senhor de 89 anos que se dispôs a contar a sua história e dizer como se sente nos dias de hoje. Dos entrevistados de Diamantina, apenas Fina nasceu lá. D. Maria nasceu numa localidade chamada Penha da França, município de Itamarandiba; Quincas em Rio Vermelho e ‘Seu’ Expedito em Itamarandiba. Assim como os entrevistados de Montes Claros, os de Diamantina lembraram também experiências símile na infância, alguns com melhores condições sócio-econômicas; porém, a realidade de todos em relação a artefatos e confortos da modernidade foi muito semelhante.

Em Itamirim, vila situada no município de Espinosa, norte de Minas Gerais, divisa com a Bahia, o meu trabalho foi além da pesquisa para uma tese; envolveu emoções pessoais, se constituindo em uma espécie de resgate de minha própria memória, já que os velhos e velhas de lá foram personagens de minha infância. Ao procurá-los para saber se desejavam participar da entrevista, todos se mostraram não apenas interessados, mas felizes em contribuir com o

²⁹ Viajantes que faziam a “praça” vendendo de tudo, desde tecidos, bijuterias, sapatos, utensílios domésticos, até perfumes importados.

trabalho de uma pessoa que todos lembravam como a filha de um velho conhecido e de uma amiga que guardavam, com carinho, na lembrança. Os entrevistados de minha cidade natal foram: Nair Alves Dias (D.Nazinha), Altenir Fagundes Dias ('Seu' Liro), Elice Rodrigues Pedro (D. Nicinha) e Edson Garcia de Oliveira ('Seu' Nem). D. Nazinha, 83 anos, e 'Seu' Liro, 87 anos, são casados há 51 anos, professora e funcionário aposentados da única Escola Estadual da Vila, respectivamente; pessoas simples, alegres, falam de suas histórias com satisfação, lembram fatos da infância e da juventude com saudade e alegria, não com amargura; mantêm um estilo de vida tranquilo, pacato; vivem mais em casa, não têm muita vida social, pois D. Nazinha anda com dificuldade devido a problemas de saúde e a única diversão que têm é se encontrarem com os filhos, que são em número de dez, e netos, que fazem a alegria dos dois velhinhos. D. Nicinha, 72 anos, apesar de fazer parte do grupo de idosos, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), não se parece em nada com uma idosa comum, apresentando características próprias dos jovens, mostrando-se alegre, cheia de vida, falante, ressaltando, sem tristeza, como sua infância foi sofrida, e enfatizando, com entusiasmo juvenil, como a modernidade é maravilhosa, como a vida é, hoje, boa de se viver!... D. Nicinha se aposentou como funcionária do único Posto de Saúde do lugar e gosta de dizer que depois que se casou é que começou a trabalhar, *"... fui saindo da miséria e do sofrimento... fomos conhecendo as coisas boas; nessa época. comecei até a passear, ia em Espinosa comprar uma coisinha diferente, uma verdura"*. A entrevista com D. Nicinha foi muito animada e, ao final, ela até tocou sanfona, para lembrar o tempo áureo de sua vida, quando animava festas tocando e dançando. 'Seu' Nem, o último dos meus entrevistados em Itamirim, foi outra figura memorável, alegre, sorridente, "alto astral"; após cada frase dita, cada história lembrada, uma sonora gargalhada, daquelas que contaminam a todos que estão por perto! Lembrou-se das dificuldades passadas na infância, vivendo na roça, sem nenhum conforto, porém, segundo ele, *"nunca faltava o mais importante, que era a alegria"*. Uma das queixas de 'Seu' Nem em relação à modernidade é à relação que existe hoje entre pais e filhos,

[...] Muita coisa mudou, os filhos falam alto, gritam e querem até bater nos pais; andam em más companhias, usam drogas, não dão ouvido ao que os pais dizem, e eu acredito que é por causa dessa modernidade toda, da televisão que ensina muita coisa ruim... A gente vê muita ilusão de vida por aí.

Outra ‘modernidade’ que incomoda muito ‘Seu’ Nem é a transformação dos valores morais, que é vista até no modo de vestir das mulheres, segundo ele, “... *As moças vestem umas roupas aí que os pais têm vergonha de ver a filha sair vestida daquele jeito, mas não adianta falar, se falar, aí ela veste mais curto ainda (risos)*”.

Os entrevistados de Itamirim, em relação aos entrevistados de Montes Claros e de Diamantina, apresentam uma infância mais sofrida e, talvez por isso, valorizem de modo peculiar alguns aspectos da modernidade, como, por exemplo, o conforto advindo da energia elétrica, da água encanada, dos transportes... Não convivem com realidades da modernidade bastante corriqueiras nas grandes cidades, como a correria do dia-a-dia e a violência.

Todos concordaram em gravar a entrevista com o uso completo do próprio nome. Foram entrevistas bastante ricas e proveitosas.

Passada a primeira fase da entrevista (a escolha e o convite), veio o encontro. D. Ruth escolheu ser entrevistada em seu apartamento; Cibele em seu local de trabalho; o prof. Joaquim e o Sr. Elísio em suas residências. Chegando para a pesquisa, entreguei a cada um deles o “Termo de Consentimento Livre” aprovado pelo Código de Ética da UFMG. Fiz questão de lê-lo para eles, explicando termos supostamente desconhecidos, como hipermodernidade, para que não pairasse nenhuma dúvida; pedi autorização para usar o gravador e disse a eles que, se preferissem, seus nomes poderiam ser omitidos ou trocados. Todos consentiram em gravar a entrevista e optaram pela manutenção de seus nomes. Com o acordo firmado entre as partes, iniciamos o nosso trabalho.

Através das lembranças, os sujeitos pesquisados puderam reviver o passado e até mesmo reconstituí-lo. As lembranças, que surgiam de forma naturalmente desconectada, fizeram parte de um passado inteiro. À semelhança de um quebra-cabeça de milhares de peças, de diversos tamanhos e cores, que se foi desfazendo com o tempo, ia sendo restaurado ou reconstruído, através da memória de caso a caso, coisa a coisa vivida fato a fato, lembrado... A recomposição integral é impossível; o máximo que se pode conseguir é a análise de fragmentos mais expressivos, tentando ajustar cada pequeno pedaço do quebra-cabeça que, após tantos anos de *guardado, arquivado*, já não se mostra mais tão completo. Constituiu-se em uma tarefa hercúlea trazer o passado de volta ao presente da

melhor - e maior - maneira possível! Mas o mais instigante e marcante neste trabalho é exatamente isso: ao lembrar, ao reviver o passado, o presente vai se fazendo novo; tempo e espaço vão se (con)fundindo de tal forma que criam um entrelaçamento na memória; o que não foi lembrado fielmente, teve seu valor marcado na reconstrução desse tempo e desse espaço.

Reinterpretar o passado é uma das maneiras de mudar o presente, de entender situações em que se vive. Ao reviver a sua história, a pessoa pode mudar a sua vida. Thompson (1992, p. 21), ao falar da importância da história para a pessoa e para a comunidade, afirma que pessoas comuns passam a compreender como mudanças sociais e ocorrências globais podem afetar suas vidas.

A questão mais importante em um trabalho como este, que envolve pessoas, é exatamente considerar cada uma como especial. Para Thompson (1992), escutar o outro com seriedade é um dos principais fundamentos para o sucesso de uma pesquisa, onde a fala do outro está no centro de tudo. Uma pessoa que se sente desprezível, difícil e lamentosa, pode se tornar totalmente diferente quando percebe essa valorização no olhar e na escuta do pesquisador. Thompson aborda fatos relativos à ação de uma enfermeira no tratamento com idosos a quem tem que dar de comer, de beber, controlar e manter vivos. Ele fala do poder dessa comunicação, apresentando um poema que é citado, segundo ele, em diversos lugares e cuja origem não é clara, “mas tem uma origem convenientemente mítica em um centro de idosos de Londres”:

Ao olhar para mim, enfermeira, o que vê?
 Ao olhar para mim, o que pensa você?
 Velhinha meio tola, uma velha implicante,
 Modo de ser incerto, olhar sempre distante,
 Que refuga a comida e não diz sim nem não
 Ao você insistir: “Prove, faço questão”...
 Isso é o que você pensa, isso é o que você vê?
 Abra os olhos, então, que essa não sou eu...
 Com dez anos, não mais que uma menina em flor,
 Tenho pai, mãe, irmãos, irmãs, e muito amor.
 Moça, com dezesseis, flutuo leve, leve,
 E sonho que um amor vai encontrar em breve...
 Aos vinte e cinco, então, filhos para criar.
 Que precisam de mim para terem um lar...
 Vou chegando aos quarenta, os filhos vão-se embora,
 Mas meu marido fica: e o coração não chora...
 Mas depois ele morre e tudo se escurece:
 Olha para o futuro, o medo me estremece...
 Agora já estou velha, e a natureza é má:
 Faz que o velho pareça um perfeito gagá...

Mas na velha carcaça a jovem ainda habita,
 E o coração sofrido muita vez palpita.
 Lembro o que trabalhei, lembro o quanto sofri,
 E amo e vivo, outra vez, o que amei e vivi...
 Olhe bem! Olha bem! Só assim você vê
 Não a velha impicante: olhe, esta - sou eu.³⁰

Como saber o que se passa no interior de uma pessoa vista pela sociedade como alguém já ultrapassado? Que emoções farão parte de seus sentimentos? O que ela percebe no exterior atingirá verdadeiramente a sua forma de se comportar? Todas as pessoas, independente da idade, gostam de ser bem tratadas e valorizadas, especialmente as mais fragilizadas, como crianças e velhos. O que se vê não deve realmente ser o que se é, como relata a velha *sábua* do poema acima.

Ao falar sobre o instrumento metodológico das entrevistas, Alves-Mazzotti (1998, p. 68) afirma: “Por sua natureza interativa, a entrevista permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade”. Essa autora diz ainda que as entrevistas qualitativas são pouco estruturadas e que se assemelham muito a uma conversa, e complementa: “Tipicamente, o investigador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana” (ALVES-MAZZOTTI, 1998, p.168). Foi esse significado que busquei nas narrativas de meus sujeitos: que as pessoas investigadas falassem de sua vida cotidiana e que fizessem comparações com outros tempos vividos. Em cada fala, por mais insignificante que pudesse parecer, procurei entender e assimilar a importância que tinha para a história do meu sujeito. A todo momento, procurava lembrar a mim mesma que o entrevistado é um ator social e está inserido em uma determinada estrutura social.

Cada um dos “meus” entrevistados possui, claro, uma história diferente para contar de si mesmo(a) e do *mundo* que viveu, apesar das semelhanças dos relatos em relação ao tipo de vida e às condições e situações vivenciadas. D. Ruth, uma mulher de 96 anos de idade, é conhecida, reconhecida e por todos admirada na cidade de Montes Claros, especialmente pelas suas crônicas de conotação histórica e atual, publicadas semanalmente em jornal de grande circulação na cidade e

³⁰ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2. Ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 215-216.

região, que retratam uma cidade do início do século, mas que não deixa de falar também dos dias de hoje; em seus textos está sempre fazendo comparações entre os tempos de sua juventude e os atuais. Na crônica intitulada “Dona Eva, sua rua, sua casa” rememora a emoção e tristeza que teve quando voltou a Montes Claros, depois de vivido alguns anos em Belo Horizonte, e viu a casa que foi a primeira em que ela, criança, morou com a família, demolida. Diz: “[...] *Voltei e encontrei tudo mudado. A Rua Dona Eva estava diferente e a Praça da Matriz já não era a mesma. A casa onde morei não existia mais. Demoliram-na e, em seu lugar, existe hoje uma moderna mansão. E eu chorei com saudades de tudo! [...]*”. No mesmo tom poético e saudoso dessa crônica é o relato seguinte de D. Ruth que, apesar de conectada com o mundo moderno, não esquece as maravilhas que viveu na infância e adolescência, em meio à plena harmonia e paz de uma cidade ainda pacata. Chegam a espantar a quem dela se aproxima a extrema vitalidade, lucidez, alegria contagiante de viver e uma eterna doçura de menina no olhar quase centenário! Uma mulher de 96 anos que conta sua história de forma correta e coerente e, lembrando-se perfeitamente de tudo, dá sequência aos fatos de maneira lógica; até mesmo as hesitações e lacunas que uma pessoa jovem pode apresentar em um relato, em D. Ruth é uma raridade. A entrevista com ela foi muito produtiva e construtiva!

Cibele, professora aposentada da UNIMONTES³¹, passou sua primeira infância em Brasília de Minas (Brasilinha), na região norte-mineira, e é de lá que ela tem as primeiras lembranças de sua vida, das primeiras brincadeiras de criança, do primeiro rádio! Fala, também, da falta de conforto... Nas suas memórias, ela conta como eram as diversões de então e diz que em dias de lua cheia brincavam na rua de corre-corre, de anelzinho, de esconde-esconde e muitas outras brincadeiras infantis mais. Diz Cibele: “[...] *Inventava brincar de circo, porque não tinha muito o que inventar; não tínhamos luz, a luz só chegou a Brasilinha em 1949, quando eu já era pré-adolescente, foi quando começamos a ouvir novela pelo rádio e viver intensamente as histórias*”. A família de Cibele mudou para Montes Claros em 1952, quando ela tinha 17 anos, mas, antes disso, ela já havia mudado para esta cidade com a finalidade de estudar, na condição de interna, no Colégio Imaculada Conceição, escola de freiras, muito rígida, aonde ela chegou aos dez anos de idade.

³¹ Universidade Estadual de Montes Claros – MG.

Como professora universitária, Cibeles se adaptou muito bem às novidades do mundo hipermoderno. Era preciso usar computador em seu trabalho e ela providenciou então o necessário aprendizado nesse sentido, tudo isso, porém, muito recentemente. Cibeles continua a trabalhar depois de aposentada e isso, talvez, seja um dos fatores que a mantenham tão jovem, moderna, cheia de vigor e vida!

O professor Joaquim, um dos meus entrevistados, foi quem que teve uma infância bem diferente dos demais. Viveu-a em Belém do Pará, cidade bem mais evoluída que as do Norte de Minas, segundo suas próprias palavras. Em sua narrativa, diz: “[...] *Belém do Pará, onde nasci, tinha uma ligação muito grande com Portugal. [...] O meu Padrinho de Crisma era farmacêutico, mas estudou em Paris, porque era relativamente mais fácil ir de Belém para a Europa do que para o Rio de Janeiro [...]*”. No seu relato, o professor Joaquim, que nasceu em 1929 e era filho único, fala da vida com os pais nos primeiros anos de sua infância e início da adolescência, quando se mudou para o Rio de Janeiro e, posteriormente, em 1959, veio morar em Montes Claros, onde se casou com D. Ivete, há 52 anos, e tiveram dois filhos. E foi na cidade de Montes Claros que ele acompanhou todas as transformações ocorridas nos anos finais do século XX. No período de realização da entrevista, o Prof. Joaquim estava passando por problemas de saúde, mas isso não impediu que ele participasse e até demonstrasse alegria por estar fazendo parte de um trabalho de pesquisa, ele que sempre valorizou a ciência e a construção do conhecimento! Em nenhum momento demonstrou enfado, pelo contrário, queria sempre falar mais, dispondo-se a encontrar fotos ou outros materiais que demonstrassem ou ilustrassem a sua história; e foi dele o maior número de fotos recebido para esta pesquisa, o que confirma o que ele disse sobre Belém ser mais evoluída que as cidades do Norte de Minas, pois os entrevistados de Montes Claros e Diamantina disseram que era muito difícil conseguir tirar fotos naquela época!

De todos os meus entrevistados, apenas um pertence a um grupo de Terceira Idade, que é o ‘Seu’ Elísio. Nascido em 1939, na cidade de Taiobeiras, chegou a fazer os votos para se tornar padre, mas desistiu e acabou se casando com Sônia, com quem vive uma relação harmoniosa e feliz há 44 anos. ‘Seu’ Elísio e Sônia só têm palavras de elogios para o grupo ao qual pertencem. Em sua narrativa, ele diz: “[...] *Nós, Sônia e eu, conhecemos e participamos do Grupo de Idosos do SESC, onde ingressamos logo que aqui chegamos (em Montes Claros). Incentivo*

todas as pessoas da terceira idade a participarem [...]”. Os dois formam um casal alegre, que adora dançar, viajar e se envolver em atividades comunitárias. A infância de ‘Seu’ Elísio aconteceu em uma cidade pequena, com as mesmas características de Brasília de Minas e até mesmo da Montes Claros daquele tempo; naquela época não tinha energia elétrica, água enganada e nenhum dos artefatos modernos que tornam a vida nos dias de hoje tão confortável. ‘Seu’ Elísio elogia muito a modernidade, acha que tudo veio para melhorar a vida do ser humano, mas critica a forma como as pessoas agem em relação a toda essa evolução! Diz ele:

acho que o problema é com os participantes da modernidade, com esses é que a coisa está ruim! O mau uso e os conceitos da modernidade que são todos errados, como conceitos de moral, de sentimentos, valores distorcidos, o próprio ser desvalorizado em sua essência humana [...].

‘Seu’ Elísio (e Sônia) nos presenteia com uma bela narrativa! É importante ressaltar aqui que, quando digo que, pelos relatos dos entrevistados, Montes Claros e as cidades de Taiobeiras e Brasília de Minas são semelhantes em termos de modernidade, há uma diferença de época. O relato de D. Ruth “fotografa” uma Montes Claros do início do século XX (1920) e os relatos de ‘Seu’ Elísio (Taiobeiras) e de Cibeles (Brasília de Minas) focalizam as respectivas cidades já no período 1940/50, quando crianças/adolescentes. Por isso a semelhança nos relatos! Se D. Ruth tivesse vivido a sua infância em 1950, certamente mostraria uma cidade mais evoluída, como percebeu Cibeles quando em Montes Claros chegou em 1952.

Em Diamantina, os sujeitos desta pesquisa relatam uma infância muito parecida com a dos sujeitos de Montes Claros. A primeira entrevistada na cidade foi Josefina Mota Ribeiro (Fina), pessoa alegre, falante, animada e cheia de vida! Fina conta fatos de sua vida acontecidos em meados do século XX. Nascida em 1941, é a mais nova dos meus pesquisados, aliás, ela e seu esposo Joaquim Ribeiro Barbosa (Quincas) têm a mesma idade. Quincas participou também da entrevista e relatou histórias de sua vida e de como viu a modernidade chegando; o seu relato foi tão importante que, ao final, considerei como duas as entrevistas: com Fina e ele. Os dois têm as vidas tão entrelaçadas, e há tanto tempo, que, às vezes, a história de um se confunde com a do outro. Diferentemente de ‘Seu’ Elísio e Sônia, eles não gostam de grupos de terceira idade e preferem se encontrar com os amigos nos bares ou “botecos” tradicionais da cidade, muitos deles dentro ou a circundar o

Mercado. Fina gosta muito da modernidade, mas se diz incomodada com o consumismo exagerado que ela vê hoje em dia. *“[...] A gente foi criada numa prisão. Em relação a bens materiais, a gente não tinha nada que não fosse extremamente necessário [...]”*. Quincas relembra situações pitorescas em relação às novidades que iam chegando a Diamantina, *“[...] Eu me lembro que o toque do telefone causava uma sensação impactante na gente, tanto que eu pegava um despertador e botava pra tocar só pra ver todo mundo sair correndo e depois ver que era gozação [...]”*. Quincas é jornalista e, como tal, convive de forma harmoniosa com as tecnologias modernas. Até por exigência da profissão, tem que dominar o computador, a Internet, ter e-mail e até usar o Facebook, mas diz não ter paciência com ‘sites’ de relacionamento. Participar desse mundo globalizado se tornou imperativo para ele, enquanto Fina se diz uma “analfabeta” tecnológica ou “*analfabite*” e Quincas é quem faz tudo para ela, quando necessita utilizar o computador. Fina e Quincas foram dois entrevistados que enriqueceram demasiadamente esta pesquisa e contribuíram em muito para o meu entendimento de como era a vida em meados/finais do século XX, na sociedade diamantinense, e de como pessoas nascidas nessa época se veem hoje na era da modernidade!

Dona Maria Lemos Carvalho, outra entrevistada da cidade de Diamantina, contrariamente a Quincas e Fina, diz não ter se adaptado muito com as coisas ditas modernas. *“[...] Recentemente é que abri uma conta em banco, e nunca mexi com computador. Você sabe com o que eu estou apaixonada agora? [...] Depois que apareceu a Rede Vida, eu fiquei apaixonada”*. Contou que sofreu muito com a morte do pai e esposo. O pai ela o perdeu aos dez anos de idade e até hoje tem uma lembrança muito viva de situações com ele vividas. Em seu relato, a todo momento, D. Maria relembra o pai e o marido; se diz uma pessoa muito feliz, mas muito saudosa dos tempos passados. Nascida em 1935, num lugarejo chamado Penha da Franca, município de Itamarandiba, D. Maria teve uma infância “pobre” em relação a conforto ou bens materiais, porém, rica em experiências felizes na convivência com os pais e os onze irmãos. É algo admirável a clareza das lembranças que ela tem da infância! Conta detalhadamente fatos ocorridos quando tinha cinco anos de idade. Desde que perdeu o marido, há 24 anos, D. Maria vive em função dos filhos; nunca pensou em se casar novamente, apesar de ter ficado viúva ainda jovem. A família é a sua vida e ela mostra, com orgulho, da sacada de sua casa, no segundo andar, as

casas de todos os filhos ao redor da sua. Ela mora em uma chácara, em bairro central de Diamantina. Lá cria galinhas e diversos outros bichos e foi onde também me recebeu para a entrevista. Nessa chácara urbana, ela tem oportunidade de conviver com a natureza e de manter viva em seu coração, a lembrança dos anos vividos na fazenda ao lado do pai, da mãe e irmãos. A narrativa de D. Maria, além de poética e emocionante, foi para essa pesquisa de uma validade ímpar.

Dos entrevistados de Diamantina, 'Seu' Expedito Silvério da Silva foi o último a fazer o seu relato. Nascido em 1923, está hoje com 89 anos e adora falar de sua vida de músico. Ele nasceu na cidade de Itamarandiba, relativamente próxima a Diamantina, onde começou a conviver com a música, vendo sua mãe cantar no coral da igreja. Ainda criança, recém saído do grupo escolar, 'Seu' Expedito aprendeu o seu primeiro ofício, o de alfaiate, com o qual manteve a família, até se tornar funcionário público. Com a chamada modernidade, 'Seu' Expedito não tem uma relação muito boa! Tem telefone celular, mas diz não gostar; o que gosta mesmo é de conversar com os amigos e tocar!... *"[...] Minha vida foi de música, toquei muitos anos em várias orquestras, tenho fotografias aí. Naquela época, tinha jazz e eu me adaptei muito bem. [...] Atualmente é muito diferente, a juventude de hoje não aceita o nosso jeito de tocar não, as músicas deles são barulhentas demais."* Um dos maiores orgulhos de 'seu' Expedito é que foi amigo de JK e tem até um violão autografado por ele. Casado com D. Irene há 60 anos, vivem felizes e ele diz que, apesar de ser músico e ter vivido na noite, D. Irene nunca teve ciúmes dele! A arte musical ou ser músico da noite nunca atrapalhou, portanto, o seu casamento! A entrevista com o 'Seu' Expedito me emocionou muito também! Aos 89 anos, com a memória já meio falha, ele demonstra certa nostalgia, talvez até pela vida que levou como músico, homem querido do povo e admirado pela alegria e beleza musical que levava às pessoas! Ele deixa escapar uma saudade muito grande do passado de 'glamour' que viveu, apesar de se confessar "não saudosista". Outra percepção que tive foi que ele se refugia em um "mundo particular", onde realiza, com a ajuda da imaginação, os seus sonhos mais recônditos e, talvez por isso, se diz não saudosista. Em seu relato, afirma: *"[...] O dia que me dá aquela vontade muito grande de tocar, eu vou atrás dos companheiros, a gente se encontra em qualquer lugar, qualquer boteco, uns têm violão e a gente, então, começa a tocar e o povo, ouvindo, vai se aproximando."* O que entristece é que os amigos de 'Seu' Expedito

não existem mais... Foi outra narrativa que muito me emocionou e me deu a verdadeira dimensão, emoção e sentido da velhice!...

Em Itamirim, os primeiros entrevistados foram Nair Alves Dias (D. Nazinha) e Altenir Fagundes Dias ('Seu' Liro), um casal de velhinhos tão integrados que um fala por si e pelo outro, ao mesmo tempo. A vida de D. Nazinha, apesar de ter sido em um lugarejo bem pequeno, com características rurais, tal qual a de 'Seu' Liro, foi bem menos sofrida. Filha de fazendeiro, os pais deram a ela condições de estudar e viver uma vida relativamente confortável. As lembranças de D. Nazinha referentes à infância são doces e cheias de ternura! Foi uma menina amada, cercada de cuidados, protegida e só começou a sentir as 'durezas' da vida com a morte do pai, quando foi levada pelos irmãos para a cidade de Espinosa, com a finalidade de continuar os estudos. Lá conheceu aquele que seria seu companheiro para toda a vida. Após o casamento, os dois foram morar em Itamirim, distrito de Espinosa e, nesse lugarejo, trabalharam, formaram uma família extensa, se aposentaram e vivem até hoje. 'Seu' Liro, assim como D. Nazinha, gosta muito de relembrar histórias de sua vida e em suas lembranças fala de como sua infância foi diferente da de sua mulher: *"Meu pai era aposentado da polícia, mas o ganho era muito pouco e o dinheiro não dava para manter a família com boas coisas, porque era muito grande... mas, pelo menos, não faltava comida"*. Em 1945, a família de 'Seu' Liro se mudou de Rio Pardo de Minas, onde vivia, para Espinosa, e foi lá que conheceu D. Nazinha. A alegria dos dois, hoje, é a família! Não têm diversão e os momentos de prazer são sempre aqueles em que estão juntos com os filhos e os netos!

Itamirim é um lugarejo bem pequeno, que tem praticamente uma rua e todas as pessoas se conhecem e convivem umas com as outras. Elice Rodrigues Pedro (D. Nicinha), minha terceira entrevistada, mora em frente à casa de D. Nazinha e o encontro com ela foi num domingo pela manhã. Quando D. Nicinha começa a falar, logo percebo nela uma mulher forte, alegre, comunicativa, que inicia a sua história de vida relatando as dificuldades que viveu na infância, tendo sido criada pelos avós devido à mudança do pai e da mãe para São Paulo, aonde foram em busca de uma vida melhor. D. Nicinha diz que os pais se mudaram com a promessa de voltarem para buscá-la, mas a mãe veio a falecer e o pai nunca mais voltou! A partir daí, sua vida foi, segundo ela, cuidar dos avós e trabalhar na roça.

As lembranças de D. Nicinha são marcadas por momentos de tristeza, “... *não tinha carinho, era só trabalho... menina, vai trabalhar, menina, vai fazer isso, vai fazer aquilo, vai buscar água, vai tocar passarinho nos arrozais...*” Talvez por tudo isso, D. Nicinha seja, de todos os meus entrevistados, a mais entusiasta com a modernidade, apesar de, como todos os outros, fazer críticas severas a alguns aspectos da vida moderna: “*Em termos de conforto, hoje é muito melhor; naquele tempo não tinha nem privada seca, a gente tinha que ir era no mato mesmo...*” “*Para mim, os tempos melhoraram, mas eu tenho saudades de algumas coisas, como andar a cavalo, montar nos bezerros... hoje as crianças só querem ver televisão, internet, jogar no computador... então é muita saudade dessas coisas que a gente não vê mais hoje e tem também a saudade da sanfona que eu tocava muito...*” D. Nicinha fala do medo que tem pelos netos que vivem em São Paulo e a maior queixa que faz à modernidade é o uso de drogas pelos jovens e a violência, mas o saldo final de sua avaliação é que “... *o tempo hoje é muito melhor, graças a Deus! Eu acho melhor porque a gente não sai para fora para sofrer, vive aqui dentro desse lugarzinho e aqui não tem sofrimento, não!*”

Edson Garcia Oliveira (‘Seu’ Nem) mora na outra ponta da Rua Principal e foi em sua casa que nos encontramos para a nossa entrevista. Mais jovem dos quatro entrevistados, ‘Seu’ Nem nasceu em 1942 e está com 71 anos. É de uma vitalidade inacreditável e uma alegria contagiante! Adora gargalhar, ri todo o tempo e relembra a sua infância e juventude passadas entre Pedrinhas³², onde nasceu, e Itamirim, de forma descontraída. Gosta de falar da vida que viveu na roça, apanhando lenha no mato, tomando banho no rio e convivendo com os parentes e amigos. A vida, para ele, também não foi fácil, pois a falta de conforto era muito grande, mas uma coisa que ‘Seu’ Nem gostava era do respeito que havia entre as pessoas. Os mais jovens respeitavam os mais velhos e os filhos nem pensavam em desobedecer aos pais ou professores, cenas que hoje fazem parte do cotidiano das famílias, como diz:

Vejo uma diferença muito grande! Quando eu criei meus filhos, eles não faziam o que meus netos fazem, meus filhos obedeciam mais... hoje, eu falo com os meus netos e eles levam na graça ou respondem e falam ‘isso é coisa da antiguidade, você é atrasado, isso não existe mais e coisa e tal...

³² Pedrinhas, lugarejo vizinho a Itamirim.

Diante do que vê nos dias de hoje, ‘Seu’ Nem se diz espantado e temeroso quanto ao futuro dos netos e bisnetos, “... *eu tenho medo, não sei o que vai acontecer, mesmo que o meu tempo já tenha passado, nunca acaba de passar para quem tem família...*” E ‘Seu’ Nem faz um desabafo sobre a modernidade que ele vê: “*É igual celular, aqui nem pega direito, mas se você reparar vai ver que tudo quanto é criança aqui já tem um, as pessoas nem sabem o que tem ali dentro do celular! Assim é a internet, daqui uns dias todo mundo vai ter um computador!...*” (risos). Para ele, a televisão tirou o bem mais precioso das pessoas, a convivência,

[...] naquele tempo, não tinha domingo, feriado ou dia santo, qualquer hora que a gente fosse à casa de um parente, de um amigo, a gente ia, chegava lá e ele estava pronto para receber a gente, para ‘prosear’; hoje isso acabou, antes os vizinhos visitavam uns aos outros, agora não tem mais isso não, a televisão não deixa!...

Todas essas histórias, apesar de individuais, estão inseridas em um contexto e são referências de um tempo, de um espaço e de um movimento social. Trigo e Brioschi (1999, p. 28) afirmam que: “[...] os relatos de vida são tomados como referências de um movimento social mais amplo: uma trajetória de vida que se insere em uma conjuntura, enquanto produto e produtora de uma determinada estrutura.” O pesquisador precisa estar atento a tudo isso, uma história de vida não é apenas a história de uma vida, pois ao se juntar com outra e mais outra vão completando e delineando a história de uma sociedade.

Outro cuidado que o pesquisador deve ter é o de não se colocar em posição de privilegiado, daquele que tem o conhecimento e que, portanto, domina a situação na entrevista. Trigo e Brioschi (1999) apontam considerações sobre isto, dizendo que, inicialmente, o encontro entre entrevistador/entrevistado pode dar ao pesquisador a ilusão de que ele tem o poder e possui uma posição privilegiada. Esse é um lugar de perigo e se o pesquisador não tiver maturidade suficiente para se colocar numa situação de igualdade com o pesquisado, seu trabalho pode sofrer as consequências. Assim, como pesquisadora, necessitei me lembrar sempre que o entrevistado é aquele que possui a informação, o conhecimento e as vivências necessárias ao meu trabalho e a sua colaboração é vital para o sucesso da minha pesquisa. Se o pesquisador tem o conhecimento, principalmente do objetivo de seu

trabalho, o pesquisado é um sujeito ativo que reage, interage e vai fornecer os dados precisos para a resposta aos questionamentos dos pesquisadores.

Segundo Thompson (1992), a entrevista é um instrumento utilizado por historiadores profissionais há muito tempo e, ao argumentar sobre o processo de entrevistar pessoas, diz que a entrevista completamente livre não pode existir. É necessário que se estabeleça um contexto social; os entrevistados devem entender porque estão sendo entrevistados, qual o objetivo da entrevista e pelo menos uma pergunta inicial deve ser feita, um primeiro vínculo deve ser estabelecido.

E foi assim que procedi. Para que o entrevistado se sentisse mais à vontade, eu apresentava uma questão gerativa, porém, deixando claro que era uma entrevista narrativa e que ele tinha liberdade para falar à vontade e que não havia nenhuma restrição à sua fala; procurava deixar claro para a pessoa entrevistada a importância da sua história, de como a sua lembrança de fatos passados poderia contribuir para o processo de conhecimento da vida no início/meados do século XX, principalmente para os mais jovens que vivem uma realidade tão diferente nos dias atuais. Esse conhecimento deve servir também para mudar a vida de pessoas que viveram nessa época. Sendo assim, a questão gerativa teve o objetivo de alavancar ou motivar o entrevistado que, muitas vezes se sente constrangido no início ou não sabe o que deve falar. Nessa pesquisa a questão gerativa é a seguinte:

Gostaria que você contasse um pouco de sua história, começando por onde você nasceu, em que ano, em que local e quais as condições em que viveu sua infância, sua adolescência e juventude, abordando aspectos de sua vida, de sua casa e de seus relacionamentos. Como era a convivência com seus pais? Que confortos você tinha em sua casa? Que lazer e quais diversões você e sua família tinham? Como foi seu namoro, casamento e sua vida de adulto até atingir a maturidade e a velhice? Que diferenças você vê entre os tempos de sua juventude e os tempos de hoje? O que acha da modernidade, da tecnologia, dos costumes e valores dos tempos atuais? Fale um pouco como você se sente nessa sociedade hipermoderna e tecnológica e de como se relaciona com os mais jovens e os benefícios e malefícios que você vê na sociedade de hoje e na sociedade de sua época de jovem.³³

³³ Esta questão gerativa é passada para o entrevistado de forma bastante informal, numa conversa onde explico cada um dos meus objetivos de forma clara, para que não haja dúvida sobre o que ele deve relatar e como a entrevista é uma narrativa, tudo que eles falam tem sua importância. Às vezes, algum deles até dizia: *“vou falar uma coisa aqui, mas acho que não é importante...”* E eu sempre respondo que tudo que eles falarem é importante, que a história deles é feita também daquilo que parece sem importância.

Procurei deixar claro para todos que não eram perguntas e que não haveria respostas e sim uma narrativa do que eles viveram, ou seja, não deveriam se preocupar consequências de fatos, e falassem o que lhes viesse à lembrança. Eu participava como espectadora que interagia com eles e, nos momentos adequados, fazia interlocução, perguntando alguma coisa que não havia entendido, pedindo para que repetissem uma história que não havia ficado clara para mim, porém, procurava não interferir, quando percebia que eles estavam envolvidos ou emocionados com o que lembravam.

Assim sendo, em relação à entrevista, procurei trabalhar com a *entrevista despadronizada ou não estruturada* que, de acordo com Andrade (2007, p.134), “consiste em uma conversação informal, que pode ser alimentada por perguntas abertas, proporcionando maior liberdade para o informante”.

Como o cerne desta pesquisa são os relatos dos sujeitos entrevistados que contarão histórias de suas vidas, que voltarão ao passado através de suas lembranças, que manifestarão emoções e afetos, a História Oral (oralidade) também se configurou como uma metodologia adequada a esta pesquisa. Teixeira (2006) e outras ao falarem dos pressupostos teórico-epistemológicos da História Oral dizem que, além de uma metodologia, a História Oral é também uma pesquisa, pois se manifesta como um encontro sócio-antropológico. Dizem as autoras: “[...] é uma relação intersubjetiva entre sujeitos que falam e ouvem, que sentem, que pensam, unindo ciência e afeto, razão e emoção.” (p. 33). Para Teixeira, os fundamentos teórico-epistemológicos da História Oral tentam religar o que foi separado, isto é, rompem com a dicotomia razão e paixão, pensamentos e afetos. O trabalho com pessoas exige essa união, a da ciência e a do afeto.

Amado e Ferreira (1998, p.16), ao discutirem sobre questões alusivas à história oral, seu campo de ação, se é um método ou uma técnica, dizem que não se deve esquecer que a história oral é “[...] um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais, com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações *qualitativas* de processos histórico-sociais.”

A história oral desperta cada vez mais o interesse da comunidade acadêmica e está estabelecida hoje em diversos campos além daquele da qual foi originada, a antropologia. Ainda na opinião de Amado e Ferreira (1998), o fenômeno

da oralidade vai muito além de aspectos teóricos ou metodológicos, pois coloca os seres humanos em processo de comunicação, afetando suas vidas, promovendo desenvolvimento e alterando a cultura.

Por tudo isso, a história oral é tão importante para o trabalho de resgate de memórias e para as disciplinas que, de alguma forma, envolvem pessoas. Amado e Ferreira (1998, p. 19) afirmam que um dos reconhecimentos da história oral constitui-se pela confluência multidisciplinar, “[...] tal como uma encruzilhada de caminhos, a história oral é um ponto de contato e intercâmbio entre a história e as demais ciências sociais e do comportamento [...].”

Vivemos um tempo em que a informação está, cada vez mais, ocupando os espaços e absorvendo a vida das pessoas. Teixeira (2006, p. 39-40) faz uma reflexão sobre a importância da narrativa nas pesquisas, principalmente pelo próprio momento de globalização que vivenciamos, onde a informação substitui a experiência e as pessoas não são mais ouvidas. Para essa autora, é necessário buscar novas ferramentas de pesquisa “[...] que tragam de volta o narrador e sua experiência, na busca incansável por resgatar seus ensinamentos e sabedorias de vida.”

A História Oral proporciona isso: resgatar ensinamentos e sabedorias de vida. Quando as pessoas contam suas histórias, falam de seus sentimentos e de suas experiências, elas estão compartilhando pedaços de suas vidas e isso é que faz o “movimento” da História. Em uma explanação sobre a importância do ato de reminiscências, Teixeira (2006, p. 35), diz que, ao narrar suas histórias, os sujeitos, além de trazer à tona suas lembranças e suas interpretações, eles as transformam, porque as revivificam e reinterpretam. O que viveram passa a ter uma nova conotação e eles próprios passam a ver suas histórias de um jeito diferente, onde se reconhecem como sujeitos fazedores de suas histórias e de suas vidas.

Contribuir para que os sujeitos dessa pesquisa se reconheçam como protagonistas de suas vidas e como fazedores de suas histórias, constituiu-se em empreendimento realmente gratificante. Dar voz a pessoas com mais de setenta anos foi um dos caminhos para atingir esse objetivo.

Para Thompson (1992), a história oral, pela sua própria natureza, apresenta uma fonte semelhante à autobiografia publicada, porém, com um alcance muito maior. Analisando o papel e a importância dessa metodologia, Thompson

afirma que o maior mérito da história oral é que possui uma amplitude muito maior que muitas outras fontes e que os historiadores, ao fazerem julgamentos implícitos ou explícitos das histórias, estão corretos porque “[...] a finalidade social da história requer uma compreensão do passado que, direta ou indiretamente, se relaciona com o presente.” (p. 25-26)

A história oral pode conseguir evidências que dificilmente se conseguiria com outras técnicas ou metodologias, especialmente em pesquisas como esta, em que a pretensão era conhecer realidades que envolvem sentimentos, emoções e comportamentos. Ainda na opinião de Thompson (1992), a história oral oferece diversos benefícios, e quem mais se beneficia ao valorizar pessoas de toda espécie é a própria história. “[...] E também se beneficiam, de maneira especial, as pessoas idosas.” Thompson afirma que um projeto de história oral propicia muitas vantagens para esse grupo de pessoas, dentre elas, novos contatos sociais, podendo mesmo levar a amizades duradouras, o que é, na opinião desse autor, um inestimável serviço porque, em geral, são pessoas que se sentem sós, fragilizadas, ignoradas e que, através de um convite para participar de uma pesquisa contando as suas histórias de vida, vão se sentir mais valorizadas, dignas e importantes, fornecendo informações valiosas a uma geração mais jovem. Essa afirmação de Thompson pude comprovar, em minhas entrevistas. Todos os entrevistados, sem exceção, se mostraram felizes e se sentiram importantes em contar as suas histórias. Alguns até diziam: *“mas a minha vida não tem nada de importante para ser contado...”* Diziam isso com as palavras, mas seus olhos mostravam outra coisa, dava para perceber claramente o orgulho que sentiam...

Bobbio (1994) diz que ao velho só resta recordar. Thompson (1992), ao falar de história oral e reminiscência, afirma algo semelhante. Em sua análise, o que este autor diz lembra o pensamento de Bobbio:

[...] Isso não se dá apenas com idosos ainda ativos e interessados pela vida. Outro desenvolvimento recente da história oral muito surpreendente foi a terapia da reminiscência. Cada vez mais os especialistas em envelhecimento têm reconhecido que entregar-se a reminiscências pode ser uma maneira interessante de os idosos manterem o sentimento de sua identidade em um mundo em mudança. Ainda mais notável: isso pode ser utilizado para reanimar o espírito de quem está profundamente alienado e deprimido, e até mesmo uma forma de tratamento de idosos psicóticos ou dementes. (THOMPSON, 1992, p.40)

Outro aspecto da história oral que torna este método mais significativo que outros em pesquisas de vida é, segundo Thompson (1992, p. 41), a voz humana. Com as palavras, muito mais do que conteúdo é aprendido e apreendido. “[...] o uso da voz humana, viva, pessoal, peculiar, faz o passado surgir no presente de maneira extraordinariamente imediata [...]”. Mesmo que cada um apresente sua história de maneira idiossincrática e até por isso mesmo se tornam mais expressivas. As pessoas dão vida às suas histórias. É muito interessante ouvir as gravações dos meus entrevistados; nelas, percebe-se claramente a emoção em determinados momentos, a indecisão em outros, a alegria, a tristeza, a saudade...

2.2 As Narrativas

2.2.1 “Uma carta quando chegava, a notícia já nem existia mais”

Dona Ruth é dessas pessoas que, quando começa a falar, encanta a todos; possui uma energia contagiante e quem a ouve sente-se envolvido e fazendo parte da história. Tem 96 anos de idade e uma vitalidade de causar inveja a muitos jovens. Faz parte da vida de Montes Claros, participou (e ainda participa) dos grandes acontecimentos desta cidade desde o início do século XX. Nascida em 1916, conheceu uma Montes Claros sem energia elétrica, sem água canalizada ou tratada, a água para beber devia ser fervida e guardada em potes separados (não havia filtros). D. Ruth morou na primeira casa de Montes Claros, construída pelo Capitão Antônio Gonçalves Figueira, o bandeirante que, recebendo uma sesmaria do Governador Geral, aqui construiu a primeira sede da “Fazenda dos Montes Claros”, em 1707, que deu origem à cidade. Em 1768, Manoel Ângelo Gonçalves Figueira, filho do Fundador da cidade, a vendeu ao Alferes José Lopes de Carvalho, tendo a primeira casa de Montes Claros existido - e resistido - até 1975, quando demolida. Além dessa casa, D. Ruth morou em muitos dos sobrados da parte antiga da cidade, a chamada “Cidade Velha”, e que hoje forma o Núcleo Histórico do município, como o atualmente *batizado* de “Casarão dos Mendes”, situado na Praça Dr. Chaves/da Matriz, nº 18/22, onde residiam os seus avós. Ao relembrar a sua trajetória, D. Ruth fala da tristeza que tem ao ver como a cidade foi perdendo as

características daquele tempo, destacando que uma entre as suas maiores tristezas foi quando demoliram a primeira casa de Montes Claros, onde ela havia morado. Diz ela:

[...] Eu tenho o maior sentimento, até fiz uma poesia quando demoliram essa casa. Deviam ter conservado aquela casa, a primeira de Montes Claros. Eu tenho fotografia dela, está em um de meus livros, Montes Claros - Eterna Lembrança (Memórias)!

Na verdade, D. Ruth escreveu uma crônica sobre Dona Eva (Eva Bárbara Teixeira de Carvalho, fundadora da Banda de Música Euterpe montesclarenses, uma mulher muito à frente de seu tempo, como sempre fala e registra em seus escritos), cujo nome foi dado à rua onde se localizava a primeira casa de Montes Claros - Rua Dona Eva, nº 34 -, da qual ela fala com tanto carinho e saudade. A seguir, a citada crônica:

DONA EVA, SUA RUA, SUA CASA

Em 1924, eu morava na Rua Dona Eva, nº 34 (uma rua pequena, mas muito importante para mim), construída em 1768 por José Lopes de Carvalho, o segundo proprietário da Fazenda dos Montes Claros.

Quem foi Dona Eva? Garanto que a maioria da população desta cidade não sabe. Pertencia a uma das mais antigas e tradicionais famílias de nossa cidade. Era filha de Antônio Teixeira de Carvalho Júnior e Dona Rosa Frutuosa de Lima. Casou-se com Ezequias Guimarães.

Dona Eva Bárbara Teixeira de Carvalho foi uma grande mulher, dinâmica, batalhadora incansável pelo progresso de Montes Claros.

Durante muitos anos, foi professora primária, quando Montes Claros era apenas a pobre Vila de Formigas.

Musicista nata, cheia de entusiasmo e grandes ideais, incentivada por doutor Carlos Versiani, o vigário Gonçalves Chaves e o coronel José Rodrigues Prates (aos quais muito devemos) mandou buscar em Diamantina (cidade mais civilizada da nossa região àquela época) o mestre Risério Alves Passos, grande músico, fundando, em 1856, a Banda Euterpe montesclarenses.

Em 1857, nos festejos da elevação da Vila de Montes Claros das Formigas à categoria de cidade de Montes Claros, a banda Euterpe saiu à rua pela primeira vez, bem organizada e brilhante no seu uniforme de gala, dando um show de musicalidade. Desta data em diante, tomou parte em todos os acontecimentos sociais e religiosos da nossa cidade, tendo a duração de mais de um século a tradicional corporação musical.

Depois de aposentada em 1871, dona Eva continuou instruindo moças que lhe eram confiadas, nos princípios de Educação Moral, Doméstica e Literatura. Faleceu em 1887, com cinquenta e oito anos.

Mereceu bem esta homenagem, figurando o seu nome na rua onde foi construída a primeira casa de Montes Claros.

Nesta mesma casa, passado mais de um século, tive a felicidade de morar. Pertencia, nesta época, a um amigo do meu pai.

Em frente, nesta mesma rua, ficava o sobrado do doutor Marciano Alves Maurício, construído em abril de 1853, com a fachada para a Praça da Matriz, hoje Doutor Chaves.

Suas filhas, Yeda e Yolanda, eram minhas companheiras de infância.

Este sobradão tinha um quintal que era um verdadeiro paraíso, sombreado por enormes mangueiras e jaboticabeiras, onde armávamos o Nosso Circo rodeado por lençóis de linho, improvisando trapézios com cordas de bacalhau, correntes e arames (Mauricinho que o diga), pois era assíduo frequentador do nosso circo, pagando dez paus de fósforo para entrar, procurava encabular os artistas, criticando e vaiando-os sem dó. Aquela rua Dona Eva marcou minha infância. Sua proximidade com a Praça da Matriz permitia-me assistir, de perto, todas as festividades sociais e religiosas que aconteciam naquela praça simples, desprovida de belezas arquitetônicas, de calçamento, apenas no centro um bonito coreto, construído em maio de 1919 (hoje demolido), onde a banda Euterpe se reunia todas as noites e era também o ponto de reunião da meninada da Rua de Baixo. Enquanto a banda ensaiava os seus dobrados, nós corríamos eufóricos brincando naquele largo enorme.

Muitos anos se passaram...

Eu cresci, me casei e minha vida tomou novos rumos. Mas o tempo não apagou aquela lembrança e, como Filho Pródigo, eu voltei. Voltei e encontrei tudo mudado. A Rua Dona Eva estava diferente e a Praça da Matriz já não era a mesma. A casa onde morei não existia mais. Demoliram-na e em seu lugar existe hoje uma moderna mansão.

E eu chorei com saudades de tudo: da minha infância, dos inocentes brinquedos à sombra das mangueiras, do Largo da Matriz onde corria com os pés afundados na poeira, ao som da música, procurando o Chicotinho Queimado, Veadinho quer Mel, a Cabra Cega e os brinquedos de Roda... Saudades da Rua Dona Eva e daquela casa!

Tudo me veio à mente como um filme lindo que se viu na infância e do qual nunca se esquece.

A primeira casa de nossa cidade, o início da nossa História e da História de Montes Claros, deveria ter sido tombada.

Quantos dramas se encerravam naquelas paredes! Ela, que resistiu firme por mais de um século, assistindo ao crescimento da nossa cidade, pedra por pedra! Presenciando, com os antepassados, todas as lutas, vitórias e derrotas, alegrias e tristezas, dores e prazeres, em todo desenrolar da História de nossa terra, seu crescimento, sua transformação em várias gerações.

Na minha imaginação, eu a vejo como na minha infância: as paredes altas, o assoalho de tábuas largas e rústicas, os grandes portais, das portas e janelas, arredondadas na parte superior, numa linha colonial antiga, simples, mas muito bonita, retrato da habilidade daqueles marceneiros, numa época em que não existiam, para nós, ferramentas nem máquinas especializadas para o preparo da madeira retirada ali mesmo, sob golpes do machado, e faziam trabalhos especiais.

Tantas venezianas bonitas, delicadas, forros de madeira perfeitos, com desenhos embutidos nos tetos, retratos das famílias, flores e rosáceas, arabescos trabalhados em ferro nas sacadas dos velhos sobrados. Toda beleza de uma época perdida nas demolições inconscientes.

Sinto, hoje, vontade de rever o quarto onde dormia com minhas irmãs mais velhas. Rever novamente o quarto onde dormiam meus pais que já se foram. Quanta saudade!

Quanto amor, quanto carinho aquelas paredes presenciaram!

Quanta alegria nos nascimentos e também quantas dores nas mortes de entes queridos!

Da janela do meu quarto, eu via o quintal com as mangueiras carregadinhas de frutos!

Em vão, volto sempre àquela rua procurando uma casa que não mais existe. É uma força que me impele, uma saudade que me acompanhará sempre.

Doce e triste recordação. Dela eu guardo apenas um retrato. Um retrato simples, sem moldura, que consegui na Prefeitura.

Hoje, olhando este retrato, esta fachada com três portas e cinco janelas, foi o que sobrou. Resta-me, agora, a esperança de que a cidade acorde, se levante, grite e proteste contra a demolição dos monumentos do nosso passado (quantos já se foram!) e preserve, ao menos, o que ainda resta de nossas tradições e de nossa História!

Foto 1 - Primeira casa de Montes Claros, onde D. Ruth morou



Fonte: Arquivo particular da entrevistada

Foto 2 – Os pais de D. Ruth (1960)



Fonte: Arquivo particular da entrevistada

Foto 3 – Pais e irmãos de D. Ruth (1914)



Fonte: Arquivo particular da entrevistada

Foto 4 – D. Ruth ao centro, com 12 anos de idade



Fonte: Arquivo particular da entrevistada

Deve ser difícil para os jovens que vivem hoje em Montes Claros imaginar como era a cidade há 80 anos; algumas pessoas (mais velhas) ainda se lembram das brincadeiras de infância daquele tempo e muitas até tentam manter vivas as tradições. D. Ruth lembra que brincava na Praça da Matriz, com o pé atolado na poeira, de *chicotinho queimado*, *veadinho quer mel*, *boca de forno* e outras brincadeiras de rua. Tudo isso até as seis horas da tarde, pois como não havia luz elétrica na cidade, assim que começava a escurecer, as crianças tinham que voltar para casa. Segundo ela, o fato de não haver luz, em noites de lua cheia era uma maravilha: os rapazes faziam serenata para as moças, esse era o jeito que eles tinham de declarar o seu amor, já que os pais eram muito severos e não deixavam as filhas saírem à noite e namorar, só com a assistência da família e de uma maneira em que eram totalmente impossíveis as demonstrações amorosas. Outra oportunidade que tanto os rapazes quanto as moças tinham e adoravam eram os bailes. Não havia clubes e os bailes aconteciam na Escola Normal, que funcionava no *sobradão*, que é um dos prédios mais antigos de Montes Claros e onde funcionou por muitos anos a Escola Normal e depois a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - FAFIL da Fundação Universidade Norte de Minas - FUNM (o popular prédio da FAFIL), hoje “Sobrado da Escola Normal/FAFIL” da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, onde será implantado o primeiro Museu de Montes Claros: Museu Regional do Norte de Minas.

Foto 5 – Prédio da antiga Escola Normal/-/FAFIL(Sobradão a que dona Ruth se refere)



Fonte: <www.casadaimprensa.com.br>

Foto 6 – Prédio histórico restaurado



Fonte: <www.bemnanet.com.br>

Foto 7 - Prédio onde funciona a Escola Normal hoje



Fonte: <<http://talentomusicalescolar.blogspot.com.br/>>

Para D. Ruth, esses bailes eram o acontecimento mais esperado por todos os jovens, expressando que:

[...] Era assim, as moças iam acompanhadas das mães, não tinha nada daquelas mesas que têm hoje, as bebidas, nada, não tinha nada disso, nem nada para comer, nem nada para beber, só dançar, só tinha água para beber, se tivesse sede. Então, era aquele salão enorme, as mães ficavam sentadas nas cadeiras assim, encostadas na parede, porque cada uma ia levar sua filha, porque nenhuma podia ir sozinha, elas ficavam vigiando a gente. E era só naquele salão, não podia nem entrar nas outras partes do casarão. Todos aceitavam isso muito bem, a gente era obediente, não tinha nada de revolta, de rebeldia, não.

Foto 8 – D. Ruth, aos 19 anos



Fonte: Arquivo particular da entrevistada (1935)

Foto 9 – D. Ruth, aos 86 anos (2002)



Fonte: Arquivo particular da entrevistada

Outro momento que marcou a juventude daquela época foi o “footing”. As moças, de braços dados, duas ou três, ficavam andando de lá para cá, na Rua XV, e os rapazes ficavam no passeio, na frente das lojas, bem arrumados, de terno, *englostorados*, olhando as moças e flertando e, quando havia correspondência, o namoro começava. D. Ruth relata essa fase do namoro da seguinte maneira:

[...] Depois que a gente já tinha andado um bocado, depois de semanas, eles mandavam um bilhetinho perguntando se podia ‘pegar o bonde’. Pegar o bonde era passear com a gente, mas não era sozinha não, era com as companheiras, três, quatro, tudo de braço dado e o rapaz ao lado da gente. E quando chegava a hora de ir embora, ele ia para a casa dele e a gente para a casa da gente, se chegasse em casa com um rapaz, muitos pais até batiam.

Foto 10 - D. Ruth passeando com as irmãs em BH



Fonte: Arquivo particular da entrevistada (foto de 1934)

Os netos de D. Ruth acham que o namoro no tempo dela era muito sem graça; ela, porém, diz que o namoro naquele tempo era bem melhor, que os rapazes se mostravam mais interessados, mais delicados, mais românticos. As moças ganhavam serenata quase toda noite e os rapazes ficavam loucos para casar porque, segundo ela, não tinha facilidades, para ter intimidades com a namorada só com o casamento. Para D. Ruth, a modernidade de hoje é muito exagerada e os

casamentos se tornaram muito frágeis, pois quando se casam o rapaz já está enjoado:

[...] hoje não tem mais aquela lua de mel, não tem mais graça, a virgindade, tinha até um tabu, a gente morria de medo porque se o rapaz descobrisse que a moça não era mais virgem, acabava o casamento, largava a mulher. Era assim...

D. Ruth conta que os rapazes que estudavam fora de Montes Claros, chegavam de férias e era uma alegria, pois havia dentre eles um primo dela, o Hermes Augusto de Paula (médico, folclorista, historiador e escritor, autor de *Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes*), que era muito animado e reunia a turma toda, os rapazes arrumavam *um mil réis* para pagar o sanfoneiro e todos se reuniam na casa dele e dançavam até às 10 horas da noite. Isso acontecia todas as noites e só havia água para beber, era tudo muito tranquilo, não havia violência e os rapazes respeitavam demais as moças.

Quando D. Ruth tinha dez anos, o trem de ferro chegou a Montes Claros e, segundo ela, o *chique* era dar um passeio em Belo Horizonte (BH). Ela chegou a ir umas duas vezes e, em uma dessas vezes, ela ficou hospedada em casa de parentes e, em uma casa vizinha, tinha um rapaz que se interessou por ela e os dois começaram a flertar; inicialmente, cada um na janela de sua casa e depois começaram a conversar no portão. Ele morava no Rio de Janeiro e foi seu primeiro namorado. Nesses dias, que ela estava em Belo Horizonte, ia acontecer o carnaval que era considerado, naquela época, uma festa do demônio, mas ela estava toda entusiasmada para passar o carnaval em BH com seu *namoradinho*, mas uma tia que, segundo ela era muito ‘arengueira’, contou sobre as novidades para o pai dela, que reagiu enviando um telegrama para ela: “*se me amas, venha urgente.*” “*Você acredita que eu fui embora? De uma forma geral, as moças eram todas muito obedientes, era muito raro ter alguma diferente, e quando aparecia, logo ficava falada.*”

Na visão de D. Ruth, a modernidade foi chegando aos poucos: primeiro chegou o trem de ferro, a energia elétrica, tratamento de água, depois apareceu o rádio, que, apesar de não ter uma boa qualidade, foi um grande avanço e as músicas mais ouvidas eram as marchinhas de carnaval, os sambas de Carmem Miranda, as músicas de Noel Rosa. As vitrolas boas mesmo, segundo D. Ruth, só

surgiram mais tarde. “[...] eu me casei em 1939 e lá em casa tinha uma vitrola, era uma vitrola boa, não era vitrola não, tinha o nome de radiola, um móvel bonito [...]”

Nessa época, por volta de 1940, Montes Claros era isolada de tudo; D. Ruth diz que não havia comunicação, era tudo muito difícil “[...] e olha que a minha família era uma família tradicional, foi umas das primeiras de Montes Claros, mas era tudo tão difícil que eu me casei em 1939 e só fui ter uma geladeira em 1948. A minha primeira geladeira, eu me lembro, era americana, no Brasil não fabricava não [...]” D. Ruth conta ainda a dificuldade que era viver sem geladeira:

Ah, minha filha! Vou contar pra você como era viver sem geladeira, a gente tinha os nenéns e fazia os mingaus de três em três horas. [...] O meu marido era fazendeiro e, quando matava porco, era o maior entusiasmo, ia pra fazenda que era pertinho da cidade, a gente ia passar o fim de semana, matava o porco e ia fazer a linguiça, aqueles lombos de porco a gente separava, assava tudo e colocava naquelas latas quadradas (de querosene), fritava uma quantidade de toucinho, colocava nessas latas e colocava a linguiça dentro e as carnes pra guardar. A gordura do porco coalhava e ficava dura e aí conservava a carne, costelinha, linguiça, tudo nas latas e quando a gente ia comer, tirava dali de dentro e era só esquentar, então a gente comia era gordura de porco pura e olha como estou aí, bem viva!

Foto 11 – D. Ruth e as três primeiras filhas (1945)



Fonte: Arquivo particular da entrevistada

Foto 12 – D. Ruth com cinco dos seis filhos (1949)



Fonte: Arquivo particular da entrevistada

D. Ruth é uma contadora de histórias. Histórias reais que ela vivenciou e estão relatadas em seus dois livros: *Montes Claros era assim* e *Montes Claros - Eterna lembrança*, citados na bibliografia deste trabalho, além de crônicas e poesias publicadas em jornais da cidade. Ela lembra, por exemplo, do primeiro carro de Montes Claros, um *fordeco* 24, de propriedade de Dr. João Alves, marido de D. Tiburtina. Depois os políticos importantes, os chamados *coronéis*, também compraram carro. Mas ter um carro naquele tempo era um problema, porque não havia essas oficinas modernas e, quando o carro enguiçava, era o maior trabalho. Entre as histórias de D. Ruth, ela conta que era muito amiga de uma filha e da família de Dr. Marcianinho, que possuía um desses *fordecos*. Essa família possuía uma fazenda distante 14 km de Montes Claros, que era para onde ia todo fim de semana e a convidava. No relato de D. Ruth, uma dessas viagens:

A gente saía nesse fordeco e, olha bem: a gente saía umas 8 horas da manhã, todo mundo de roupa adequada para a fazenda, de botas, mas as mulheres iam de vestido, porque não tinha calça comprida não. [...] A gente ia nesse fordeco para a Canoas, que era a fazenda da família. A gente saía e daí uns três ou quatro quilômetros, o pneu furava, furava porque não tinha as facilidades que tem hoje, era uma dificuldade conseguir que um pneu chegasse aqui, não tinha condução, não tinha meio de transporte, tinha que vir nas tropas, nos lombos dos burros... O pneu tinha uma câmara de ar que já estava gasta de tanto remendar. Aí furava o pneu, tinha que parar o carro, a gente descia e D. Picucha, que era a mulher de Dr. Marcianinho, jogava uma toalha no chão e a gente ia comer farofa de frango, beber café, fazia um piquenique. A gente já ia preparada para isso, já levava biscoito, farofa de frango, de linguiça, café, bolos, frutas. Aí, consertava o pneu, subia o macaco, remendava a câmara de ar dentro do pneu e ia embora. Quando andava mais três, quatro quilômetros, o pneu furava de novo e isso até chegar lá, você acredita? E toda vez que furava era do mesmo jeito: parava e fazia uma festa... Você imagina que a gente saía às 8 horas da manhã e chegava lá às seis da tarde, uma distância de 14 quilômetros?

Na verdade, o transporte comum em Montes Claros era o cavalo. Nessa época, por volta de 1930, segundo D. Ruth, a cidade devia ter uns três ou quatro carros, mas todo mundo possuía um cavalo; era um cavalo bom para andar e um manso para as donzelas. As moças andavam a cavalo de encilhão que, na descrição de D. Ruth, era uma sela de encaixar as mulheres de lado, porque elas não podiam sentar no cavalo com as pernas abertas. D. Ruth conta que, quando era mocinha, fazia muitos piqueniques a cavalo e ela achava isso uma maravilha. Em uma descrição sobre isso, ela diz:

Todo mundo tinha os cavalos bons, era igual carro, o povo falava: fulano tem um cavalo que é uma maravilha, marchador, não sei o quê, quer comprar pra sua mulher? Meu avô, Cassimiro Xavier de Mendonça, tinha uma selaria, onde se faziam selas muito boas, encilhão, era um trem que vendia, era um comércio que todo mundo adquiria, como tem hoje essas casas de automóveis, tinha a selaria.

D. Ruth morou em Belo Horizonte por uns dez anos e voltou para Montes Claros em 1954 e, segundo ela, já devia haver televisão, mas ela via mesmo, aliás, ouvia, era as novelas de rádio, que eram a diversão de sua mãe, que morava com ela e morreu bem velhinha, aos 101 anos de idade. Para D. Ruth, as grandes mudanças mesmo começaram a ocorrer de pouco tempo para cá. Com a chegada do trem de ferro, a cidade de Montes Claros melhorou muito, mas, em termos de tecnologia, a mudança só veio a acontecer recentemente. Ela cita alguns exemplos para mostrar como as mudanças demoraram a acontecer: a fotografia, a máquina de escrever, os bancos, tudo isso é uma modernidade que D. Ruth diz só ter visto quando já era moça. Possui raríssimas fotografias de sua infância e nem mesmo da infância de seus filhos possui muitas, porque era muito difícil de conseguir, o fotógrafo tinha que ser chamado em casa, carregando todos os artefatos, que não eram poucos e o preço era exorbitante. De sua infância, ela diz ter uma fotografia de quando tinha 12 anos. Não havia máquina de escrever e ela só foi fazer um curso de datilografia aos 20 anos, quando adquiriu uma máquina de escrever. Serviços bancários também não existiam em Montes Claros. D. Ruth fala de um banco particular que havia na cidade quando ela tinha uns dezoito anos, mas não era um banco de movimento como se vê hoje. Os negócios eram feitos na base da palavra, que valia mais que qualquer documento. O maior centro comercial próximo a Montes Claros era a cidade de Diamantina e as necessidades das pessoas e o comércio em geral era realizado através dos viajantes, que eram chamados de cometas. Os cometas demoravam a chegar e, quando chegavam, era uma festa na cidade, pois traziam tecidos bonitos, perfumes, calçados e muitas novidades da capital. Instalavam-se na cidade por vários dias e muitos deles arranjavam namoradas e até se casavam em Montes Claros. Nessa época, na época da juventude de D. Ruth, Montes Claros devia ter, segundo ela, 1000 habitantes.

D. Ruth é uma mulher adaptada ao mundo de hoje. Ganhou um computador de seu filho aos 90 anos de idade e, contrariamente ao que ela pensou,

conseguiu aprender e atualmente digita as suas crônicas nele, entra na *internet*, possui *e-mail* e recebe correspondência até de países estrangeiros, de pessoas que leem suas crônicas. Sobre sua adaptação ao mundo moderno, D. Ruth diz:

Eu me adapto, né? Sou de acompanhar, porque é o jeito, senão vão dizer que sou careta, porque o mundo taí, estou vivendo, né? Porque tem gente que não gosta e se fecha em copas... Eu saio, passeio, frequento Academias de Letras, clubes, Amigas da Cultura, tudo, e vou a reuniões e gosto e participo. Todo mundo fala que sou uma velha moderna...

Em relação a algumas coisas da modernidade, D. Ruth diz não se adaptar. Uma delas é o serviço eletrônico dos bancos. Ela faz todos os serviços de bancos, mas gosta do atendimento pessoal, não usa os caixas eletrônicos. Diz ela:

[...] faço meus pagamentos, tiro dinheiro, ponho dinheiro, tudo sou eu que faço e acho isso uma facilidade, mas acontece que não sou dessa geração, não sou da geração coca-cola, não sou da geração do chiclete, nunca masquei um chiclete na minha vida, nunca tomei um copo de cerveja, vinho eu gosto, vinho eu tomo quando vou a uma festa, refrigerante só gosto de guaraná, não gosto de coca-cola, não é do meu tempo.

A relação com os jovens é um capítulo à parte na vida de D. Ruth. Como só foi fazer faculdade aos sessenta anos, diz ela que teve que se adequar à turma que era toda de jovens, ela era considerada a vovó da turma e as colegas tinha alguns receios com a presença dela, não fumavam em sua presença, tratavam-na com muita cerimônia, até que um dia ela disse: “*gente, não precisa cerimônia comigo não, que bobagem. Aí eu comecei a me entrosar, elas contavam piada, eu também contava, aí fiquei igual a elas, parecia da mesma idade.*” D. Ruth diz que ter sessenta anos naquela época era ser uma velha e que ela tinha muito medo de não conseguir acompanhar a turma, mas que se saiu muito bem. Essa questão da idade era muito diferente de hoje: “[...] *Naquele tempo, 30 anos era considerada velha; se com 20 anos a moça não casava, a gente dizia que caiu no barricão. Então, eu com 60 anos na faculdade, achava que era uma velha...*” Com os jovens, D. Ruth diz ter um diálogo tranquilo:

[...] Eu, hoje, procuro acompanhar as mudanças, mas acontece que sou de outra época. Com meus netos, sou bem moderna, conversamos sobre namoros, falo do meu tempo, eles acham tudo sem graça, os namoros defasados, ninguém tinha carro, era tudo no dedão. Ah! Hoje quem não tem

carro, não tem namorada, as moças querem é carro... Eu falo com eles que, naquele tempo, o namoro era bom demais, tinha muito romantismo, que hoje não tem, acabou.

Quanto aos casamentos, D. Ruth acredita que naquela época eles eram mais duradouros porque a mulher era preparada para obedecer ao marido, criar os filhos e ser dona de casa. Os maridos não ajudavam a mulher nos cuidados com a casa e com os filhos, tudo era delegado à mulher. De maneira geral, os casamentos duravam até que um dos dois morresse. Ela mesma viveu 37 anos com o marido até que ele teve um derrame e morreu. Ela diz que ele foi um marido excelente, mas enquanto os filhos eram pequenos, não ajudava em nada, nem mesmo gostava de pegar no colo. Diz ela:

Eu me lembro, quando tinha meus filhos e eles tinham qualquer enfermidade, uma febre, eu saía do quarto para meu marido dormir e passava a noite numa cadeira de balanço, para meu marido dormir tranquilo. Qual é a mulher que faz isso hoje? Hoje eu até acho os maridos modernos, eles ajudam mais, dão comidinha para os nenéns, trocam fralda, no meu tempo os maridos não brincavam com as crianças, eram circunspectos, meu marido só gostava depois que eles estavam maiorzinhos, enquanto eram bebês, não pegava de jeito nenhum, eu que tinha que fazer tudo, tinha que sair do quarto quando eles choravam.

Uma das filhas de D. Ruth se casou em 1960 e até o casamento nunca havia entrado no carro do namorado sozinha. Quando o namorado chegava aos domingos (eles só namoravam no domingo) para namorar, deixava o carro na porta e iam para o cinema a pé e acompanhados de uma irmã. Ela se diz até mais liberal, mas o marido era muito bravo, tinha muito ciúme dela e das filhas, não permitia nem que ela trabalhasse fora de casa, o que aconteceu somente 30 anos depois de ela formada. “[...] Ele dizia: pra que trabalhar? Você não vai ganhar quase nada, é melhor ficar em casa cuidando dos filhos.” Quando ela começou a trabalhar fora de casa (como professora), já tinha netos e a história desse primeiro trabalho D. Ruth relata assim:

[...] Ah! Deixa eu contar para você o negócio da escola: quando eu comecei a trabalhar, Heloísa Veloso e Vanda, que foram minhas colegas de magistério, estavam aposentando e eu começando, fui trabalhar velha, mas eu adorei. Isso aconteceu quando nos mudamos da rua Dr. Veloso para a Rua Santa Maria, no bairro Todos os Santos. Essa rua só tinha três casas, não tinha calçamento, quando a gente vinha passear na cidade, tinha que dormir na casa de minha mãe, porque não tinha luz, só tinha luz nas casas, na rua não tinha luz, não, isso em 1960. No bairro só tinha o orfanato e essa Rua Santa Maria só tinha os lotes sendo vendidos. Nós fomos morar lá

numa casa muito boa que foi de um português e era vizinho de Wilson Athayde, que era muito amigo de meu marido, por isso fomos para lá. Nessa época, abriu uma escola pertinho de minha casa, o Grupo Escolar Secundino Tavares, mas não tinha luz na rua, aí, minha cunhada, Dalma, que é casada com Raimundo Tupinambá, meu irmão, foi lá em casa e falou: 'Ô Ruth, você podia trabalhar, você sempre teve tanta vontade de trabalhar em escola, agora a escola está aqui, pertinho de sua casa, vamos trabalhar!' Eu disse que Armênio não deixava, mas aí ela pediu para ele, alegando que ia ser bom para mim, que eu estava muito nervosa com esse negócio das meninas estarem namorando, deixa ela trabalhar para se distrair. Aí ele disse: 'Tá bom! Então eu deixo, mas tem que ser à noite, porque, durante o dia, quando eu chegar em casa, eu quero que ela esteja aqui.' Falei: 'tá bom'! Vou trabalhar à noite, não tem problema, não. Aí comecei a trabalhar à noite lá no Secundino Tavares. Não tinha luz na escola não, a escola já tinha sido inaugurada há um mês e não tinha luz. A escola havia sido inaugurada na gestão do Dr. Pedro Santos e, só depois de seis meses, é que a luz foi colocada. Aí, meu menino, o caçula que é músico, o Armeninho, ia todo dia comigo pra escola e a gente levava uns maços de vela e colocava uma vela em cada carteira para os alunos enxergarem. Comecei a trabalhar assim...

Segundo D. Ruth, as mulheres, naquela época, eram muito podadas, quase tudo lhes era proibido. Para ela, foi uma luta estudar e fazer um curso superior. Escrever poesias, então, era um luxo quase proibido pelo ciúme do marido. Em seu relato, ela diz:

Foi duro para eu me formar. E quando comecei a escrever, ele, muito ciumento dizia: Ah! Isso você escreveu não foi para mim, não! Qualquer coisa que eu falava de amor, ele dizia que não era para ele, mas, na verdade, tinha muita poesia para nós. Se eu tinha inspiração e ia escrever à noite, ele ficava: Ruth! Ô Ruth! Vem dormir, você sabe que eu não durmo enquanto você não chega! Aí eu não falava que estava fazendo poesia, dizia que era trabalho da escola, porque isso ele sabia que eu precisava fazer. No final, eu nem mostrava mais as poesias para ele.

Ao falar do seu tempo de juventude e do tempo atual, D. Ruth faz uma análise do que sente:

[...] Apesar de tudo isso, de não ter transporte, comunicação, a cidade era abandonada, não tinha nada, mas a gente tinha uma vida tranquila, as famílias se comunicavam; era uma maravilha! Hoje, ninguém conhece ninguém, as pessoas não se visitam, ninguém vai ao apartamento de ninguém. Nesse ponto, aquele tempo era muito melhor, você podia dormir com as portas abertas, sair à noite, até quando não tinha luz, você podia sair acompanhada dos pais, ir num lugar ou outro, noite de lua a gente aproveitava para passear, visitar os parentes, não tinha essa violência que tem hoje, tem tudo do bom e do melhor, muita coisa, mas você não tem segurança, você não tem paz, todo mundo preocupado, todo mundo com medo, morrendo gente inocente que não tem nada a ver, criança, moça, morrendo injustamente, isso eu acho horrível, porque eu não fui criada nessa época, eu fui criada num tempo de sossego e paz, em que podia sair sem problema.

Apesar do aparente pessimismo com os tempos modernos, D. Ruth também vê coisas boas na modernidade: “[...] *Algumas coisas melhoraram, é claro, a comunicação, por exemplo, eu posso falar com meus filhos lá no Rio a hora que eu quiser; antes, uma carta quando chegava, a notícia já nem existia mais, chegava sempre atrasada.*”

Dona Ruth acredita que se adaptou muito bem às mudanças vindas com a modernidade, porque sempre gostou dos jovens, “... *meus filhos adoram conversar comigo, eles sempre dizem que devem a mim a educação que eles têm.*” E hoje, aos 96 anos, Dona Ruth está atenta com as novidades do mundo moderno, embora com ressalvas a determinados desdobramentos desta modernidade.

Foto 13 – D. Ruth. Ano: 2011



Fonte: <<http://montesclaros.com/mural/cronistas.asp?cronista=Ruth%20Tupinamb%E1>>. Acesso em: 12 set. 2012

2.2.2 “Era chique você estar no clube com um cigarro na boca”

Professora aposentada da Universidade Estadual de Montes Claros, Cibele (como gosta de ser chamada), nasceu em Brasília de Minas, cidade próxima a Montes Claros, em 1935. De família tradicional, ainda criança veio para Montes Claros para estudar e, desde então, vive nessa cidade.

[...] Vim para Montes Claros para estudar, internas, no Colégio Imaculada Conceição. Éramos três irmãs e todas estudávamos lá. Quando chegávamos ao ginásio, tínhamos que sair de Brasília de Minas para estudar. Muitas famílias até mudavam para Montes Claros, foi o que aconteceu com a minha.

A infância, passada inicialmente em Brasília de Minas, traz boas recordações a Cibeles. Para ela, a relação familiar era muito diferente do que é hoje, porque, como não havia muito o que fazer dentro de casa, a diversão se dava na rua, onde o convívio com as pessoas, com os vizinhos era muito bom. Havia uma vida em família muito intensa, pois, contrariamente ao que é hoje, não havia diversão nem prazer isolados, tudo era feito em comunidade, não só com a própria família, como com os grupos mais próximos. Em sua entrevista, Cibeles diz:

[...] A rua que a gente morava era muito grande, muito boa, em dias de lua cheia a gente brincava na rua de corre-corre, de anelzinho, brincava de esconde-esconde e de tantas outras brincadeiras de rua. Inventava brincar de circo, porque não tinha muito o que inventar, não tínhamos luz, a luz só chegou em Brasília em 1949, quando eu já era quase uma pré-adolescente, foi quando começamos a ouvir novelas pelo rádio e viver intensamente as histórias.

Cibeles lembra que a primeira novela que ela ouviu foi 'O Direito de Nascer' e ela tem vívidos na lembrança as cenas e os personagens. Como a sua família tinha uma boa condição financeira, eles possuíam rádio e, quando chegava o momento da novela, toda a vizinhança ia para a sua casa e ali, em uma sala muito grande, todos se sentavam ao redor do rádio para ouvir e se emocionar com o drama dos personagens. Ela ainda se lembra que uma das vizinhas tinha ódio dos personagens que faziam o papel de vilões e brigava, xingava, batia a mão na mesa, queria até quebrar o rádio de tanta raiva que sentia. Era tudo muito real.

Foto 14 – Cibeles (1959)



Fonte: Arquivo da entrevistada

Quando chegou a hora de ir estudar na cidade grande, as duas irmãs mais velhas foram primeiro e ela, terceira numa sequência de dez irmãos, foi logo em seguida. Chegando a Montes Claros, foram estudar internas em um colégio de freiras. Assim Cibele descreve esse período de sua vida:

[...] Tudo era muito olhado e vigiado, não podíamos usar um batom que as irmãs não deixavam, para sair do Colégio só acompanhada de uma das freiras, tinha o dia certo de receber visitas, porque a gente tinha parentes aqui em Montes Claros e então tinha os dias certos para receber visitas e tinha outros dias em que a gente podia passar um domingo fora. Quando minha mãe e meu pai vinham aqui, a gente tinha aquela liberdade de passar uns dias com eles no hotel ou na casa de algum parente onde eles estavam hospedados.

Apesar de toda essa rigidez, as lembranças de Cibele são boas. A vida era tranquila, porém, cheia de preconceitos. Ela recorda que muitas colegas tinham medo até de beijar, porque achavam que iam ficar grávidas, *“veja em que mundo a gente vivia naquela época, cinquenta, sessenta anos atrás”*. Cibele diz que a educação era tão rigorosa que as moças acabavam se policiando e os namoros eram cheios de temores, porque a educação religiosa não permitia que tivessem liberdade e nem expressões de prazer, havia um medo enorme do pecado, coisa que na visão dela já não existe hoje. As moças eram preparadas para serem boas donas de casas e boas mães. Quando fala dessa educação rígida que teve, Cibele lembra que com a mãe dela foi muito pior: *“[...] ela estudou em Diamantina, naquela época ser interna no Colégio de Diamantina, Nossa Senhora! A pessoa tinha que vestir camisolão para tomar banho, não podia ver o próprio corpo, tinham os camisolões próprios.”* Com toda a rigidez em que foi criada, a mãe de Cibele reproduziu com as filhas uma educação rígida, porém, sem exageros, o pai dava à mãe a liberdade de educar as filhas, que eram três adolescentes, a quarta irmã só veio depois que Cibele estava com oito anos; entre as duas primeiras e ela a diferença de idade era de apenas um ano, a partir do quarto filho até o sexto, a diferença foi de dois anos e só então nasceu a sétima filha, quarta mulher na sucessão de dez filhos. Depois dessa irmã, ainda nasceram mais três filhos.

Ao falar dessa irmã que nasceu quando ela tinha oito anos, Cibele se lembra da dificuldade que a mãe passou:

Essa minha irmã foi a primeira cesariana realizada aqui em Montes Claros. A gente ainda morava em Brasília de Minas, em 1943, ano em que ela nasceu. Minha mãe estava no 7º mês de gravidez, entrando no 8º e teve uma hemorragia muito forte; lá não tinha hospital, não tinha recurso, o médico, muito nosso amigo, inclusive casado com uma sobrinha de minha mãe e de meu pai (eram duas irmãs casadas com dois irmãos), quis trazer minha mãe urgente aqui para Montes Claros.

Ao lembrar esse fato, Cibeles relata as condições em que a mãe veio: uma estrada de terra, uma distância que, apesar dos menos de cem quilômetros, parecia não ter fim. Ela conta que uma tia que acompanhava a mãe trouxe até uma vela na bolsa, pois não acreditava que a irmã chegasse viva. Chegando a Montes Claros, foram para o Hospital Santa Terezinha, que, na época, era considerado um bom hospital, bem estruturado, porém, os médicos nunca haviam feito uma cesariana, mas tinham o conhecimento e sabiam os procedimentos necessários para essa cirurgia. Nesse momento, Cibeles fala sobre como a medicina evoluiu:

[...] a gente sente como tudo evoluiu, como a medicina evoluiu, como as coisas não são tão sofridas como naquela época. Eu me lembro, eu tinha oito anos, mas me lembro como sofri com esse problema de minha mãe, com medo de perder minha irmãzinha que ia nascer, aliás, a gente nem sabia se era menino ou menina, porque não tinha ultrassom, tudo era surpresa. Mas tudo correu bem e minha mãe permaneceu em Montes Claros ainda por dois meses, porque a menina nasceu antes do tempo e era preciso esperar ela ficar mais forte e então voltar para Brasília.

Quando a família de Cibeles mudou para Montes Claros foi, segundo ela, muito gratificante. Montes Claros, em relação a Brasília de Minas, já era um grande centro. Na opinião de Cibeles, a convivência com as pessoas numa cidade maior era bem diferente, o meio era mais evoluído, as pessoas mais esclarecidas, com um nível intelectual mais elevado,

... lá em Brasília também havia intelectuais, lógico, mas aqui em Montes Claros aparecia mais, porque havia eventos, apesar de ser ainda uma cidade de interior, já possuía alguns lugares como o Clube Montes Claros, que era onde a sociedade se reunia para as festas e tinha a Praça de Esportes que nós, adolescentes, frequentávamos.

Os pais de Cibeles trabalhavam em áreas bem distintas, ele agrimensor prático, uma função muito requisitada, para fazer divisões de terra, o que fazia com

que viajasse muito e a mãe professora. Quando mudaram de Brasília de Minas para Montes Claros, sua mãe conseguiu uma permuta e pôde continuar o seu trabalho. Cibeles lembra que a mãe sempre trabalhou até se aposentar em Montes Claros, no Grupo Escolar Francisco Sá. Cibeles diz que a mãe sempre foi uma mulher moderna, à frente de seu tempo.

Quando a família de Cibeles se mudou para Montes Claros, a cidade já tinha luz, mas, segundo ela, era uma luz bem fraquinha e qualquer trovão o motor pifava e a luz ia embora, porém, essa situação de precariedade logo foi se modificando, vieram os interesses, os mandantes, os governantes começaram a se preocupar e a cidade foi melhorando cada vez mais; o asfalto começou a surgir em algumas ruas “[...] quando nos mudamos para cá, no ano de 1952, a gente morou numa casa, ali na Rua Afonso Pena, que ainda não era calçada, era poeira pura, uma terra vermelha, horrorosa, mas logo depois foi asfaltada. A gente foi acompanhando essa evolução.” Cibeles relata ainda que uma coisa muito boa com que Montes Claros contava e *Brasilinha* não tinha era o cinema.

Foto 15 – Cibeles, em 1998



Fonte: Arquivo da entrevistada

Cibeles diz que, por não ter se casado (opção dela), conviveu muito com os sobrinhos, ajudou os irmãos e tinha com todos uma convivência muito boa e,

assim, pôde acompanhar a evolução dos tempos e as mudanças em relação à tecnologia.

[...] Nessa época, na nossa casa tinha geladeira, som, e a televisão, quando chegou a Montes Claros, nossa casa deve ter sido uma das primeiras a instalar um aparelho de TV. Foi na década de 1960 que chegou a televisão aqui em Montes Claros e eu sei que, assim que chegou, meu pai logo comprou. Ele tinha uma preocupação muito grande em que a gente tivesse o conforto necessário em casa.

Segundo Cibeles, as mudanças foram chegando e as pessoas acompanhando e se acostumando a elas, porém, havia algumas coisas que a assustavam. No relato da professora:

[...] Por exemplo, uma sobrinha minha, no início da década de 1990, casou-se grávida. Olha, tive um grande aborrecimento com isso, eu sofri muito devido à educação rígida que tinha recebido, principalmente no Colégio de freiras. Achava um absurdo acontecer uma coisa dessas, sempre achei que uma gravidez tinha que ser responsável, com o marido próximo para acompanhar. Achava que era uma vergonha alguém da família engravidar nessas condições. Depois as coisas foram se acomodando, essa minha sobrinha se casou com o pai da criança e se deram muito bem, mas foi difícil para a família aceitar.

Cibeles conta que, depois, ela própria ficou se questionando o porquê de ela ter ficado tão chateada com esse fato, já que, naquela época, já era comum moças se casarem grávidas. Hoje, diz ela que continua achando que isso não deve acontecer, mas que já não se assusta tanto. Diz que continua não achando naturalidade nesses fatos, mas que as pessoas se acostumam a conviver com eles. A convivência com a juventude fez com que Cibeles fosse se adaptando aos novos costumes. Diz ela:

Mesmo com a minha idade, estou com 75 anos, eu encaro a juventude com certa tranquilidade, nada me assusta, é um fulano que está lidando com drogas? Vamos ver o que pode ser feito. Na época da minha juventude em Brasilinha, nunca tinha ouvido falar em droga, nunca. A droga que a gente conhecia, na época, era o cigarro, que era normal, todo mundo fumava, eu mesma fumei durante anos, mas a droga mesmo para prejudicar, como a gente vê hoje, sinceramente, graças a Deus, nunca existiu em minha família. Tive um irmão alcoólatra, que, inclusive, morreu em consequência de uma cirrose, ele chegou a fazer um transplante de fígado, mas viveu o tempo que os médicos achavam que ia viver. Então, eram essas as drogas que a gente conhecia: o cigarro e a bebida.

Em 1957, aconteceu o centenário da cidade de Montes Claros e Cibeles diz que houve uma semana de festejos. Eram belíssimas festas, *“de vestidos longos, de muita toalete, de cabelos arrumados, era chique você estar no clube com um cigarro na boca.”* Cibeles diz que fumava porque gostava e também porque achava chique e diz ainda que sua mãe adorava que ela fumasse, *“[...] ela dizia assim: ‘se eu fosse mais nova, eu ia fumar também, porque é tão bonito ver uma mulher fumando’.”* Para Cibeles, essa admiração por mulheres que fumam seria efeito da televisão, do cinema, das atrizes de Hollywood, que influenciavam os jovens em geral.

Foto 16 - Centenário de Montes Claros - festa a que Cibeles se refere (1957)



Fonte: <www.casadaimprensa.com.br>

Cibeles fez dois cursos, o Magistério e o de Contabilidade, pois, inicialmente, não queria lecionar, o que era mais comum entre as moças. Formando-se em Contabilidade, chegou a trabalhar num escritório muito conceituado na época, que era o escritório da Cooperativa Agropecuária de Montes Claros e onde era distinto trabalhar. Mas a experiência não agradou em nada Cibeles, que detestou esse tipo de trabalho e ela então partiu para dar aulas. Assim, a professora conta essa passagem da sua vida:

[...] Como minha mãe trabalhava no Grupo Escolar Francisco Sá, era muito amiga da diretora, D. Helena Prates, que já era amiga da família e a gente tinha parentes também casados com os Prates. Dr. Alfeu era médico da minha mãe e amigo do meu pai, na época que minha mãe fez a cesariana, ele era um dos médicos do Hospital Santa Terezinha, então foi fácil achar um lugar para eu dar aula. D. Helena me acolheu muito bem e também não havia essa concorrência louca, as moças formavam mais para ter a formação de dona de casa e mãe de família. Quantas colegas minhas que

se formaram e nunca trabalharam fora? Outra coisa interessante é que os professores tinha uma formação de alto nível, tanto intelectual quanto moral; dentre os professores havia muitos formados em outras áreas como, por exemplo, médicos.

Essa formação intelectual e moral, segundo Cibeles, se deviam à sabedoria dos educadores e às leituras, que eram muitas. *“Eu sempre li muito. Na minha adolescência, eu li Machado de Assis, como dizem, ‘de fio a pavio’; eu nem tinha vindo ainda para o Colégio Imaculada e já havia lido Machado de Assis.”* Quando era criança, ainda em *Brasilinha*, Cibeles tinha uma espécie de clube do livro que funcionava da seguinte maneira: o pai dela, quando ia a Montes Claros, comprava-lhe livros que ela lia e, depois, trocava com os amigos que também gostavam de ler e, assim, todos liam muitos livros e isso se repetia sempre. Sobre a importância da leitura, Cibeles diz:

Hoje a leitura foi completamente substituída pela televisão e pela internet. Olha, eu acho isso um desperdício, é uma perda de tempo, lógico que acho o lazer muito importante e a televisão dá a você essa condição de ouvir e ver, a leitura também é um lazer, mas é muito particular, porque você põe a imaginação para funcionar e a TV não, alguém põe a imaginação lá e você só acompanha, mas eu acho um desperdício a pessoa ficar só voltada para a TV e esquecer que tem os bons livros, a boa literatura.

Cibeles faz uma crítica principalmente aos programas de fofoca que existem na televisão, programas que não acrescentam nada à evolução da pessoa, principalmente do adolescente em processo de formação. Quanto à internet, ela diz que oferece muitas coisas boas, muito conhecimento se a pessoa quiser, mas existe também uma infinidade de coisas ruins que, infelizmente, os jovens parecem preferir, *“[...] esses ‘orkut’, eu não gosto, eu acho que as coisas deviam ser levadas por um lado mais saudável, para um lado mais sadio e de uma boa formação religiosa, porque não importa que religião você tenha, mas a boa formação é uma condição de vida.”* Cibeles acredita ainda que muitas coisas ruins que acontecem hoje em dia se devem à falta de Deus na vida das pessoas. Quando ela era estudante, religião era uma disciplina obrigatória nas escolas, só que, com uma reforma que houve, acharam que tinha que ter professores de outras religiões, já que, até então, só a Igreja Católica Apostólica Romana tinha a primazia, mas, segundo Cibeles, essa mudança não foi para a frente, pois os alunos que não eram católicos se achavam no direito de não participar de aula nenhuma de religião, aí,

tudo foi se perdendo e acabaram retirando as aulas de religião do currículo. Nessa época, Cibeles já lecionava e diz o seguinte:

O que eu acho, hoje, da época em que eu comecei a dar aula e dei aula até 2005, é que os valores morais foram mudando pela falta de uma rigidez maior no ensino; eu não digo só a religião, mas nós tínhamos aulas de boas maneiras, de como se comportar, de como se sentar numa mesa, como entrar e sair de um local, a gente era orientada para tudo isso. Acabou! Hoje o pessoal só se preocupa em dar aulas de português e matemática, ciência e geografia etc. Por isso é que a gente está vendo o desrespeito, aluno batendo em professores, fazendo os maiores desaforos, essa violência toda é porque está faltando uma formação moral nas escolas e isso não começa nas escolas, nas universidades, pois as pessoas já chegam com a cabeça formada, isso começa nas famílias e à escola cabe dar continuidade à educação que começa em casa, porém, os pais não estão dando conta porque, para sobreviver, hoje todo mundo tem que trabalhar.

Na opinião de Cibeles, mesmo as pessoas que têm uma profissão rentável, a mulher acaba tendo que trabalhar fora para ajudar o marido, porque tudo ficou muito complicado e difícil e os filhos ficam mais abandonados.

Em relação ao conforto oferecido pela tecnologia, pelos aparelhos eletrodomésticos, Cibeles não acha que tenha sido algo tão espantoso, já que ela foi acompanhando essa evolução pouco a pouco. Diz ela:

Eu me lembro quando entrou a primeira geladeira em minha casa, porque eu vivi a época sem luz (energia) e a época com luz. O rádio, eu já nasci com ele, houve uma época em que meu pai, que trabalhava com agrimensura, mas tinha um bar e sempre ficava alguém tomando conta dele e esse bar ficava embaixo da casa onde a gente morava, lá em Brasilinha, e me lembro que nesse bar já tinha um rádio. Então a gente cresceu convivendo com o rádio. A televisão foi assim, aquela alegria, aquela felicidade, ter uma televisão em casa, porque a gente tinha a maior curiosidade para ver televisão, porque a propaganda era muito forte, o apelo era muito grande, então você fica doido para ter, mas, de certa forma, as coisas foram acontecendo aos poucos e, como a gente já tinha aquela expectativa que ia ter, eu acho que, quando a pessoa não espera e aquilo vem para dentro de sua casa, é uma emoção, mas quando você sabe que vai ter aquilo, então é mais tranquilo, a gente encara com mais naturalidade, mas que a modernidade é muito boa, isso é!

Cibeles encara a modernidade como uma coisa muito boa em termos de conforto, de tecnologia, de como a vida das pessoas melhorou, porém, para ela, essa mesma modernidade que tanto modificou o jeito das pessoas viverem, também modificou os comportamentos e nem sempre para melhor. Ela cita, como exemplo, o casamento que hoje é visto de forma bastante irresponsável pelos jovens, “vamos casar, se não der certo a gente separa”, é assim que a juventude pensa hoje,

segundo Cibele, que acredita que o juramento feito na igreja “até que a morte os separe” deveria ser levado mais a sério. Sobre isso, diz a professora:

Naquele tempo era difícilimo, eu não me lembro de nenhum casal em Brasília de Minas, com que convivi na minha infância e adolescência, que tenha separado. Não me lembro! Meu Deus do Céu! Hoje em dia o povo já casa pensando em separar. Casam-se, daí a dois, três meses já estão pensando em separar. Então eu acho que é mais uma falta de consciência de levar a coisa a sério, de um compromisso sério, porque até na profissão, quando você entra, se você optou por ser professora, você tem que levar a sério sua opção de vida, porque é muita responsabilidade você liderar um grupo de 30, 40 alunos numa sala de aula, dando um bom exemplo, pois eu ainda sou dessas que acreditam que o professor é um esteio para o aluno e este se mira muito no exemplo dos seus professores, na conduta deles.

Falando em casamento, Cibele começa a fazer alusão ao consumo que, em sua opinião, tem desestruturado até relacionamentos. “As pessoas não podem ver nada que querem comprar.” Isso tanto vale para as coisas como para as pessoas, “... *as coisas são super descartáveis e até as pessoas estão se tornando descartáveis, até o namorado é descartável, ‘não quero mais, você vai procurar outra, que já estou encontrando outro na minha vida’.*” Se as **pessoas** estão se tornando descartáveis, as **coisas** nem se fala! Segundo o relato da professora, quando ela era adolescente, nem havia essa moda de roupa pronta, geralmente, as filhas iam às lojas com as mães, compravam os tecidos e mandavam confeccionar nas costureiras. Para ela, era tão natural que a mãe opinasse e desse a palavra final, que não havia nenhuma revolta e, quanto aos vestidos do dia-a-dia, a mãe escolhia a fazenda e chegava em casa com tudo comprado para fazer os vestidos. Vestido chique? Só mesmo em ocasião de festas. Para Cibele, o apelo é realmente muito grande hoje em dia:

Hoje em dia, a compulsão é tão violenta que as pessoas, às vezes, compram sem nenhuma necessidade, já têm 10 pares de sapatos, mas viu um que gostou e não aguenta, tem que comprar 13, 20, 200. É o apelo! O apelo é grande demais, leva uma pessoa a ficar alucinada. Eu vejo! Eu, com essa idade toda, me sinto consumista, principalmente quando a coisa é bonita. Eu adoro coisa bonita! É um brinco, um colar, fico apaixonada! Então, você imagina esse pessoal juvenzinho, o apelo é grande demais, querem comprar mesmo!

Nessa história do consumo exacerbado, Cibele vê a televisão como um dos principais responsáveis, os exemplos passados pelas novelas, as propagandas que a televisão veicula são muito devastadores na vida dos jovens, não apenas em

relação ao consumo, mas, e principalmente, em relação ao comportamento. Para ela, “... essas meninas adolescentes assistirem a esse exagero na televisão, de sexo, de homossexualidade, levando tudo com muita naturalidade”, é uma coisa muito ruim. E ela se diz radical nessas coisas,

... eu sou muito conservadora! Eu não aceito isso não! Muitas pessoas pensam que é preconceito, mas não é, eu não digo que não aceito a pessoa e nem vou censurar um colega homossexual, nunca, mas, para entrar aqui dentro de mim e aceitar com tranquilidade, não aceito, não, embora respeite!

Ser mulher naquela época era praticamente não ter chance de evoluir. Cibeles diz que a mãe dela sempre trabalhou fora, mas que isso não era uma prática comum, segundo ela, as mulheres eram, em sua maioria, domésticas, viviam para servir ao marido e aos filhos. Assim ela descreve a situação das mulheres:

[...] Às vezes, tinham até vontade de trabalhar, mas os maridos não deixavam, porque, naquela época, os maridos eram muito de cercear a liberdade da mulher, eles tinham medo, apesar de que quase todos eram coronéis, tinham a esposa, mas tinham outra e mais outra e mais outra... Agora, isso eu não vi na minha família, felizmente, isso não aconteceu na minha família, uma situação assim, mas a gente sabia que tinha até mesmo com pessoas conhecidas da gente.

Com todas as mudanças ocorridas ao longo dos tempos, Cibeles acredita que as coisas hoje são melhores que antigamente, as facilidades são muitas, as pessoas têm condições de comprar, como por exemplo, a crédito, coisa que, segundo ela, não existia, principalmente para os menos favorecidos que, se desejassem ter uma coisa, tinham que ter o dinheiro. De algumas coisas, Cibeles tem saudade e diz:

[...] Então os brinquedos vão ficando para lá, porque o que existe de eletrônico e que chama a atenção da criança é muito forte, são coisas que agradam! Na minha rua, lá em Brasilinha, nós éramos uns 30, 40, na mesma faixa de idade, pode-se dizer, diferença de um, dois anos, brincando de roda na rua, brincando de anelzinho, de esconde-esconde, de pula corda, cadê que você vê isso mais? Não vê! Então dessas coisas eu tenho saudade e lamento porque não vejo as crianças de hoje terem por costume essas brincadeiras que são tão boas e tão saudáveis. Disso eu tenho saudade!

As coisas da modernidade, a tecnologia, segundo a professora, vieram para facilitar a vida das pessoas. “Eu não considero as coisas da modernidade ruins,

as pessoas é que fazem mau uso dessas coisas, mas eu acho que só ajudaram a sociedade.” Para Cibeles, é muito tranquilo o uso das inovações da modernidade, no banco ela resolve tudo que precisa nos caixas eletrônicos, usa o computador, tem seu e-mail, mas ela acrescenta que só começou a fazer uso dessas tecnologias depois que se aposentou. Assim, ela descreve esse momento de sua vida:

[...] Só fui comprar meu notebook depois que me aposentei. Tive umas aulas com um rapaz que foi lá em casa, me ensinou e eu deslanchei. Veja você como o povo está sabido hoje em dia, tem umas moças que moram comigo e elas sabem mexer mais com o computador do que eu, elas entendem muito mais de celular, às vezes, quando tenho uma dúvida, elas é que me ajudam. O povo está vivenciando isso, essas meninas que moram comigo vieram da roça, foram criadas pela avó lá na roça e hoje sabem tudo, estão estudando e uma já está se formando no magistério. Essa modernidade trouxe muitos benefícios, principalmente para as pessoas mais humildes que não tinham oportunidades. Todo mundo hoje tem um celular: o carroceiro, o pedreiro, a doméstica, todos têm seu celular, às vezes, pessoas que não têm nem o curso primário, todos têm seu celular e sabem lidar com ele.

Para Cibeles, as pessoas das classes sociais mais favorecidas sempre tiveram maiores chances de progredir na vida, porém, os menos favorecidos só agora estão tendo oportunidade e isso foi a modernidade que trouxe. Então, conclui Cibeles, *“... como essa modernidade não veio para contribuir, e muito, com a humanidade?”*

2.2.3 “Oh gente, antes o computador ocupava uma sala, hoje é uma coisinha assim”

Professor Joaquim é um mestre da Filosofia. Até hoje, aos 82 anos de idade, leciona essa disciplina num curso de Teologia. Nascido em Belém do Pará, veio para Montes Claros em 1959, onde se casou com D. Ivete, teve dois filhos e consolidou toda sua vida profissional. É professor aposentado, trabalhou em diversas instituições de ensino, inclusive na Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Em suas conversas, ele sempre gosta de contar que conheceu Montes Claros em 1956, através de Dom José Alves Trindade, então Bispo Diocesano da cidade. Assim ele descreve essa parte de sua vida:

Eu sempre conto que cheguei aqui em Montes Claros com D. José, em outubro de 1956. Eu morava no Rio de Janeiro e trabalhava na capela do Hospital do Exército, com Irmã Gabriela, prima de D. José. A Irmã Gabriela era uma pessoa de muito prestígio! Para você ter uma ideia, um dia nós fomos ao Ministério da Guerra, o Ministro a viu de longe e, no outro dia, bem cedinho, ele foi, pessoalmente, ao Hospital para saber o que a Irmã Gabriela tinha ido fazer no Ministério e do que ela estava precisando. No mês de janeiro de 1957, a Irmã Gabriela sofreu uma queda e acabou falecendo.

Foto 17 – Irmã Gabriela (1949)



Fonte: Acervo do entrevistado

Ao falar do falecimento da Irmã Gabriela, o professor Joaquim lembra a dificuldade que foi conseguir comunicação com Dom José aqui em Montes Claros para notificá-lo do fato. Segundo o professor, era muito difícil o contato telefônico, pois só as grandes empresas e os órgãos públicos possuíam sistema de telefonia, “... só fui conseguir através das Forças Armadas que possuíam um sistema, uma espécie de telefonia, então eu liguei do Hospital Central do Exército para a Central do Brasil aqui em Montes Claros e pedi para darem o recado a Dom José.” Professor Joaquim ainda lembra que a FAB mandou um avião a Montes Claros para buscar Dom José. Essa história o professor conta para falar de como foi que ele passou a ter ligação com Montes Claros, cidade que vinha sempre em férias a convite de Dom José e que só veio definitivamente quando a mãe, que morava com ele no Rio de

janeiro, morreu. “Eu tive aquela semana chamada ‘nojo’ e vim para Montes Claros e comecei a dar aula na Escola Normal, depois me casei e por aqui fiquei.”

Foto 18 - Casamento do Prof. Joaquim com D. Ivete (1959)



Fonte: Acervo do entrevistado

Foto 19 - Prof. Joaquim, D. Ivete e Dom José Alves (1959)



Fonte: Acervo do entrevistado

Foto 20 - Bodas de Ouro, ao lado dos filhos (2009)



Fonte: Acervo do entrevistado

Ao falar dos tempos atuais, a primeira coisa a que o professor Joaquim se refere é ao computador; ele diz que sempre fala para os seus alunos: “Ó gente, antes o computador ocupava uma sala, hoje é uma ‘coisinha assim’.” O professor

Joaquim sempre esteve concatenado com as novidades e, sempre que possível, procurava se atualizar. Ele conta que, certa vez, foi a Friburgo para fazer um curso e que o colégio de lá era bem diferente dos que ele trabalhava aqui em Montes Claros, *“... eu fiquei lá um mês, eles usavam muitos equipamentos e, quando voltei de lá, passei a utilizar o retro projetor, que, naquela época, já era uma tecnologia avançada e eu sempre quis estar atualizado, trazendo as novidades para a minha sala de aula”*. Um dos problemas que o professor acredita que o computador e a internet trouxeram para os professores é a questão da monografia. Ele conta que um colega foi fazer um curso em Batatais e que, quando ele foi lá se matricular, na saída, várias pessoas já o procuraram oferecendo a monografia, o trabalho já estava pronto e ele nem tinha começado o curso. Esse é o problema mais sério que os professores enfrentam: os alunos não pesquisam mais, buscam tudo na internet e, muitas vezes, não se dão nem ao trabalho de ler o que encontraram, enfatiza o professor Joaquim. Outra cidade onde o professor diz ter ido fazer cursos foi Águas de Lindóia, em São Paulo, onde também existiam muitas modernidades tecnológicas a serviço dos educadores. O professor Joaquim se diz um estudioso,

[...] até depois que me aposentei, pela compulsória, fui a Brasília fazer um curso de filosofia para crianças e jovens, na UNB. Agora é que estou sem usar o computador, mas já usei muito, tanto computador quanto impressora, isso bem antes de eu me aposentar, há uns 15 anos atrás.

Foto 21 – Professor Joaquim, da UNIMONTES (1989)



Fonte: Acervo do entrevistado

Foto 22 – Sendo homenageado pela Universidade (2000)



Fonte: Acervo do entrevistado

Uma coisa que o professor Joaquim admira é o fato de como a modernidade e as tecnologias chegaram à Igreja. Ele diz que, antes, as missas só

podiam ser celebradas de 6 horas da manhã até o meio dia e *hoje “... tem missa na televisão, tem a Rede Vida e tantas outras, quer dizer, a modernidade chegou à Igreja, os recursos tecnológicos estão sendo usados também na Igreja”*.

Saber usar a tecnologia é a grande questão. Para o professor,

O homem é um animal que vai progredindo, utilizando recursos tecnológicos para melhorar sua vida. Hoje se fala muito em nanotecnologia; nano vem de pequeno, quer dizer coisinha de nada, é assim que estão os aparelhos, antes um computador que ocupava uma sala, hoje virou uma coisinha de nada. Os aparelhos novos são desse tamanho, a tecnologia tem que ser usada em benefício desse homem. Saber usar a tecnologia é a grande questão. Até em relação à vida, antes o homem vivia bem menos, hoje vive mais e em melhores condições. Vivendo mais, o homem tem que saber usufruir dessa tecnologia, ninguém pode se excluir, senão corre o risco de ser acometido por doenças como o mal de Alzheimer.

Ao recordar a sua infância, o professor Joaquim lembra que, em Belém do Pará, cidade onde nasceu em 1929, os recursos tecnológicos eram bem mais evoluídos que aqui no Norte de Minas, isso em função da ligação que a cidade tinha com a Europa, principalmente com Portugal. Ele lembra que havia uma empresa de navegação chamada *Butsline* e essa empresa tinha uns navios que saíam da Inglaterra, passavam em Lisboa e vinham direto para Belém, de Belém iam para Recife e de Recife voltavam e *“isso facilitava muito as coisas e a vida das pessoas”*, diz o professor. “O meu Padrinho de Crisma era farmacêutico, mas estudou em Paris, porque era relativamente mais fácil ir de Belém para a Europa do que para o Rio de Janeiro”. Naquela época, segundo o professor, o dinheiro brasileiro valia mais que o dinheiro português, então acontecia o seguinte: *“... meus pais moravam numa casa que pertencia a um português e, quando vencia o aluguel, meu pai ia lá pagar e os donos pegavam o dinheiro e mandavam para Portugal”*.

Foto 23 – Prof. Joaquim, criança, no Pará (1935)



Fonte: Acervo do entrevistado

Foto 24 – Prof. Joaquim com os pais (1948)



Fonte: Acervo do entrevistado

Uma coisa que o professor Joaquim diz lembrar-se bem é da casa onde viveu os primeiros anos de sua infância:

[...] Era mais ou menos assim, você entrava, tinha uma espécie de um corredor, depois tinha uma sala de visitas, depois você continuava por outro corredor e mais adiante tinha a alcova, onde geralmente morava o casal; depois tinha uma sala de refeições e depois os quartos, lá na casa onde eu morava, onde eu me entendi por gente, tinha lá no fundo uma espécie de depósito, a cozinha e depois o banheiro, naquela época não tinha esse negócio de banheiro dentro do quarto, a suíte, não existia isso não. Ah! O banheiro e a privada eram separados.

Foto 25 - Dia da 1ª comunhão (1937)



Fonte: Acervo do entrevistado

Foto 26 - Passeando nas ruas de Belém com o pai (1933)



Fonte: Acervo do entrevistado

Foto 27 - Com a mãe, já rapaz (1946)



Fonte: Acervo do entrevistado

Na casa do professor Joaquim, não tinha geladeira, mas ele diz que a mãe comprou um móvel onde ela punha uma caixa, espécie de caixa de isopor, comprava gelo e colocava nessa caixa e, ali, ela guardava as carnes e tudo que fosse necessário ser resfriado. Televisão, eles não tinham, o que tinham era um rádio e as formas de se divertir eram bastante diferentes das de hoje. Ele lembra que o pai sempre ia numa praça e o levava com ele e ali ficava batendo papo com os amigos e essa era uma das diversões, conversar com os amigos, além do rádio. Dona Ivete, esposa do professor, participa da conversa e diz que, em São Romão, cidade do Norte de Minas em que ela nasceu, a diversão era realmente sentar na porta da rua e conversar com os vizinhos. O que não faltava, segundo o professor, era interação entre as pessoas, coisa que na opinião dele está faltando hoje em dia.

Outra diversão em Belém do Pará era o bonde. Assim o professor Joaquim descreve essa sua lembrança:

Na principal rua, que se chamava 15 de Agosto, e depois passou a se chamar Presidente Vargas, circulavam os bondes. Mamãe, na época da festa de Nossa Senhora de Nazaré, que durava e ainda dura 15 dias, pegava o bonde e ia para a basílica de Nossa Senhora, depois tomava o bonde e voltava, então isso era uma diversão. A última vez que fui lá, já não

tinha mais o bonde. O que aconteceu é que a empresa que administrava os bondes, a Companhia Elétrica 'Eletric' trouxe os bondes de Portugal durante a guerra e, depois que a guerra acabou, eles levaram os bondes de volta. Outra coisa, quando eu era criança, já havia luz elétrica em Belém.

O professor Joaquim recorda ainda de duas viagens que ele fez de Belém para o Rio de Janeiro, nos navios chamados 'Itas'. Uma dessas viagens é narrada por ele:

Uma viagem que fiz do Rio para Belém durou 15 dias. O navio em que fiz essa viagem foi um navio que sobrou da guerra e o Brasil ficou com ele. Essa viagem demorou muito porque esse navio era cargueiro. Ele saiu do Rio, parou no Espírito Santo, em Vitória e lá eu fui fazer uma visita à Penha, depois de Vitória ele foi para Salvador, depois foi para Recife e lá em Recife eu fui até Olinda, depois ele foi para São Luís. As viagens dos 'Itas' duravam, normalmente, uma semana, mas essa durou 15 dias, porque em cada porto parava para carregar.

Passear no Porto era outra diversão, “... meu pai gostava muito de ir lá, tomar uma cerveja com os amigos no refeitório do navio e, de repente, tinha o aviso ‘o navio vai sair’ e aí os que estavam lá passeando, tinham que sair”. Essas lembranças estão muito nítidas na memória do professor Joaquim.

Ao se lembrar de seus pais, o professor diz que eles nasceram em cidadezinhas próximas a Belém, se encontraram e se casaram em 1917, tiveram um filho que morreu ainda pequeno e só em 1929 nasce o professor, que ficou sendo filho único. Muitas lembranças da infância permanecem tão vívidas que, às vezes, parece que foram ontem. Uma delas o professor descreve da seguinte maneira:

Eu nasci em 1929, quer dizer, quando começou a guerra eu estava com dez anos de idade e durante a guerra Getúlio estava meio assim voltado para a Alemanha, mas depois ele aceitou a presença dos Estados Unidos e, então, foi criada lá em Belém uma base aérea chamada Base Aérea de Valtecans, e eu me lembro que tinha um colega que estava tuberculoso e os americanos tinham descoberto a penicilina e nessa base dos Estados Unidos tinha um capelão que conseguiu trazer de lá esse remédio - a penicilina, que curou esse colega. [...] Alguns homens lá de Belém foram para a guerra, mas não chegaram a lutar porque quando eles chegaram na Itália, a guerra havia acabado, mas quando eles voltaram foi uma grande festa.

Do curso primário, o professor guarda uma lembrança muito boa. Ele foi estudar o primário em um colégio chamado São Geraldo Magela. O primário lá era de 5 anos e a professora e dona desse colégio era uma filha de escravos, a mãe dela, o professor diz que conheceu e que ela era negra. As diferenças que esse

colégio tinha ficaram marcadas na lembrança do professor, ele diz que até hoje não consegue entender como a Mestra Manuela, professora e dona do colégio, conseguiu fazer um colégio assim:

[...] Esse colégio funcionava numa casa onde era um clube que tinha as repartições de uma casa e a Mestra Manuela fez assim: numa parte ficavam os meninos e na outra as meninas. Outra coisa, havia os momentos de oração, que juntavam meninos e meninas e as professoras chamavam, por exemplo, os meninos da primeira série para a aula de português, não tinha sala de aula do primeiro, segundo anos, como a gente vê hoje, ficavam todos juntos e as professoras iam chamando para as aulas de acordo com as séries, não entendo bem, era diferente. Lembro-me que tinha uma professora de português que chegou a ser Miss Pará (risos). Essa escola não existe mais, lá eu tinha aulas pela manhã e à tarde. Minha infância foi praticamente nesse colégio e tenho ótimas recordações de lá, principalmente porque a Mestra Manuela era muito boa e dava atenção para todos, ela foi um exemplo de vida para mim. Só pra você ter ideia da determinação dela, vou lhe contar uma história: ela era devota de São Geraldo Magela e, então, mandou buscar em Curvelo, naquela época, uma imagem desse santo, e no dia de São Geraldo era feriado no colégio.

O primário foi todo feito nesse colégio, onde fez também a admissão, mas o professor diz que não recebeu diploma. Aliás, o diploma é outra história na vida do professor Joaquim, que, depois que terminou o primário, foi estudar no Seminário, mas não se formou, *“[...] na verdade só comecei a me formar quando foi criada uma lei para regularizar a situação dos estudantes de seminários. Eu fiz o curso para regularização do diploma lá em São João Del Rei e recebi o diploma de Filosofia e Pedagogia”*.

Quando morou no Rio de Janeiro, o professor Joaquim diz que houve a primeira Feira de Livros na Cinelândia e que ele comprou livros dos filósofos Platão e Aristóteles e, então, fez a sua monografia para a regularização do diploma, sobre esses dois filósofos. Ele diz ainda que ajudou muitas pessoas a fazerem monografia. É com orgulho que o professor diz que tirou nota 9 (nove) na monografia e que ninguém mais tirou uma nota tão boa e que tirar 9 (nove) naquela época era realmente uma proeza, já que as monografias eram feitas com pesquisas mesmo, que não tinha internet para ajudar, tinha que haver muita leitura.

Quando o professor Joaquim e D. Ivete se casaram, há 52 anos, compraram uma casinha e D. Ivete fala que tinha fogão a gás, mas não tinha geladeira; ela diz que fazia gelatina colocando na boca do pote e que quando conta essa história os netos ficam admirados. Ela diz ainda que geladeira era muito difícil

para se adquirir e que eletrodomésticos não tinha nenhum. A primeira filha do casal viveu apenas quatro meses, D. Ivete relata que não havia pronto socorro e que o atendimento médico era mais difícil, tinha que esperar. Depois eles tiveram mais dois filhos com os quais têm um ótimo relacionamento, tanto com eles quanto com os netos.

Uma tristeza de D. Ivete é que os casamentos hoje não são tão duradouros. Para ela, isso acontece devido à facilidade das coisas, é muita modernidade para o gosto de D. Ivete. Ela diz que os jovens, hoje, já se casam pensando em separar se alguma coisa não der certo, aliás, ela diz que nem é preciso casar. Segundo ela, as maiores desestruturações acontecem nas famílias que se separam,

... na minha época, a gente não aceitava essas separações, eu até hoje não aceito. Meu neto que morava comigo começou a namorar e eu sofri porque ele queria que a namorada dormisse aqui em casa. Para mim, enquanto não casar, não tem esse negócio de dormir junto, mas eu sei que hoje é difícil, porque sei que as pessoas têm que se adaptar, senão ficam por fora.

O professor Joaquim concorda com D. Ivete no sentido de que há um excesso de modernidade, o que tem prejudicado e muito as famílias.

Em relação às tecnologias oferecidas aos serviços bancários, o professor Joaquim diz que tanto ele quanto D. Ivete fazem tudo pelos caixas eletrônicos. Ele se orgulha ainda de ter trazido o cartão de crédito para Montes Claros. Assim ele relata o fato:

Vou te contar uma coisa, quem trouxe o cartão de crédito para Montes Claros fui eu. Lá em Belo Horizonte, estava sendo lançado o Real Tour e, então, eu fui lá nessa agência e eles me ensinaram como fazer, como usar o cartão de crédito; isso foi há muitos anos, aí eu voltei para cá e comecei a procurar as lojas dizendo sobre isso e aí o Diners me descobriu, me procurou e mandou um funcionário que ficou aqui um mês me dando toda a assistência para eu trabalhar com o cartão deles aqui. Quer dizer, quem trouxe o cartão de crédito para cá fui eu.

Na opinião do professor Joaquim, os tempos atuais desvirtuaram muito as relações afetivas e familiares que já não possuem a mesma força que antigamente. “Eu me lembro que, no meu tempo, os laços afetivos eram muito mais fortes, as famílias se procuravam, não era como hoje, essas relações virtuais que são frias e perigosas. Hoje está tudo muito frio, pela internet”. D. Ivete comenta que a violência

é um dos fatores que fez com que as famílias não pudessem mais conviver, sentar na porta da rua; ela lembra que a mãe dela saía de casa às 5 horas da manhã para ir à missa na Matriz, tranquilamente; lembra também que o padeiro colocava o pão na porta e ninguém se mexia, coisa que, segundo D. Ivete, é impossível de acontecer nos dias atuais.

O professor Joaquim diz que ele sempre chama atenção para o sistema em que vivemos (o capitalismo), onde o que interessa é comprar: comprar isso, comprar aquilo, roupa, sapato, carro. Diz ele:

O caso dos carros mesmo, esses dias vi uma reportagem mostrando uma quantidade enorme de carros velhos apodrecendo por aí. As pessoas querem trocar de carro todo ano, todo mundo se espanta com o meu Chevetinho, que é de 1975, ele foi de meu cunhado, que comprou outro e me vendeu esse e eu estou com ele até hoje, já troquei o motor, troco os pneus, cuido direitinho. Meu filho fala comigo para trocar o carro, ele troca de carro todo ano. A questão é o consumo, tem que comprar, nem se questiona se há necessidade.

O professor me diz que até hoje dirige seu Chevetinho e que não vê nenhuma necessidade de trocá-lo. Ele questiona se toda essa modernidade tem sido de todo boa e termina sua entrevista com algumas interrogações:

A discussão é essa: o homem atual não será um desconhecido de si mesmo? Os recursos atuais não estarão desumanizando o homem? Até mesmo aquilo que parece bom, muitas vezes tem um efeito devastador na vida do ser humano, como, por exemplo, o avanço da medicina faz uma pessoa viver muito, porém, não deixa a pessoa morrer em paz, muitas pessoas ficam na cama anos a fio à custa de remédios e de aparelhos, mas, será que vale a pena viver desse jeito?

2.2.4 “Essa coisa do tapinha hoje é crime”

“Eu nasci em 1939. Sou o primeiro de uma família de dez filhos. Minha mãe está hoje com 96 anos”. Assim o Sr. Elísio começa o seu depoimento, demonstrando um enorme orgulho pela mãe que, ainda hoje, é uma mulher forte, ativa e participante da vida social da família e dos amigos. Nascido na cidade de Taiobeiras, cidade situada ao norte de Minas Gerais, de onde saiu aos 13 anos de idade para se ingressar no seminário, a fim de estudar e se formar padre, o Sr. Elísio

diz que desistiu, no segundo ano de Teologia, e que viveu um dilema, pois deveria fazer os votos, porém, percebeu que estava em dúvidas: devia seguir no seminário e tornar-se padre ou devia desistir e voltar a Taiobeiras? A dúvida surge principalmente do fato de a sua mãe ser muito religiosa e ter o sonho de vê-lo padre. Finalmente, ele decide sair antes de se formar, pois, caso se arrependesse, poderia voltar, mas se decidisse desistir depois de padre, a mãe, segundo ele, morreria do coração.

Inicialmente, o Sr. Elísio vai para o Seminário Menor em Santos Dumont-MG, onde cursa o 1º e o 2º graus, indo depois para a cidade de Garibaldi, no distrito de Daltro Filho, no Rio Grande do Sul, fazer o Noviciado em Filosofia e, finalmente, começa a cursar Teologia em Divinópolis - Minas Gerais - quando, no segundo ano, resolve sair. Saindo do seminário, o Sr. Elísio volta para Taiobeiras e vai ajudar o padre, o mesmo que o havia encaminhado para o seminário. Para ele, os ensinamentos adquiridos no seminário continuaram firmes em sua vida. Em seu relato: *“Acho que minha vida não mudou muito, continuo a ter os mesmos princípios, se eu tivesse sido padre ou casado minha vida não teria sido diferente, a minha maneira de ver o mundo continuaria a mesma”*.

Quando regressou a Taiobeiras, rapazinho, o Sr. Elísio diz nunca ter namorado, só uns três ou quatro anos após a saída do seminário, começa a namorar, mas nada firme, um namorico aqui, outro ali, até encontrar, segundo ele, o grande amor de sua vida, a Sônia, que ele considera sua primeira namorada de fato e ele, primeiro namorado dela. Casaram-se, tiveram três filhos e estão juntos até hoje, muito felizes, na opinião dos dois.

Para o Sr. Elísio, tudo que estava acontecendo em sua vida era a realização de seus sonhos. Diz ele:

Quando saí do seminário, pedi licença de Roma para desistir dos votos, que eram simples, comecei um sonho. Voltei para ficar, continuar os estudos, fazer uma faculdade, qualquer coisa, eu tinha Filosofia. Pronto! Cheguei lá, tinha um colégio que necessitava de professores, o padre me pediu e fui trabalhar lá, de onde não saí mais. Chegou uma época em que o Colégio era mantido por cinco pessoas: eu, mais dois colegas de seminário, o padre que era o diretor e uma moça que era a secretária. Nós chegamos ao ponto de manter, sozinhos, de segurar aquele Colégio.

Foto 28 - Sr. Elísio (com roupa de padre), sua mãe, seu pai, sua avó e seus irmãos (1956)



Fonte: Acervo do entrevistado

O Sr. Elísio e Sônia permaneceram em Taiobeiras até os filhos crescerem, quando então se mudaram para Montes Claros, a fim de que os filhos estudassem e, assim, tivessem melhores condições de prosperarem na vida. Em Montes Claros, os filhos se formaram, um até voltou para Taiobeiras, porém, eles por lá permaneceram. Em seu relato, o Sr Elísio diz:

[...] Nós ficamos aqui em Montes Claros devido à qualidade de vida, a região aqui é outra coisa! A gente vai chegando à idade, tem que estar mais perto dos médicos e nós nos demos muito bem aqui, onde encontramos uma situação que considero uma bênção, eu não sei como essas pessoas da terceira idade, esses idosos não aproveitam tanta coisa boa que esses grupos de terceira idade oferecem. Nós, Sônia e eu, conhecemos e participamos do grupo de idosos do SESC, onde ingressamos logo que chegamos aqui. Eu incentivo todas as pessoas de terceira idade a participarem. Desde quando estou lá, já vi cada caso de gente que chegava desmoronada, gente lerda, sem vontade para nada e, logo depois, começa a sentir que é gente, a ter vontade de viver, alegria, então eu acho que é uma terapia espetacular, e tudo aí, de graça para quem quiser e muita gente não aproveita, principalmente os homens. Eu me lembro que, quando cheguei lá, só tinha eu e “Seu” Zezinho. Esse “Seu” Zezinho de 103 anos aí, que todo mundo conhece, e mais uns três, mas agora está aumentando, está aparecendo mais alguns...

O Sr. Elísio diz que a sua qualidade de vida melhorou muito depois que ingressou no grupo: é muita alegria, muitas viagens, muitos passeios, tudo muito barato, com muita facilidade. Para ele, os idosos não deveriam perder essa oportunidade, pois a cidade de Montes Claros oferece não apenas o grupo do

SESC, mas inúmeros outros e, inclusive, há uma interação entre os grupos para torneios de jogos, músicas, danças e diversas outras atividades.

Foto 29 - O Sr. Elísio e Sônia num dia de atividades do grupo de terceira idade (2008)



Fonte: Acervo do entrevistado

Quando se fala em modernidade, o Sr. Elísio diz não ter se adaptado a ela. Assim ele descreve esse fato em sua vida:

[...] Eu me sinto analfabeto em relação a essa tecnologia que foi chegando, não sei lidar com isso, fui deixando para lá, os meninos (os filhos) foram aprendendo e tudo que a gente precisava eles faziam para a gente, enfim, não sei se foi comodismo ou falta de interesse.

Nesse momento, Sônia intervém e diz que os filhos compraram um *notebook*, quando o computador da casa quebrou e que eles terminaram se acomodando, foram deixando para lá, pois os filhos resolviam tudo que eles precisavam. No entanto, ela diz que um dos projetos dela e do Sr. Elísio para esse ano é um curso de computação.

Ao falar em modernidade, em tecnologia, o Sr. Elísio faz um giro no tempo e volta à sua infância que, em sua opinião, foi muito agradável, apesar de não ter nada disso que se vê hoje, *“[...] quando eu me lembro, hoje em dia vejo essa facilidade, menino quer isso, quer aquilo, eu fico pensando: gente! A alegria da gente naquele tempo...”* e, nesse momento, ele começa a falar:

[...] Tinha um colega que tinha uma bicicleta, por exemplo, o prazer que a gente tinha era de correr atrás, ele na bicicleta e a gente correndo atrás, os outros irmãozinhos dele tinham que aprender a andar na bicicleta e íamos todos pro campinho de futebol, todo mundo pra ajudar e era tudo com a maior satisfação, sem inveja nenhuma, só pra ajudar, o prazer que a gente tinha era de empurrar a bicicleta pros meninos andarem. Outra coisa: era tudo misturado, não tinha aquela separação de quem era mais favorecido e de quem era menos favorecido, a gente não sentia essas diferenças, eu me lembro que as casas de uns tinham ladrilho, outras eram de chão batido, de cimento, de barro. Eu me lembro, essa questão da bicicleta, até hoje eu me lembro.

Essas lembranças fazem o Sr. Elísio sentir como os tempos hoje são diferentes. Para ele, essa simplicidade, essa pureza de sentimentos já não existem e, muito menos, essa interação entre crianças de classes tão distintas. Ele se lembra ainda que, quando seu pai comprou uma bicicleta para ele, e nem era uma bicicleta nova, foi a maior felicidade! Diz o Sr. Elísio que ele nem sabia andar, mas pegava a bicicleta e ia empurrando com a mão, ia passeando pela cidade e aquilo era o maior prazer! Fazendo um paralelo com o que vê hoje, o Sr. Elísio comenta:

Hoje, eu penso que quando um rapaz ganha uma moto, não tem aquela mesma alegria, acho que até se ganhar um carro de luxo, eu não sei, porque sempre tem algo a mais a desejar e naquele tempo, não, a bicicleta Phillips era a maior que existia, a melhor, não tinha nenhuma que pudesse ser melhor, hoje não, ganha uma coisa, mas tem outra melhor ali e isso tudo é galopante, de tal maneira que quando vejo as pessoas da terceira idade, as pessoas com mais de setenta anos, eu penso que, apesar dos pesares, de todos os problemas que a idade acarreta, ainda temos que dar graças a Deus de ter acompanhado isso num tempo inocente, a gente não consegue entender e nem quer entender...

Outra coisa que vem à lembrança do Sr. Elísio ao falar das coisas modernas é o rádio. Naquele tempo, quando ele era um garoto de sete anos, em sua casa não tinha rádio. Ele diz se lembrar do dia em que o rádio chegou à sua casa:

Eu sou de 1939 e me lembro do dia em que meu pai comprou um radinho, desses de plástico, branquinho, e trouxe aquela coisa toda e colocou em cima de um guarda louça, onde a gente botava as belezas que tinha na casa e ligava e o bicho chiava mais que tudo e ficava todo mundo ali escutando, fazendo plateia e, gozado, naquele tempo a gente pensava assim: 'como é que podem esses homenzinhos ficarem lá dentro? Como esses cantores podem ficar aí dentro cantando?' E olha que esse tempo, em termos de cronologia, não está muito longe, mas, em termos de mudança, parece uma distância enorme...

Como uma lembrança puxa outra, o Sr. Elísio se recorda que quando o rádio chegou a Taiobeiras (ainda não em sua casa), estava passando a novela “O Direito de Nascer”. Diz ele que a novela estava no auge e que, quando chegava a hora de ela ser transmitida, segundo ele, sete ou oito horas, não se lembra bem, a mãe se arrumava toda e quem quisesse ir tinha que se apressar e lá iam todos assistir (ouvir) a novela na casa de um vendedor que tinha rádio. Em suas palavras:

[...] Então a gente ia naquela casa e a casa enchia como se fosse um cinema e as pessoas entravam, os adultos ficavam na sala e as crianças penduravam nas janelas e ficavam lá ouvindo. Lembrando isso, fico pensando que a TV tira muito a oportunidade de criatividade, porque, eu me lembro, naquele tempo, Dr. Alberto Limonta, o personagem principal, aqueles cafezais, aquela irmã que engravidou e que foi com esse menino lá no cafezal, eu me lembro, eu via direitinho aquele cafezal assim, chegava estar cheirando, eu não sei como essa turma nova é capaz de escrever um romance com esses mínimos detalhes, porque não dá para sentir, a televisão rouba da gente essa criatividade.

Na casa do Sr. Elísio eram dez filhos, quatro homens e seis mulheres, sendo que ele é o primeiro, o filho mais velho; ele diz que sua mãe tem muita sorte, pois nunca, com essa família tão grande, viu um filho morrer e que a morte que eles vivenciaram foi a do seu pai e, mesmo assim, aos noventa anos. Sua mãe, hoje com noventa e seis anos, criou muito bem os filhos, apesar de não ter nada do conforto existente hoje, o fogão era à lenha, geladeira, nem pensar, tinha era pote para conservar a água fria e a água de beber ficava numa talha, que era colocada separada, uma água mais limpa que era coada e dentro da talha se colocava uma pedra de enxofre onde a sujeira de acumulava, pois não havia filtro. Todas essas dificuldades, segundo o Sr. Elísio, não impediram que a mãe desse uma boa educação e uma boa formação moral aos filhos.

Foto 30 - Sr Elísio (o maior ao fundo), sua mãe e seis irmãos (faltavam nascer três) (1949)



Fonte: Acervo do entrevistado

Segundo o Sr. Elísio, outra coisa que se perdeu com o avanço dos tempos, foi o amor humano, o respeito pelo outro: *“... do jeito que a coisa está indo, não sei como existe ainda um fio de amor, um fio de amizade, um fio de confiança.”* Sônia fala, então, das relações familiares e se lembra que, à tardinha, à noite, a família se reunia na porta da rua, com uma bacia de laranja e todos ali, falando, trocando experiências, compartilhando. O Sr. Elísio aproveita a fala de Sônia e diz que todo o centro da casa era a cozinha, ali tudo se passava, eram as mágoas, as alegrias, *“... na casa de minha mãe, a visita vai chegando e vai para a cozinha e conversa vai, conversa vem, tal e tal, minha mãe pega uma caixa e coloca em cima da mesa, só fotografias, fotografias do tempo do amém, toda vez a gente passa e toda vez a gente quer ver.”* Sônia lembra, então, que não tinha televisão e que era muito mais aconchegante, todos iam para a porta da casa e havia, segundo ela, muito mais solidariedade, os pais estavam sempre presentes, as crianças entoando cantigas de roda.

A religião estava no centro de tudo que acontecia, segundo o Sr. Elísio. Lá na Vila (Taiobeiras ainda era uma vila), a religião Católica predominava; acredita até que outras religiões não existiam, pelo menos para as pessoas mais próximas. Ele até se lembra de que havia uma família, muito boa na opinião dele, que era espírita, mas se percebia claramente que havia uma separação, segundo ele, até certo medo. Em seu relato, o Sr. Elísio se lembra perfeitamente da função de um padre:

A importância de um vigário na região era muito grande, todo santo dia, à tardinha, o padre sentava na porta da casa dele, escurecia, o céu estrelado, um céu grande, estrelado, não tinha luz, ali sentavam, com o padre, meninos e velhos, velhos assim, porque naquele tempo os velhos eram de quarenta anos, todos lá e o padre ia explicar sobre as estrelas do céu, ele dizia: 'ali são as três Marias, o rosário não sei de quê, cova de Adão' e ia falando e dava uma aula para a gente sobre as estrelas e quanta coisa se aprendia ali, o que se falava ali era igual visgo, grudava na gente. Tem hora que eu fico assim, me questiono e me pergunto, será? Existe, mas a gente não vê, não é mais tão comum esse relacionamento de amor entre as pessoas, naquele tempo a coisa era mais..., eu não sei como explicar, era mais autêntica a relação de amor, mais respeitosa e, por isso, mais pura e duradoura também.

Foto 31 - O vigário era muito importante na comunidade



Fonte: Acervo do entrevistado (Foto de 1945)

Essas lembranças fazem o Sr. Elísio se questionar sobre o que está acontecendo com o mundo e com as pessoas. Para ele, as relações pessoais, principalmente as amorosas, não têm mais a autenticidade de antigamente, não há mais respeito entre os casais que, em seu tempo, tinham um casamento mais duradouro. Ele chega a dizer que, em seu tempo, também havia separação entre os casais, mas que isto era considerado caso raro. Ele se pergunta: por quê? E chega à conclusão de que “... era uma questão de vivência, tudo tinha seu tempo, namoro era namoro, noivado era noivado, casamento era casamento, então tudo tinha seus passos, um tempo para cada coisa, tinha até lua de mel naquele tempo, hoje tem lua de mel? Que lua de mel é essa? Qual o sentido?” Na opinião do Sr. Elísio, as coisas têm hoje outra conotação: se naquele tempo um casal se separava, cada um pensava no sofrimento do outro, coisa que ele não vê hoje em dia, quando as pessoas saem de um relacionamento de forma totalmente egoísta, pensando

apenas na própria felicidade e, mal sai de um relacionamento, já está envolvido com outra pessoa e assim, segundo ele, as pessoas vão trocando de parceiros como quem troca de carro. Para o Sr. Elísio, o que está faltando é paciência, tolerância, e, na concepção dele a, destruição da boa relação familiar é a convivência que já não existe, para ele a família fracassou, “... *são poucas as famílias onde você encontra ainda aquele aconchego, que almoçam juntos, todos em redor da mesa, isso quase não acontece mais, ninguém se encontra mais.*” Sônia comenta sobre a falta de amor, a banalização da vida, fala sobre a frieza com que se tira a vida do outro e complementa a fala do Sr. Elísio dizendo:

[...] Eu fico pensando assim: nós temos um grupo de oração lá no SESC e, nas nossas orações, sempre pedimos: 'Nosso Senhor, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso', a gente pede, mas logo depois a gente fala: eu não levo desaforo para casa, você imagina... Na minha maneira de pensar, tudo é uma questão de família, eu acho que tem tudo a ver com a nossa independência, essa questão da luta da mulher fez uma falta danada no lar, tudo hoje ficou muito prático, a função de educar os filhos foi delegada à escola.

Foto 32 - A família de Sônia (avós, a mãe ainda criança e tios) (1910)



Fonte: Acervo do entrevistado

O Sr. Elísio lembra, nesse momento, da escola de seu tempo de infância e diz que qualquer indisciplina do aluno, não precisava ser coisa séria, a professora mandava um bilhetinho para a mãe e quem devia entregar era o próprio aluno e “... muitas vezes, a gente entregava já procurando um jeito de correr, mas entregava, porque, se não entregasse, aí é que a coisa pegava”. Ele fala também da questão

do tapinha que hoje virou crime e diz que sempre apanhou da mãe, que era brava e que “...era puxão de orelha pra cá, puxão de orelha pra lá e, gente! Qual é a revolta? Eu nunca tive revolta e nem trauma, até acho que gosto mais de minha mãe pelas palmadas que levei, ai meu Deus! A irmandade tinha um amor enorme um pelo outro.”

A tecnologia é um problema na vida do Sr. Elísio, segundo ele:

Essa modernidade toda, essa tecnologia, no caso da gente que largou a profissão, que se aposentou, se não fosse muita leitura, acompanhar o desenvolvimento, ver alguma coisa na TV tentando acompanhar, eu vou te contar, eu não saberia mais nada, seria um analfabeto, aliás, eu já me considero um analfabeto nessa questão de tecnologia, tudo evoluiu demais.

Sônia diz que tem um neto que vive com um aparelho no ouvido e não participa da vida em família e que ela vive dizendo: “*filho, você precisa tirar esse aparelho, precisa conversar, chega uma hora que a conversa é fundamental, é muito importante interagir.*” Para ela o desenvolvimento é importante, mas parece que não há limites para o exagero.

Quando se casaram, em 1968, o Sr. Elísio e Sônia dizem que tudo ainda era muito difícil, a luz elétrica da cidade era de péssima qualidade. O Sr. Elísio se lembra de que, quando a luz chegou a Taiobeiras, ele já era um rapazinho e, mesmo assim, era uma luz bem fraquinha e que, às 9 horas, tocava uma sirene avisando que daí a quinze minutos a luz ia apagar; se estavam em uma festa, esta tinha que encerrar e todos iam para casa. Televisão na cidade, quando eles se casaram, se tinha, eram poucas, ele nem se lembra. Ao relembrar esses fatos, o Sr. Elísio sente certa nostalgia, ao constatar:

Sempre tenho saudades, acho que uma saudade da pureza que existia, não propriamente das condições em que a gente vivia, não pelo (des)conforto, mas pelos sentimentos, pelas amizades e outra coisa, era amizade demais, numa noite de luar, quando apagava a luz, a gente sentava naqueles gramados, no meio da rua, rapazes, moças, casais, velhos, todos ali e fazia seresta, cantava, então tinha uma alegria, um sentimento maravilhoso, hoje em dia, até ainda há oportunidades, mas ninguém faz isso mais, tem a violência, o medo de sair de casa.

Em termos de conforto, o Sr. Elísio só vê coisa boa na modernidade, o problema que ele vê é com os participantes dessa modernidade, para ele há um uso inadequado da tecnologia e os conceitos dessa modernidade estão todos errados.

Ele diz que sempre se pergunta o que há de errado com essas pessoas que agem de forma tão bestial. *“O que é isso, gente? O que leva uma pessoa a agir dessa maneira, dizem por aí que é falta de oportunidade, de educação, de conhecimento, mas, na minha época, muitos nem iam à escola e nem na periferia das cidades havia essa violência.”* Sônia diz ainda que a televisão dá uma contribuição muito grande para essa violência toda, que existem bons programas, mas muita coisa transmitida por ela desagrega as famílias e leva os jovens a agirem de forma inconsequente; ela pensa que a moda hoje de cada um ter a sua televisão no quarto impede que as famílias interajam e dificulta aos pais conversarem com seus filhos sobre os programas que assistem. O Sr. Elísio diz que, quando os pais ou avós fazem alguma crítica a esses valores transmitidos pela mídia, escutam que é porque estão velhos, ultrapassados. Em seu relato, ele diz:

Eu acho que toda a desgraça que vivemos tem influência da TV e os programas, como eles destroem os valores e destroem de uma maneira tão sutil que a gente nem percebe, novela, gente! Quando as novelas, na minha época, tinham uma cena mais picante, era uma coisinha rápida, hoje em dia é uma imoralidade, é um cabaré, os cabarés do meu tempo perdem pra essa imoralidade da TV! Os valores estão todos destruídos... Os jovens de hoje, coitados! Eu digo coitados pensando nos conceitos da gente, mas eu acho que eles estão perdendo muita coisa boa, por outro lado, eu tenho a impressão de que a história sempre se repete, essa imoralidade, essa perversidade de hoje em dia, nós já as vivemos na Roma Antiga e, então, eu acho que uma hora isso vai acabar e teremos de volta a valorização da vida, mesmo porque não tem onde isso ir mais.

As coisas corriqueiras do dia a dia, como serviço de banco, o uso de caixas eletrônicos, o Sr. Elísio utiliza de forma tranquila. O que ele diz não gostar mesmo é de navegar na internet; diz que possui e-mail, mas não usa e que, de forma alguma, lhe faz falta. O que o incomoda é ter que recorrer aos filhos cada vez que precisa de uma informação dependente da internet.

Fora isso, não sinto falta de nada, para conviver, trocar experiências, essas coisas todas eu faço com os meus amigos, nos grupos a que pertenço, acho muito melhor. [...] Talvez haja um certo orgulho de minha parte, a gente se sente humilhado, não sei se é bem isso, mas todo mundo mexe com computador e internet e a gente não, acho que dá um certo sentimento de humilhação, mas que está fazendo falta, isso não.

Uma das coisas modernas mais marcantes, segundo o Sr. Elísio, é o consumismo, que é produzido pela mídia, de modo especial a televisiva, que hoje é

livre e de acesso fácil a todas as camadas sociais. É, para ele, o principal meio divulgador e que incita as pessoas a desejarem e consumirem além do necessário. Ele diz que também faz parte, que consome, mas tem muito cuidado para não cair nessa do consumismo exagerado. *“Tudo que o povo vê, quer, acho que isso é que é consumismo”*. Sônia lembra que as crianças e os jovens são os mais atingidos por esse mal da modernidade e os pais, segundo ela, são os que mais sofrem com isso, com a exigência dos filhos, *“o adolescente é muito imediatista, quando quer uma coisa ele quer para hoje, então eu vejo que, com esse negócio da moda, a TV mostrando a toda hora as maravilhas do mundo, eu acho tentador e, por isso, está cada vez mais difícil para as famílias educarem seus filhos [...]”* O que o Sr. Elísio acha pior e que lhe dá muita revolta é o fato, segundo ele, de o governo incentivar, fazer tudo para estimular o consumismo com a propaganda de que assim estará salvando o país: *“... Dessa forma, coloca na nossa cabeça que isso é o certo e as pessoas entram nesse jogo, mas será que está salvando ou complicando?”* Para o Sr. Elísio, todas as questões ligadas ao consumismo são extremamente prejudiciais a uma vida saudável e harmônica; as pessoas começam a ver no outro um objeto de consumo também e isso cria um medo muito grande, medo de viver, medo de não possuir, medo de perder, medo principalmente de envelhecer. Para ele, a vida tem sido muito boa, vive um bom casamento com Sônia, estão juntos há 44 anos e, apesar de, como todo casal, ter seus momentos de crise, não se lembra de, jamais, terem ido dormir com raiva um do outro. Em sua entrevista, ele diz:

Vejo a velhice de uma forma tranquila, sei que tenho limites, mas, dentro desses limites, tento fazer tudo que posso, não tenho problemas sérios, de tristeza, de achar que as pessoas não dão atenção para a gente, pelo contrário, eu acho que hoje em dia é até mais interessante a convivência com os jovens; se a gente se abre para eles, eles são extremamente amáveis e tratam a gente muito bem. Eu não me sinto excluído de nenhuma maneira, participo do grupo de terceira idade, da comunidade da minha paróquia, onde convivo com os jovens, sou atuante e sinto que influencio muita gente. Um bom exemplo de envelhecer bem é a minha mãe, que está hoje com 96 anos, é lúcida, acorda todo dia cedo, escreve, reza muito, participa de um grupo de oração que, sem ela, parece não funcionar. O maior problema da velhice é que, quando os velhos se aposentam, ficam trancados dentro de casa, desanimam, acham que não são mais importantes e aí começam a desmoronar.

Outro problema da velhice que o Sr. Elísio aborda é a questão da sexualidade. Diz ele que muitos dos seus amigos vivem desesperados por não

possuírem mais aquela vitalidade da juventude e que vivem procurando tratamento. “... Eu vivo dizendo a eles que é impossível a gente ter a mesma atividade sexual que tinha aos vinte anos.” O Sr. Elísio diz ainda que a vida sexual de antigamente, de quando ele era jovem, era muito mais estimulante, não havia tanta exposição das mulheres, que sempre guardavam um segredo a desvendar, o que dava muito mais prazer. Ele conclui dizendo: *“Eu sei que já não sou aquele jovem que era, mas não estou desesperado. O problema, principalmente do homem, é que se colocou muita macheza nos testículos.”*

Finalmente, com ânimo contagiante, Sônia aparece com uma revista em que ela e o Sr. Elísio aparecem falando sobre a atividade do Grupo Idade do Ouro do Sesc, ao qual pertencem, com fotos dos dois dançando.

Foto 33 - Momento Idade do Ouro: Sr. Elísio e Sônia dançando (2009)



Fonte: Acervo do entrevistado

2.2.5 “Viajamos sozinhos e fomos pra Bicas, lembra Quincas?”

Se se pudesse definir D. Fina em uma só palavra, essa palavra seria vitalidade. Quando começa a falar sobre a modernidade, só tem palavras de entusiasmo; para ela *“o modernismo só trouxe benefícios”* e, se alguns prejuízos vieram em seu bojo, são bem menores que aquilo que veio de bom.

Eu fico vendo o que está acontecendo com as minhas netinhas, elas têm uma informação que eu, nem depois de adulta, tinha. A questão da memória, por exemplo, é muito mais ativa do que foi com meus filhos,

porque elas são muito mais cobradas, têm muito mais informações, muito mais acesso às coisas...

Fina conta que sua netinha de cinco anos faz uso de um *lpad* como se fosse uma pessoa adulta. Todas essas coisas para ela são mudanças que aconteceram recentemente e que são muito boas.

Ao reviver um pouco a sua história, Fina lembra como a vida era diferente. Nascida em Diamantina, em 1941, foi criada em uma chácara que fica no fundo de sua casa atual. Era uma chácara grande, com bichos de várias espécies, como vacas, porcos, galinhas e outros. O pai, quando mais jovem, era caminhoneiro, deixando essa profissão mais tarde, quando já não dava conta de dirigir caminhão, para se tornar taxista. Lembrando do pai, ela diz:

Meu pai batalhou muito, criou doze filhos e só assinava o nome; minha mãe era professora e mulher trabalhar, na época dela, era uma raridade e ela trabalhou e se aposentou como professora, mas era uma briga com meu pai que não queria, de jeito nenhum, que ela trabalhasse; ele dizia que dava conta de sustentar a família, enfim, aquela coisa de antigamente.

Uma das mudanças também avaliadas por Fina é a questão do trabalho feminino. Se para a sua mãe foi uma dificuldade trabalhar, para ela o trabalho surgiu com muita naturalidade e não sofreu nenhuma resistência por parte de seu pai, que era, inclusive, considerado um homem severo. Isso, para Fina, já era uma consequência das mudanças que começavam a acontecer. Não era fácil ser mulher naquela época, pois, apesar de todas as conquistas, a mulher ainda sofria a influência do marido e do pai. Em meados do século XX, muitas mulheres começaram a dar o seu “grito de liberdade” e Fina se incluiu entre essas mulheres que foram, de alguma forma, pioneiras na luta pela liberdade e igualdade de condições e serviram de exemplo para muitas outras que ainda se deixavam, de forma submissa, conduzir pela moral extremamente machista da época. Em seu relato, ela diz:

Eu nasci em 1941, era a décima primeira dos filhos. Na minha casa, eram nove mulheres e três homens e meu pai era muito bravo, ele trazia as mulheres dentro de uma redoma, as minhas irmãs mais velhas sofreram muito, não podiam namorar, não podiam sair, não podiam fazer nada e como a gente morava numa chácara, era mais difícil ainda. Quando arranjava um namorado, noooooossa! Era um inferno, tinha que namorar escondido. Como eu era a mais nova, as mais velhas tinham a desculpa de

sair comigo para passear, eu era a “vela”, e não contava nada, era um segredinho entre nós. Era muito engraçado, tudo era escondido!

Como Fina era uma das últimas filhas, para ela as coisas passaram a ser diferentes. Os irmãos mais velhos, já adultos, começavam a se casar, começaram a chegar os netos e, como diz Fina, *“meu pai já estava com menos energia para ser bravo e aí a coisa foi ficando mais tranquila, tanto que eu namorei sem problema, ele não brigava, gostava do Quincas.”* Namorado mesmo, só houve o Quincas, com quem ela está casada há 42 anos. Antes dele houve namoricos que o pai nem interferia, porém, quando ela começou a namorar com o Quincas e a coisa foi ficando séria, o pai dizia: *“aquele menino da Casa Jove, ele não presta, aquele menino vive no Beco do Mota”*, e era verdade. Como o ponto de táxi do pai era na Praça da Catedral, ele dava notícia de tudo, mas depois ele aceitou o namoro sem problemas, com as irmãs quase todas casadas, tudo se tornou mais ameno.

Fina lembra que estudar naquela época não era uma coisa tão natural quanto é hoje. De uma família de doze irmãos apenas três fizeram faculdade, as outras se formaram professoras; o Magistério ou o Curso Normal era o curso considerado apropriado para as mulheres, já que a profissão que deveriam seguir era a de professora. Dos três irmãos, dois concluíram apenas o segundo grau e um fez um curso técnico em Viçosa, o que foi uma evolução. Das três irmãs que fizeram faculdade, as mais novas, uma fez Medicina, Fina e a caçula fizeram Odontologia. Segundo Fina, o pai, pelos conceitos da época e que, até hoje, perseveram, ainda que indevida e *pobrememente*, só valorizava o curso de Medicina. Diz ela:

Apesar do curso de odontologia não ter muito valor, meu pai me deu todo apoio e eu comecei a trabalhar assim que passei no vestibular, com 17 anos. Eu dava aulas em Gouveia, viajava de ônibus, estrada de terra, ia e voltava; depois eu consegui uma vaga na Escola Normal, que era do Estado e, assim, trabalhando, fiz todo o meu curso. Isso me tornava independente, mas independente a tal ponto que falava com meu pai: ‘eu tenho minha autonomia, você não está me sustentando mais, eu tenho meu dinheiro, então eu faço o que quero’.

Tudo isso, todo esse desejo de autonomia tinha um objetivo *maior*, conforme costume ou valores da época, que se mantêm quase intactos, ou seja, comprar um carro, o que, no entanto, não era comum para a mulher: *“era o que eu mais queria”*. Realmente, pode-se dizer que Fina foi muito determinada e bastante

evoluída para a sua época! Tanta determinação teve como resultado a realização de seu sonho, formando-se em dezembro de 1963, sendo contratada pela Universidade em janeiro de 1964 e, em outubro desse mesmo ano, ela comprou o seu carro. Em suas palavras:

Foi uma vitória! Carro naquela época era uma raridade! Mulher, então! Meu pai me ensinou a dirigir. Fui uma mulher avançada para o meu tempo, comecei a viajar, pegava meu carro e ia a Belo Horizonte, sozinha, dirigindo naquela época! Meu carro era um fusquinha. Realmente, eu fui avançada e até me lembro que tinha um professor da Escola Normal que era meu colega de trabalho e tinha sido meu professor e ele um dia me disse assim: 'Nossa, mas eu fico numa antipatia de ver você passar aqui na porta de minha casa com seu carrinho e correndo! Faça o favor de não correr!' Chamava a atenção.

A evolução, a liberdade e muitos dos aspectos libertários que vemos hoje na modernidade chegaram bem antes para essa mulher corajosa e destemida. Depois das primeiras viagens feitas a Belo Horizonte, ela ousou ir mais longe! Começou a viajar, com a mãe, irmãos e amigos, sempre na direção, para a Bahia, São Paulo e outros lugares. Fina diz que, apesar de toda essa liberdade, era muito diferente de hoje. Ela conta, por exemplo, que, quando já estava noiva, ela e Quincas viajavam sozinhos, mas era escondido da mãe. Ela lembra uma viagem que fez com ele para Bicas, onde morava uma de suas irmãs e que, apesar de ir escondido, tinha certeza de que a mãe o sabia. Quincas, presente na entrevista, diz que essa liberdade e autonomia não tiravam deles a responsabilidade e até cita o fato de que, apesar de viajarem sozinhos, eles não utilizavam desse fato para consumarem a relação enquanto noivos. Fina, confirmando ou reafirmando o que Quincas diz, acrescenta:

Havia uma consciência muito diferente, eu até falo com minha filha médica que, até hoje, sou mulher de um homem só e ela me diz: 'mãe, não mente, não! Não é possível, isso é mentira sua'. Mas é verdade e ninguém acredita, porque achar uma mulher assim hoje em dia é difícil! Mas foi muito bom e criamos nossos filhos de uma maneira completamente diferente, dando liberdade total, coisa que em minha casa não existia.

O que não existia também na casa de Fina, na época de sua infância, era a tecnologia. Em termos de aparelhos tecnológicos, ela lembra que havia um rádio. A televisão, segundo ela, foi um acontecimento até engraçado, pois, quando se

anunciou que a televisão iria chegar a Diamantina, o pai logo se apressou em comprar um aparelho de TV enorme, *daquelas 'bichona' pesada e colocou na sala. Ela não pegava nada e ficou essa coisa lá em casa, muito tempo, mas muito tempo mesmo, sem pegar nada! Só se via "chuvisco", não se via imagem, a gente só ouvia o som e isso durou anos!*" Nessa época, que, segundo acredita Fina, era a década de 1960, ela era adolescente. Não havia nenhuma espécie de conforto tecnológico, desses que se encontram hoje em qualquer casa. O fogão era a lenha e a geladeira só chegou muito tempo depois; o fogão a gás, só depois da geladeira! Uma lembrança boa de Fina da época de criança é que ela aprendeu a cozinhar no fogão a lenha, isso porque a mãe ficou doente e precisava viajar com frequência para fazer tratamento e, com tantos filhos, quem tomava conta da casa e dos filhos era a cozinheira. Fina relembra esse momento:

Era a cozinheira quem tomava conta da gente e ela me botava perto do fogão, eu devia ter uns cinco, seis anos e ela me botava em cima de um banquinho e me mandava ficar mexendo as panelas e, com isso, adquiri um amor pela cozinha; eu gosto de cozinha, porque, praticamente, fui criada ali, na beira do fogão, já que minha mãe tinha de viajar muito.

Telefone? Nem pensar! Quem lembra e conta a história da chegada do telefone a Diamantina é Quincas. Ele diz que foi Juscelino Kubitschek, quando governador de Minas Gerais, que levou o telefone para lá. Quincas conta uma história engraçada sobre quando chegaram a Diamantina os primeiros aparelhos de telefone:

Foi uma coisa impressionante: eles puseram telefone nas casas e nós compramos um, era aquele telefone grande, preto, de disco e meu pai tinha uma loja embaixo da nossa casa e esse telefone ficava lá, pregado na parede. Tinha uma corda amarrada no disco com uma etiqueta e, de vez em quando, tocava a campainha, eles estavam testando e a gente ficava louco pra ele tocar! Sempre que o telefone tocava em horário que a loja estava fechada, alguém tinha que sair correndo, pegar a chave, abrir a loja e atender. Bem, num domingo, durante o terço que era rezado na minha casa, com a participação de todos ajoelhados, a mãe rezando e, nesse exato momento, o telefone toca e eu levanto para atender, quando minha mãe diz: "quieto aí, menino!" Eu me lembro que o toque do telefone causava uma sensação estranha na gente, tanto que eu pegava um despertador e botava para tocar só para ver todo mundo sair correndo e depois ver que era gozação. A verdade é que a televisão e o telefone foram acontecimentos muito importantes e, das cidades do interior, Diamantina foi uma das primeiras a receber o telefone, por causa do JK.

Quincas lembra ainda da importância que Diamantina tinha no período em que JK foi presidente do país: a chegada da Universidade, projetos de Niemeyer e tantos outros benefícios! Segundo ele e Fina, após o golpe de 1964, Diamantina começou a sofrer retaliações, revanchismo políticos do governo! Muitas empresas que já estavam ali consolidadas, como, por exemplo, a Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos, que congregava mais de 2000 pessoas, foi fechada; o Batalhão transferido para Montes Claros, com Diamantina sendo hoje subordinada, nessa área, a um dos Batalhões de Montes Claros. E, assim, vários outros órgãos e instituições foram perdendo a força em Diamantina, o que fez com que o progresso, que se instalava na cidade, transformando-a em um polo regional, fosse também *transferido* para outros centros, como é o caso de Montes Claros, que, no início do século XX, tinha Diamantina como referência. Hoje, o grande ganho da cidade foi receber da UNESCO o título de “Patrimônio Cultural da Humanidade”, o que incentivou extraordinariamente o desenvolvimento turístico da cidade, chamada de “O Diamante Histórico de Minas”, setor que tem tudo para avançar ainda mais, em razão das características excepcionais - na verdade únicas! - de Diamantina, sob todos os aspectos.

Continuando o seu relato, Quincas diz:

Eu joguei toda minha vida no comércio e nós, os comerciantes, os que viajavam por outras praças, víamos Diamantina como uma cidade perdedora, derrotada e a única esperança que nos restava era o garimpo, tudo que se vê de bonito nessa cidade foi o garimpo que fez, isso até 1989, quando Newton Cardoso foi governador e fechou o garimpo pela primeira vez e, aí, acabou com o projeto do garimpo; olha, você não imagina como é que o garimpo era uma economia que não existia igual no país, era um setor econômico que distribuía renda com imensa prodigalidade! Era uma coisa fabulosa!

Mas as mudanças começam a acontecer não apenas em Diamantina. São mudanças globais e que Fina vê com bons olhos. Todas essas mudanças começam a se refletir nos relacionamentos familiares e sociais e começam a mexer com valores que, até então, estavam enraizados em nossa formação. Fina conta, por exemplo, que o seu filho mais velho, hoje com 40 anos, tinha uma namorada que estudava odontologia e era de fora e, de vez em quando, ele ia dormir na casa da moça e aquilo não a incomodava porque, afinal, ele era homem e ela não tinha nada

com isso. Depois de formada, a moça voltou para a sua cidade e Fina conta o que se passou:

Um dia, meu filho me disse que queria trazer a namorada para dormir aqui em casa, eu não pestanejei, na mesma hora autorizei e os dois dormiram no quarto dele, sem o menor problema, mas, quando vieram as meninas, já na idade de namorar, aí não foi tão fácil, inclusive tinha uma que era muito namoradeira, independente, começou a trabalhar muito cedo e começou a ter um relacionamento aberto. A gente aceitava, mas ela não trazia ninguém para dormir aqui em casa, nem ela, nem as outras, só o filho homem tinha esse privilégio. As meninas nem propunham isso.

Como as mudanças vão modificando a vida das pessoas e, ao mesmo tempo, como alguns valores ainda teimam em permanecer. Para Fina, o filho rapaz dormir com a namorada na casa dos pais é mais do que natural, mas com as filhas moças há outro julgamento. Mas tudo isso mudou realmente. Fina diz que ela e Quincas sempre tiveram uma cabeça muito aberta e que esses pequenos detalhes logo deixaram de existir. *“Eu acho o nosso relacionamento, meu e de Quincas com nossos filhos, muito melhor do que o relacionamento que tivemos com nossos pais.”* Fina diz que nunca teve liberdade com os pais, nem mesmo com a mãe. Ela conta uma passagem de sua adolescência:

Eu não tinha a menor liberdade dentro de casa, nem com a minha mãe; para você ter uma ideia, quando fiquei menstruada, eu não sabia de nada, já tinha quinze anos e minha mãe nunca falou nada comigo, tanto que achei que estava doente e fui falar com ela o que tinha acontecido e ela disse: ‘não... isso é assim mesmo’, mas não me explicou nada, não comentou nada, eu fui aprendendo com a vida, com as irmãs mais velhas, com as amigas e, naquela época, tudo era muito difícil, numa casa com uma mulherada, mas tudo era muito escondido, não havia conversas sobre sexo, nem pensar em falar sobre essas coisas, tudo que eu aprendi na vida eu aprendi na escola, na universidade ou sozinha, com informações truncadas. A minha mãe nunca abriu a boca para me falar nada; o pai, nem se fala, não falava nada nem com as meninas, nem com os homens.

Fina diz que, com a televisão, as coisas começam a mudar, mas, mesmo assim, só com o tempo, pois, naquela época, os programas eram mais inocentes e nem se pensava em cenas como as que se veem hoje, por exemplo, nas novelas.

Uma coisa boa que Fina vê no relacionamento da mãe dela com os filhos é a maneira como a mãe propiciava independência aos filhos, em termos de eles se cuidarem e de assumirem responsabilidades. iam para a escola sozinhos, faziam os deveres sem precisar ninguém estar orientando, cada um resolvia sua vida de forma

totalmente independente, porém, se alguma das filhas, após a aula, fosse dar uma voltinha, logo tinha um irmão que via e contava para o pai, que sempre brigava com a filha por essa razão. A vida das meninas era da escola para casa e, como a casa ficava numa chácara, elas praticamente não tinham vida social, não participavam de festinhas, para irem a um baile tinham de ser acompanhadas por um irmão... Havia muita hora dançante nas casas das colegas, mas a mãe raramente as deixava irem. Não havia bebida nessas festinhas, pelo menos ela não via.

Fina conta que a vida de Quincas era totalmente diferente da dela, ele morava no centro da cidade, o pai tinha uma loja e ele participava de tudo que acontecia na cidade, inclusive, fazia entregas às moradoras do Beco do Mota, zona boêmia de Diamantina. Fina diz que ele era muito namorador, mas Quincas diz que não, que tudo não passava de molecagem e que as pessoas falavam muito pelo fato de ele ir muito ao Beco fazer entregas.

Quincas tem uma memória muito boa e recorda fatos bastante pitorescos da época:

Eu me lembro que meu pai comprou uma casa muito velha e, aí, ele reformou a casa e a transformou numa casa muito boa, com banheiros tendo chuveiros; para você ter uma ideia, eu me lembro quando foi inventado o papel higiênico, e me lembro ainda que toda casa que a gente ia e que tinha mulheres, a gente via no varal aqueles “paninhos”! Quando apareceu o “modess”, as moças ficavam constrangidas de pedir lá na loja e sabe o que fazíamos? A gente embrulhava as caixas de “modess”, fazia uma pilha e deixava lá. As moças chegavam, pegavam a caixa embrulhada, pagavam e nem pediam. Ah! Para uma moça entrar na loja e pedir uma calcinha ou sutiã, nossa! Era uma vergonha! Então, a evolução foi muito grande!

A evolução foi realmente muito grande e, mais do que isso, muito rápida. Uma coisa simples como o papel higiênico, por exemplo, fez uma diferença enorme na vida das pessoas. Ainda brincando com suas lembranças, Quincas diz:

Quando meu pai fez essa casa boa, grande, com banheiros bons e com descarga, isso foi em 1950/1951, eu me lembro que, acima da descarga, tinha um gancho e, lá em casa, comprava muito pão, e naquele tempo não tinha sacola de plástico, tinha era um saco de papel e a gente cortava esse saco de papel em pedaços e colocava naquele gancho para a gente se limpar e, quando acabava o papel de pão, a gente usava jornal. Eu lembro que as cuecas da gente minha mãe é que fazia, pois não existia para comprar; eram aquelas cuecas samba canção em toda vez que a gente trocava a cueca, não era todo dia que se tomava banho, então a cueca estava com aquele lanho da tinta do jornal.

Para Fina, são mudanças simples, mas que fizeram uma notória diferença no cotidiano das pessoas. Ela diz que em sua casa era tudo bastante diferente que na casa de Quincas, onde as crianças ajudavam em todas as tarefas, que iam desde fazer sabão, empilhar a lenha do fogão no depósito, enfim, tudo era feito em casa e todos participavam, até os filhos menores. Na casa de Fina, como a mãe era professora e trabalhava fora, sempre tinha duas empregadas e tudo também era feito em casa, porém, sem a ajuda dos menores. O dia em que todos trabalhavam era o dia de matar porco. Segundo Fina, o pai era muito bravo e exigente, o que foi importante para a educação dos filhos. Uma lembrança dela era em relação ao dinheiro que o pai não dava de jeito nenhum, mas, como o quintal da casa era muito grande, ele chamava cada um e dizia: *“Esse pedaço de chão é seu, faça seu canteiro, plante e o que você produzir é seu”*. Cada um plantava sua horta e vendia, na vizinhança, alface, couve, etc; e tinha as jabuticabeiras cujos frutos eles também podiam vender. Cada um ganhava o seu dinheiro, mas Fina diz que o que eles faziam com o dinheiro era “ir lá no Zé Olímpio e comprar coquinho”, já que não tinham o hábito de comprar balas e doces. Para Fina, era tudo de uma simplicidade muito grande! Falando em comprar, Fina aborda a questão do consumo:

A gente foi criada numa prisão. Em relação a bens materiais, a gente não tinha nada que não fosse extremamente necessário. Meu pai era caminhoneiro e tinha que sustentar doze filhos, então, era uma economia de guerra, de guerra mesmo! Foi o período pós-guerra. Eu vivi uma época melhor que meus irmãos mais velhos. Eu me lembro de que já era grandinha e meu pai comprou uma bicicleta. Nossa! Aquilo foi um sucesso! A bicicleta era para toda a família, todos usavam, mas foi um sucesso. Outro modernismo que tinha na minha casa era pelo fato de o meu pai ser caminhoneiro e viajar para Belo Horizonte. Ele levava uns engradados e os trazia cheios de Guarapan, que eram umas garrafinhas “desse tamanhinho assim” e, quando ele chegava com esses Guarapans, era uma loucura, a meninada ficava doida de alegria!

A lembrança desses fatos faz com que Fina estabeleça uma comparação com as alegrias que as crianças têm hoje. Para ela, as crianças hoje não dão valor às coisas porque têm bens materiais demais, não valorizando, principalmente, as coisas mais simples. Ir a salão de beleza? Fazer unha? Arrumar cabelo? Não existia nada disso! Fina diz que roupa de sair cada uma tinha uma para ir à missa, pois não necessitavam de mais e roupas para o dia a dia eram passadas de uns para os

outros. Em relação à comida, Fina diz que na chácara se plantava de tudo e todos eram obrigados a comer aquilo que lá plantavam e colhiam. Fina lembra um fato acontecido em relação à questão de se comer tudo que se colocava na mesa:

Teve uma ocasião em que o meu irmão mais velho resolveu se rebelar e não comer quiabo. Eu era bem pequena, mas todos os filhos se assentavam em redor da mesa, uma mesa enorme, e meu irmão disse que não queria quiabo. Meu pai falou, então: 'não quer, não?' Aí ele colocou um prato só com quiabo e obrigou meu irmão a comer tudo e ele teve que comer tudo mesmo! Era o maior respeito, quando tinha frango, o peito era do meu pai e para a meninada era o resto, não podia escolher, tinha que comer o que minha mãe colocava no prato. Minha mãe tentava proteger a gente da braveza de meu pai, mas o respeitava muito. Lá em casa, tinha horário para tudo, para levantar, para arrumar a cama, a gente só saía do quarto quando a cama estivesse toda arrumada. Às cinco e meia da manhã, meu pai acordava todo mundo, cada um cuidava de si, arrumava seu cabelo, as mais velhas ajudavam as mais novas, mas minha mãe não. Eram todos muito independentes, cada um era responsável por suas obrigações. Antes de irmos para a escola, tínhamos que varrer o quarto e deixar a casa toda arrumada. Quando chegavam as férias, e ficava todo mundo dentro de casa, depois do almoço, minha mãe juntava todo mundo num quarto de costura e botava todos para bordar, inclusive os meninos. Era uma maneira de ela ocupar a gente; no resto do tempo, a gente cuidava da horta, capinava, plantava, regava, minha mãe não deixava a gente ociosa não.

Relembrando a forma como foi educada, Fina não pode deixar de comparar com a forma como ela e Quincas educam seus filhos. Ela diz que foram muito liberais, os filhos ajudavam muito pouco, ela trabalhava fora o dia inteiro, mas, como diz, foram pais presentes e deram uma boa educação e conseguiram manter uma família unida, com laços bem estreitados. Apesar das diferenças que vê nas formas de se criarmos filhos ontem e hoje, Fina vê coisas boas também. E afirma:

O tipo de criação que nós tivemos naquela época foi muito boa, porque era uma rigidez normal, era todo mundo assim, não havia diferença. Mas nós criamos nossos filhos com muito mais liberdade, mais companheirismo, muita amizade, muita solidariedade e, nesse aspecto, a época atual foi muito melhor.

Uma coisa que encanta Fina é ver como sua netinha de cinco anos opera aparelhos tecnológicos: ela usa um GPS de forma que Fina se diz completamente incapaz de fazer! E se diz encantada com a evolução das crianças de hoje! Uma das críticas que ela faz é em relação à liberalidade sexual excessiva do presente. Para Quincas, “o comportamento moral e ético das pessoas hoje é uma vergonha” e Fina diz que o pensamento corrente é: “se todo mundo é corrupto, porque eu não vou

ser?!” Esse tipo de comportamento moral e ético, segundo Quincas e Fina, gera um sério comprometimento à educação dos filhos. Fina complementa:

Criar filho hoje em dia é muito difícil, o problema da violência, da droga... eu tenho muita pena de quem está tendo que educar seus filhos agora, porque inculcar princípios morais, princípios éticos, princípios de honestidade, está muito difícil! A tecnologia melhorou a vida de todo mundo, mas como educar, dar orientação aos nossos filhos? Os filhos estão mandando nos pais hoje em dia. Os pais trabalham muito e querem compensar os filhos, liberando tudo. Esse aspecto da modernidade é muito triste, crianças muito “sexualizadas”, usando roupas de adulto e se comportando como adultos. Os professores não têm mais direito nem de chamar a atenção de uma criança, porque correm o risco de serem processados.

Fina se diz muito incomodada com o consumismo que impera nos dias atuais. Não se compra mais por necessidade, compra-se para logo jogar fora, tudo é comprado pronto, o que se come, o que se veste, o que se bebe. Como boa cozinheira que é, ela prefere fazer tudo em casa, desde o tempero até os pratos mais simples ou refinados, mas as filhas, como diz Fina, são mais modernas. Fina também se diz muito moderna, mas tem muitas coisas das quais ela ainda mantém a tradição. Apesar de se considerar moderna aos setenta, quase setenta e um anos, ela não usa computador e se diz uma inútil nesse aspecto, mas, em compensação, Quincas faz tudo para ela. Para todos os ângulos da modernidade, Fina só tem elogios. Veja este relato:

Eu gosto muito da modernidade, os avanços que tivemos foram e são infinitos, agora mesmo estou saindo, saindo não, estou fazendo um tratamento de câncer. Tive um câncer de mama recentemente, tirei uma mama e o modernismo dos tratamentos é muito grande. Eu pego um táxi aqui, vou a Belo Horizonte, sozinha; vou à clínica, faço minha quimioterapia, faço tudo sozinha e volto. Isso é muito bom! Há vinte anos atrás, um tratamento desses seria totalmente diferente, os recursos seriam infinitamente menores, mas, independente disso, tudo é muito melhor! Veja as casas, a facilidade dos eletrodomésticos, tudo se tornou mais fácil para a dona de casa, apesar de que, na minha cozinha, sou eu quem faz tudo, a goiabada, por exemplo, que comemos aqui em casa, sou eu que faço, nisso sou antiga! Mas eu acho que a modernidade não é irreconciliável com nada disso!

Quanto a participar de grupos de terceira idade, Fina não gosta, diz que acha tudo muito falso, não tem nada a ver com ela e Quincas, que preferem fazer programas com os amigos. Ela participa, por exemplo, de um grupo de amigas da universidade que se encontram às quartas-feiras, a cada quinze dias, para tomar

cerveja, é a chamada ‘Quarta Nobre’ e o interessante é que tem que ser em um boteco de periferia e, para cada encontro, é escolhido um boteco diferente. Além dessa turma, ela faz parte também de um grupo de senhoras chamado “Aranha”, que se reúne para tecer, tecer e doar os produtos a pessoas carentes. Cada encontro acontece na casa de uma das participantes.

Fina conclui o seu relato dizendo:

Nós vamos fazer 43 anos de casados e gostamos de muita farra; para você ver, nós fomos a Parati caminhando. Caminhávamos 30 km por dia, isso há dez anos atrás, mas sempre fiz atividade física, sempre fiz corrida, caminhada. Gostamos muito de participar da vida social, mas não gostamos de festas, gostamos é de encontrar com amigos, tomar cerveja, fazer coisas pelo social. Ah! Esses encontros nossos da quarta feira só acontecem em botequins de periferia! Já conhecemos todos os botequins periféricos da cidade!

Foto 34 - Quincas e Fina em sua casa de Diamantina (2013)



Fonte: Souza³⁴ (2013), Montes Claros

³⁴ Maria Cleonice Mendes de Souza.

2.2.6 “Aquilo, filha, é a barra do dia!”

“*Aquilo, filha, é a barra do dia!*” Assim D. Maria descreve um dos momentos mais emocionantes de sua vida! Essa fala aconteceu após o pai dela anunciar a todos como era bonito ver a ‘barra do dia’ e ela, então, com sete anos de idade, pede ao pai que a leve com ele para ver a ‘barra do dia’. Assim ela descreve o fato:

Menina, eu era uma criança feliz, feliz! Meu pai contava histórias para a gente à noite e ele falava assim: ‘olha, a barra do dia é linda’, e eu dizia: ‘ô pai, me chama na hora que o senhor levantar, para eu ver a barra do dia, quero ver como é a barra do dia’. Então, meu pai chegou um dia na porta do meu quarto e de minhas irmãs e falou assim: ‘Maria, cê quer ver a barra do dia? Levanta, filha!’ Eu pulei da cama e fui atrás dele até uma bica d’água que tinha e ainda existe, e lavei o rosto. Era madrugada. Então ele disse: ‘aquilo, filha, é a barra do dia!’ Eu, muito pequenininha, atrás dele, vi uma coisa linda, quando o dia começa a amanhecer vem uma sombra, uma coisa muito linda, não era o sol, porque era ainda muito cedo e o sol ainda ia demorar a nascer. Eu adorava esse pai! Ele era a coisa mais linda do mundo! Como a barra do dia!...

D. Maria diz ser chamada de “Maria de Anísio”, numa alusão ao segundo homem mais importante de sua vida, que foi seu companheiro por 34 anos. O pai e o marido marcaram sobremaneira a vida dessa mulher lutadora e que mantém, até hoje, aos 77 anos de idade, uma alegria de viver contagiante! Ela diz ter saudades de tudo que viveu, mas isso não a impede de ser alegre, de viver cada momento intensamente e de transmitir essa alegria a todos ao seu redor. As lembranças parecem vir à sua memória aos borbotões, ela fala de tudo, de onde e de como foi a sua infância, como foi a sua criação, como a mãe lidava com onze filhos numa época em que a vida era muito difícil, principalmente em termos de comodidade. Mas, de todas as lembranças, as que D. Maria mais gosta de falar são aquelas relacionadas ao pai e ao marido. Em sua fala, uma de suas muitas lembranças:

Eu não sei se tinha sete anos, eu tenho uma leve impressão de que era isso, e eu adorava ficar atrás do meu pai, ele ia pras lavouras e eu ia atrás, gostava de ficar atrás dele. Quando ele chegava do pasto, onde ele estava campeando o gado, eu me lembro, como se fosse hoje, ele ficava sentado assim e eu falava: ‘Ô pai, deixa eu tirar os carrapatos?’ E eu tirava carrapatos das costas dele.

Uma lembrança que D. Maria daria tudo para ter é a das feições do pai. *“Hoje eu perdi as feições dele, como ele era, eu faço tudo pra recordar o rosto do meu pai, mas aquilo me fugiu, não tenho um retrato dele, naquele tempo não tinha isso não.* Uma das evoluções dos tempos modernos que D. Maria enaltece é, exatamente, essa: hoje temos guardada a fisionomia das pessoas amadas em um pedaço de papel e podemos olhar a todo momento! A fotografia não nos deixa esquecer as feições de quem amamos e, naquele tempo, segundo D. Maria, tirar uma fotografia era uma raridade, dependendo da situação em que a pessoa vivia, era quase impossível! Outra tristeza que D. Maria tem é não ter conhecido, nem em fotografia, uma irmã que morreu aos dezoito anos, quando ela tinha apenas seis meses de idade e que era sua madrinha de batismo.

A morte do pai foi um momento definitivamente triste em sua vida. Assim ela descreve como tudo aconteceu:

Um belo dia, parece que ele tinha alguma doença, ele veio a falecer e, dessa vez, não teve jeito, o meu pai morreu no dia 15 de setembro, mais ou menos às dez horas da manhã, o ano eu não me lembro mais, mas o dia eu nunca me esqueci! Devia ter uns dez, onze anos, hoje estou com 77, o ano em que eu nasci, tenho que olhar no registro. Depois da morte de meu pai, ele morreu nessa fazenda - todo ano ele adoecia com uma febre e mãe já tinha os remédios certos que ela mandava buscar, mas, dessa vez, não teve jeito. Depois da morte de meu pai, eu cobrava muito da minha mãe, hoje eu me lembro e tenho dó, eu cobrava da minha mãe e falava assim: ‘mãe, porque depois da morte de pai o mundo ficou feio? Com toda sinceridade, o sol perdeu o brilho, o mundo ficou feio, todos os lugares onde a gente brincava ficaram feios, nunca mais o mundo voltou a ser o mesmo mundo que eu vivi até aquela época, quando eu tinha meu pai. A beleza, sem ele, não existia mais!’

Em todo o tempo em que fala, D. Maria recorda o pai e o marido, duas figuras marcantes em sua vida. Mas, apesar dessa lembrança constante, em nenhum momento ela mostra tristeza, é uma pessoa de bem com a vida.

A educação de D. Maria não foi muito diferente da de diversas pessoas que, em meados do século XX, viviam na roça. Ela não frequentou escola e quem ensinou aos filhos as primeiras letras foi a mãe, que havia morado em Itamarandiba e frequentado escola, porém, após o casamento, foram morar na fazenda, onde as dificuldades impediram que os onze filhos tivessem acesso à educação formal. O pai de D. Maria era alfabetizado e até fazia parte do corpo de jurados de Itamarandiba. Para D. Maria, o pai era um homem muito inteligente. Além de ensinar as primeiras

letras aos filhos, a mãe de D. Maria tinha um zelo especial por eles, nenhum dormia sem tomar banho, que era *de bacia*, com água esquentada no fogão à lenha; cada um vestia seu pijama, as irmãs maiores sempre ajudando aos menores, a roupa com que passaram o dia ficava dobradinha em um canto para, no outro dia, voltarem a vestir, até o momento de serem lavadas, com sabão feito em casa, porém, segundo D. Maria, apesar de não ter amaciante, ficavam com um cheirinho muito bom! Depois de todo esse ritual noturno, todos se sentavam em uma mesa grande e, no lugar de cada um, já se encontravam os pratos com canjica e, logo após, o pai os reunia para contar história e D. Maria diz que, até hoje, de vez em quando ela conta essas histórias para os netos. *“[...] São cenas que não me saem da cabeça, apesar de que, às vezes, esqueço alguma coisa, porque a vida passa e eu, com onze filhos, muito trabalho, muita luta, mas, às vezes, alguma coisa chega de repente à lembrança e eu digo: ‘gente! Pai contava isso!’”*

Hoje, na opinião de D. Maria, é tudo muito diferente, não existem mais esses momentos de reunião da família, onde cada um fala de si, comem juntos, os pais contam histórias; hoje é a televisão, o computador, os jogos eletrônicos, os filhos não usam tomar a benção aos pais! *“... Então é assim, minha vida de criança foi maravilhosa, meus pais eram muito carinhosos, mas, se fizesse uma coisa errada, minha mãe até apurava uma vara de marmelo...”*

Seis mulheres e cinco homens e, apesar de todos esses filhos, D. Maria diz que os pais nunca precisaram brigar com os filhos, principalmente com as filhas, por causa do comportamento moral. As filhas namoraram e se casaram todas sem nenhum problema relacionado à postura moral. O enxoval era confeccionado pela própria mãe, que fazia tudo com muito esmero, lavava, engomava e ficava guardadinho no baú esperando o casamento! *“Minha mãe foi um exemplo, mesmo depois da morte de meu pai, ela ficou com onze filhos para criar e acabou de criar todos, sozinha, e criou muito bem; ela vivia da fazenda, de tirar leite, fazer requeijão, queijo...”*

A mãe de D. Maria era muito religiosa, ensinou o catecismo aos filhos, sempre rezava com eles, lia a bíblia, todos fizeram a primeira comunhão e, aos domingos, reunia os vizinhos, os parentes e os filhos para rezar. D. Maria se lembra de que a mãe passou por um momento de tristeza muito grande, quando a primeira filha morreu muito jovem. Diz ela que o pai, para alegrá-la, levou-a em um local

próximo à fazenda e perguntou se ela queria que ele fizesse uma casa ali para ela. Ela quis, ele construiu e, a partir de então, a mãe sempre ia para essa casa e lá ficava sozinha durante a semana cuidando de animais, tirando leite, fazendo requeijão; os filhos ficavam na fazenda com as irmãs mais velhas cuidando de tudo. O interessante dessa história é que ela se repete mais tarde, quando o marido de D. Maria diz a ela: 'Maria, eu vou te dar um presente parecido com o que seu pai deu para a sua mãe.' E ele, então, lhe oferece um sítio próximo a Diamantina, onde hoje se encontra uma espécie de Hotel Fazenda. D. Maria diz que ainda quer passar lá pelo menos um mês, mas fica com certo medo, receio, pois sabe que vai sofrer, já que aquele local lembra muito o seu amor. *"Isso me machuca, porque vem uma saudade muito grande no meu peito."*

"Falo que eu não tive um marido, porque ele foi um pai, um irmão, um amigo, ele foi tudo em minha vida, era uma pessoa linda!" Assim D. Maria descreve o seu marido e diz que a morte dele foi um grande sofrimento para ela, que ficou só para criar os filhos ainda pequenos.

Foto 35 - D. Maria com "Seu" Anísio (1973)



Fonte: Souza (2013), Montes Claros

D. Maria lembra que as pessoas pensaram que ela não fosse resistir, pois sabiam da vivência dos dois, da amizade que havia entre eles, mas ela conta que foi ao velório, chegou perto dele, no caixão, e disse: *"Vai! Você está indo, meu filho, pois vá em paz! Eu estou ficando e vou acabar de criar nossos filhos com muito*

amor e vou acabar de levar minha cruz...” D. Maria me leva ao quarto dela e me mostra o retrato de “Seu” Anísio na cabeceira da cama. Ela joga um beijo para ele e conversa com ele como se estivesse vivo, presente.

Foto 36 - “Seu” Anísio ainda jovem (1943)



Fonte: Acervo do entrevistado

Quando “Seu” Anísio morreu, D. Maria ficou com quatro filhos menores e viveu toda a sua vida em função dos filhos, de todos. Ela relembra um pouco a trajetória dos dois, desde quando se casaram e foram morar na roça, perto dos parentes, o que, segundo ela, definitivamente não deu certo. Lá eles viveram sete anos e foram sete anos de sofrimento! O marido, por ser um homem muito inteligente, trabalhador e honesto, era sempre chamado para resolver questões de outras pessoas, como se fosse um advogado e, por isso, por inveja, sofreu muita perseguição, até mesmo de alguns parentes! Diante de tudo isso, resolveram mudar para Diamantina e o que D. Maria mais admira foi a coragem com que fizeram isso: foram com onze filhos pequenos, sem emprego, e se estabeleceram, como diz ela, “*no miolo da cidade*”. Até hoje, D. Maria se pergunta como eles conseguiram tal façanha, há 40 anos, e ela se diz uma mulher de “*nariz em pé*”, pois criaram bem os filhos e, depois de ficar viúva, ela sozinha continuou a luta dos dois e se orgulha de não dever favores a ninguém! Tinha alguns amigos que, no máximo, os ajudavam com conselhos, mas dinheiro, nunca recebeu de quem quer que fosse!

Chegando a Diamantina, ela montou uma pensão e, depois de três anos, o marido arrendou um restaurante, “O Caipirão”, que, depois, eles compraram e passou a ser definitivamente da família. Lá, nesse restaurante, todos os filhos aprenderam a trabalhar, nenhum nunca trabalhou fora, lutaram e foram adquirindo outros bens e, hoje, todos estão *bem aprumados* na vida. Ela recebe a pensão do marido e poderia também receber a dela, se pagasse o INSS, mas diz que nunca foi *gananciosa por dinheiro*, que, em sua mão, todas as coisas rendem muito e que é muito feliz vivendo dessa maneira!

D. Maria vive hoje em uma casa muito boa e uma coisa interessante é que “Seu” Anísio sempre dizia que, um dia, ainda queria ver todos os filhos morando perto deles e é assim que ela vive hoje; mora em uma chácara rodeada pelas casas de todos os filhos! Ela me levou até uma varanda no segundo andar e me mostrou a casa de cada um dos filhos rodeando a chácara. Ela diz que recebeu muito da vida: *“O que Deus me deu foi muito mais do que dinheiro, ele me deu um marido maravilhoso, um pai que eu choro até hoje e me lembro dele me falando: ‘Ô Maria, levanta para ver a barra do dia!’”*

Quando criança, adolescente e até adulta jovem, D. Maria viveu em casas simples, sem nenhum dos confortos que as casas têm hoje. Fogão a gás, geladeira, televisão só foram adquirir em Diamantina, muito tempo depois que lá chegaram.

Foto 37 - Vista do 2º andar da casa de D. Maria, de onde ela avista a casa de todos os filhos



Fonte: Souza (2013), Montes Claros

Com as coisas ditas modernas, D. Maria diz não ter se adaptado muito. Recentemente é que abriu uma conta no banco, nunca mexeu com computador e se diz apaixonada, atualmente, pelos programas da Rede Vida. De outras coisas na televisão ela não se interessa. Ela se diz católica, mas não é de ir à igreja, para ela a maior forma de oração é cuidar dos filhos e daquilo que Deus lhe deu! Ela não deixa nenhuma de suas obrigações para ir à igreja e chegou a dizer a um padre amigo: *“Olha, se Deus não me aceitar do jeito que eu sou, eu tô podre, porque Ele me deu onze filhos para cuidar e, para cuidar de onze filhos, com a vida que eu tive, nunca herdei nada de ninguém, tive que lutar e trabalhar e nunca tive tempo para essas coisas de igreja.”* Outra coisa com a qual D. Maria não se adapta são os chamados grupos de terceira idade, pois não participa de nada fora de sua casa, da sua família e dos mais necessitados. Ela diz não ter tempo para essas coisas, que ajuda as filhas viúvas, gosta muito de ajudar a quem precisa, porém, afirma:

Gosto muito de dar um pão a quem tem fome, mas, hoje, o povo tá muito orgulhoso, ninguém quer ganhar mais nada da gente não, hoje não tem mais pobreza, eles têm tudo, ninguém tá precisando de mais nada não, hoje os pobres ganham tudo do governo! Eu criei onze filhos na maior pobreza e nunca ganhei nada de ninguém, não.

De telefone, D. Maria diz não ser fã, tem um fixo em casa para falar com os filhos, mas celular ela não tem e não gosta do consumismo exagerado que vê por aí, nem ela, nem os filhos, que, segundo ela, *“... não são também apegados a besteiras! Esse mundo moderno não me atrai de jeito nenhum, nem bato a passarinha, e vou te dizer uma coisa, nada disso traz felicidade!”* Para D. Maria, felicidade é acordar cedo, fazer o nome do Pai e pisar no chão com o pé direito. *“... E deixa quem quiser ser bonito, ter carro bonito e tudo o mais, pois tudo isso é bobagem! A certeza mesmo é que não levamos nada, a única coisa boa que levamos são as boas lembranças, como as muitas que tenho...”* Uma alegria que D. Maria tem é ver seus filhos todos bem, nenhum usa droga, bebe ou se envolve em confusões! Uma coisa difícil hoje em dia, segundo ela, pois se a pessoa não *“entrar no jogo”* é chamado de *“careta”*, de *“brega”*! Mas ela vive tranquila e, toda dia, fala com Nossa Senhora: *“Mãe, debaixo de seu manto esconde meus filhos, dá-lhes juízo e uma boa sorte!”*

Na época em que D. Maria era mocinha, a diversão era ir a festinhas nos lugarejos, mas ela ia muito pouco, porque morava na fazenda e tinha que ir a cavalo, o que dificultava muito. Hoje, quando se diz já velha, D. Maria fica pensando no jeito que seus pais educaram os filhos, por exemplo, em sua casa não havia esse negócio de dormir fora de casa, nem mesmo nas casas dos parentes; se saía, era acompanhada pelos próprios pais, desde criança todos trabalhavam e as brincadeiras eram bastante inocentes, cantavam e brincavam de roda e, sempre que iam à casa de uma tia que tinha uma sanfona, todos cantavam, dançavam e era uma festa só! D. Maria diz que, com seus filhos, foi muito parecido, a diversão era dar voltinhas na rua, mas, como eles, desde pequenos trabalhavam muito, não tinham muito tempo para diversão. Quando a família se mudou para Diamantina, o primeiro filho homem que veio depois de cinco filhas mulheres, era ainda bem pequeno, mas já ia para o restaurante, sentava num banquinho alto e ficava trabalhando no caixa. As filhas moças também trabalhavam no restaurante e até havia uns engraçadinhos na cidade que, pelo fato de as moças trabalharem no restaurante, diziam: *“Ah! Elas são lindas, mas fedem gordura!”* Porém, tudo isso a família superou e D. Maria diz que tudo valeu a pena *“[...] porque hoje eles vivem felizes, todos têm mais de um carro, mais de uma casa, os filhos deles todos estão bem de vida, mas continuam trabalhando...”*

“Hoje, o que eu quero mais da vida? Eu quero é ser feliz! Tive um marido maravilhoso que me deu filhos maravilhosos e uma vida muito boa.” D. Maria diz que a modernidade não a atinge, não nega que vê muita coisa boa nesse mundo moderno, como chuveiro elétrico, energia, televisão, mas diz que tem também muita coisa ruim, e ela acredita que as pessoas não sabem usar as coisas boas da modernidade! *“Nossa vida aqui é muito passageira, olha, eu fico pensando: a gente está aqui conversando, batendo papo, mas não sei se amanhã a gente ainda existe, interessante, bate a boca no chão de uma hora pra outra e aí? O que resta?!”*

Uma das melhores coisas que D. Maria considera na atualidade é ver que todos têm a possibilidade de estudar, coisa que antigamente não acontecia. Hoje, segundo ela, qualquer menino, pobrezinho, pode se tornar um médico, um advogado. Assim como D. Maria vê isso de bom na modernidade, fica perplexa com a falta de amizade verdadeira, para ela as pessoas valorizam a aparência, o consumo, quem veste melhor é mais respeitado, acha também que as pessoas

ficaram mais egoístas, não possuem amor no coração, não existe solidariedade, coisa que ela viu em toda a sua infância! Em suas recordações, diz:

Minha mãe me ensinou assim: sempre que alguém estava doente, podia ser parente, amigo, vizinho e até gente de longe, se estava de cama, sofrendo, ela fazia uma cesta de tudo e preparava uns pratos especiais, biscoitos e ia levar para a pessoa necessitada e a gente ia junto, acompanhando, e eu me lembro que minha mãe nunca fez uma visita com as mãos abanando, ia sempre levando alguma coisa e eu sou assim até hoje. Você vê isso acontecer nesse mundo moderno?

Foto 38 - D. Maria hoje, aos 77 anos de idade (2012)



Fonte: Souza (2013), Montes Claros

D. Maria encerra sua entrevista com a seguinte reflexão: *“A nossa vida é essa: a gente nasce, cresce e morre. Com tudo isso, aprendi muita coisa, inclusive, o principal de tudo, que foi gostar de mim.”*

2.2.7 “A música me abriu muitos caminhos”

A música parece mover a vida do ‘Seu’ Expedito. Nascido em seis de agosto de 1923, viveu quase toda a sua vida em função da música. Filho de pai carpinteiro e mãe dona de casa, criado no interior, na cidade de Itamarandiba, teve como primeira profissão a de alfaiate. “Desde novinho, logo que saí da escola, do grupo escolar, eu aprendi a profissão de alfaiate e foi assim, uns pagavam, outros não pagavam.” Mas ‘Seu’ Expedito gostava de fazer roupa para os outros.

A mudança para Diamantina aconteceu com o Sr. Expedito ainda bem jovem, tanto que ele se considera diamantinense e chegou a receber o título de “Cidadão de Diamantina” da Câmara Municipal da cidade. *“Até outro dia, fui entrevistado por causa disso, de todo mundo pensar que sou diamantinense, mas não sou, nasci em Itamarandiba, porém, sou diamantinense de coração.”* O pai achava que em Diamantina os filhos teriam mais chances de estudar. Uma família relativamente pequena, para os conceitos da época. ‘Seu’ Expedito tinha três irmãos, sendo apenas uma mulher, que se tornou freira. Dos irmãos, apenas ele está em Diamantina; a irmã, que se tornou freira, hoje é Diretora de um colégio em Goiânia, mas ‘Seu’ Expedito conta que, quando chegaram em Diamantina, ela foi para o Colégio Nossa Senhora das Dores, onde entrou com órfã *“[...] naquela ocasião, as pessoas que não tinham poder aquisitivo, eram tidas como órfãs.”* Um dos irmãos vive em Belo Horizonte e o outro faleceu.

Chegando a Diamantina, ‘Seu’ Expedito se firmou como alfaiate, mas, como diz ele, *“nas vira voltas da vida”*, acabou indo para o Exército, inicialmente em Belo Horizonte e depois em Juiz de Fora. Foi uma mudança muito grande na vida de ‘Seu’ Expedito, que aproveitou as oportunidades que surgiram e se dedicou à música, que já fazia parte de sua vida, pois, desde criança, acompanhava a mãe, que cantava no coral da igreja em Itamarandiba.

Foto 39 - Os momentos bons da vida de ‘Seu’ Expedito foram sempre com a música



Fonte: Acervo do entrevistado (1972)

Sobre a música, o Sr. Expedito só tem palavras de exaltação:

Minha vida foi de música, toquei muitos anos em várias orquestras, tenho fotografias aí. Naquela época, tinha jazz e eu me adaptei muito bem, mas, como profissional, música não dá, nunca tive condições de sobreviver com a música, por isso continuei como alfaiate. No exército, a música me ajudou muito, pois me dava muitas regalias, mas, mesmo assim, percebi que não era isso que eu queria e terminei por dar baixa no Exército.

Saindo do Exército, a vida do 'Seu' Expedito deu uma guinada! Continuou como alfaiate, numa firma muito boa e, depois, numa salinha em sua casa mesmo, até que, um dia, quando foi aberta a Faculdade de Diamantina, JK me chamou para trabalhar lá. Trabalhei no almoxarifado da Faculdade até me aposentar. Mas, o que sempre motivou 'Seu' Expedito foi a música que, infelizmente, não dava dinheiro e, para sobreviver, tinha que ter um emprego. Ele diz que, como alfaiate, sempre teve muita sorte e os clientes sempre queriam fazer roupa com ele e, como músico, várias orquestras queriam que ele tocasse.

Foto 40 - 'Seu' Expedito, no início de sua carreira como músico (2º sentado à direita, com um saxofone)



Fonte: Acervo do entrevistado (Foto de 1959)

A sociedade aqui era muito fechada, mas eu, como músico, sempre tive muita facilidade, a música me abriu muitos caminhos. Eu gosto mesmo é de instrumento de sopro; de corda não gosto não, eu até tenho um violão que foi JK que me deu. A história desse violão é muito interessante: numa ocasião em que JK veio a Diamantina, eu fui tocar para ele e, ao final, ele quis autografar o meu instrumento, mas na clarinete não dava, então ele providenciou um violão assinado para mim! Isso foi no dia 15 de maio de 1974.

'Seu' Expedito ainda tem todos os instrumentos que tocava, mas confessa que hoje é muito difícil tocar, por causa da barulhada que existe. "Hoje é muito

diferente, a juventude não aceita o nosso jeito de tocar e as músicas deles são barulhentas demais!” O Sr. Expedito conta com orgulho que, juntamente com outros músicos, gravou um disco para JK, que fez a introdução e a primeira música foi tocada por ele! *“Eu fui muito amigo de JK, a nossa amizade começou quando ele me descobriu lá no Exército em Belo Horizonte e ele era o prefeito!”* Esse conhecimento se deu principalmente em função de o Sr. Expedito cantar músicas, principalmente as modinhas, das famosas serestas de Diamantina, que era a grande paixão do então prefeito de BH! JK mandava buscar o Sr. Expedito no quartel, para que ele tocasse as suas músicas preferidas!...

Foto 41 - Medalha recebida pelo Sr. Expedito, pela amizade pessoal com JK



Fonte: Souza (2013), Montes Claros

Quando jovem, ‘Seu’ Expedito teve uma vida muito movimentada, gostava de participar de tudo que havia na cidade, foi membro da Maçonaria por muitos anos, não perdia um baile, tocava em toda festa que tinha na cidade! Como diz ele, a música lhe abriu muitos caminhos. Além de JK, o Sr. Expedito tem outro amigo muito famoso, só que no seio da igreja. Assim ele relata essa amizade:

Dom Serafim Fernandes de Araújo foi meu colega, nós até formamos juntos, somos do mesmo ano e do mesmo mês, eu sou de seis de agosto e ele é de 15 de agosto, passamos a infância juntos, fizemos o primário juntos, na mesma carteira, fomos amigos na juventude, mas, aí, ele foi para o seminário e eu fiquei na vida. Hoje ele é Cardeal.

Grandes e importantes amizades ‘Seu’ Expedito teve muitas, segundo ele, por causa da música. Casar, só mais tarde, “[...] quando eu me casei, já era um homem maduro, eu me casei em, não sei...”, nesse momento, o filho de ‘Seu’

Expedito interfere e diz que ele se casou em 1951, completaram 60 anos de casados em 22 de dezembro de 2011. O casamento de 'Seu' Expedito foi em Diamantina, com D. Irene, filha de militar e, segundo ele, o namoro naquela época era muito difícil, só podiam se encontrar na casa dos pais da moça. Diz 'Seu' Expedito que não havia muita vigilância, porque cada um sabia que tinha que se cuidar. *"Aqui em Diamantina, eu me casei muito bem, constituí família, tanto que até hoje vivo uma vida muito boa com a minha distinta e temos sete filhos"*. Os estudos, nos tempos em que 'Seu' Expedito era jovem, não eram tão facilitados quanto hoje e ele fez até a 4ª série ginásial, o curso comercial básico. *"...O estudo não era tão importante quanto hoje, eu tinha uma profissão e isso me bastava!..."*

Quando os pais de 'Seu' Expedito ficaram velhos, ele e a família foram morar na casa deles e ele diz que não havia conforto como o que as casas de hoje têm. Havia um fogão a lenha, chuveiro elétrico, só muito tempo depois; geladeira também não tinha, telefone, diz ele que nem sabia o que era! Dessas coisas chamadas modernas, o radinho de pilha era o maior luxo! Todos escutavam a Rádio Inconfidência de BH e a Nacional do Rio de Janeiro. Diversão para 'Seu' Expedito era o que não faltava, devido ao fato de, como músico, participar de todas as festas que aconteciam na cidade; não ganhava dinheiro para tocar, mas, em compensação, era convidado para todos os bailes. *"... Eu era convidado para todas as festas e era muito namorador, mas não firmava com ninguém! Os pais das moças não gostavam da gente, falavam que a gente era farrista, mas eles tinham razão!"* 'Seu' Expedito diz que, depois que se casou, continuou com a mesma vida de músico e que D. Irene nunca se preocupou, *"mas eu nunca dei motivo para ela se preocupar."*

Foto 42 - Tocando na orquestra, em noite de baile



Fonte: Acervo do entrevistado

Com os filhos, a história foi diferente, todos conseguiram estudar, 'Seu' Expedito diz que fazia qualquer sacrifício, mas não deixava faltar nada para os filhos, todas as exigências da escola eram atendidas. Quanto aos seus pais, 'Seu' Expedito diz que eles também faziam qualquer sacrifício pelos filhos, mas não havia as facilidades que hoje são oferecidas pelo governo, frequentar a escola até o término do ginásio já era um grande feito. *“Hoje eu fico vendo, a escola existe para todos, o governo paga. Com toda dificuldade de minha época, meus filhos estudaram, eu comprava livros, tenho até uma biblioteca.”*

Apesar de sempre ter gostado e, praticamente, ter vivido pela música, 'Seu' Expedito sente atualmente muita dificuldade em ouvir música! O mundo, na sua concepção, está muito barulhento e ter momentos de paz e tranquilidade é quase impossível. *“No meu tempo, a música tinha ritmo, harmonia, hoje é muito barulho e pouca arte, a música de hoje só faz barulho, ninguém quer aprender.”* 'Seu' Expedito acha que Diamantina tem muita coisa boa ainda. Ele cita como exemplo o Conservatório, *“[...] mas a música brasileira acabou, depois dessas coisas americanas que chegaram! No meu tempo, o povo tinha o capricho de ter um instrumento, de tocar, de apreciar. Isso não tem mais!”*

Saudades, 'Seu' Expedito diz não sentir, porque o dia que ele quer ouvir uma boa música, ele ouve o disco que gravaram em homenagem a JK! Outra coisa que ele diz fazer é sair com os amigos para irem a um desses bares que ainda tocam uma boa música e tem também a “Vesperata”, que ele considera um grande evento cultural de Diamantina, apreciado por todo o mundo! Outra coisa boa da vida de 'Seu' Expedito, para ele, são os amigos, e são tantos... da música, da Faculdade onde ele trabalhou muitos anos e, graças a tantas amizades, ele recebeu o título de “Cidadão Diamantinense”, o que lhe encheu de orgulho e alegria!...

Foto 43 - 'Seu' Expedito sendo homenageado



Fonte: Acervo do entrevistado

'Seu' Expedito aparenta ser uma pessoa tranquila e compenetrada. Queixa muito do barulho, mora em uma casa bem no centro de Diamantina, em uma rua bastante movimentada e sobre isso ele comenta:

Quando eu quero distrair, eu distraio com a minha música, infelizmente, hoje a gente nem pode tocar muito, porque o barulho é demais. O dia que me dá vontade de tocar, vou atrás dos companheiros, a gente se encontra em qualquer boteco e toca, uns têm violão e a gente, então, vai tocar e o povo, ouvindo, vai se aproximando...

Foto 44 - Dois momentos com os amigos de música. ('Seu' Expedito com a clarineta)



Fonte: Acervo do entrevistado (Década de 1980)

Quanto às coisas modernas e tecnológicas, 'Seu' Expedito diz possuir e não gostar. Tem telefone, tem celular, mas o que ele gosta mesmo é de conversar e

de tocar! “A música é um caminho muito bom, ela me manteve alegre e feliz toda a minha vida; a música é a arte de manifestar sentimentos e emoções.” Ele diz ainda que a música que se toca por aí, nos dias de hoje, não tem melodia, não tem harmonia e não tem arte! Apesar de sempre falar que em seu tempo as coisas eram melhores, ‘Seu’ Expedito diz:

Eu não acho que o tempo de antigamente era melhor que o de hoje, porque quando a gente quer viver um determinado momento, lembrar, qualquer coisa, a gente sabe aonde a gente vai, eu sei onde posso ir para encontrar com a minha turma, para fazer o que eu gosto, é só a gente procurar, ir atrás dos amigos e se encontrar para tocar. Eu não sou saudosista, não fico preso ao passado, eu vivo o momento presente!

Nesse momento, D. Irene, mulher de ‘Seu’ Expedito, entra na sala, toda agasalhada (estava muito frio em Diamantina nesse dia) e fala sobre a homenagem que seu marido recebeu da cidade e diz que ele é uma pessoa muito querida em Diamantina. Ela diz ainda que ‘Seu’ Expedito assiste televisão o dia inteiro e ele fala então que assiste, não por gostar dos programas e, sim, para não deixar a mente parada! Ele diz que gosta de ouvir notícias e que D. Irene gosta de assistir às missas na TV. “Minha mulher é bem mais nova do que eu”. D. Irene diz ter 84 anos. Quando alguém chega à casa deles e pede para ‘Seu’ Expedito tocar, D. Irene diz que ele toca, mas que reclama que, “com esse modernismo a gente não pode tocar o que gosta”.

Foto 45 - ‘Seu’ Expedito no dia da entrevista (2012)



Fonte: Souza (2013), Montes Claros

Ao final da entrevista, 'Seu' Expedito, juntamente com D. Irene e um filho, me levam para conhecer a casa e mostrar umas fotos antigas e, nesse momento, conversando com os três, ele diz que gosta de reunir os amigos para tocar e o filho diz que os amigos já não existem e ele diz: "mas tem o Zé" e o filho então responde que o Zé também já se foi. 'Seu' Expedito fica calado um instante para depois perguntar: "Agora só tem eu?!"

2.2.8 "O que eu acho bom hoje é o conforto que a gente tem"

Dois velhinhos lindos! Assim eu descreveria Dona Nazinha e "Seu" Liro. Estão juntos há 51 anos e mantêm um carinho e respeito incondicionais um com o outro. Ao chegar à casa dos dois, me senti privilegiada por conhecer e me envolver em uma história tão bonita e tão duradoura.

Dona Nazinha, nascida em 1930, na cidade de Mandiroba (Bahia), teve uma infância feliz e tranquila, já que fazia parte de uma família relativamente abastada e benquista na cidade. Segundo dona Nazinha, ela era lembrada em todo acontecimento da cidade. Se era uma festa, uma novena, uma procissão, logo se lembravam de chamá-la para participar. Em suas palavras:

... A minha infância foi um paraíso, tudo era em minhas mãos, meu pai era uma pessoa muito bem de vida, tudo que acontecia naquela cidade, em primeiro lugar era eu, todo acontecimento logo diziam: "chama a menina de D. Nazinha", porque sabiam que tudo que precisasse... ali, na época da novena de Nossa Senhora de Santana, mandavam buscar uma costureira em Mangabeira para fazer as roupas para eu vestir, eram trinta dias de reza e trinta vestidos...

Ainda criança, a família de D. Nazinha se mudou para Espinosa, onde ela terminou os estudos básicos e foi aí, também, que a sua vida começou a mudar. Acometido por uma doença grave, o pai de D. Nazinha foi para Belo Horizonte, a fim de receber um tratamento mais adequado; porém, segundo os médicos de Belo Horizonte, a doença estava muito avançada e não havia mais nenhum tratamento, motivo pelo qual voltaram todos para Mandiroba, aonde o seu pai veio a falecer. Após a morte do pai, os irmãos que moravam em Espinosa, cidade mais avançada que Mandiroba, levaram-na para concluir os estudos naquela cidade, onde se casou em 1962, indo morar em Itamirim, pequeno vilarejo, distrito de Espinosa. Em

Itamirim, D. Nazinha se realizou profissionalmente e vive até hoje, depois de aposentada como professora e Diretora da escola estadual do lugar.

D. Nazinha se lembra da infância como um bom tempo de sua vida, vivendo em uma casa grande e confortável com os pais e nove irmãos. D. Nazinha se lembra da casa de sua infância da seguinte maneira:

Minha casa, na minha infância, era boa, tinha conforto, tinha loja, armazém, meu pai era fazendeiro... As coisas que têm hoje, não tinha não, o fogão era de lenha, não tinha geladeira, tinha um quarto, assim, de madeira e tinha uma portinha para puxar a farinha que a gente guardava lá. Banho, a gente tomava no rio, com uma bola de sabão, sabão de soda que a gente fazia, todos os dias eu ia tomar banho no rio.

Como sua família de origem, D. Nazinha também teve dez filhos, cinco homens e cinco mulheres (ela diz que as famílias naquela época eram grandes). Em suas recordações, D. Nazinha lembra que, quando o pai morreu e o irmão que também era padrinho dela a levou para concluir os estudos em Espinosa, ela ainda era uma criança, lá ela se tornou adulta, formou-se e se casou. Após o casamento, foi para Itamirim, lugarejo próximo de Espinosa e foi em Itamirim que ela começou a trabalhar, inicialmente como professora da única escola estadual do lugar, para depois se tornar diretora dessa mesma escola e se aposentar. Ela diz que não se lembra nem do ano, nem da idade em que se aposentou, só se lembra de que faz muito tempo. Uma das lembranças que marcam D. Nazinha foi uma grande enchente que aconteceu no lugar. Ela diz:

Eu morava onde hoje mora a nora de Mariquinha, ali era minha casa, mas, depois, veio a enchente e levou tudo! A enchente levou a casa com tudo dentro, só se salvaram meus filhos e eu mesma! Quando a gente viu a água entrando, saímos depressa e, logo depois, a casa desabou, porque era daquelas casas de adobe, não era de tijolo, então desabou e eu amanheci o dia sentada debaixo de um pé de planta, com as minhas filhas novinhas no colo; era muita gente, mas nem todos correram para o mato feito eu não; saí de dentro de casa com a água “por aqui”, com Dulcinéia no ombro, João Batista aqui, Dazinha “escanchada”. As casas desse lado caíram todas e todo mundo teve que sair correndo, daquele lado não ficou nem uma casa, isso foi de noite, foi um desespero só! Um senhor que morava perto de mim, ele bebia muito e, na hora da agonia, para eu sair de dentro de casa, a água já nos peitos, peguei a menina Mariquinha, que era a mais gordinha e o homem pegou ela no colo e pegou também Alvacy, que era o outro, colocando o menino no ombro e saiu; eu me virei sozinha com os outros e amanheci onde falei... A casa foi embora com tudo; aí uma senhora que morava ali perto me chamou para dentro da casa dela e, no quintal, tinha uns pés de feijão nascendo e ela mandou eu debulhar, ferver, por sal e dar para os meus filhos comerem...

Depois desse episódio da enchente, os irmãos de D. Nazinha vieram buscá-la, levaram-na para Espinosa e ela não queria mais voltar para Itamirim! Porém, a inspetora da escola onde ela trabalhava, uma mulher muito boa, segundo ela, foi buscá-la e disse: “...*não, você volta*”! E D. Nazinha, muito traumatizada com os acontecimentos vividos, insistia em dizer que não voltaria de jeito nenhum, porque ela não tinha mais nada, nem um prato de comida, mas a inspetora tanto insistiu, que ela acabou convencida a retornar para Itamirim: “...*nessa época, já tinha uns seis anos que trabalhava, então eu voltei, aluguei uma casinha e, depois, nós construímos essa casa em que a gente mora hoje. Aqui eram duas salinhas cheias de buraco, nós fomos consertando e estamos aqui até hoje.*”

Além da casa em que vivem em Itamirim, D. Nazinha e o “Seu” Liro possuem ainda uma casa em Espinosa, onde mora um filho, porque ela e “Seu” Liro preferem mesmo morar em Itamirim, apesar do acontecido: “... *nós gostamos de morar aqui, que é mais tranquilo*”, diz.

A vida de “Seu” Liro não foi tão privilegiada como a de D. Nazinha. Nascido em Monte Azul em outubro de 1926, a sua infância foi sofrida, pois teve de trabalhar desde pequeno para adquirir tudo que precisasse, (neste instante, D. Nazinha diz que ele tem um risco nas costas de chifre de gado). Com pouco mais de um ano, a família de “Seu” Liro se mudou para a cidade de Rio Pardo de Minas. “Seu” Liro tem algumas lembranças desse tempo:

Meu pai era aposentado da polícia, mas o ganho era muito pouco e o dinheiro não dava para manter a família com boas coisas, porque era uma família muito grande. A casa de minha infância era boazinha, meu pai trabalhava muito e tinha a preocupação de dar fartura para a gente, pelo menos não faltava comida.

“Seu” Liro fica impressionado quando vê as facilidades que as pessoas têm para se locomover hoje e passa a se lembrar de como eram as viagens: “... *meu pai era policial e só vivia andando. Quando ele saía, nós “andava” tudo era a cavalo, não tinha carro, esses “trem” modernos. Ia prá São João do Paraíso, Coqueiro, Taiobeiras, Salinas, nós “ia” tudo era a cavalo e, depois, voltava para Rio Pardo de novo...*”

Em 1945, o pai de “Seu” Liro se aposentou e a família se mudou para Espinosa, onde ele conheceu D. Nazinha. Casaram-se e foram morar em Itamirim. Depois de casados, segundo D. Nazinha, eles ficaram um tempo em Espinosa antes de se mudarem definitivamente para Itamirim. “Seu” Liro também se lembra perfeitamente da época em que as chuvas inundaram a Vila e confirma que, após a enchente, voltaram para Espinosa, mas que passaram apenas alguns dias lá, voltando para Itamirim, onde construíram a casa em que moram até hoje. Depois que voltaram de Espinosa, “Seu” Liro diz que foi trabalhar no grupo em que D. Nazinha trabalhava, ela como professora e ele na área de serviços gerais. Antes, ele trabalhava na Barragem, construindo estradas. Os dois se aposentaram no Grupo, sendo que D. Nazinha se aposentou antes dele. “Seu” Liro lembra como era a vida na segunda metade do século XX, antes das grandes inovações tecnológicas:

Naquela época, não tinha essas coisas que tem hoje, não, era fogão de lenha, a gente comprava a lenha, outra hora a gente ia buscar no mato os feixes de lenha para cozinhar. Aqui não tinha energia nessa época, depois veio a energia e a gente comprou uma geladeira. Nós compramos essa geladeira mais ou menos em 1970 e pouco, foi quando chegou a energia aqui; fogão a gás, foi bem depois, a gente gostava mais de cozinhar no fogão a lenha, mas a gente cozinha nele agora só de vez em quando, uma canjica, uma feijoada... Televisão, a gente comprou bem depois, tinha era um radinho a pilha onde a gente ouvia as notícias, ouvia música, tudo era pelo radinho, a “Hora do Brasil”, depois é que a gente comprou uma televisãozinha, eu me lembro que o pessoal que não tinha televisão vinha tudo aqui para casa para poder assistir!

D. Nazinha diz que comprou a geladeira usada e que a televisão foi um filho que mandou de São Paulo. Era uma televisão bem pequena. Segundo ela, naquela época, quase ninguém tinha TV, até mesmo porque não havia energia elétrica: “... nas casas de quase todas as pessoas, tinha era um candeeiro, energia mesmo, algumas casas tinham, mas era uma energia particular...”. “Seu” Liro diz que a primeira energia do lugar era um motorzinho que funcionava até às 10 horas da noite e que era ele que trabalhava, ligando e desligando.

Escola era outra dificuldade enfrentada pelas pessoas naquela época. D. Nazinha lembra que, para estudar, ela ia a cavalo com mais dois irmãos, de Mandiroba, distrito onde viviam, para Sebastião Laranjeira, que, na época, se chamava “Boqueirão”. Em suas lembranças, as palavras fluem facilmente:

Na minha época, meu pai botou a gente pra estudar em Sebastião Laranjeira, a gente ia a cavalo, não tinha carro, era eu e meus dois irmãos, cada um tinha um cavalo, era tudo arrumadinho, tinham os culotes, polainas, tudo certinho.

A viagem a cavalo até Sebastião Laranjeira era uma festa! Ela lembra que, um dia, ao voltarem da escola, cada um em seu cavalo, encontraram um amigo do pai dela. D. Nazinha relata assim o fato:

Uma vez, um velho amigo de meu pai encontrou “nós” no caminho e eu ia na frente, porque ia com tudo e, aí, esse homem foi lá em casa e falou com meu pai: “Êta, compadre, que tá perigoso esses meninos vindo na estrada botando os cavalos pra pegar ‘pareia’ e essa menina, que vinha na frente, soltou as rédeas do cavalo e pegou na cabeça da sela”, então, meu pai falou: “E agora? Fazer o quê?!”. Meu pai tinha um ‘currião’ que tinha umas moedas de prata e ele falou comigo assim: “Olha, o dia que você fizer isso de novo, eu te corto nesse ‘currião’”. Na verdade, meu pai não batia não, era só intimidando..

De acordo com D. Nazinha, a relação com os pais era muito boa, mas não havia a liberdade que existe hoje, as filhas quase não saíam de casa e, quando saíam, eram sempre acompanhadas pelos pais, segundo ela, “... *ninguém andava solta igual às moças de hoje, não...*”.

Para ‘Seu’ Liro, hoje, por um lado, está bom demais: “*Cada pessoa vive a sua vida! Vive todo mundo solto, fazendo o que quer. Na minha época, quando dava 9 horas da noite, não via ninguém na rua, todo mundo ia dormir...*”. Para ele, a educação naquela época era mais rígida, os pais jamais dormiam se os filhos estivessem na rua, coisa comum hoje. Os filhos saem, não têm hora para chegar e os pais dormem tranquilamente. Ele acha também que havia mais união entre as pessoas, era uma coisa rara haver desunião nas famílias, as festinhas aconteciam sempre em clima de alegria, não havia violência e os mais jovens sempre respeitavam os mais velhos. Nestas palavras, ‘Seu’ Liro demonstra seu espanto à forma como as pessoas se comportam hoje:

Acho que a violência hoje é muito grande, a vaidade, a droga tomou conta. No meu tempo nem precisava a gente bater, os filhos obedeciam só com o olhar, hoje, filho não respeita pai nem mãe e nem as professoras, tem muito caso aqui de agressão de aluno à professora. Onde que um aluno, antigamente, desobedecia um professor? Que nada! Tinha castigo, tinha palmatória e a professora tinha autorização dos pais para corrigir as crianças, hoje, se uma professora falar alguma coisa com um aluno, ela leva

é 'tapa'. Aqui mesmo, noutro dia, um aluno quis bater na professora e foi preciso chamar o marido dela, que é policial lá em Espinosa, para vir aqui.

Na opinião de D. Nazinha, toda essa violência que se vê hoje tem a ver com a modernidade, com o excesso de liberdade que os pais dão aos filhos que, segundo ela, estão sendo educados na rua, o que gera muita violência e morte.

Já 'Seu' Liro acredita que, apesar de tudo, em muitos aspectos a vida hoje é muito melhor: *"... antigamente havia muita dificuldade, não tinha transporte, não tinha alimento fácil. Em 1939, teve uma fome danada aqui, porque não tinha transporte".* D. Nazinha diz que se lembra da fome de 1939, mas que ela e sua família não foram afetadas: *"... Lembro que meu pai, quando amanhecia o dia, colocava sacos de alimentos na frente de casa para socorrer as pessoas, ele era Delegado e ajudava muito as pessoas que precisavam."*

As brincadeiras daquele tempo eram muito diferentes das brincadeiras de hoje. D. Nazinha diz que brincava de gangorra, de boneca de pano e que, no domingo, as meninas iam para a casa de uma delas, levando as bonecas de pano e passavam a tarde brincando. De acordo com ela: *"Minha infância foi muito boa, as crianças de hoje não têm a riqueza que as crianças de antigamente tinham, não."* As cantigas de roda também faziam parte das brincadeiras das crianças no tempo da infância de D. Nazinha. Para 'Seu' Liro: *"... Os meninos brincavam era de cavalo de pau, pegavam os cabos de vassoura, montavam em cima e saíam "galopando".* Brincavam muito também era de esconder e, como não havia luz elétrica, a brincadeira ficava ainda mais interessante. Para 'Seu' Liro e D. Nazinha, essas brincadeiras envolviam muito as crianças e isso ajudava nas amizades. 'Seu' Liro diz: *"Hoje não tem essas brincadeiras mais não, ninguém brinca mais, é só na frente da televisão. Esse negócio de ficar só vendo televisão pode ser bom em algumas coisas, mas tem outras muito ruins"*. Na opinião dos dois entrevistados, as crianças aprendem a violência que a televisão mostra. D. Nazinha diz que as pessoas iam assistir televisão na casa de Serafim, da fazenda Baixa Danta, e que era uma televisão de bateria, porque não havia energia.

Quando comparam o tempo de antigamente com o tempo de hoje, tanto D. Nazinha quanto 'Seu' Liro acham que muitas coisas melhoraram, têm algumas críticas relacionadas à convivência nos tempos modernos, acham que as pessoas

não se respeitam, não têm a mesma amizade e consideração, nem convivem harmoniosamente como antigamente.

‘Seu’ Liro comenta:

Eu não tenho saudade daquele tempo não, porque hoje a vida está bem melhor para viver; antigamente, era muita dificuldade, a gente sofria muito, não podia sair para fora porque não tinha transporte, a vida era muito difícil! Eu falo que os tempos de hoje são melhores, mas de algumas coisinhas a gente tem saudade, sim, porque havia muito respeito e paz, ninguém brigava, as famílias eram unidas, isso dá saudade, dessa tranquilidade toda!...

O que D. Nazinha gosta mesmo é do conforto que a modernidade proporciona, afirmando que:

O que eu acho bom hoje é o conforto que a gente tem, a geladeira, o chuveiro elétrico; naquele tempo era tudo difícil, meu pai pegava a carne, salgava e estendia num varal para secar, porque não tinha geladeira para guardar. Quando era de manhã cedo, pegava essa carne, fazia paçoca e um chaleirão de café, e meu pai dizia para a minha mãe para não parar de dar paçoca para a gente porque fazia a gente crescer forte, assim, toda manhã, o café era um pratão de paçoca! A comida era feita todo dia de manhã e de tarde, porque não tinha geladeira.

D. Nazinha e ‘Seu’ Liro têm uma vida tranquila, são aposentados e dizem que a única diversão que têm é assistir televisão e visitar os filhos que moram perto, pois já não podem viajar, devido à fragilidade de D. Nazinha.

‘Seu’ Liro e D. Nazinha não têm computador em casa, coisa que, aliás, não é comum na comunidade. Celular, D. Nazinha diz que uma filha dela tem.

Foto 46 - D. Nazinha e ‘Seu’ Liro em sua casa (2013)



Fonte: Souza (2013), Montes Claros

2.2.9 “Comer, a gente comia muito, mas não tinha dinheiro nem *pra* comprar roupa”

“Antigamente, não tinha festa, a vida era muito parada, era um sofrimento”. Com essas palavras, D. Nicinha começa a relatar a sua história de vida, a falar sobre os tempos passados e os tempos de hoje.

Nascida em 7 de setembro de 1941, no distrito de Monte Alto (Bahia), município de Sebastião Laranjeira, D. Nicinha vive em Itamirim há mais de trinta anos e se diz orgulhosa de ser baiana. A infância, ela retrata da seguinte maneira:

Minha infância foi passada lá no município de Sebastião Laranjeira. Meu problema foi esse: meu pai se casou, só tinha eu, mas ele foi para São Paulo com minha mãe e me deixou bem pequenininha, com um ano e meio, com meus avós, os pais dele. Meu pai disse para os meus avós: “eu vou deixar essa menina aqui para vocês tomarem conta dela para mim. Vou trabalhar, mês depois, volto para pegá-la”. Meu pai foi em Monte Alto, me registrou, entregou o registro para os meus avós e foi para São Paulo; quando ele estava planejando vir embora, minha mãe ficou grávida, mas sofreu eclampsia e morreu. Aí meu pai não voltou mais para me buscar, porque ele não tinha ninguém com quem me deixar, para poder trabalhar, e minha avó ficou cuidando de mim.

Com a idade de sete anos, D. Nicinha começou a trabalhar na roça, olhando o arrozal para que os passarinhos não atacassem, e também buscando água na cabeça em um rio distante. Nessa época, ainda criança, ela já cuidava dos avós velhinhos e, segundo ela, assim foi a sua vida, trabalhando desde muito pequena.

Após o casamento, D. Nicinha e o marido, também baiano, foram morar em Itamirim, onde vivem até hoje. As lembranças da infância estão nítidas em sua memória, da casa dos avós, das dificuldades vividas, dos desconfortos. Seu relato sobre esse momento vivido revela seus sentimentos e sofrimentos:

Quando eu era criança, me lembro que a casa do meu avô era daquelas casas assim, de enchimento, as paredes de pau, de varinha, enchida com barro e de chão, o piso não tinha nenhum preparo não, fogãozinho a lenha, lumiava com o candeieiro de azeite, com óleo de mamona, panela de barro, de ferro, dessas grandes, eu até tenho uma que comprei porque gostava delas demais. Energia não tinha, os banhos eram de bacia, umas bacias grandes, a gente pegava água no rio, porque não tinha água encanada. Essa vida sofrida durou até quando me casei!

Depois do casamento, D. Nicinha começou a trabalhar e, a partir daí, segundo ela, começou a possuir as coisas; comprou geladeira, fogão a gás, a vida foi melhorando: “... *fui saindo da miséria e do sofrimento.*” D. Nicinha diz que foi morar em Itamirim, porque lá era mais adiantado do que o lugar em que vivia: tinha energia, escola, de forma que era mais fácil para os filhos estudarem. Nessa época, o casal começou a adquirir as coisas, a geladeira, por exemplo, ela diz que comprou antes mesmo da energia chegar. A vida, segundo D. Nicinha, começou a melhorar: “... fomos conhecendo as coisas boas; nessa época, comecei até a passear, ia a Espinosa comprar uma coisinha ou outra diferente, uma verdura, por exemplo.”

Quando mudou para Itamirim, D. Nicinha fez um curso para trabalhar no Posto de Saúde, onde ficou durante 31 anos, até se aposentar, aos 68 anos de idade.

D. Nicinha gosta de falar do tempo que passou, de sua infância e juventude:

Naquele tempo, não tinha dinheiro. Se a gente plantava uma verdura, perdia, porque ninguém comprava, a gente vivia assim, não comprava e nem vendia, e hoje não, hoje é diferente, passa uma verdura aí na porta e a gente tem dinheiro para comprar, comemos do bom e do melhor! A gente comia era requeijão, porque fazia lá na roça, mas ninguém comprava, então era assim, tinha as coisas, mas não tinha quem comprava; tinha muitas coisas, porque chovia demais; tinha muito porco no chiqueiro, então a gente comia muita carne de porco e as coisas todas da roça. Comer, a gente comia muito, mas não tinha dinheiro nem para comprar roupa.

Para D. Nicinha, a vida hoje é muito boa, o que ela vê de ruim é a violência, que atrapalha até mesmo a diversão, porque as pessoas não podem mais sair de casa. Ela se refere às cidades grandes, como São Paulo, onde vive uma neta dela, porque em Itamirim, ela diz que não há perigo quanto a ladrões, assaltos, furtos; o que há é muita confusão entre os jovens que usam drogas, brigam e ficam como loucos em cima de motos, ocasionando até mesmo mortes. Para ela: “O tempo hoje é muito melhor. Graças a Deus! Eu acho melhor, porque a gente não sai para fora, para sofrer, vive aqui dentro desse lugarzinho e aqui não tem sofrimento, não.”

O fato de ter sido criada pelos avós marcou muito a vida de D. Nicinha: “...*não tinha carinho, era só trabalho: ‘menina, vai trabalhar, vai fazer isso, vai fazer aquilo, vai buscar água, vai tocar passarinho nos arrozais..’; hoje, os filhos fazem o*

que querem e a gente ainda adula.” D. Nicinha acha também que está muito difícil criar filhos hoje em dia; as crianças não têm mais respeito pelos pais, nem pelos professores: *“...é muita criança desaforada, que até bate nos pais! No meu tempo, as crianças tinham medo dos pais e, qualquer desaforo que fizesse, apanhava na hora.”* D. Nicinha comenta ainda sobre como os filhos apanhavam dos pais e, mesmo assim, eram bons filhos, casavam e respeitavam os pais.

Apesar de gostar muito da modernidade, D. Nicinha não se adaptou ainda a muitas novidades desses novos tempos! O computador e o celular são algumas dessas novidades que ela ainda não faz uso. D. Nicinha diz sentir saudade de algumas coisas do seu tempo de infância e juventude:

Para mim, os tempos melhoraram, mas eu tenho saudade de algumas coisas, eu brincava muito, andava a cavalo, montava nos bezerros, tinha muita brincadeira que hoje não tem mais! hoje as crianças só querem andar de bicicleta, ver televisão, jogar no computador, ver internet. Então, a saudade é dessas coisas que não existem mais e tem também a sanfona que eu tocava muito! De primeiro, tinha aqui um velho chamado Natanael que fazia muitas festas e eu tocava a noite inteira, depois eu me casei e aí não toquei mais, meu marido não gostava, ele falava que mulher dele não ia tocar em festa não, aí eu também ‘enfezei’ e nunca mais quis tocar, mas hoje vejo que foi ‘besteira’ minha ter parado! Eu até comprei uma sanfona nova e ‘tô’ querendo pagar uma pessoa para me ensinar, eu queria tocar pelo menos na igreja.

Quando se fala em conforto, D. Nicinha só tem elogios para a modernidade; ela lembra de que, quando mocinha, ela queria usar maquiagem, mas não havia e ela pintava o rosto com umas frutinhas vermelhas que existiam no mato.

Em termos de conforto, hoje é muito melhor! Naquele tempo, não tinha nem privada seca, a gente tinha que ir era no mato mesmo! Quando eu me casei, nós fizemos uma privada seca lá no quintal e, hoje, a gente já tem um banheiro aqui dentro de casa, então, melhorou muito, a gente toma um banho de chuveiro, quentinho, muitas coisas melhoraram, a saúde tá mais fácil, as pessoas estão vivendo mais!

D. Nicinha diz que, há cinco anos, ela fez uma bateria de exames e somente o colesterol estava alterado, mas que ela não controla, pois *“... depois que passei para a Igreja Evangélica, eu sarei, muita coisa ruim que eu sentia, uns reumatismos, tudo sarou depois que entrei para essa Igreja; aqui em Itamirim não tem ela não, nós vamos é no Boqueirão, ela é do pastor Waldomiro, ele aparece na televisão”*.

Em 1941, ano do seu nascimento, as coisas e os lugares já estavam, segundo D. Nicinha, começando a melhorar, mas ela diz que, onde morava, ainda era muito atrasado e o sofrimento era muito grande. Uma das qualidades da modernidade, na opinião de D. Nicinha, é a facilidade com que os alimentos chegam à mesa das pessoas. Tudo é muito simples, basta querer alguma coisa que tem alguém na porta oferecendo e não precisa nem comprar pouquinho, com medo de perder, pois a geladeira foi outro grande invento dos tempos modernos, para D. Nicinha. Em seu relato, ela afirma:

A gente não achava nem arroz para cozinhar, era na casca e a gente tinha que pilar para cozinhar. A gente pilava o arroz e botava para tirar o fubá para fazer o bolo; tudo era assim, o café a gente comprava cru, tinha que torrar e depois moer, moer não, porque não tinha moinho, a gente pilava era no pilão, depois botava numa panela grande para torrar e ficava ali mexendo, mexendo, o braço doendo, até dar no ponto. Hoje não, a gente acha tudo pronto, até para fazer o pão de queijo a gente compra a massa pronta.

Os aparelhos eletrodomésticos são outra invenção da modernidade que encantam D. Nicinha e ela relembra como era viver sem essas comodidades e confortos de hoje:

Naquela época, sabe como é que a gente conservava os alimentos? A gente botava na palha de banana e botava rapadura, era assim que o alimento conservava, porque não tinha geladeira, né? As carnes a gente guardava na gordura, fritava a banha do porco, botava numa lata grande e colocava as carnes dentro. Minha filha, era um sofrimento, hoje não, a gente acha tudo pronto, é uma maravilha! E todo mundo tem dinheiro, antigamente não.

D. Nicinha fala que a vida hoje é muito boa, que as pessoas nem trabalham mais e que até uma roupa para lavar já tem a máquina que faz o serviço e, por isso mesmo, segundo ela, ninguém quer morrer. O que D. Nicinha queixa é da falta de chuva³⁵: “... a gente planta, mas nada tá produzindo, a fonte do rio secou, os açudes secaram, o clima mudou, a população cresceu, eu acho que uma coisa puxa outra, o desmatamento, a temperatura, tudo foi mudando”. Mesmo com essas queixas, D. Nicinha diz que não tem saudades do tempo que passou e que, apesar de muito “farturoso”, muita chuva, muitas plantações, “... a gente se matava de tanto

³⁵ Itamirim, distrito de Espinosa, é uma vila que fica situada no extremo norte de Minas Gerais, divisa com a Bahia. É uma região muito seca e falta água até para o consumo doméstico.

trabalhar!” Outra coisa que D. Nicinha, como mulher, queixa muito do tempo de sua juventude, era da falta de produtos de beleza. Diz ela:

... Os pés eram todos cheios de lama e rachados de tanto trabalhar no brejo... De primeiro, minha filha, não tinha nem um óleo para a gente passar no cabelo, a gente fritava era uma banha de porco e misturava um pouquinho de brilhantina e passava no cabelo, era banha de porco, não tinha óleo, não tinha creme para pele, não tinha nada, eu, até nessa idade desse retrato aí, não tinha usado nem um creminho na minha pele.

Foto 47 - Retrato a que D. Nicinha se refere, dizendo que até essa idade não tinha usado maquiagem (1960)



Fonte: Acervo da entrevistada

Mas D. Nicinha não tem somente lembranças tristes dos tempos passados, ela lembra também de como era bom beber uma água limpa, sem poluição; comer uma verdura sem o veneno do agrotóxico, coisas que não se veem mais nos tempos de hoje, em que, segundo ela, tudo que comemos é contaminado e prejudica a saúde e a vida das pessoas!

A mãe de D. Nicinha morreu quando ela ainda bem criança, mas o pai se casou novamente com uma pessoa ligada à família e teve quatro filhos: “... depois ela o largou e ele se casou de novo com uma paraense. Com ela, teve dez filhos.” Ela diz que, hoje em dia, mantém contato com seus irmãos por parte de pai.

Foto 48 - D. Nicinha (de vestido claro) com uma irmã e dois dos três filhos (1977)



Fonte: Acervo da entrevistada

“Minha vida foi muito sofrida, mas eu gostava muito”. Com essas palavras D. Nicinha encerra o seu relato e vai pegar a sanfona.

E ela então começa a tocar... e até se emociona!

Foto 49 - D. Nicinha tocando sua sanfona nova (2013)



Fonte: Souza (2013), Montes Claros

2.2.10 “Tem muita ilusão em tudo isso que a gente vê por aí”

A cada frase dita, uma gargalhada. Assim é ‘Seu’ Nem. A alegria estampada no rosto e no sorriso largo denuncia uma vida bem vivida e recheada de boas e belas histórias! Batizado como Edson Garcia de Oliveira, ‘Seu’ Nem, como gosta de ser chamado, nasceu no dia 20 de junho de 1942 em Pedrinhas, divisa da Bahia com Minas Gerais. A infância, ao lado dos oito irmãos, dos pais e dos avós foi passada nos dois lugarejos, mas ‘Seu’ Nem diz que o conhecimento adquirido nessa fase da vida foi em Itamirim, onde viveu todas as suas experiências importantes, se casou, formou família e vive até hoje.

Ao lembrar sua infância, ‘Seu’ Nem relata as dificuldades que passaram, dentre elas, o trabalho pesado e a falta de conforto:

Nós só vivíamos na roça, apanhando lenha no mato para cozinhar, porque só tinha fogão à lenha. O banho era no rio ou, às vezes, a gente buscava a água no rio, porque não havia água encanada, nem banheiro. As casas não tinham piso nem de cimento, nem de cerâmica, era chão de terra batida e, sempre que chovia, como as casas não tinham um bom telhado, gotejava e virava uma lama só e a gente andava nessa lama. A vida era assim, quando era de tardezinha, alguns meninos tomavam banho, outros iam dormir sujos mesmo, porque era muito difícil, não tinha banheiro, nem chuveiro, muitas casas não tinham nem privada seca, a gente ia era no mato mesmo, de modo que minha infância foi assim, mas tinha uma criação com muito respeito.

Todas essas dificuldades não impediam que ‘Seu’ Nem tivesse uma vida feliz. Ele fala com orgulho do pai e da educação que recebeu: “... *quando o pai falava, a gente obedecia! Se mandava a gente fazer uma coisa, era obrigado a fazer, ninguém nem perguntava nada*”. ‘Seu’ Nem se lembra que sempre aos sábados o pai ia a Espinosa fazer feira e que, naquela época, o transporte era a cavalo e o pai saía de madrugada, chamava um dos filhos ou dois e dizia: “... *vai lá na manga pegar o cavalo e arriar*”. Quando o pai chegava à noite, era a mesma coisa: “... *Nem, desarreia o cavalo e leva pra manga*”, no dizer dele, “... *quem era o filho pra dizer qualquer coisa, obedecia na hora*”. A convivência com os pais era assim, havia hierarquia e respeito, mas também havia amor, segundo ‘Seu’ Nem.

Ao falar de sua infância, ‘Seu’ Nem diz que a vida era sofrida para todos, sua mãe acordava bem cedinho, ia acender o fogão e, enquanto esperava a água do café ferver, já ia catando o feijão e preparando o almoço, que tinha que sair bem

cedo, porque era ela que levava na roça para os homens; além de tudo isso, tinha que buscar água no rio para o consumo em casa, lavar, passar, fazer sabão, cuidar das galinhas, dos porcos e ainda ajudava o pai na lavoura; as filhas mulheres ajudavam a mãe e também ajudavam o pai na roça. ‘Seu’ Nem fala da diferença que ele percebe na forma como foi criado e como criou seus filhos e na forma como vê os netos sendo criados:

Vejo uma diferença muito grande! Quando eu criei meus filhos, eles não faziam o que os meus netos fazem, meus filhos obedeciam mais, não vou dizer que meus netos são desobedientes, mas é muito diferente, com meus filhos eu falava e eles obedeciam na hora, hoje, eu falo com meus netos, eles levam na graça e passa; outra hora respondem e falam que ‘isso é coisa da antiguidade, você é atrasado, isso não existe mais e coisa e tal...’. Muita coisa mudou, muitos filhos querem até bater nos pais, usam drogas, andam com más companhias, não dão ouvidos ao que os pais falam... Isso é muito ruim e eu acredito que é por causa dessa modernidade, da televisão que ensina coisa boa, mas também muita coisa ruim, que tem muita ilusão em tudo isso que a gente vê por aí!

‘Seu’ Nem só foi possuir uma geladeira em 1982: “... *Naquela época, só o compadre Élio tinha uma geladeira*”. Na opinião de ‘Seu’ Nem, ter uma geladeira naquela época era uma coisa fora do comum: “... *‘Vixe’, aquilo foi uma coisa absurda, a gente nem tinha costume para botar uma fruta, uma carne dentro da geladeira não; a gente só pensava assim: ‘agora posso ter água fria’, só pensava nisso...*” (risos). Depois da epopeia da geladeira, as coisas foram só melhorando; veio o fogão a gás, “... o que facilitou muito, mas a gente continua a usar o fogão à lenha.” Televisão, ‘Seu’ Nem diz que só foi adquirir uns dois anos após a geladeira e era uma televisão em preto e branco: “... *Aí a coisa foi diferente, mudaram os costumes, a TV tirou muito o tempo das pessoas, tirou o tempo de brincar na rua, tirou também o tempo das obrigações, as pessoas deixavam de trabalhar para ficar entretidas com as novelas, com as programações.*” ‘Seu’ Nem diz ainda que a televisão atrapalha os relacionamentos, que ninguém conversa quando está assistindo a um programa e que, se alguém fala alguma coisa, o outro logo diz: ‘psiu...’ e faz sinal para a pessoa se calar.

Outra queixa do entrevistado em relação à modernidade é a mudança nos costumes. Em seu relato, ele diz:

... O comportamento das filhas era outro, as roupas eram diferentes e até diante dos pais era diferente! Hoje, as moças vestem umas roupas aí que os pais têm vergonha de ver a filha sair vestida daquele jeito, mas não adianta falar, se falar, aí ela veste mais curto ainda (risos). Hoje parece que as moças mais querem mostrar o corpo do que guardar, parece que se mostrar o corpo tem mais honra, mais valor, mas, pra nós, não é assim.

Com relação ao namoro, 'seu' Nem faz uma comparação entre a época em que ele era jovem e os dias atuais e se diz espantado ante tanta modernidade. No seu tempo de rapaz, segundo ele, os jovens se conheciam numa festinha, trocavam olhares, conversavam e mais nada; isso se repetia diversas vezes, até que o rapaz ia à casa da moça e o pai logo falava com a filha: *"Oh! Chegou um rapaz aqui ontem, o que é que ele está querendo?"* Na terceira vez que o rapaz aparecia, 'Seu' Nem diz que o pai já falava diretamente para ele: *"... é, eu sei que você está vindo aqui e eu quero saber se é interessado em casamento, se é para casar mesmo ou como é que é, quais as suas intenções para com a minha filha?!"* Segundo 'Seu' Nem, o rapaz tinha que decidir e, se decidisse casar e desse a palavra, não tinha como voltar atrás. Hoje, isso nem existe mais: *"... o rapaz conhece a moça num dia, no outro já chega na porta da casa dela chamando, sem dar a menor satisfação aos pais, pega a moça, coloca na moto ou num carro e só vai trazer a moça de volta no outro dia ou até dois dias depois e, quando chega, o pai é obrigado a receber a filha e não pode falar nada... (risos).* 'Seu' Nem diz que se o pai falar alguma coisa, a filha ainda responde: *...quem manda na minha vida sou eu."* (risos).

Foto 50 - Adolescente, em um dos poucos registros fotográficos (1958)



Fonte: Arquivo do entrevistado

Outra grande mudança que ‘Seu’ Nem vê é na escola. Ele lembra que tinha uma professora chamada D. América, que recebia os alunos fazendo uma fila, cantando o hino nacional, fazendo orações, os alunos obedeciam sem questionar e, quando faziam algo errado, tinha autorização dos pais para usar sua autoridade a fim de castigar e até para usar a palmatória: *“... não era uma ‘taca’, era uma ‘taca’ de ensinamento e hoje o professor não pode fazer nada, porque se fizer... então eu fico pensando: ‘se continuar assim, no futuro, como é que isso vai ficar?’”* Antigamente, na opinião de ‘Seu’ Nem, *“... o pai pegava o filho e dava umas ‘pargatadas’, umas ‘sandalhadas’, mas, hoje, se o pai der um puxão de orelha para corrigir um filho, pode chegar ao conhecimento da justiça e ele pode ser até preso, castigado”*. ‘Seu’ Nem fala que tem muita preocupação com os netos e os sete bisnetos que tem: *“... Eu tenho medo, não sei o que vai acontecer, mesmo que o meu tempo já passou, mas nunca acaba de passar para quem tem família!...”*

Em Itamirim, ainda não tem internet, mas ‘Seu’ Nem diz que tem uma filha em São Paulo que fala com ele como é: *“... minha filha falou que a internet mostra tudo, é uma coisa de doido, mas para nós aqui ainda não chegou.”* Ao ver como são as crianças e jovens de hoje, ‘Seu’ Nem fica pensando em como a vida mudou:

... hoje, se a gente falar com um menino desses aí como era a vida, noossa! Ele não acredita, então tem hora que eu fico assim..., eles falam, ‘eu quero isso, eu quero aquilo, quero que me compre...’ e, quando a gente fala que não é assim e diz: ‘no meu tempo, quando eu queria uma coisa, tinha que trabalhar para comprar e era assim, criava um porco, uma galinha e ia vendendo, até poder adquirir o que queria...’ Aí eles falam: ‘... mas eu quero, porque fulano tem e eu também quero...’ A gente fala que não tem dinheiro para isso e eles respondem: ‘... não, você tem dinheiro, você é aposentado e tem que me dar.’ Por conta disso, tem acontecido muita violência e não é justo, se a gente dá, eles nunca vão valorizar o trabalho e o pior acontece. Veja bem, hoje eles querem essa garrafa e a gente dá e depois de amanhã eles querem uma moto, eu não posso dar e aí acontece a violência e se a gente não dá, eles dizem: ‘... se não me der eu vou roubar, vou matar...’ e, aí, o pai fica com medo e dá, até sem poder e é assim, está acontecendo muito isso por aí...

Em Itamirim, não existe ainda a violência que as capitais e cidades grandes registram, mas, segundo ‘Seu’ Nem, a droga existe e é em todo lugar, até naquelas rocinhas mais distantes e, na opinião dele, a droga é a causadora dos maiores males da sociedade: *“... parece que eles tomam coragem, não sei como é isso, porque eu não conheço esse ‘trem’.”*

Em seu relato, ‘Seu’ Nem diz que têm acontecido coisas muito estranhas, como pais que dão dinheiro aos filhos para comprar a droga, na esperança de evitar desavenças dentro de casa. Para ‘Seu’ Nem, tudo isso é consequência do excesso de liberdade dado aos jovens hoje, o que é, em sua opinião, coisa da modernidade, já que antigamente não havia tanta liberdade, mas obediência e respeito, e os pais tinham autoridade sobre os filhos. Hoje, o que ‘Seu’ Nem vê são jovens que não querem trabalhar e vivem do dinheiro de aposentadoria dos pais e avós, pois outro dinheiro não há, as roças não produzem mais, não há chuva e não tem ninguém para trabalhar nas lavouras! Se um pai chama um filho para ajudá-lo na plantação, ele diz: ‘... Ah! Eu tô na escola e você não pode me tirar de lá para me levar para a roça.’ Tudo isso tem preocupado sobremaneira ‘Seu’ Nem e as pessoas mais velhas, sérias e sábias do lugar.

Foto 51 - Jovem adulto - uma das poucas fotos antigas que ‘Seu’ Nem possui (1983)



Fonte: Arquivo do entrevistado

Mudanças sempre acontecem no mundo, mas, na opinião de ‘Seu’ Nem:

... essa mudança mais forte foi de uns trinta anos para cá! Há uns trinta anos atrás não tinha televisão, essas motos que são um horror, hoje você nem pode andar por aí, porque corre o risco de ser atropelado e é aquela violência só de moto. Hoje as motos substituíram o cavalo, mas é um cavalo matador. (risos)

A todo o momento, ‘Seu’ Nem fala da preocupação que sente em relação ao futuro; ele diz que muitos velhos não se preocupam e dizem: ‘Ah! Por mim, eu já

to velho...’, mas ele pensa diferente, não sabe quanto tempo ainda vai viver e tem muito medo de passar pelas coisas que, segundo ele, estão vindo por aí: ‘...como diz a bíblia, vão acontecer umas coisas que a gente ia desejar estar morto para não ver.’

Foto 52 - ‘Seu’ Nem no dia da entrevista (2013)



Fonte: Souza (2013), Montes Claros

‘Seu’ Nem faz um desabafo a respeito do que está vendo em sua pequena vila e que tem a ver com a chamada modernidade:

É igual celular, aqui nem pega direito, mas se você reparar vai ver que tudo quanto é criança aqui já tem um, dizem que a Claro já está pegando aqui, mas mesmo antes disso, todo mundo já andava com um celular. (risos) As pessoas têm o celular, mas nem sabem o que tem ali dentro dele, assim é a internet, daqui a uns dias todo mundo vai ter um computador. (risos) É igual à televisão, tem muita coisa boa, tem missa, mas tem muita coisa ruim também! Cadê que o povo quer ver as coisas boas? Já aconteceu de a gente estar assistindo a uma missa na televisão e chegar um lá e mudar o canal e se a gente reclamar, o pau quebra! Eu reclamo, mesmo se tiver briga, eu reclamo!...

Sobre esse aspecto da educação dos jovens hoje, ‘Seu’ Nem faz uma observação com bastante constrangimento: “Antigamente, se nós estivéssemos aqui conversando, um menino jamais passaria por aqui (realmente, a todo instante passava um). Eles dariam a volta longe, para não perturbar.” Mas ‘Seu’ Nem faz também outra observação: “A verdade é que você tem que acompanhar as mudanças, senão você fica para trás, morre de tristeza”.

Resgatar lembranças tão distantes fez ‘Seu’ Nem pensar sobre tudo que está acontecendo na sociedade hoje e ele conclui o seu relato dizendo:

É isso, minha filha, o tempo hoje está bom, mas também está ruim. Eu tenho muita saudade daqueles tempos atrás em que a gente vivia até mesmo pelo mato, mas era sempre com alegria, com aquelas brincadeiras inocentes, tinha muito prazer de ir às casas dos parentes, dos amigos, era uma satisfação imensa, a gente ia para o rio naquele tempo, ainda tinha o rio, a gente tomava banho, pescava... Naquele tempo, não tinha domingo, feriado ou dia santo, qualquer hora que a gente fosse na casa de um parente, de um amigo, a gente chegava lá e ele estava pronto para receber a gente, para 'prosear', hoje isso acabou; antes os vizinhos visitavam uns aos outros, agora não tem isso mais não, a televisão não deixa.

'Seu' Nem fala que, muitas vezes, ele esquece as coisas, mas tem umas coisas que ele não esquece, como as cantorias e as rezas da igreja. Santa Rita de Cássia é a padroeira do lugar e todos os católicos têm muita devoção a Ela. Então, 'Seu' Nem começa a cantar um canto triste e choroso:

*"Bendito e louvado seja
O Divino Sacramento
Que na sua divindade
Sois de Rita o sustento
Seja a nossa intercessora
Oh! Rita bem aventurada!
Oh! Santa Rita de Cássia,
Se outra já na paciência
Sois brilhantes das igrejas
Prudente de penitência
Sois de Deus muito estimada
Pois sereis ditosa
Seja a nossa intercessora
Oh! Rita bem aventurada!..."*

Foto 53 - 'Seu' Nem com a esposa Marinalva (2013)



Fonte: Souza (2013), Montes Claros

2.3 Lugares de Memória

[...] Quando chegou a estrada de ferro aqui em Montes Claros, a cidade melhorou demais e o passeio nosso era todo dia ver o trem sair. (D. Ruth, entrevistada desta pesquisa)

[...] Na casa de meu pai não havia nada dos confortos que a gente conhece hoje, tudo nós fomos adquirir aqui em Diamantina. (D. Maria, de Diamantina, narradora nesta pesquisa)

[...] Aqui, nesse lugarzinho, a vida é uma maravilha, aqui ladrão nunca prejudicou ninguém, a gente pode sair e deixar a porta aberta. (D. Nicinha, entrevistada de Itamirim)

Para entendermos o pensamento e o comportamento dos investigados em cada um dos universos escolhidos, tornou-se importante conhecer o que dizem os estudos históricos sobre cada uma destas localidades. Segundo Halbwachs (2006/2009 p.163) há uma forte relação entre as cidades e os seus moradores. Para ele: *“Quando um grupo humano vive por muito tempo em um local, adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, também os seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele.”* As transformações por que passam as cidades afetam muito os seus habitantes, especialmente os mais velhos, que veem suas lembranças sendo destruídas, como é o caso da nossa entrevistada, D. Ruth, que lamentou profundamente quando voltou a Montes Claros, depois de um período fora, e viu a primeira casa em que morou demolida. É comum o sentimento de perda, quando procuramos vestígios de nossa infância em nossa cidade e eles já não existem!

A memória dos velhos passa pelo coletivo, as lembranças não existem para cada um isoladamente, elas vêm carregadas de outras, principalmente localizadas em um determinado espaço. Halbwachs (2006/2009 p. 170) fala da importância do espaço em que vivenciamos histórias de nossa vida e de como isso é armazenado em nossa memória coletiva:

[...] Não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço - o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção; é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça.

É desses espaços que vamos falar agora.

2.3.1 Montes Claros, Montes Claros, terra de grande beleza!

Montes Claros, Montes Claros
Terra de grande beleza
De fazenda Arraial das Formigas
Transformou-se numa linda princesa...³⁶

Montes Claros - situada ao norte de Minas Gerais, assim como todo o estado e o país, apresenta um processo de envelhecimento populacional. De acordo com os três últimos censos (1980, 1991 e 2000), o grupo da população com 60 anos ou mais passou de 4,1% em 1980 para 6,6% em 2000. De acordo com dados apresentados em sua dissertação, Cerqueira³⁷ afirma que este percentual é equivalente a 17,4% de todo o contingente na mesma faixa etária no Norte de Minas. Em 2003, data da pesquisa de Cerqueira, Montes Claros se achava entre as cinco maiores cidades do estado de Minas Gerais, com uma população de 361.971 habitantes, sendo 344.479 na área urbana e 17.492 na zona rural.

Como esta cidade, tipicamente interiorana, começa a se desenvolver? Segundo Moura (2004), a ascensão de Montes Claros aconteceu de forma lenta. O grande centro comercial que vemos aqui hoje foi influenciado pela sua localização geográfica privilegiada, já que se encontra entre as bacias hidrográficas do Rio Verde Grande e do Rio Jequitaiá. Outro fator citado por Moura (2004) foi a chegada da linha ferroviária no ano de 1926, com a inauguração do trecho Bocaiúva - Montes Claros. (p.11)

Graça (1986), uma das participantes desta pesquisa, em seu livro de memórias, descreve o início de Montes Claros da seguinte forma:

[...] Chegando Figueira às margens do Rio Verde, vendo a fertilidade das terras, pastagens nativas, onde até o sal gratuito aparecia nas baixadas salobras dos barreiros, sentiu que era ali o lugar ideal para fazer fortuna. Não só com o ouro e pedras preciosas, que era o sonho dos bandeirantes,

³⁶ Canto dos Caboclinhos, Catopês e Marujos, das festas de Agosto em Montes Claros.

³⁷ Dados apresentados na dissertação de mestrado intitulada "Envelhecimento populacional e população institucionalizada - um estudo de caso dos asilos do município de Montes Claros", de autoria de Marília Borborema Cerqueira, defendida na UFMG, em 2003.

mas com a agricultura e, principalmente, a pecuária, que até hoje é o expoente máximo da economia desta região. Ali ele plantou a “Fazenda dos Montes Claros”. (Prefácio)

Ainda segundo a autora, a partir daí, o Capitão Antônio Gonçalves Figueira começa a desbravar a redondeza da Fazenda dos Montes Claros, por ele construída em 1707, abrindo estradas e propiciando um grande comércio com amigos, parentes e outros fazendeiros. Assim, a fazenda começa a crescer. A autora mostra essa evolução, apontando o crescimento assustador da população e, com o surgimento de casas melhores, sobrados, as pessoas se tornam mais poderosas, mais civilizadas e tudo começa a se desenvolver em volta da capela em honra a Nossa Senhora da Conceição e São José, construída em 1769, pelo segundo proprietário da primitiva Fazenda, Alferes José Lopes de Carvalho, que a adquirira um ano antes (1768) das mãos de Manoel Ângelo Gonçalves Figueira. O “Largo da Matriz”, hoje Praça Dr. Chaves, vai se tornando o centro da cidade. A Fazenda dos Montes Claros se transforma no Arraial de Formigas, e o comércio de gado, de cavalos e salitre já se mostra a grande possibilidade de riqueza para o município.

Foto 54 - Largo da Matriz em dia de festa religiosa (Início)



Fonte: http://www.ihgmc.art.br/revista_volume7.htm

Foto 55 - Praça Dr. Chaves (Atual)



Fonte: <http://carlosdiamantino.com>

Isto aconteceu em meados do século dezoito e, sessenta anos depois, em 13 de outubro de 1831, o Arraial de Formigas passou a Vila de Montes Claros de Formigas, para, em três de julho de 1857, pela Lei 812, ser elevada à categoria de cidade - Cidade de Montes Claros. Porém, contrariamente a Belo Horizonte, que teve um progresso rápido, Montes Claros caminhava a passos de tartaruga em

termos de desenvolvimento rápido. As estradas eram o principal motivo desse atraso. Somente em 1912, cinquenta e cinco anos após ter sido elevada à categoria de cidade, é que Montes Claros recebe os primeiros lampiões assentados em pequenos postes de candeia (GRAÇA, 1986) e isso apenas no centro comercial.

Foto 56 - A luz elétrica chega em 1917



Fonte: <[http:// www.montesclaros.com.br](http://www.montesclaros.com.br)>

O progresso começa a mostrar seus ares, quando, em 1926, chega a Estrada de Ferro Central do Brasil, através do empenho do Ministro da Viação, Dr. Francisco Sá. Graça (1986) relata: “Graças a ele, nossa Montes Claros teria mais transporte, melhor comunicação e maiores oportunidades, facilitando o seu desenvolvimento sócio-econômico”. Outro fator desencadeante do progresso em Montes Claros foi a instalação do escritório da SUDENE em 1965. Várias indústrias chegam à cidade, trazendo milhares de empregos que vão beneficiar a todos e o crescimento populacional se torna inevitável. Nessa época, Montes Claros apresenta uma população de mais de 180 mil habitantes.

Foto 57 - Montes Claros (meados séc. XX)



Fonte: <<http://www.montesclaros.com>>
(Nas duas fotos, vê-se a Catedral metropolitana de Nossa Senhora Aparecida, um dos símbolos de Montes Claros)

Foto 58 - Montes Claros hoje



Fonte: <<http://www.montesclaros.com>>

O memorialista e escritor João Valle Maurício (2007), ao falar de suas lembranças, faz uma comparação entre sua cidade, Montes Claros, e Belo Horizonte. Nesse relato, percebe-se a diferença entre as duas cidades. Vale a pena ler o que o autor escreve:

[...] Eu só havia estado em Belo Horizonte quando tinha sete anos e não me lembrava bem daquela grandeza toda. O movimento das pessoas, os táxis numerosos, a praça enorme, com o belo monumento no centro, os jardins floridos lindamente, o bonito repuxo jogando a água lá em cima, os grandes prédios, a altura e a elegância das palmeiras imperiais, tudo aquilo comparado ao poeirento Largo da Matriz da minha Montes Claros era uma imensidão, um estupendo mundo novo que me encantava e assustava. (p. 49)

Esta comparação do autor dá uma dimensão do que era Montes Claros em 1938. Apesar de ter começado a existir bem antes de Belo Horizonte, o desenvolvimento das duas cidades segue em ritmos bastante diferenciados. As pessoas que contam fatos e histórias de Montes Claros nos dizem de como o progresso custou a chegar à cidade, em relação a outros centros, como é o caso de Belo Horizonte. Vianna (2007), em sua pesquisa, apresenta fatos e acontecimentos de Montes Claros no período de 1707 a 1962. A primeira agência bancária só chega à cidade em 1926 e o Banco do Brasil só se instala em Montes Claros em 1940; o serviço de telefones automáticos é inaugurado em 1938 e o prédio e serviço telefônico só são inaugurados oficialmente em 1959, quando acontece a primeira ligação interurbana. O primeiro aparelho de rádio é instalado em 1928. E, assim, vai

se instalando o progresso na cidade. O comércio, no início do século vinte, era muito pobre em Montes Claros. Segundo Graça (1986), quem queria adquirir tecidos, ferragens, armarinhos e outros utensílios tinha duas opções: ou ia a Diamantina, que era o “centro civilizado mais próximo e acessível”, ou esperava a chegada dos “cometas”, que eram “viajantes representantes de grandes firmas comerciais idôneas”. (GRAÇA, 1986). Os chamados cometas vendiam de tudo, desde tecidos, ferragens, armarinhos, até produtos femininos e de luxo. A chegada dos cometas era um fato tão importante que as famílias da cidade faziam festa de que toda a sociedade participava, inclusive, segundo Graça (1986), havia até interesse de muitas famílias em fazer a união deles com suas filhas.

Foto 59 - Grupo Escolar Gonçalves Chaves (1º de Montes Claros) : início do século XX



Fonte:
<<http://www.onorte.net/noticias.php?id=13272>>

Foto 60 - Grupo Escolar Gonçalves Chaves (1º de Montes Claros) : 100 anos depois (2009)



Fonte:
<<http://www.onorte.net/noticias.php?id=13272>>

Montes Claros é uma cidade situada em uma das regiões mais carentes do Estado, posicionada na confluência do sudeste e do nordeste brasileiros. A Montes Claros da infância e juventude dos sujeitos que hoje são pessoas idosas é uma cidade tipicamente interiorana (e permanece assim no conjunto das suas memórias).

Foto 61 - Mercado Central (antigo) demolido



Fonte: <<http://www.onorte.net/noticias.php?id=13272>>

Foto 62 - Shopping Popular³⁸

Fonte: <<http://www.onorte.net/noticias.php?id=13272>>

Ribeiro (1930, p.15), ao descrever a Montes Claros da década de 1930, diz do orgulho que ele, menino ainda, sentia ao ver a cidade com mais de 20 mil habitantes, de ver as ruas empedradas em pé-de-moleque e fala da alegria de andar descalço por aquelas ruas em que outros, até por dever social, andavam se equilibrando. Outra beleza decantada por Ribeiro era que a cidade “*era uma ilha de verdor*”, a quantidade de árvores era enorme, toda casa possuía um quintal grande, onde todo tipo de árvore era cultivada. Além de toda essa maravilha citada por Ribeiro, Montes Claros primava ainda pela movimentação de tropas de burros que transportavam os “cometas”, além de carros de boi que transportavam lenha para abastecer as casas; tudo era comercializado na cidade.

A modernidade vai chegando de diversas formas e uma delas é a transformação da paisagem. A Montes Claros descrita por dona Ruth é de prédios antigos carregados de lembranças. Ela fala da primeira casa em que morou e que foi derrubada; fala do sobradão onde aconteciam os bailes em que as jovens, acompanhadas de suas mães, iam para se divertir, dançar e “flertar”. Essa paisagem foi se transformando e deixando a cidade irreconhecível em suas lembranças. “*Era aquele salão enorme, as mães ficavam sentadas nas cadeiras, assim, encostadas*

³⁸ Uma das grandes paixões dos montes-clarenses foi a derrubada do antigo Mercado Central, cujo espaço, hoje, é ocupado pelo Shopping Popular de Montes Claros. Após demolido, o espaço do Mercado deu lugar a um imenso quadrado de cimento, apelidado pelo povo de “Cimentão”

na parede, porque cada uma ia levar a sua filha, porque nenhuma podia ir sozinha, elas ficavam vigiando a gente.” Essa é uma das poucas lembranças que dona Ruth pode ainda vivenciar: o sobradão (Sobrado da Escola Normal/FAFIL) resistiu e, hoje, restaurado, pertence à Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES.

Foto 63 - O “Sobradão” citado por dona Ruth e hoje, reformado é um dos pontos culturais mais importantes da cidade



Fonte: <<http://www.fotolog.com/marclown/47329677/>>: <<http://www.agenciaminas.mg.gov.br>>

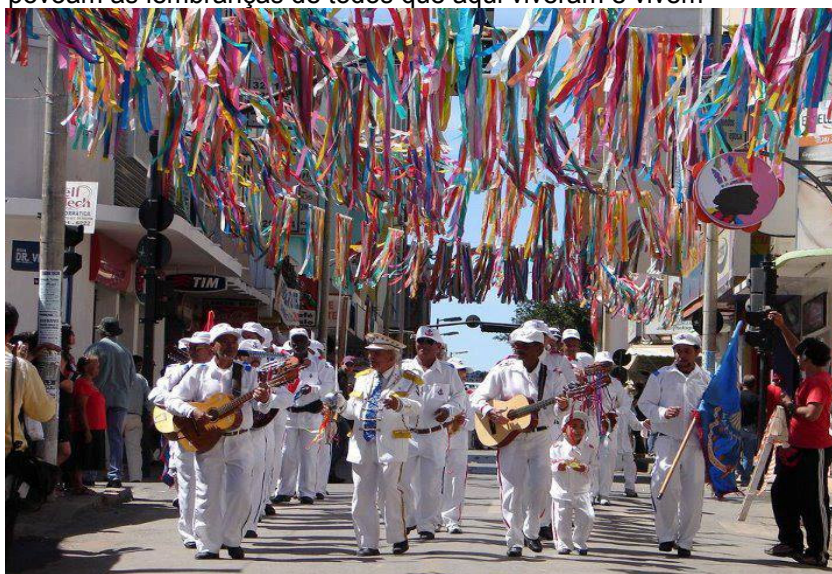
Com todas as mudanças e transformações porque passa uma cidade ao longo de sua história, algumas tradições permanecem. As Festas de Agosto, em Montes Claros, são a mais antiga, maior e mais importante manifestação cultural e popular da cidade, existindo e resistindo, segundo historiadores, desde 1839, e com o mesmo entusiasmo até os dias de hoje. Toda a cidade se enfeita para receber os Catopês, Marujos e Caboclinhos, nos Reinados de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito e no Império do Divino Espírito Santo, seus santos de devoção, e incontáveis visitantes de todas as partes do estado, do país e do mundo. http://www.montesclaros.mg.gov.br/desenvolvimento%20economico/div_tur/eventos.htm

Há uma explicação sobre o surgimento dessas festas:

Nas regiões mineradoras do século XVIII, foi fundada a irmandade do Rosário dos Homens Pretos pelos escravos, que construíram suas capelas e igrejas. Organizavam festas para homenagear a sua padroeira, Nossa Senhora do Rosário, ocasiões em que acompanhavam as procissões logo atrás do púlpito, ricamente vestidos. Era a festa do Rosário. Quando terminava o cortejo religioso, saíam pelas vilas e povoados cantando e dançando. Era o início das populares “Festas de Agosto”, dos folguedos conhecidos como reinados e congados, de onde surgiram os catopês ou

dançantes. Em quase toda Minas Gerais, as festas de congado são realizadas em agosto ou outubro. Hoje, graças ao incentivo de alguns órgãos oficiais interessados na divulgação e preservação do nosso folclore autêntico, as ruas de Montes Claros se enchem de alegria com o reluzir dos espelhos, o tinir das espadas que espocam e a Banda de Música do 10º BPM, dirigindo-se até a Igreja do Rosário, a “Igrejinha dos Catopês”, localizada na Praça Portugal. (Disponível em: <www.montesclaros.mg.gov.br>). Acesso em: 15 ago. 2013.

Foto 64 - Grupo de Marujos ou Marujada - As Festas de Agosto povoam as lembranças de todos que aqui viveram e vivem



Fonte: Maia, Daniela. <<http://www.Facebook.br>>

As transformações advindas da modernidade não haviam chegado ao norte de Minas, pelo menos não tanto quanto nos grandes centros. Isso por vários fatores, entre eles, a dificuldade dos meios de comunicação e a precariedade das estradas norte - mineiras.

Brito (2006, p.97) em sua dissertação de mestrado pela UFMG, transformada em livro, ao analisar o progresso na cidade de Montes Claros no período compreendido entre 1917 a 1926, aponta a forma como as pessoas vão se adaptando às novidades da modernidade. Para esse autor, o montesclarenses olhava tudo que estava acontecendo no mundo como um espectador que apenas admira; não questionava, nem participava, simplesmente, aquele mundo que se prenunciava não parecia ser o dele. Na opinião de Brito, a crença na prosperidade que a elite determinava, não trouxe apenas a certeza e a sensação de harmonia entre progresso e civilização; problemas como “a exclusão social, a miséria e a letargia

que tanto contribuíram para a fixação e reprodução de grupos sociais dominantes”, surgiram dessas transformações.

Foto 65 – Montes Claros - ontem e hoje



Fonte: <<http://www.minasdehistoria.blog.br/2008/06/programacao-do-simposio-sobre-o-norte-de-minas-na-anpuh/>
<http://www.clickmonteiro.com.br/2012/04/montes-claros-mg-registra-tres-tremores.html>>

Montes Claros, nos últimos anos do século XX, é outra, porém, continua com muitas das mazelas descritas no início do século pelos estudiosos e autores da história da cidade. Vale a pena citar aqui a comparação que a autora Graça (1986), participante desta pesquisa, faz da Montes Claros de meados do século XX com a Montes Claros dos tempos atuais. Em seus comentários:

Hoje, vivemos numa sociedade puramente capitalista. [...] As grandes lojas, com seus crediários “esfolantes”, dominam o comércio e é tão grande a “neurose” de comprar que, não se falando de classe alta, a média e a baixa, mas também os mais pobres, que moram mal, em favelas, barracões cobertos de tábuas, capim e até papelão, não têm dinheiro suficiente para o arroz e o feijão. Entretanto, a maioria possui televisão a cores, com geladeira, fogão a gás, aparelhos eletrodomésticos, tudo adquirido pelo crediário. (p.45)

O que não se deve esquecer é que este depoimento de Graça é de 1986. E de lá para cá, continua do mesmo jeito? As pessoas continuam consumindo desenfreadamente? A tecnologia e os aparelhos eletrodomésticos mais modernos ainda fazem parte da maioria das casas, sejam elas pobres ou ricas? Estas e outras questões nos interessam. Como as pessoas com mais de setenta anos de idade encaram a realidade atual? Em Montes Claros, pessoas com mais de sessenta anos chegam ao número de 32.931, assim distribuídos:

Idade	Homens	Mulheres
60 a 64 anos	4.811	5.646
65 a 69 anos	3.359	4.110
70 a 74 anos	2.394	3.211
75 a 79 anos	1.473	2.128
80 a 89 anos	1.189	2.001
90 a 99 anos	192	465
100 anos ou mais	7	41

Verifica-se, mais uma vez, a predominância das mulheres com mais de 60 anos em relação aos homens. São 13.425 homens e 17.602 mulheres com mais de sessenta anos, um pouco mais de 30% a mais de mulheres, porém, em relação às mulheres centenárias, essas superam os homens em 500% a mais. Em todas as faixas etárias, o sexo feminino é dominante.

Essa realidade se repetirá nas cidades de Diamantina e na Vila de Itamirim?

2.3.2 A Sempre Viva Diamantina

Em uma trajetória iniciada no século XVII, Diamantina foi sendo forjada a partir de interesses distintos que atraíram um universo de personagens, destacando-se aventureiros e estrangeiros, além de instituições governamentais que movimentavam os atrativos sociais, econômicos e políticos que a região oferecia.

Ocupando um espaço geográfico no estado de Minas Gerais conhecido como Vale do Jequitinhonha, onde a pobreza é secular e os períodos de secas são constantes, Diamantina surpreende pela fartura de seus recursos hídricos, destacando-se partes e afluentes do rio Jequitinhonha e Ribeirão do Inferno, pertencentes à Bacia do Rio Jequitinhonha e do Rio São Francisco.

Joaquim Felício dos Santos, em seu livro *Memórias do Distrito Diamantino*, apresenta a história do surgimento do que é hoje a cidade de Diamantina. Tudo aconteceu quando, em busca de ouro e pedras preciosas, os bandeirantes criaram, no final do século XVII, o Arraial do Tijuco. Mas foi com a descoberta dos diamantes no início do século XVIII que o Arraial prosperou, criando as bases para uma história diferenciada da colonização ibérica em outras partes do mundo.

Diante da riqueza do Tijuco³⁹, em 1734, a Coroa Portuguesa transformou o arraial em centro administrativo, com a criação do Distrito Diamantino. Nesta época, a vida faustosa da elite tem como expressão um dos casais de amantes mais famosos do Brasil: o contratador João Fernandes de Oliveira e a negra Chica da Silva, contrastando-se, no entanto, com a exploração dos negros escravos.

Foto 66 - Arraial do Tijuco, elevado à Vila em 1831



Fonte: nelioblog.blogspot.com.br

Foto 67 - Em 1838, a Vila é elevada a cidade



Fonte: nelioblog.blogspot.com.br

O Distrito Diamantino era uma colônia dentro de outra colônia, desligado do resto do Brasil por uma barreira legal e administrativa. Em 1771, a Coroa passou

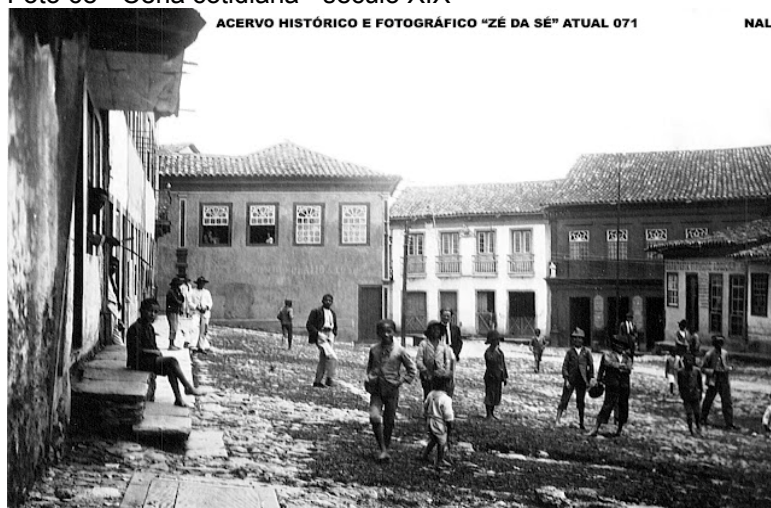
³⁹ Alguns autores grafam “Tejuco” e outros “Tijuco”.

a ocupar-se da mineração, criando a Real Extração dos Diamantes. Um código de leis específico, o Regimento de Diamantina, normatizava as atividades no distrito, sendo conhecido como “Livro da Capa Verde”. Mas nem a Lei e a repressão foram suficientes para impedir a luta entre as elites tijucanas e o contrabando de diamantes pelos aristocratas, garimpeiros e “quilombolas”.

De todos os pontos da Capitania, o Tijuco era que entretinha relações mais imediatas, não só com a metrópole, por meio dos correios diretos e enviados à Extração, como os outros países da Europa, em razão do contrabando, que, de contínuo, se fazia pela Bahia e Rio de Janeiro, principalmente com a Holanda e a Inglaterra, quase os únicos consumidores dos diamantes brutos extraviados.

Somente em 1831, o arraial foi elevado à categoria de Vila e, em 06 de março de 1838, à cidade de Diamantina. Entretanto, foi como centro de prestação de serviços e de comércio regional do Alto Jequitinhonha que Diamantina se destacou, principalmente após sua elevação à condição de cidade em 1838. A segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX são marcadas pela dinamização do comércio, da indústria e da educação. Assim, Diamantina passa a ser conhecida como a “Atenas do Norte”, alcunha que as elites deram à sua cidade na passagem do século XIX para o século XX.

Foto 68 - Cena cotidiana - século XIX



Fonte: www.guardamunicipaldtna.blogstop.com.br

Entretanto, nos últimos anos, a escassez das minas produziu um declínio avassalador em sua economia, que retirou do município a condição de gerar

empregos à população de mais de 40.000 habitantes. Entendemos, assim, que os diamantes do Arraial do Tijuco entraram para a história do Brasil, das Minas Gerais e da Coroa Portuguesa. A história da exploração dos diamantes é clássica. Mais de duzentos anos depois da descoberta do primeiro diamante, as minas se esgotaram, o comércio de pedras decaiu e o insistente garimpo teve seus dias contados. A atividade representa hoje apenas 10% da economia local, quando já representou 70 a 80%. Mas o produto de toda uma era de riquezas é que tornou a cidade patrimônio cultural de toda a humanidade.

Foto 69 - Casa de Chica da Silva



Fonte: <<http://www.feriasbrasil.com.br/viajante/index.cfm?IDUsuario=101409218196506>>

Nos últimos dois séculos, principalmente a partir do início do século XX, a decadência econômica fez com que a cidade se voltasse novamente para as suas raízes históricas e culturais. Logo, com uma história de quase 300 anos, Diamantina, atualmente, resgata as suas raízes culturais, através de grupos folclóricos, festas religiosas, gastronomia, arquitetura, musicalidade (A Vesperata, com serestas e concertos) e no modo de ser do seu povo. Hoje a cidade faz parte da Estrada Real⁴⁰ e do Circuito dos Diamantes, além de ser uma das cidades históricas mais singulares e notáveis do Brasil.

⁴⁰ A Estrada Real abrange 177 municípios em três estados: 162 em Minas Gerais, oito no Rio de Janeiro e sete em São Paulo. Desde a sua fundação, em 1999, o Instituto Estrada Real desenvolveu e executou muitos projetos para diagnosticar os potenciais de cada região, melhorando a infra-estrutura turística, sensibilizando e capacitando as comunidades, com o objetivo de atrair turistas, considerando oportunidades e investimentos nas mais diversas áreas, como o ecoturismo, turismo rural, turismo de saúde, turismo religioso, turismo esotérico, turismo de negócios, turismo gastronômico, turismo histórico e cultural.

Foto 70 - Cerimônia cívica - Rua Direita (1922)



ACERVO HISTÓRICO E FOTOGRÁFICO "ZÉ DA SÉ" 129

NAL

Fonte: www.nelioblog.blogspot.com.br

Foto 71 - Auto bonde - 1º transporte coletivo (1924)

1924- AUTO BONDE

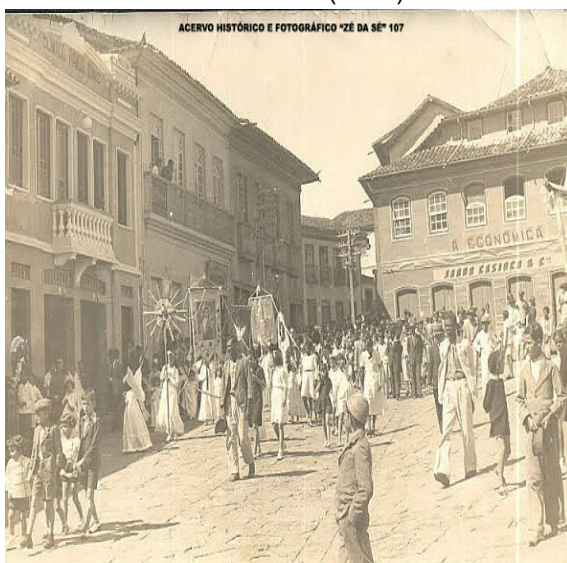


ACERVO HISTÓRICO E FOTOGRÁFICO "ZÉ DA SÉ" 127

NAL

Fonte: www.nelioblog.blogspot.com.br

Foto 72 - Festa do Divino (1938)



ACERVO HISTÓRICO E FOTOGRÁFICO "ZÉ DA SÉ" 107

Fontes: www.neliblog.blogspot.com.br

Foto 73 - Procissão - Tradição religiosa ainda mantida pelo povo de Diamantina



ACERVO HISTÓRICO E FOTOGRÁFICO "ZÉ DA SÉ" 076

NAL

Fontes: www.neliblog.blogspot.com.br

Este fortalecimento da identidade cultural contribuiu para que, no dia 1º de dezembro de 1999, a cidade de Diamantina recebesse da UNESCO o título de "Patrimônio Cultural da Humanidade", sendo reconhecida além fronteiras, pelas suas ricas manifestações culturais, expressadas na arquitetura, na arte, na música, na poesia e no modo de vida da população. Resumindo, a ocupação e o povoamento da cidade deram-se em consequência da exploração do diamante, possibilitando não apenas o desenvolvimento econômico, mas também o político e cultural,

revelando, assim, pessoas como: Intendente Câmara, Padre Rolim, João Fernandes, Chica da Silva, Lobo de Mesquita e Juscelino Kubitschek.

Diamantina sempre foi uma cidade com muitas tradições, com um povo de uma religiosidade muito forte e arraigada. Fina e Quincas, entrevistados desta pesquisa, nascidos em 1941, lembram bem de como era a cidade e os costumes em meados do século XX. As famílias criavam os filhos com rigidez e com normas estabelecidas. Diz Fina: *“Na minha casa, eram nove mulheres e três homens e meu pai era muito bravo, ele trazia as mulheres dentro de uma redoma, não podiam namorar, não podiam sair...”* A modernidade, como a conhecemos hoje, com toda a tecnologia e mídia que fazem parte do cotidiano das pessoas, só começou a chegar em Diamantina por volta dos anos 1960/1970; até então, a vida das pessoas era muito sacrificada, com pouco conforto e as famílias sendo criadas em meio a costumes muito semelhantes aos do início do século XX. Quincas, morador de Diamantina e entrevistado desta pesquisa, diz que algumas benfeitorias e progressos começaram a chegar em Diamantina com a ascensão de Juscelino Kubitschek ao governo de Minas Gerais. Em suas palavras: *“[...] Antes de 1960, chegou o telefone aqui em Diamantina, acho que quando Juscelino foi governador, ele trouxe o telefone para Diamantina”.*

Foto 74 - A cidade começa a se desenvolver em tecnologia e conforto, segundo os entrevistados, a partir de meados do século XX



Fonte: <www.espacoturismo.com.br>

Dona Ruth, entrevistada da cidade de Montes Claros, confirma essa “vantagem” de Diamantina sobre outras cidades da região. Quando ela fala sobre os viajantes que faziam as “praças” vendendo suas mercadorias, diz: [...] Eles ficavam muito tempo aqui e daqui iam fazer a praça nas cidades aqui perto e Montes Claros era o ponto central, pois, mesmo atrasada, era muito melhor que as outras cidades,

a não ser Diamantina, que era a “supra-supra”. Diamantina era evoluída, é muito mais velha que Montes Claros!” No início do século XX, muitas moças, de famílias mais abastadas, iam estudar em Diamantina. Cibeles, participante desta pesquisa, diz que sua mãe foi estudante em Diamantina e, em seu relato, ela retrata a rigidez da educação naquela cidade: *“Minha mãe também teve uma educação religiosa muito rígida, porque ela estudou em Diamantina. Naquela época, ser interna no Colégio de Diamantina, Nossa Senhora! A pessoa tinha que vestir camisolão para tomar banho, não podia ver seu próprio corpo...”* O Colégio Nossa Senhora das Dores era um internato feminino, dirigido por freiras e servia às moças da região. Hoje o local (Passadiço da Glória) é um atrativo ponto turístico.

Foto 75 - Alunas do Colégio Nossa Senhora das Dores - Passadiço da Glória (Ontem e Hoje)



Fontes: <www.nelioblog.blogspot.com.br>

Além das tradições religiosas, Diamantina é também referência mundial por sua musicalidade, tendo como principal representatividade a Vesperata, produto turístico cultural e musical que acontece dos meses de março/abril a outubro, quinzenalmente, e leva à cidade pessoas de todo o mundo. Outra festa de âmbito também mundial é o carnaval, festa popular que adquiriu formas e costumes modernos, perdendo muito de suas características tradicionais.

Foto 76 - Vesperata - uma das principais atividades ou eventos culturais de Diamantina e o carnaval, festa popular que leva à cidade milhares de pessoas de todo o mundo



Fonte: <www.feriasbrasil.com.br>

Além dos eventos ou festas tradicionais, como a Vesperata e o Carnaval, Diamantina possui ainda uma vida artística e musical muito rica. Qualquer dia da semana, passeando em suas ruas, ouvem-se sons de instrumentos e vozes cantando. O Sr. Expedito, narrador desta pesquisa, se sente saudosos do tempo em que tocava em orquestras e em bailes, porém, para ele, ainda existem coisas boas: *“Diamantina ainda cultiva a boa música, apesar de alguns serem contra, ainda tem muita coisa boa aqui e, quando a gente quer mesmo, a gente arranja um jeito.”*

Foto 77 - Músicos tocando em uma das ruas de Diamantina⁴¹



Fonte: <<http://www.pingram.me/tag/festivalufmg>>

⁴¹ Cena comum na cidade de Diamantina. Em qualquer lugar e a qualquer hora se encontram pessoas tocando.

Foto 78 - Sr. Expedito e amigos seresteiros⁴²

Fonte: Acervo do entrevistado

Em entrevista em 21 de dezembro de 2011 ao site <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/12/diamantina-e-conhecida-como-cidade-musical-de-minas-gerais.html>, 'Seu' Expedito confirma o que me disse e relata porque se sente tão feliz em ser um seresteiro: "O pagamento para nós, seresteiros, é ver o brilho nos olhos dos turistas, o canto que nos acompanha e o sorriso estampado nos rostos destas pessoas. A salva de palmas ao final é a maior recompensa", assim é 'Seu' Expedito, assim é o povo de Diamantina!...

Historiadores e conhecedores da cidade sabem da alegria e da musicalidade desse povo. O historiador Erildo Antônio Nascimento de Jesus, na mesma entrevista dada ao site <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/12/diamantina-e-conhecida-como-cidade-musical-de-minas-gerais.html> diz que, em todas as famílias da cidade, existe pelo menos um músico, e não é à toa que Diamantina também é conhecida como a "Capital Brasileira da Seresta".

Outras atrações fazem de Diamantina uma cidade visitada e querida por número infinito de pessoas, tanto da região quanto de todo o Brasil e até do mundo. Duas dessas atrações famosas são um passeio ao Mercado dos Tropeiros (municipal) no sábado pela manhã e o "Café no Beco", que acontece no Beco da Tecla todas as manhãs de domingo e oferece ao turista: cafés, chás, doces, bolos, biscoitos, música e dança.

⁴² O Sr. Expedito (foto), participante desta pesquisa e músico em Diamantina, é um grande *apaixonado* pelas serestas e diz: "O dia que me dá aquela vontade de tocar, eu vou atrás dos companheiros, a gente se encontra e toca, a gente se encontra em qualquer boteco, uns têm violão e a gente então vai tocar e o povo, ouvindo, vai se aproximando..."

Foto 79 - Um sábado no Mercado Municipal (do Tropeiro)



Fonte: <www.triangulodasgeraes.blogspot.com.br>

Foto 80 - Café no Beco, atividade dominical que alegra os turistas



Fonte: <www.triangulodasgeraes.blogspot.com.br>

Diamantina é uma cidade que ainda conserva tradições de mais de duzentos anos, como, por exemplo, as festas religiosas da Semana Santa. Neste período, a cidade recebe turistas do mundo inteiro, que se encantam com todo o esplendor das procissões, missas e encenações de quadros vivos que representam a Paixão de Cristo. A cidade da musicalidade é também a cidade da religiosidade. Várias igrejas compõem o cenário de Diamantina e são locais de turismo para todos aqueles que se interessam pela cultura e pela riqueza da cidade. Cada igreja possui uma história, contada com entusiasmo pelos moradores da cidade.

Foto 81 - Catedral Metropolitana - centro de Diamantina hoje



Fonte: <www.ahdoqueugosto.blogspot.com.br>

Cidade tipicamente religiosa, com predomínio das igrejas católicas, Diamantina possui em seu patrimônio cultural diversas igrejas que encantam a todos que as visitam e enchem de orgulho os habitantes da cidade. De acordo com o Censo⁴³ 2010, dos 45.880 habitantes de Diamantina, 684 são espíritas, 5.729 são evangélicos e 37.831 são católicos. Ainda segundo o Censo 2010, na cidade existem 4.939 pessoas com mais de 60 anos, sendo assim classificados:

Idade	Homens	Mulheres
60 a 64 anos	640	737
65 a 69 anos	511	601
70 a 74 anos	383	577
75 a 79 anos	268	403
80 a 89 anos	237	446
90 a 99 anos	34	92
100 anos ou mais	01	09

Como em todos os outros lugares pesquisados, as mulheres com mais de sessenta anos predominam sobre os homens e a porcentagem de idosos chega a quase 10% da população total da cidade.

Nota-se, destarte, que os moradores de Diamantina que participaram deste estudo, têm muitas histórias para contar, pois viveram a maior parte de suas vidas em uma cidade de riquezas imensuráveis, que guarda tantos tesouros (materiais e imateriais) desde épocas tão distantes.

2.3.3 Itamirim, Pedrinhas, Pedra Pequena

Itamirim é um povoado localizado no Município de Espinosa, norte de Minas Gerais, que faz divisa com a Bahia. Segundo pesquisadores e estudiosos desta região, as terras de Tremedal (região à qual o distrito pertencia), antes de

⁴³ Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20mar. 2013.

1820, faziam parte da Capitania da Bahia. Silva (2011)⁴⁴, em sua pesquisa sobre o distrito de Itamirim, afirma:

Próximo dos aldeamentos indígenas: Aldeia, Pedra Vermelha ou Pedra Branca e Gentio surgiu o primeiro povoado que se denominou “Pedrinhas”. A denominação Pedrinhas vem do pedregulho ou cascalho que existia em abundância na barranca baiana, margem direita do Rio Verde Pequeno. Era chamado de “Passagem das Pedrinhas”, o passo do rio na estrada real de Santa Rita do Boqueirão do Parreira de Monte Alto. (SILVA, 2011,p. 1)

Itamirim surge, então, com a denominação de Pedrinhas que, com o tempo e com a devoção do povo daquele lugar, passa a se chamar Districto de Santa Rita. Antônio Neves, outro pesquisador e historiador da região, citado por Silva (2011), descreve: “[...] *data de meio século a fundação do arraial de Santa Rita, anteriormente Pedrinhas, nome pelo qual era conhecido até a data da edificação da capelinha dedicada a Santa Rita de Cássia, padroeira da localidade.*” (p.11). Para esse historiador, o povoado de Pedrinhas tem início em 1825 e, em 1875, é elevado à condição de distrito, como Arraial de Santa Rita.

Através do Decreto-Lei nº 843 de 07 de setembro de 1923, o Arraial de Santa Rita passa a se denominar Itamirim. Hoje, Itamirim é um distrito que oferece a seus moradores uma qualidade de vida bem superior àquela oferecida no início do século XX, com a ampliação da rede pública de ensino, atendimento médico e odontológico na Unidade Básica de Saúde, canalização de água pela COPASA, energia elétrica e outros serviços. As principais riquezas da região são as culturas de subsistência (milho, feijão, mandioca, sorgo e algodão), que já tiveram tempos bem melhores; a falta de chuva na região tem prejudicado as lavouras e provocado muita tristeza em seus habitantes. ‘Seu’ Nem, um dos entrevistados do lugar, diz:

[...] Tudo ‘fraqueou’ muito, não chove mais, as roças não produzem mais...” e dona Nicinha, uma das grandes admiradoras da modernidade, relata: “O que tá ruim hoje em dia é a falta de chuva, a gente planta, mas nada tá produzindo, a fonte do rio secou tudo, os açudes secaram, o clima mudou, a população cresceu, eu acho que uma coisa puxa outra, o desmatamento, a temperatura, tudo foi mudando e provocou essa seca que nós estamos vendo hoje.

⁴⁴ Durvalino Nunes da Silva, nascido em Mato Verde - MG, é pedagogo, formado pela Universidade Estadual de Montes Claros-MG. Estudioso da região, fez uma pesquisa sobre os costumes de Itamirim desde os primeiros tempos de existência do lugar até os dias de hoje. Tal pesquisa está publicada no livro “Reminiscências de Itamirim - Contos” e é indicada àqueles que querem conhecer a história desse distrito.

Segundo Silva (2011, p. 13), a devoção a Santa Rita de Cássia é muito antiga. O povo de Itamirim, desde os primeiros arrendatários e moradores da margem esquerda do Rio Verde Pequeno, na época das colheitas, já festejava essa santa, que até hoje é considerada a grande protetora do lugar (p.13).

Foto 82 - O altar de Santa Rita em dia de festa



Fonte: Souza (2013), Montes Claros

Os costumes religiosos sempre acompanharam a história do povo de Itamirim. Desde a época de sua fundação até os dias de hoje, vários santos têm seu dia comemorado com grandes festejos. Além de Santa Rita de Cássia, que é a padroeira do lugar, São Sebastião, São João, Santo Antônio e São Pedro, dentre outros, são santos que enchem de alegria a vida dos moradores deste pequeno povoado. Os romeiros de diversas localidades de Minas e de São Paulo que iam a Bom Jesus da Lapa, nos meses de maio a setembro, geralmente não apenas passavam por lá, mas era ali que paravam para descansar e fazer pouso depois de uma longa viagem. Nesses dias, o comércio ficava muito movimentado, pois o Largo de Santa Rita, normalmente um lugar pacato, se enchia de pessoas comprando e vendendo produtos locais, especialmente biscoitos, beijus, derivados de leite, doces, rapaduras (Silva, 2011). Era uma verdadeira festa para os habitantes da localidade.

Fundado sob as bênçãos de Santa Rita de Cássia, o distrito de Itamirim apresenta hoje uma grande diversidade de religiões e igrejas. Ao todo são seis igrejas onde o povo tem espaço para manifestar a sua fé. Além da igreja católica, há ainda as igrejas: Congregação Cristã no Brasil, Igreja Universal do Reino de Deus,

Igreja Pentecostal Deus é Amor, Igreja Mundial do Poder de Deus e Igreja Apostólica da Santa Vó Rosa. Apesar de ser um lugar pequeno, com 737 habitantes (dados adquiridos no Posto de Saúde do lugar), não há conflito entre os fiéis de tantas igrejas.

Foto 83 - Igreja de Santa Rita - antiga



Fontes: <eustaquioltentinoespinosa.blogspot.com/>

Foto 84 – O Largo à frente da Igreja - atual



Fonte: <eustaquioltentinoespinosa.blogspot>

Segundo Neves (1908), a primeira escola surge ainda no período monárquico e se constituía em uma Escola Estadual Mista de Instrução Primária. Essa escola passa por diversas denominações e, segundo pesquisas realizadas por Silva, os primeiros registros de atividades encontrados datam de 1954. No dia 7 de março de 2008, é inaugurado o novo prédio da Escola Estadual Washington Xavier Mendes, de ensino fundamental e médio. O nome dado à escola homenageia um dos benfeitores da localidade e conta com 775 alunos⁴⁵. Além dessa escola estadual, o distrito tem ainda uma escola infantil e a região, formada por vários povoados, conta com mais 17 escolas municipais.

⁴⁵ Esse número de alunos se refere ao ano de 2013 e a escola recebe alunos de várias localidades próximas.

Foto 85 - Itamirim – antigo Grupo Escolar (à esquerda), hoje, E.E. Washington X. Mendes



Fonte: eustaquiotolentinoespinosa.blogspot.com/

O distrito de Itamirim possui um Posto de Saúde, denominado Unidade de Saúde Iracy Lula Mendes, que atende, através do PSF⁴⁶, às localidades de Capivara, Periperi, Roça Velha, Gentil, Alagadiço, Poço Triste, Pau de Colher, Estreito, Cachoeira, Capivara de Cima, Taquaril e o próprio distrito. Através desse Posto de Saúde, obtive informações sobre os idosos que lá são atendidos, sendo 326 homens e 341 mulheres; dentre esses, 48 homens e 55 mulheres vivem no distrito de Itamirim, lembrando aqui que esse número está sendo constantemente alterado pela morte de alguns e pela entrada de outros na terceira idade.

Os aspectos culturais apresentam riquezas que não podem ser esquecidas pelas novas gerações: são brincadeiras, cantigas de roda, bailes nos terreiros de chão batido, batucadas nas noites de quermesse no adro da capela, cantigas de versos em volta das fogueiras. Todas essas manifestações demonstravam o caráter alegre, religioso e festivo do povo de Itamirim. Um aspecto interessante dessas manifestações é a forma como a Abolição da Escravatura era comemorada todos os anos, desde 1888, quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea: os ex-escravos se reuniam na Vila para cantar o “Folga negro, branco não vem cá”, onde, com cânticos e danças, celebravam a tão esperada liberdade (Silva, 2011). Os costumes, usos e as tradições dos ancestrais sempre foram vividos com intensidade pelo povo dessa terra. Os habitantes mais velhos contam passagens interessantes a respeito da cultura e das festas tradicionais do lugarejo e uma delas

⁴⁶ Programa de Saúde da Família.

era a “farra do entrudo”, que consistia em festejos que antecederiam o carnaval. A Rua Principal e o Largo de Santa Rita ficavam lotados com os foliões mascarados que percorriam as ruas, passando pelas casas. Tudo ao som de marchinhas carnavalescas da época. Segundo depoimento de pessoas mais velhas (Silva, 2011), esta era a farra mais animada que acontecia naquele povoado e os santaritenses se preparavam com alegria para os festejos, pois este era o carnaval do povo, do rico e do pobre, as pessoas caíam na folia com qualquer roupa, sendo desnecessários gastos ou preparativos para participar, representando uma alegria genuína e inocente.

Foto 86 - O povoado de Itamirim (2013)



Fonte: Souza (2013), Montes Claros

Ouvir do(a)s velho(a)s de Itamirim os seus sentimentos em relação às novidades da tecnologia, dos relacionamentos modernos, de como as pessoas se divertem hoje, será algo deveras enriquecedor para este trabalho. Haverá semelhança dos sentimentos e emoções de pessoas idosas de um pequeno lugarejo em relação a todas essas novidades do mundo (hiper) moderno, com os sentimentos desse mesmo grupo de pessoas de uma grande cidade como Montes Claros e de uma cidade de porte médio como Diamantina.

O distrito de Itamirim, juntamente com o distrito de Santo Antônio de Mamonas, pertence hoje ao município de Espinosa, que foi elevado à categoria de cidade em 1924.

Segundo o Censo 2010, o município de Espinosa possui 3191 idosos, sendo 1463 homens e 1728 mulheres, para uma população total de 31.113

habitantes. O número maior de mulheres está presente em todos os municípios analisados por essa pesquisa.

Idade	Homens	Mulheres
60 a 64 anos	426	452
65 a 69 anos	341	406
70 a 74 anos	272	328
75 a 79 anos	189	228
80 a 89 anos	202	254
90 a 99 anos	31	55
100 anos ou mais	02	05

Um dado interessante que se percebe aqui é o fato de as pessoas que estão na faixa etária de 80 a 89 anos ser superior às pessoas que têm entre 75 e 79 anos de idade. Em Diamantina, isso acontece em relação apenas às mulheres: as que estão na faixa etária entre 75 e 79 anos são em número de 403 e as de 80 a 89 anos são em número de 446.

CAPÍTULO 3

RESULTADOS DA PESQUISA

3.1 Análise dos Dados

Analisar as entrevistas se tornou o trecho mais árduo percorrido nesta pesquisa. Niethammer⁴⁷ identifica quatro componentes do “texto” da entrevista. Para esse pesquisador, em primeiro lugar a entrevista é um registro de interação social (entre entrevistado e entrevistador); as versões da história de vida do entrevistado aparecem em segundo lugar; em terceiro lugar, o texto apresenta uma variedade de informações que, segundo Niethammer, podem ser verdadeiras ou não e, finalmente, toda entrevista contém histórias e aí é que se encerra “o grande tesouro da história oral”. Quanto às informações serem verdadeiras ou não, no caso específico desta pesquisa, não é o fator mais importante, pois o que se leva em conta aqui são os sentimentos que a pessoa manifesta. Por todas essas questões, encontrei dificuldades em analisar as entrevistas, foram realmente muitas histórias e muitas informações, porém, um aspecto facilitador deste trabalho foi o fato de as histórias e informações conterem muitas semelhanças, o que, de alguma forma, permitiu o estabelecimento das categorizações.

Tendo na História Oral (Oralidade) o suporte para o registro das narrativas, os velhos pesquisados, em número de doze, em três localidades distintas, se dispuseram a dividir suas histórias de vida com esta pesquisadora. Com os relatos em mão, passei à segunda fase do meu trabalho: as transcrições que, assim que ficavam prontas, eram encaminhadas a cada um dos meus entrevistados, para que eles aprovassem o texto, acrescentando ou retirando aquilo que lhes conviesse. Após o consentimento de todos, transformei as transcrições em relatos de caso.

⁴⁷ Luiz Nethammer, citado por Alberti (2010), produz um artigo em que fala de sua experiência como coordenador do projeto Lusir na Alemanha e onde faz considerações metodológicas sobre a história oral.

Todos os entrevistados falam da infância e da juventude desde o início do século XX⁴⁸, chegando aos dias de hoje. As histórias apresentam semelhanças em muitos aspectos e dá para se perceber que a evolução era algo que acontecia lentamente, diferentemente do que acontece hoje em que um artefato que é moderno em um dia e, logo no outro, se torna ultrapassado ou obsoleto.

3.1.1 As categorias

As categorizações foram extraídas das próprias narrativas dos entrevistados, o que foi mais marcante em cada uma delas, bem como o que de semelhante ou diferente emergiu em uma e em outra foram objetos de análise desta pesquisa. Dentre as lembranças dos velhos, destacamos como unidades temáticas (categorias) aquelas que consideramos importantes para o objetivo deste trabalho:

3.1.1.1 Subjetividade

Como analisar aquilo que é subjetivo? Aquilo que pertence ao sujeito? A subjetividade é concebida como construção histórico-cultural, através de um processo de mediação com o mundo concreto e das relações humanas. A partir dessa mediação, o sujeito cria os seus valores e se constrói como ser humano, social, político e afetivamente. Segundo Mucida (2009 p.66) “[...] a subjetividade deixa a marca do que o sujeito construiu ao longo de sua história”. Os velhos desta pesquisa, através de suas memórias, falam de seu mundo subjetivo e de como os fatos de suas vidas foram tecendo as suas histórias. Assim entendemos que ninguém se faz sozinho, posto que nossas lembranças estão entrelaçadas com as lembranças do nosso grupo social e mesmo a nossa subjetividade está carregada de outros. Campedelli (2009)⁴⁹, após seus estudos, concluiu que a memória individual do velho está sempre associada à memória do grupo ao qual pertence. Diz a autora: “Assim, o velho, por sua vez, está ligado à tradição, a fatos da família ou à

⁴⁸ Caso de D. Ruth, entrevistada que nasceu em 1916 e participou ativamente da história e evolução de Montes Claros. D. Ruth viveu em uma Montes Claros sem energia elétrica, sem estradas asfaltadas, sem automóveis e viu tudo isso chegando paulatinamente, com o desenvolvimento da cidade.

⁴⁹ Tese defendida por Mônica Anechini Campedelli – Doutorado em Psicologia Social pela PUC de São Paulo e orientada pelo professor Dr. Antônio da Costa Ciampa, com o título “A identidade do velho no mundo contemporâneo”

sociedade a qual pertenceu.” Os sujeitos desta pesquisa, ao narrarem suas histórias, ao demonstrarem seus valores, seus sentimentos, o fazem sempre em interação com o outro. Todo aprendizado, seja subjetivo ou objetivo, foi aprendido com alguém ou sentido por outro. Vejamos as categorizações subjetivas a que esta pesquisa chegou.

• **Saudade** - *“Hoje eu paro e olho para trás e sinto saudades de tudo que vivi.”*⁵⁰

De acordo com o Aurélio⁵¹, saudade é uma “lembrança melancólica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoa(s) ou coisa(s) distante(s) ou extinta(s)”. Essa definição coube perfeitamente nos sentimentos que os entrevistados demonstraram ao relembrar os tempos passados. Quando falam da saudade que sentem não o fazem com revolta, pesar ou mágoa e sim com doçura. Bosi (1984 p.83) se pergunta que saudade é essa que os velhos sentem. “A criança sofre, o adolescente sofre. De onde nos vêm, então, a saudade e a ternura pelos anos juvenis?” Talvez a saudade seja da força que possuíam, mesmo na dor, no sofrimento, tinham esperança, uma vida se desenhava em seus horizontes, o que não acontece na velhice; o velho sabe que a dor e o sofrimento que possui não tem volta, são a dor e o sofrimento finais da vida. Os entrevistados têm saudade de pessoas, de eventos e de lugares significativos em suas vidas passadas. Esse discurso nostálgico que apresentam ao falar dos tempos que passaram, não é um discurso estático, preso no tempo que passou; ao mesmo tempo em que falam de suas saudades, falam do presente, das alegrias que têm hoje. Apenas em um dos meus entrevistados, percebi uma nostalgia aparentemente estática, uma lembrança que parece cristalizada. Durante toda a sua narrativa, ele dizia que não sente saudades porque, no momento que desejar, pode encontrar seus amigos para reviver com eles os bons momentos da juventude e dos tempos áureos de sua vida, quando era músico de orquestra na cidade de Diamantina. Para ‘Seu’ Expedito, 89 anos:

[...] Eu não acho que o tempo antigamente era melhor do que hoje, porque, quando a gente quer viver um determinado momento, lembrar qualquer coisa, a gente sabe aonde a gente vai, eu sei onde posso ir para encontrar

⁵⁰ Dona Maria, entrevistada de Diamantina-MG

⁵¹ Dicionário mini Aurélio pesquisado pela internet.

com a minha turma, para fazer o que eu gosto, é só a gente procurar, ir atrás dos amigos e se encontrar. Eu não sou saudosista, não fico preso ao passado, eu vivo o momento.

A turma a que 'Seu' Expedito se refere já não existe, todos os seus companheiros de música morreram. Campedelli (2009) explicita que “[...] para o velho, a memória pode ser a sua experiência com o tempo: o tempo da vida, da morte, do passado, do presente, da história, da identidade...” E o tempo do velho é diferente do tempo do jovem, por isso, ao relembrar fatos de sua vida, 'Seu' Expedito mistura passado e presente em uma só trama, ele faz, segundo Bosi (1987) um “trabalho de reconstrução”. Para essa autora (Apud CAMPEDELLI, 2009 p.101), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.”

D. Ruth, uma de minhas entrevistadas, diz que o maior sentimento que tem em sua vida foi o de terem demolido a primeira casa em que morou. Era uma casa simples, antiga e de muito pouco conforto, segundo ela própria; então, por que tanto sentimento e tanta saudade, se hoje ela mora em um apartamento bonito e confortável? Analisando sob a ótica do que Bosi (1997) afirma, a casa simples da Rua Dona Eva guardava os sonhos da menina Ruth que apostava na felicidade, enquanto o belo apartamento de hoje não tem futuro nos planos de D. Ruth, que está com 96 anos de idade.

Na minha rua, lá em Brasilinha, nós éramos uns 30, 40, na mesma faixa de idade, pode-se dizer, diferença de um, dois anos, brincando de roda na rua, brincando de anelzinho, de esconde-esconde, de pula corda, cadê que você vê isso mais? Não vê! Então, dessas coisas eu tenho saudade [...]

Essa fala é de Cibeles, ao relembrar a sua infância em finais dos anos 1930; naquela época, a criança brincava com aquilo que tinha na própria natureza e usando o próprio corpo; ela lamenta ainda o fato de que as crianças de hoje não brincam mais na rua e ficam presas em apartamentos com seus brinquedos eletrônicos. Outro que diz sentir muita saudade do que passou é o 'Seu' Elísio. Em seu relato, ele diz “[...] Sempre tenho saudades, acho que uma saudade da pureza que existia, não propriamente das condições em que a gente vivia, não pelo (des)conforto, mas pelos sentimentos, pelas amizades [...]”. Pode-se dizer que são

“saudades boas”, de situações, pessoas e lugares que estão na memória dos narradores mais como um passado idealizado que propriamente vivido. Uma das constituições do sujeito é a elaboração da memória e é através dela que ele traz o passado ao presente, especialmente nos velhos.

Benjamim (1995)⁵² em uma história sobre o tempo perdido, numa crônica intitulada “Omelete de amoras”, chega à conclusão de que a saudade e o sabor não vêm dos fatos, situações ou objetos e, sim, do tempo em que vivenciamos esses fatos, situações e objetos. Eu me perguntaria se essa nostalgia, no caso dos velhos, não é da juventude perdida, saudade de um tempo em que eles tinham vigor, saúde, poder e amor e até mesmo saudade de um tempo em que o futuro era uma incógnita e que tudo eram possibilidades. Como diz Benjamim (1995, p.219), na voz do cozinheiro da história: “[...] como haveria eu de temperá-la com tudo aquilo que, naquela época, nela desfrutastes: o perigo da batalha e a vigilância do perseguido, o calor do fogo e a doçura do descanso, o presente exótico e o futuro obscuro.”

D. Maria é uma saudosista confessa. Diz ela: *“Hoje eu paro e olho para trás e sinto saudades de tudo que vivi.”* Porém, apesar de toda essa saudade, D.

⁵² Esta velha história, conto-a àqueles que agora gostariam de experimentar figos ou Falerno, o *borscht* ou uma comida camponesa de Capri. Era uma vez um rei que chamava de seu todo poder e todos os tesouros da Terra, mas, apesar disso, não se sentia feliz e se tornava melancólico de ano a ano. Então, um dia, mandou chamar seu cozinheiro particular e lhe disse: - Por muito tempo tens trabalhado para mim com fidelidade e me tens servido à mesa os pratos mais esplêndidos, e tenho por ti afeição. Porém, desejo agora uma última prova de teu talento. Deves me fazer uma omelete de amoras tal e qual saboreei há cinquenta anos, em minha mais tenra infância. Naquela época, meu pai travava uma guerra contra seu perverso vizinho, o oriente. Este acabou vencendo e tivemos de fugir. E fugimos, pois, noite e dia, meu pai e eu, até chegarmos a uma floresta escura. Nela vagamos e estávamos quase a morrer de fome e fadiga, quando, por fim, topamos com uma choupana. Aí morava uma vovozinha, que, amigavelmente, nos convidou a descansar, tendo ela própria, porém, ido se ocupar do fogão, e não muito tempo depois estava à nossa frente a omelete de amoras. Mal tinha levado à boca o primeiro bocado, senti-me maravilhosamente consolado, e uma nova esperança entrou em meu coração. Naqueles dias, eu era muito criança e, por muito tempo, tornei a pensar no benefício daquela comida deliciosa. Quando mais tarde mandei procurá-la por todo o reino, não se achou nem a velha nem qualquer outra pessoa que soubesse preparar a omelete de amoras. Se cumprires agora este meu último desejo, farei de ti meu genro e herdeiro de meu reino. Mas, se não me contentares, então deverás morrer. – Então o cozinheiro disse: - Majestade, podeis chamar logo o carrasco. Pois, na verdade, conheço o segredo da omelete de amoras e todos os ingredientes, desde o trivial agrião até o nobre tomilho. Sem dúvida, conheço o verso que se deve recitar ao bater os ovos e sei que o batedor feito de madeira de buxo deve ser sempre girado para a direita de modo que não nos tire, por fim, a recompensa de todo o esforço. Contudo, ó rei, terei de morrer. Pois, apesar disso, minha omelete não vos agradará ao paladar. Pois como haveria eu de temperá-la com tudo aquilo que, naquela época, nela desfrutastes: o perigo da batalha e a vigilância do perseguido, o calor do fogo e a doçura do descanso, o presente exótico e o futuro obscuro. – Assim falou o cozinheiro. O rei, porém, calou um momento e não muito tempo depois deve tê-lo destituído de seu serviço, rico e carregado de presentes.

Maria não é uma pessoa triste, lamentosa, pelo contrário, é alegre, cheia de vida, todos que chegam em sua presença sentem essa vibração; durante sua narrativa, as lembranças fluíam de forma nítida, coerente e envolvente. Uma das paixões de D. Maria é não ter uma fotografia do pai que ela tanto amou e, assim, ela manifesta essa nostalgia: “[...] *hoje, eu perdi as feições dele, assim como ele era, eu faço tudo para recordar o rosto do meu pai, mas aquilo me fugiu, não tenho um retrato dele, naquele tempo não tinha isso não...*”

D. Nazinha é outra participante desta pesquisa que também expressa muita saudade em sua fala. Apesar de viver a infância e a juventude em uma época em que não havia os confortos e as facilidades que temos hoje, as recordações que ela tem desse período são todas agradáveis, o que faz com que ela se lembre com ternura dos tempos infantis e juvenis e tenha uma nostalgia em relação a todas essas lembranças, “... *a minha infância foi um paraíso...*”. Em seu relato, a todo o momento D. Nazinha se lembra de sua infância. Mesmo tendo elogios para muitos aspectos da modernidade, ela não se esquece do quanto foi feliz quando criança. ‘Seu’ Liro, marido de D. Nazinha, também tem saudades dos tempos passados, porém, não se refere a eles com tanta ternura quanto ela: “*Eu não tenho saudade daquele tempo não, porque hoje a vida está bem melhor para viver... mas de algumas coisinhas a gente tem saudade sim, era muita paz, ninguém brigava, as famílias eram unidas, isso dá saudade, dessa tranquilidade.*”

Dona Nicinha não se mostra uma saudosista em seu relato, já que, segundo ela, a sua vida foi de muita dificuldade e sofrimento, o que ela diz sentir saudade é dos momentos em que andava a cavalo, montava em bezerros e vivia livre pelo mato. A vida para ela só começou a melhorar quando se casou e mudou para Itamirim, mas o casamento a privou do que ela mais gostava, que era tocar sanfona e animar festas, pois o marido não permitia que ‘mulher sua’ tocasse para outros homens e disso ela tem até mesmo uma certa mágoa. No entanto, no seu entendimento, a vida hoje é maravilhosa, tanto que, recentemente, comprou uma sanfona nova e pretende voltar a tocar, pelo menos na igreja. Quanto à modernidade, Dona Nicinha só tem elogios: “... *Hoje é muito melhor, a gente tem banheiro dentro de casa, toma banho quente, a saúde está mais fácil, as pessoas estão vivendo mais.*” A vida para Dona Nicinha nesses tempos modernos é tão boa que, segundo ela, “... *ninguém nem precisa trabalhar mais, tem máquina para fazer*

tudo para a gente e, por isso mesmo, ninguém quer morrer.” O que Dona Nicinha diz ter saudade é de beber uma água limpa, sem poluição; comer uma verdura sem agrotóxico, coisas que na opinião dela não existem mais, “...*tudo que comemos é envenenado*”. Outro dos entrevistados que lembra bem do sofrimento vivido na roça em meados do século XX é ‘Seu’ Nem, “... *A vida era assim, quando era de tardezinha, alguns meninos tomavam banho, outros iam dormir sujos mesmo, porque era muito difícil, não tinha banheiro, nem chuveiro, muitas casas não tinham nem privada seca, a gente ia era no mato mesmo, de modo que minha infância foi assim, mas tinha uma criação com muito respeito*”. E é desse respeito que ‘Seu’ Nem tem saudade, para ele os tempos modernos trouxeram um excesso de liberdade que prejudicou os relacionamentos, principalmente, os relacionamentos familiares. Ele fala espantado de pais que ele conhece e que dão dinheiro aos filhos para comprarem drogas, porque, se negarem, pode acontecer, segundo ele, ‘uma desgraceira em casa’. Apesar de achar que a modernidade, com suas inovações tecnológicas, trouxe muitos pontos negativos para a vida das pessoas, ele afirma: “... A verdade é que você tem que acompanhar as mudanças, senão fica para trás, morre de tristeza”.

Durante a narrativa, todos, mesmo aqueles que não usam a palavra saudade, se mostram saudosos dos tempos passados. Algumas falas dos entrevistados deixam isso bem claro: “[...] *No meu tempo, a música tinha ritmo, tinha harmonia...*” “[...] *No meu tempo, o povo tinha o capricho de ter um instrumento, de tocar, de apreciar.*” (‘Seu’ Expedito) “[...] *Era assim a vida da gente, tudo muito simples, mas muito melhor [...]*” (D. Ruth) “[...] *A gente tinha uma vida linda [...]*” (D. Maria) “[...] *Numa noite de luar, quando apagava a luz, a gente sentava naquelas gramas no meio da rua, rapazes, moças, casais, velhos, todos ali e faziam seresta, cantavam, então tinha uma alegria, um sentimento maravilhoso [...]*” (‘Seu’ Elísio) “[...] *No meu tempo, os laços afetivos eram muito mais fortes, as famílias se procuravam, não era como hoje, essas relações virtuais que são frias e perigosas [...]*” (Prof. Joaquim). Dos entrevistados dessa pesquisa, Fina foi uma das que veem na modernidade muitas coisas boas, de todos foi a que menos se refere ao passado com saudosismo, ela e Cibeles convivem muito bem com os tempos atuais, não que os outros não vejam ou sintam os benefícios desses novos tempos, isso fica claro em todas as narrativas, em umas menos, em outras mais, porém, a maioria

reconhece que a tecnologia e a modernidade têm contribuído, e muito, para a melhoria de vida das pessoas.

Percebe-se que há uma estreita ligação entre a saudade e o tempo. Carvalho (1998), citado por Nascimento e Menandro (2005) aponta, na consciência saudosa, o contraste percebido entre passado e presente, avaliados afetivamente: “O estar saudoso exprime psicologicamente um estado em que a consciência opõe ao que lhe é dado na experiência patente a preferência de algo já vivido e ausente. O passado é representado em conexão de algo atual e presente, cuja dimensão afetiva é inferior à dimensão afetiva do passado representado.”

• Moral e Ética

*“Hoje as moças parece que querem mais mostrar o corpo do que guardar”*⁵³

*“Se todo mundo é corrupto, porque eu não vou ser?”*⁵⁴

Para os entrevistados desta pesquisa, a modernidade que vivenciamos está estreitamente ligada a valores morais e éticos, ou melhor, à falta desses valores. Para a maioria deles, a televisão, considerada um dos maiores identificadores da modernidade, transformou os valores e costumes com os quais a humanidade estava habituada a conviver. Cibele, uma de nossas entrevistadas, lembra que, há não muito tempo, ela sofreu muito porque uma sobrinha se casou grávida; isso, para os valores e a educação rígida que recebera era uma afronta à família e aos costumes. Diz ela: *“Achava um absurdo acontecer uma coisa dessas, sempre achei que uma gravidez tinha que ser uma gravidez responsável, com o marido próximo para acompanhar.”* Apesar de ter se acostumado com as mudanças da vida moderna, Cibele continua achando que isso não deve acontecer, mas que hoje ela não se assusta tanto. Outro costume da modernidade com o qual Cibele não se sente afinada é a facilidade com que os casais se separam: *“... naquele tempo era difícilimo, eu não me lembro de nenhum casal em Brasília de Minas, que convivi na minha infância e adolescência, que tenha se separado... Meu Deus do*

⁵³ ‘Seu’ Nem, entrevistado de Itamirim, ao falar do comportamento das moças na atualidade.

⁵⁴ Fina, entrevistada da cidade de Diamantina, relatando sobre o comportamento moral e ético das pessoas de hoje.

Céu! Hoje em dia o povo já casa pensando em separar!” Bauman⁵⁵ afirma que “Em um mundo instável, repleto de surpresas desagradáveis, cada um tem mais do que nunca a necessidade de um companheiro leal e devotado...” O paradoxo disso é que as pessoas, mais do que nunca, estão assustadas com a “ideia de engajar-se a uma lealdade e devoção desse tipo”; a noção de liberdade é que move os relacionamentos em tempos modernos, segundo esse autor. Para ele, “... viver um amor verdadeiro, durável - mas revogável, quando preciso.” Bauman afirma que, como o amor, a moralidade é custosa, “... a moralidade significa ‘ser para o outro’. Ela não compensa o amor próprio.” Dona Ivete, mulher do prof. Joaquim, participando da entrevista, diz que os jovens hoje se casam já pensando em separar, aliás, ela diz que hoje nem é preciso se casar, “... *na minha época, a gente não aceitava essas separações, eu até hoje não aceito*”, ela conta que um neto que morava com eles queria levar a namorada para dormir em casa, mas ela não admitia, dormir junto, na opinião dela, só depois de casados. Outro costume moderno criticado pelos entrevistados é em relação à fidelidade. Fina, entrevistada da cidade de Diamantina, diz: “*Havia uma consciência muito diferente, eu falo com minha filha médica que sou mulher de um homem só e ela não acredita, acha isso impossível, porque achar uma mulher assim hoje em dia é difícil.*” Fina, mulher esclarecida e muito moderna, se vê criticando as próprias atitudes, ao permitir que o filho homem leve a namorada para dormir em casa.

[...] aí, quando vieram as meninas, em idade de namorar, não foi tão fácil, inclusive tinha uma que era muito namoradeira, independente, começou a trabalhar muito cedo e iniciou um relacionamento aberto. A gente aceitava, mas ela não trazia ninguém para dormir em casa, nem ela e nem as outras, só o filho homem tinha esse privilégio; as meninas nem propunham isso.

‘Seu’ Nem, morador de Itamirim, é outro dos entrevistados que faz críticas à moralidade dos tempos atuais. Para ele, as moças hoje apresentam um comportamento nada comparável ao comportamento das moças de sua época de juventude, segundo ele, os pais se envergonham quando a filha se veste para sair: “... *hoje, as moças parecem que querem mais mostrar o corpo do que guardar, têm mais prazer em mostrar o corpo, parece que, se mostrar o corpo, tem mais honra,*

⁵⁵ Entrevista - 2º texto: Viver na “modernidade líquida”

mais valor, mas, para nós, não é.” Ele diz que fica horrorizado em ver como os rapazes chegam às casas dos pais da moça, *“sem o mínimo respeito, já pegando a moça e carregando...”* Essa efemeridade e fragmentação dos valores é citada e questionada por diversos autores, segundo Harvey⁵⁶ (1994, p. 22), há abundantes evidências a sugerir que a maioria dos escritores “modernos” “[...] reconheceu que a única coisa segura na modernidade é a sua insegurança, e até a sua inclinação para o “caos totalizante”.

Dona Ruth, moradora da cidade de Montes Claros, lembra com saudade dos namoros em sua juventude, *“... os rapazes faziam serenatas para as moças, esse era o jeito que eles tinham de declarar o seu amor...”* Segundo dona Ruth, os pais eram muito severos e permissão para namorar, só com a presença da mãe ou de irmãos mais velhos. Hoje, ao relembrar esses fatos, dona Ruth fala com saudade de momentos que marcaram a sua juventude, dentre eles, o ‘footing’, *“... as moças, de braços dados, duas ou três, ficavam andando de lá para cá na Rua XV...”* e, quando havia um interesse correspondido, começava o namoro, que era, na sua opinião, um namoro muito inocente. Ela não consegue aceitar a forma como as moças se comportam na atualidade, meninas de doze, treze, quatorze anos estão todas ‘transando’, o namoro não existe mais, não tem mais lua de mel,

[...] Eu acho que o casamento ficou muito frágil, quando os rapazes casam já estão enjoados, hoje não tem mais aquela lua de mel, não tem mais graça, a virgindade, tinha até um tabu, a gente morria de medo, porque falava assim, se o rapaz na lua de mel descobrir que a moça não é virgem, acaba o casamento, ele vai embora, larga a mulher, era assim...

E ela complementa o seu relato, afirmando que o namoro em sua juventude era muito melhor e que havia muito mais romantismo:

[...] Eu acho que era muito melhor os namoros daquele tempo, apesar de a gente não se encontrar, nem nada, os rapazes eram mais interessados, mais delicados, eram mais românticos, toda noite a gente ganhava serenata e, quando encontravam com as moças, era aquela maravilha, porque não tinham essas facilidades. Hoje, a primeira vez que se encontram já vão pro

⁵⁶ David Harvey em 1994 escreve o livro “Condição Pós-Moderna”, onde procura determinar o que significa o termo “pós-modernidade” em seus diferentes contextos. Harvey considera, em particular, como o próprio significado e a própria percepção do tempo e do espaço variam e ele tenta mostrar como essa variação afeta valores individuais e processos sociais do tipo mais fundamental. Ele questiona, em suas investigações, o próprio termo “pós-moderno” e se pergunta: “Terá a vida social se modificado tanto a partir do início dos anos 70 que possamos falar sem erro que vivemos numa cultura pós-moderna, numa época pós-moderna?” Leitura obrigatória para todos que querem compreender melhor os tempos que estamos vivendo.

motel, um absurdo, por isso que eu falei que acho exagerada essa civilização de hoje, essa modernidade é demais, demais, demais...

Esse relato de dona Ruth sobre o namoro em meados do século XX nos dá uma dimensão do sentimento de ‘Seu’ Nem, quando fala dos relacionamentos que ele vê entre os jovens nos dias de hoje. O Sr. Expedito diz que se casou, segundo ele, ‘homem maduro’, lembra de sua época de namoro com saudade, “[...] *O namoro naquela época era muito difícil, a gente tinha que namorar na casa, só podia namorar na casa dela, não tinha muita vigilância não, porque cada um sabia que tinha que se cuidar, mas foi muito bom, uma convivência muito boa*”.

Realmente, não é de se admirar a estranheza das pessoas mais velhas quando relatam o que viveram e o que vivenciam hoje. Dona Ruth, por exemplo, ao se casar em 1960, nunca havia entrado no carro do namorado/noivo sozinha. Dos doze entrevistados, oito falam dessa estranheza que sentem ao comparar o comportamento moral e ético das pessoas em seus tempos de juventude com o que eles veem em tempos hipermodernos, e os outros quatro entrevistados não falam sobre isso especificamente, porém, quando se referem a diferentes aspectos da modernidade no tocante ao comportamento humano, mostram a mesma estranheza. ‘Seu’ Elísio, ao comentar sobre os avanços tecnológicos dos últimos trinta anos, diz que o que ocorre de mal hoje no mundo tem influência da TV, “... *Quando as novelas, na minha época, tinham uma cena mais picante, era uma coisinha rápida, hoje em dia é uma imoralidade, é um cabaré, os cabarés do meu tempo perdem para essa imoralidade da TV. Os valores estão destroçados...*” Para Cibeles, professora aposentada da Unimontes⁵⁷, o que falta é uma formação moral nas escolas e nas famílias,

[...] O valores morais foram mudando pela falta de uma rigidez maior no ensino, eu não digo só a religião, mas nós tínhamos aulas de boas maneiras, de como se comportar, de como se sentar numa mesa, como entrar e sair de um local, a gente era orientado para tudo isso. Acabou! Hoje o pessoal só se preocupa em dar aulas de português e matemática, ciência e geografia, etc... Por isso é que a gente está vendo o desrespeito, aluno batendo em professores, fazendo os maiores desaforos, essa violência toda é porque está faltando uma formação moral nas escolas e isso não começa nas escolas, nas universidades, pois as pessoas já chegam com a cabeça formada, isso começa nas famílias e à escola cabe dar continuidade à educação de casa, porém, os pais não estão dando conta porque, para sobreviver hoje, todo mundo tem que trabalhar.

⁵⁷ Universidade Estadual de Montes Claros - MG

Para a professora Cibele, os programas de televisão exageraram no apelo sexual, “... *essas meninas adolescentes assistirem a esse exagero na televisão, de sexo, de homossexualidade, levando tudo com muita naturalidade é uma coisa muito ruim.*”, e Cibele diz: “*Eu sou muito conservadora! Eu não aceito isso, não! Muitas pessoas pensam que é preconceito, mas não é, só não aceito, mas respeito!*” Esse ‘conservadorismo’ da professora foi manifesto em todas as entrevistas, dito não dessa maneira, porém, referenciado de outras formas: o professor Joaquim, também aposentado pela Unimontes, diz que “*há um excesso de modernidade, o que tem prejudicado e muito as famílias*”. Fina, em conformidade com Quincas, diz da dificuldade que é educar os filhos em tempos modernos, quando os pais, por trabalharem e ficarem muito tempo longe dos filhos, querem compensá-los, liberando tudo. Diz ela: “*Esse aspecto da modernidade é muito triste, crianças muito sexualizadas, usando roupas de adulto e se comportando como adultos...*” De todos os entrevistados, Fina e Quincas são os que mais se adaptaram à modernidade, com exceção da tecnologia, no que se refere a computadores e internet, em que Fina se considera analfabeta e, mesmo acompanhando a modernidade, ela ainda se diz incomodada com o que presencia atualmente em termos de comportamentos morais e éticos. Para Quincas, “... *O comportamento moral e ético das pessoas hoje é uma vergonha*” e Fina diz que o pensamento corrente é: “*...se todo mundo é corrupto, porque eu não vou ser?*” Para esses entrevistados, esse tipo de comportamento moral e ético é um sério comprometimento para a educação dos filhos. Quando ‘Seu’ Elísio diz que ‘os valores estão destruídos’ ele acaba por refletir o pensamento de todos os entrevistados. Inevitável, pois, o seguinte questionamento: o que aconteceu com os valores até então tão importantes para as famílias? Mudaram os valores ou mudaram as pessoas? As pessoas idosas estarão tão ‘desadaptadas’ do mundo moderno a ponto de não se reconhecerem nas atitudes dos jovens?

Dois dos autores com os quais trabalhei, estudiosos da modernidade, das transformações decorrentes da tecnologia, dos valores e costumes emergentes

nessa nova fase da humanidade, argumentam sobre esses temas. Lipovetsky, autor do livro “Os tempos hipermodernos”⁵⁸, argumenta que:

Questionar-se sobre a moral hoje não exige muitas justificativas complexas. Um grande número de homens e de mulheres pensa que não há mais moral e que por toda parte avançam o cinismo, o egoísmo e anarquia de valores. Desde Rousseau, nada é mais comum do que a temática da decadência da moral e da cultura. Mas parece que esse sentimento de dissolução da moral se acentuou com o recuo da influência da Igreja católica, com a ascensão da época do rei dinheiro e do neo-individualismo. Contudo, ao mesmo tempo, a ética ganha, cada vez mais, as primeiras páginas dos jornais: nossa época vê multiplicarem-se os questionamentos éticos, as comissões de bioética, a luta contra a corrupção, a ética dos negócios, a filantropia, as ações humanitárias. A ideologia dos Direitos do Homem, nas sociedades liberais, triunfa praticamente sem contestação. Então, como caracterizar este novo sopro ético? Qual é o significado social dessa reivindicação moral nas sociedades contemporâneas?

Gilles Lipovetsky acredita que o individualismo que estamos vivendo é um individualismo libertador e que o pós-moralismo atual pode ser um novo sopro de democracia. Diz ele:

A minha hipótese é que estamos na terceira fase da história da moral, que chamo de fase *pós-moralista*, a qual rompe o processo de secularização acionado no fim do século XVII e no século XVIII. Sociedade pós-moralista, não sociedade pós-moral; sociedade que exalta mais os desejos, o ego, a felicidade, o bem-estar individual, que o ideal de abnegação. Nossa cultura cotidiana, desde os anos 1950 e 1960, não é mais dominada pelos grandes imperativos do dever sacrificial e difícil, mas pela felicidade, pelo sucesso pessoal, pelos direitos do indivíduo, não mais pelos seus deveres [...].

O pensamento desse autor denota não o medo e horror de muitos, porém, a esperança de que tempos melhores virão e que, tudo que estamos passando é consequência de transformações que vêm acontecendo ao longo dos séculos. Para Lipovetsky, a moral possui três fases, assim classificadas: a primeira fase é a era *teológica* da moral, ligada aos mandamentos divinos e que dura até o começo do século das Luzes; a partir daí começa a surgir uma nova moral que o autor chama de *laica moralista* e que perdura até o século XX, quando, com o surgimento do Iluminismo, os modernos buscaram estabelecer uma moral independente da Igreja, “... Os princípios morais foram, então, pensados em termos estritamente racionais, universais, eternos - é a “moral natural” -, que estariam presentes em todos os

⁵⁸ Entrevista ao Correio do Povo de Porto Alegre – Disponível em: <www.correiopovo.com.br>, postada por Juremir Machado da Silva em 27 de fevereiro de 2013. Acesso em: 9 jul. 2013.

homens (...)" Essa moral, na ótica do autor, é a moral dos nossos tempos e que meus entrevistados tanto questionam e 'condenam'.

Outro autor que também foi referência em meus estudos é Zygmunt Bauman, que também analisa os tempos atuais, porém, com uma visão bastante diferenciada da de Lipovetsky. Para Bauman, na modernidade que ele denomina de "líquida", as pessoas não conseguem manter relacionamentos duradouros, têm pressa e o prazer individualista comanda todos os sentimentos. Para ele:

A questão é que, aproximando-me dos meus 80 anos, não mais acredito que possa existir algo como uma sociedade perfeita. A vida é como um lençol muito curto: quando se cobre o nariz, os pés ficam frios, e quando se cobrem os pés, o nariz fica gelado. Há sempre um custo a ser pago para a melhora numa determinada direção. Mas insisto que a sociedade que obsessivamente se vê como não sendo boa o suficiente é a única definição que posso dar de uma boa sociedade.⁵⁹

Mais pessimista que Lipovetsky, Bauman não acredita que possa emergir de todas essas transformações ocorridas na pós-modernidade, uma sociedade melhor. Diz ele:

Nossos ancestrais eram esperançosos: quando falavam de "progresso", se referiam à perspectiva de cada dia ser melhor que o anterior. Nós estamos assustados: "progresso" para nós significa uma constante ameaça de ser chutado para fora de um carro em aceleração, de não descer ou embarcar a tempo, de não estar atualizado com a nova moda, de não abandonar rapidamente o suficiente habilidades e hábitos ultrapassados e de falhar ao desenvolver as novas habilidades e hábitos que os substituem. Além disso, ocupamos um mundo pautado pelo "agora", que promete satisfações imediatas e ridiculariza todos os atrasos e esforços a longo prazo. Em um mundo composto de "agoras", de momentos e episódios breves, não há espaço para a preocupação com o "futuro". Como diz outro provérbio inglês: "Vamos cruzar essa ponte quando chegarmos a ela". Mas quem pode dizer quando (e se) chegar e em que ponte?⁶⁰

Lipovetsky acredita que uma sociedade melhor vai surgir de todo esse dilema moral e ético que estamos vivenciando, enquanto Bauman não espera um futuro melhor. Os participantes desta pesquisa, pessoas com mais de setenta anos, assim como Bauman, não têm muita esperança, um deles, o 'Seu' Nem reforça essa desesperança, afirmando:

⁵⁹ Em entrevista a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke – *Revista Tempo Social* vol 16 nº 1 São Paulo, Junho de 2004.

⁶⁰ Entrevista a Adriana Prado - *Revista Isto É Online* - 24 de setembro de 2010.

Eu tenho muita preocupação com o futuro, muita gente fala: ‘Ah! Por mim, eu já to velho...’, mas eu, até para mim, eu penso, não sei quanto tempo ainda tenho pela frente, às vezes, a gente pensa que morre logo, mas depois vai viver muito e vai passar pelas coisas que estão vindo por aí, coisas que a gente não desejava passar, como diz a bíblia, que vão acontecer coisas que a gente ia desejar ser morto pra não ver. [...] Eu tenho medo, não sei o que vai acontecer, tenho sete bisnetos [...]

Nem todos os entrevistados se mostraram tão pessimistas, porém, nenhum declarou qualquer espécie de esperança em relação ao futuro, no que diz respeito aos valores morais e éticos, apenas dois deles disseram que um futuro melhor pode vir, se referindo aos avanços tecnológicos e não propriamente aos valores morais e éticos, e ‘Seu’ Nem, apesar da fala pessimista, é uma pessoa de uma alegria contagiante, nada, nem mesmo o medo que diz sentir faz com que ele perca a alegria de viver.

Alguns autores comentam essa descrença dos velhos em relação à vida. Beauvoir (1990, p. 585) diz que o velho tem incubado nele um rancor pela perda da juventude, “[...] O idoso sente-se excluído de seu tempo, sobrevive mais do que vive. Vê posto em discussão tudo aquilo que quis, que amou, tudo aquilo em que acreditou: revolta-se contra essa perda radical.” A autora diz mais ainda:

[...] Entretanto, são sobretudo as gerações ascendentes que suscitam no velho cólera ou ódio, porque ele se sente lesado por elas. Compraz-se em predizer-lhes um futuro catastrófico; assim, Goethe, em 1828, falando com Eckermann sobre a humanidade, dizia: “Vejo vir o tempo em que Deus não encontrará mais alegria nela, e em que deverá aniquilar tudo de novo, para fazer uma criação rejuvenescida. (p. 586)

Essa fala se aproxima analogamente com o que ‘Seu’ Nem expressou sobre os tempos que virão...

3.1.2 Sociabilidade

Sociabilidade fica aqui entendida como as relações estabelecidas pelos entrevistados em suas convivências cotidianas. Nesse mundo (hiper) moderno, como eles estão se relacionando? Existe alguma diferença entre a forma de conviver hoje e a forma de conviver em seus tempos de infância e juventude? O que eles veem de bom e de ruim nas relações afetivas, familiares e sociais estabelecidas em tempos hipermodernos? Vale a pena citar um trecho do sociólogo polonês Zygmunt

Bauman⁶¹, em uma análise sobre as relações humanas em tempos (hiper) modernos:

Um viciado do Facebook gabou-se para mim de que havia feito 500 amigos em um dia, minha resposta foi que eu tenho 86 anos e não tenho 500 amigos. Então, provavelmente, quando ele diz “amigo”, e eu digo “amigo”, não queremos dizer a mesma coisa, são coisas diferentes. Quando eu era jovem, nunca tive o conceito de “redes”, eu tinha o conceito de “laços humanos”, de comunidades, esse tipo de coisa, mas não rede. Qual é a diferença entre comunidade e rede? A comunidade precede você, você nasce numa comunidade. Por outro lado, temos a rede, o que é uma rede? Ao contrário da comunidade, a rede é feita e mantida viva por duas atividades diferentes, uma é conectar e a outra é desconectar e eu acho que a atratividade, o tipo de amizade do Facebook, como eu a chamo, está exatamente aí, que é tão fácil de desconectar, é fácil conectar, fazer amigos, mas o maior atrativo é a facilidade de se desconectar. Imagine que você tem não amigos online, conexões online, compartilhamento online, mas conexões off-line, conexões de verdade, frente a frente, corpo a corpo, olho no olho. Então romper relações é sempre um evento muito traumático, você tem que encontrar desculpas, você tem que explicar, você tem que mentir com frequência e, mesmo assim, você não se sente seguro, porque seu parceiro diz que você não tem direitos, que você é um porco, etc. É difícil, mas, na internet, é tão fácil, você só pressiona delete e pronto, em vez de 500 amigos você terá 499, mas isso será apenas temporário, porque amanhã você terá outros 500 e isso mina os laços humanos. Os laços humanos são uma mistura de benção e maldição, benção porque é realmente muito prazeroso, muito satisfatório ter outro parceiro em quem confiar e fazer algo por ele ou ela, é um tipo de experiência indisponível para a amizade no facebook, então, é uma benção e eu acho que muitos jovens não têm nem mesmo consciência, porque eles nunca vivenciaram esse tipo de situação. Por outro lado, há a maldição, pois quando você entra no laço, você espera ficar lá para sempre, você jura, você faz um juramento: até que a morte nos separe, para sempre. O que isso significa? Você empenha o seu futuro, talvez amanhã ou no mês que vem haja novas oportunidades. Agora, você não consegue prevêê-las e você não será capaz de pegar essas oportunidades, porque você ficará preso, preso aos seus antigos compromissos, às suas antigas obrigações, então é uma situação muito ambivalente e, conseqüentemente, um fenômeno curioso dessa pessoa solitária numa multidão de solitários. Estamos todos numa solidão e numa multidão ao mesmo tempo.

Ao ouvir essa fala de Bauman e constatar esse fenômeno em nosso dia-a-dia, fica a grande interrogação: como uma pessoa com mais de setenta anos pode se sentir em meio a relações tão virtuais?

⁶¹ Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, estudioso da modernidade, fala sobre as relações humanas em tempos modernos. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=LcHTeDNlArU>>. Acesso em: 17 jul.2013.

• Relações familiares, afetivas e sociais

*“Eu me lembro que no meu tempo os laços afetivos eram muito mais fortes...”*⁶²

Professor universitário aposentado, nascido em 1929, prof. Joaquim fala com tristeza de como ele percebe as relações sociais no mundo pós-moderno. Diz ele: “[...] *As famílias se procuravam, não era como hoje, essas relações virtuais que são frias e perigosas.*” Dona Ivete, mulher do prof. Joaquim, diz que a violência é um dos fatores que impede as famílias de conviverem mais. No olhar dela, não se pode mais sentar à porta da rua como antigamente, ela conta que a mãe saía de casa às 5 horas da manhã para ir à missa na Matriz, tranquilamente. Lembra ainda que o padeiro colocava o pão na porta e ninguém mexia; fatos que, de acordo com seu relato, seriam impossíveis de acontecer nos dias de hoje. Fina e Quincas consideram que têm um bom relacionamento com os filhos, *“Eu acho o nosso relacionamento, meu e de Quincas com nossos filhos muito melhor do que o relacionamento que tivemos com nossos pais”*. Segundo ela, nunca teve liberdade nem com o pai e nem mesmo com a mãe, em seu relato, diz:

Eu não tinha a menor liberdade dentro de casa, nem com a minha mãe; para você ter uma ideia, quando eu fiquei menstruada, eu não sabia de nada, eu já tinha quinze anos e minha mãe nunca falou nada comigo, tanto que eu achei que estava doente e fui falar com ela o que tinha acontecido e ela disse: ‘não... isso é assim mesmo’, mas não me explicou nada, não comentou nada, eu fui aprendendo com a vida, com as irmãs mais velhas, com as amigas e, naquela época, tudo era muito difícil, numa casa com uma mulherada, mas tudo era muito escondido, não havia conversas sobre sexo, nem pensar em falar sobre essas coisas, tudo que eu aprendi na vida, aprendi na escola, na universidade ou sozinha, com informações truncadas. A minha mãe nunca abriu a boca para me falar nada, o pai, nem se fala, não falavam nada nem com as meninas, nem com os meninos.

Apesar dessa restrição ao relacionamento com a mãe, Fina diz que havia uma confiança e que a mãe sempre protegia os filhos “contra” a rigidez do pai. Beauvoir (1990, p. 579) fala que “o equilíbrio afetivo das pessoas idosas depende, sobretudo, das relações com os filhos”. Em seus relatos, os entrevistados desta pesquisa disseram manter um bom relacionamento com os filhos, e muitos deles convivem hoje, na velhice, mais e melhor com os netos. Beauvoir (1990) confirma

⁶² Professor Joaquim, entrevistado nesta pesquisa.

isso ao dizer que “os sentimentos mais calorosos e mais felizes das pessoas idosas são aqueles que elas nutrem por seus netos.” Dona Ruth diz que os filhos adoram conversar com ela e se refere aos netos de uma forma bem carinhosa: “[...] Eu sou de outra época. Com meus netos, sou bem moderna, conversamos sobre namoros, falo do meu tempo, eles acham tudo sem graça, os namoros defasados, ninguém tinha carro, tudo no dedão”. Sampedro⁶³ em um trecho de seu romance, coloca na boca do personagem Salvatore as seguintes palavras:

Agora vejo, claramente, meu menino, para que venho todas as noites! Para fazer aqui uma casa nossa, dentro desta, para vivermos juntos você e eu, companheiros de guerrilha... Se esta gente não sabe viver, você o saberá, porque eu sei... É, para isso, mas nunca havia percebido, só agora, bem ao seu lado... É que ao seu lado eu aprendo, companheiro, que coisa! Também eu com você. Não sei como, mas você me ensina... Ai, meu Brunettino, meu milagre! (p. 201)

Todos os entrevistados falam com muito carinho dos netos, sendo que apenas dois não se referem a relacionamentos com netos, o Sr. Expedito, que se refere apenas aos filhos, e a professora Cibele que não teve filhos e a convivência maior foi com os sobrinhos: “Convivi muito com meus sobrinhos, ajudei muito a meus irmãos, a minha irmã, os filhos viviam lá em casa, a gente ajudava muito, tive uma convivência boa com essa *sobrinhada*.” O prof. Joaquim diz: “*O relacionamento com os filhos foi muito bom e com os netos, melhor ainda*”.

‘Seu’ Elísio e Sônia (sua esposa que, volta e meia, aparecia na sala onde realizávamos a entrevista), e também opinava e trocava ideias com o marido sobre as lembranças relatadas e, dentre essas, uma que os fez se emocionarem foi falar sobre os relacionamentos do tempo em que os dois eram jovens. Segundo Sônia, à tardinha, à noitinha, todos se sentavam à porta, com uma bacia de laranja, compartilhando fatos corriqueiros, sonhos e as laranjas... ‘Seu’ Elísio logo diz:

[...] Você falando isso me lembrei: todo o centro de uma casa era a cozinha, ali tudo se passava, eram as mágoas, as alegrias, na casa de minha mãe, a visita vai chegando e vai para a cozinha e, conversa vai, conversa vem, tal e

⁶³ José Luis Sampedro, em seu romance “*O Sorriso Etrusco*”, editado pela Editora Martins Fontes de São Paulo, em 1996, conta a história de um velho camponês que, acometido por uma doença grave, sai da Calábria e vai morar com o filho em Milão e, ali, descobre o último e grande amor de sua vida: o neto Bruno de 1 ano de idade. Com Brunettino, o velho ranzinza se torna doce e cheio de ternura e sua vida toma uma outra dimensão: a dimensão do amor de um avô por seu neto.

tal, minha mãe pega uma caixa e coloca em cima da mesa, só fotografias, fotografias do tempo do amém, toda vez a gente passa e toda vez a gente quer ver.

Sônia relembra então como eram bons esses momentos: *“Era mais aconchegante, não tinha TV, todos iam para a porta da casa, a solidariedade era mais viva, ali os pais estavam presentes, as crianças cantando roda”*. Ela lembra ainda que tudo, naquela época, girava em torno da religião e que o padre da cidade sempre reunia as crianças, os jovens, os velhos em noite de lua cheia e aproveitava para ensinar sobre a natureza, sobre o céu e sobre valores humanos. Nesse momento, ‘Seu’ Elísio demonstra o sentimento que tem em relação a tudo isso:

[...] Tem hora que eu fico assim, me questiono e me pergunto, será? Existe, mas a gente não vê esse relacionamento de amor mais, naquele tempo a coisa era mais, eu não sei como explicar, era mais autêntica a relação de amor, mais respeitosa e, por isso, mais pura também e os casamentos também eram bem mais duradouros; naquele tempo, tinha casos de separação também, mas era bem mais raro, mas por quê?

Esse sentimento de perda em relação às amizades, aos relacionamentos vividos em tempos de outrora é um lugar comum nas entrevistas realizadas. Dona Ruth, que viveu sua infância/juventude nas três primeiras décadas do século XX, período em que Montes Claros era uma cidade que não oferecia nenhum conforto aos seus moradores, diz sentir muita falta da forma como as pessoas se relacionavam, da comunicação existente entre as famílias:

Apesar de tudo isso, de não ter transporte, comunicação, a cidade era abandonada, não tinha nada, mas a gente tinha uma vida tranquila, as famílias se comunicavam, era uma maravilha, hoje, ninguém conhece ninguém, as pessoas não se visitam, ninguém vai ao apartamento de ninguém. Nesse ponto, aquele tempo era muito melhor...

Todos os entrevistados demonstram essa nostalgia, essa saudade da convivência entre os amigos e as famílias e ainda se queixam da facilidade com que as pessoas desfazem seus compromissos, em como o outro é facilmente descartado em uma relação, *“[...] Naquele tempo, a pessoa até podia sair de um relacionamento, mas ela pensava muito no sofrimento do outro, as pessoas pensavam mais no outro do que mesmo nelas, tinha mais respeito pelo*

sentimento do outro”, essa fala de ‘Seu’ Elísio demonstra esse sentimento e essa nostalgia..

Fromm (1983, p.140) aborda em seu livro *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*, questões relativas aos relacionamentos humanos na sociedade moderna:

Qual a *relação* do homem moderno com os *seus semelhantes*? É uma relação entre duas abstrações, entre duas máquinas vivas que se usam reciprocamente. [...] Nas relações humanas de nossos dias, não se encontra nem muito amor, nem muito ódio. Há, antes, uma amizade superficial e uma equidade mais que superficial, porém, por trás dessa aparência estão o distanciamento e a indiferença.

Os narradores dessa pesquisa têm realmente muitas queixas sobre os relacionamentos modernos e falam sempre da saudade que têm de como as pessoas se relacionavam, mas esse distanciamento e essa indiferença de que fala Fromm fará parte de seus sentimentos? Essas queixas e essa saudade dos idosos têm a ver com o que Fromm aponta, ou as mudanças nos relacionamentos humanos modernos têm influência de outras transformações ocorridas nos tempos atuais, como a violência, a pressa e uma outra noção de tempo?

Dona Nicinha, moradora de uma comunidade rural, é defensora da modernidade e acredita que o maior problema dos tempos modernos é a violência que acontece principalmente nas cidades grandes, onde as pessoas não se conhecem e não nutrem nenhum sentimento pelo outro, para ela, “[...] *A vida melhorou demais, eu acho que a vida está perigosa é lá fora, na cidade grande, mas aqui, nesse lugarzinho, a vida é uma maravilha, aqui ladrão nunca prejudicou ninguém, a gente pode sair e deixar a porta aberta e tem vez que a gente sai e depois lembra que deixou a porta aberta e aí liga para um vizinho fechar para a gente. Na cidade grande, ninguém conhece ninguém.*” Segundo ela, a diversão existente no pequeno lugarejo em que vive é conversar com os amigos, ainda é costume no lugar visitar uns aos outros, sentar nas portas das casas para conversar. ‘Seu’ Expedito, de Diamantina é outro dos entrevistados que valoriza muito a relação com os amigos. Artista da noite, foi músico de orquestra e teve uma vida boêmia e cheia de emoções. Hoje, aos quase 90 anos, vive de lembranças e sua memória o trai (ou protege, quem sabe?) muitas vezes, fazendo

com que ele se veja ainda naqueles tempos, “[...] *Eu gosto é de conversar, o dia que eu quero tocar, eu pego o instrumento, ponho debaixo do braço e onde eu encontro um batedor de corda, um amigo, eu falo, vamos tocar e aí nós vamos em qualquer boteco e tocamos, muitas vezes até o dia amanhecer, outras vezes a gente toca até uma certa hora e depois volta para casa*”. O drama dessa história é que os amigos a que ‘Seu’ Expedito se refere não existem mais, ele é o único sobrevivente da turma de músicos de seu grupo.

Dona Maria é uma mulher batalhadora, ainda muito ativa e diz não ter tempo para participar de grupos ou encontros, gosta muito de ajudar e de receber pessoas em sua casa que vêm em busca de uma palavra amiga, de qualquer espécie de ajuda, porém, não é de fazer visitas, a não ser aos filhos, “[...] *Algumas pessoas vieram me propor para participar desses grupos que têm por aí, mas eu não tenho tempo para essas coisas*.” Um dos prazeres de dona Maria é assistir à programação da Rede Vida, mas não frequenta a igreja,

Eu sou católica, mas nunca larguei a casa, eu vejo o povo largar tudo para ir para a igreja, eu não faço isso não, eu não deixo nada da minha família para trás, eu tinha um amigo padre e eu falava assim com ele: ‘olha, se Deus não me aceitar do jeito que eu sou, eu tô podre, porque Ele me deu onze filhos para cuidar e para cuidar de onze filhos, com a vida que eu tive, nunca herdei nada de ninguém... tive que lutar e trabalhar e nunca tive tempo para essas coisas.

Apesar de não participar de grupos de terceira idade, não procurar amizades para se divertir, dona Maria mantém ótimos relacionamentos com todos, principalmente com a família, que é de onze filhos, todos casados e morando próximo dela. Pelo seu depoimento, ela vive pela e para a família, chegando a dizer: “[...] *Tudo que eu tenho são meus onze filhos, porque, se eu não tivesse os meus onze filhos, o mundo não me cabia*.”

Simone de Beauvoir, em seu livro “*A Velhice*”, demonstra em seus estudos que os velhos, de forma geral, são infelizes e se afastam dos amigos e da família. Para a autora: “*Em geral, mesmo que conserve afeição por sua família e por seus amigos, a pessoa idosa distancia-se deles. O egocentrismo do idoso lhe é facilitado pela indiferença que, pouco a pouco, toma conta dele, mas o velho também cultiva deliberadamente esse egocentrismo*.” (1990, p. 582). Em minha pesquisa, isso não foi comprovado, os idosos que entrevistei se mostraram

amorosos, com bom relacionamento familiar e com os amigos. Não se pode negar que a idade traz diversos comprometimentos, tanto biológicos quanto emocionais, porém, tanto quanto possível, os “meus” velhos se mostraram pessoas bem amadas e respeitadas por seus familiares e pelos que com eles convivem.

3.1.3 Hiper-modernidade

*“Tudo o que é novo apraz”*⁶⁴

O termo *hipermodernidade*⁶⁵ foi inaugurado pelo filósofo Gilles Lipovetsky na década de 80. Sébastien (2004)⁶⁶ admite que, com a pós modernidade, os freios institucionais que bloqueavam uma emancipação individual se rompem, permitindo que os desejos subjetivos da realização individual e do amor próprio se manifestem. Segundo esse autor, vários sinais fazem crer que *“entramos na era do hiper, a qual se caracteriza pelo hiperconsumo; pela hipermodernidade e pelo hipernarcisismo.”* (2004, p. 25). O hiperconsumo, como sendo uma espécie de consumo que absorve e integra parcelas cada vez maiores da vida social, é um consumo individualista exercido em função do próprio prazer.

A busca dos gozos privados suplantou a exigência de ostentação e de reconhecimento social: a época contemporânea vê afirmar-se um luxo de tipo inédito, um luxo emocional, experiencial, psicologizado, substituindo a primazia da teatralidade social pela das sensações íntimas. (2004,p.26)

⁶⁴ Citado por Gilles Lipovetsky (2004:60) em “Os Tempos Hipermodernos”, livro escrito com a contribuição de Sébastien Charles e que apresenta a continuação de várias sessões que o Collège de Philosophie consagrou ao trabalho de Gilles Lipovetsky.

⁶⁵ Termo cunhado por Gilles Lipovetsky que “argumenta que desde os anos 50, o mundo vive uma intensificação jamais vista do tripé que sempre caracterizou a modernidade: o mercado, o indivíduo e a escala técnico-científica. A partir dos anos 80, com o avanço brutal da globalização e das novas tecnologias de comunicação, esse fenômeno - que ele batizou de hipermodernidade - adquire uma velocidade espantosa, passando a interferir diretamente em comportamentos e modos de vida.” Caderno Mais!, Folha de S. Paulo - publicado na contra capa do livro “Os Tempos Hipermodernos”

⁶⁶ CHARLES, Sébastien e GILLES, Lipovetsky. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004.

Os entrevistados desta pesquisa condenam a forma como as pessoas estão consumindo, para eles o consumo hoje em dia não se restringe apenas às coisas, estendendo-se às pessoas.

O termo hipermodernidade representa uma sociedade liberal, que se retrata pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade. Diz Sébastien (2004) que “os indivíduos hipermodernos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos.” (2004, p. 27-28)

A época do pós-moderno, segundo Lipovetsky, terminou.

O rótulo pós-moderno já ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que se anuncia. [...] Hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto - o que mais não é *hiper*? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa? (2004, p.53).

As pessoas nascidas no início/meados do século XX não construíram a sua personalidade/identidade nessa sociedade hiper e há por parte dos entrevistados dessa pesquisa um estranhamento em relação a todo esse ‘superlativo’ da modernidade. Neste trecho, trataremos esta questão: como os velhos do final do século XX, início do século XXI, estão lidando com esta hiper realidade, o que eles veem de bom e de ruim nesses tempos de hipermodernidade.

• Tecnologia e conforto

*“Minha filha, era um sofrimento, hoje não, a gente acha tudo pronto, é uma maravilha...”*⁶⁷

*“Me sinto analfabeto em relação a essa tecnologia que foi chegando...”*⁶⁸

Dona Maria, ao relatar a sua história e comentar sobre a modernidade, diz: *“Dessas coisas modernas, vou lhe dizer, agora que eu abri uma conta de banco, nunca mexi com computador...”* Assim como dona Maria, oito dos meus entrevistados

⁶⁷ Dona Nicinha, entrevistada de Itamirim, ao relatar a sua história a esta pesquisadora.

⁶⁸ ‘Seu’ Elísio, entrevistado de Montes Claros-MG, para esta pesquisa.

dizem não ter se adaptado à tecnologia hipermoderna, como computador, internet, aparelhos eletrônicos e telefone celular, dentre outros. Dos outros quatro entrevistados, um disse já ter usado computador, mas não usa mais: *“Eu procurei sempre usar as tecnologias, agora é que estou sem usar o computador, mas eu usei muito computador, impressora, isso bem antes de eu me aposentar, há mais de 15 anos”*.⁶⁹ Outra entrevistada disse: *“Eu uso computador, tenho meu e-mail, mas isso eu só fui fazer depois de me aposentar, porque, até então, eu não usava, só fui comprar meu notebook depois que me aposentei.”*⁷⁰ Dona Ruth, minha entrevistada mais velha, - está hoje com 97 anos -, é totalmente adaptada à tecnologia dos tempos hipermodernos; ganhou dos filhos um computador, quando completou 90 (noventa) anos e, desde essa época, é nele que escreve suas crônicas e poesias. Quando o filho Alberto, cineasta que vive no Rio de Janeiro, disse que ia lhe dar de presente um computador, dona Ruth lhe falou: *“Tô muito velha para aprender isso.”* E ela complementa:

Eu achava que não ia conseguir aprender a mexer com computador mais. Aí, arranjei uma professora que me deu umas aulas e eu não achei difícil não, e comecei a mexer e hoje faço tudo no computador. Eu tenho e-mail, recebo tanta mensagem, por causa de minhas crônicas, até da Alemanha eu já recebi mensagem, recebo de gente de Montes Claros que mora fora, de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro, do Nordeste.

Outro entrevistado que faz uso do computador é Quincas, de Diamantina. Ele é jornalista e escritor e, sendo assim, é imprescindível a utilização das tecnologias modernas. Quincas é marido de Fina, outra das entrevistadas. Ela diz: *“Eu me considero uma pessoa bem moderna, estou com setenta anos, mas não uso computador, o Quincas usa muito, em relação a computador eu não valho nada, mas Quincas faz tudo por mim”*. Quincas diz que usa o Word, mas que não tem muita paciência para sites de relações virtuais, como *facebook*; ele diz usar o computador até por necessidade de seu trabalho.

Dos oito entrevistados que não usam computador, cada um justifica de uma forma; uns porque não gostam, outros porque não se adaptaram a esta novidade surgida quando já estavam mais velhos. Os entrevistados de Itamirim não

⁶⁹ Professor Joaquim, de Montes Claros, entrevistado desta pesquisa.

⁷⁰ Professora Cibeles, aposentada, mas ainda trabalha, diz fazer uso do computador e da internet, porém, “desses ‘Orkut’, eu não gosto,”

tiveram nem oportunidade de fazer uso dessa tecnologia, já que, na cidade, é muito raro alguém possuir um computador. 'Seu' Expedito é, até hoje, um apaixonado pela música; toda sua vida foi dedicada a esta arte e não se sente à vontade com os artefatos da hipermodernidade, “[...] Telefone, celular, essas coisas eu tenho, mas não gosto não, eu não uso, eu gosto é de conversar”; essa realidade vivida pelo 'Seu' Expedito é comum entre os idosos que entrevistei. Dona Maria diz que tem telefone fixo em casa para atender os filhos, mas não gosta de ficar falando ao telefone e celular, que não possui,

Dessas coisas modernas, vou lhe dizer, agora que eu abri uma conta de banco, nunca mexi com computador, você sabe com o que eu tô apaixonada agora? Nunca fui de novela, nunca tive essa besteira, gosto de assistir o jornal, mas tem dia que nem gosto, porque é só notícia horrível, agora, depois que apareceu essa Rede Vida, aí eu fiquei apaixonada.

Dos meus entrevistados, 'Seu' Elísio é o único que participa de um grupo de terceira idade, ele e sua mulher Sônia são bastante atuantes na comunidade, participam de movimentos da igreja, viagens com o grupo a que pertencem e são bastante modernos, mas, quando se fala em tecnologias e artefatos tecnológicos, os dois são resistentes. Ele diz:

Em relação às tecnologias, no social, essas coisas corriqueiras como serviço de banco não temos nenhum problema, resolvemos tudo, o que eu não gosto é desse negócio de navegar na internet, tenho um e-mail, mas não uso, agora o interessante é que não sinto falta, o que acho ruim é ter que incomodar um filho, por exemplo, para procurar uma informação para a gente na internet, mas, fora isso, não sinto falta de nada, para conviver, trocar experiências, essas coisas todas eu faço com os meus amigos, nos grupos de que faço parte, acho muito melhor.

Se um jovem de hoje tivesse que viver sem internet, sem celular e sua convivência social fosse apenas nos encontros com amigos, nos grupos de pertença, como seria? É possível imaginar o mundo hoje sem internet? 'Seu' Elísio volta a falar de tecnologia e modernidade e de como, com todo o avanço ocorrido nos últimos trinta anos, as pessoas mais velhas se acham deslocadas:

Voltando à questão do desenvolvimento, da tecnologia, dessa modernidade toda, no caso da gente que largou a profissão, que se aposentou, se não fosse muita leitura, acompanhar o desenvolvimento, ver alguma coisa na TV, tentando acompanhar, eu vou te contar, eu não sabia mais nada, seria um analfabeto, eu já me considero um analfabeto nessa questão da tecnologia, tudo evoluiu demais.

Sônia, ao ouvir o marido dizer sobre a evolução tecnológica, lembra que tem um neto que vive com um aparelho no ouvido e que ela sempre diz: *“Meu filho, você precisa tirar esse aparelho do ouvido, precisa conversar, chega uma hora em que a conversa é fundamental, é muito importante interagir.”* Ela então diz que há um exagero, que os jovens não têm limite no uso da tecnologia, que já não conversam, vivem na internet, não sabem nada do que acontece em casa.

Fina e Quincas, outro casal afinado, admirador dos tempos hipermodernos, só têm palavras de elogio para todas as transformações pelas quais o mundo tem passado nos últimos tempos; como todos os outros, fazem críticas ao comportamento moral e ético das pessoas. Fina, em seu relato, fala admirada do que vê, “Eu vejo minhas netinhas hoje e fico impressionada, fizemos um passeio ontem e essa menina, de cinco anos, ela usou o GPS de uma forma admirável, marcando os pontos onde passamos e eu fico pensando: ‘onde que eu, com 5 anos, saberia usar uma coisa dessa?’ Então eu fico encantada com essa evolução das crianças de hoje”, o que ela diz achar muito triste é que essas mesmas crianças não mais respeitam os pais, têm um comportamento excessivamente sexualizado, estão se tornando adultas antes do tempo, isso, na opinião dela, é um dos aspectos mais danosos da modernidade. Fina não usa computador, se diz uma “analfabeta tecnológica”, mas, em relação à vida das pessoas, ela diz não haver época comparável a essa e cita exemplos de como os eletrodomésticos melhoraram a vida das mulheres. Fina faz um relato emocionado de como o progresso e o avanço na medicina mudou a sua vida:

Eu gosto muito da modernidade, os avanços que tivemos foram e são infinitos, agora mesmo estou saindo, saindo não, estou fazendo um tratamento de câncer. Tive um câncer de mama, agora, recentemente, tirei uma mama e o modernismo dos tratamentos é muito grande, eu pego um táxi aqui, vou a Belo Horizonte, sozinha, vou à clínica, faço minha quimioterapia, faço tudo sozinha e volto; há vinte anos atrás, um tratamento desse seria totalmente diferente, os recursos seriam infinitamente menores, mas, independente disso, tudo é muito melhor.

Em Itamirim, uma comunidade de base rural, os entrevistados não têm muitos parâmetros para avaliar questões tecnológicas; todos gostam da modernidade e acham que a vida deles melhorou demais com os avanços ocorridos

nos últimos trinta anos, a infância e juventude de todos eles foram muito sofridas, vivendo em roças, sem nenhum conforto; a modernidade que chega até eles é, na opinião de todos, admirável! Para esses entrevistados, a modernidade mostra sua face principalmente na energia elétrica, na água encanada, no transporte, nos aparelhos eletrodomésticos, na televisão (que passou a ser a principal diversão e o passatempo preferido de todos). Porém, no relato feito por eles, essa mesma modernidade que tanta coisa boa trouxe, também chegou com seus aspectos negativos: é a droga, o comportamento violento das crianças e dos jovens que, segundo eles, só querem imitar aquilo de ruim que a televisão mostra; o relacionamento entre as pessoas se tornou frio e distanciado, pois, segundo eles, a televisão não deixa mais as pessoas se encontrarem. Dona Nicinha, 72 anos, é uma das mais entusiastas em relação à modernidade, mas também tem suas críticas:

Aqui em Itamirim, também já tem essas coisas de droga, esses rapazinhos que vivem aqui tudo mexe com essas coisas e ficam aí andando de moto feito doidos, empinando as motos, todo dia um cai da moto, quebra perna ou quebra braço, uns até quebram o pescoço e morrem na hora, isso tudo é coisa da modernidade, porque, antigamente, não tinha isso não, pois os pais não compravam; hoje, os pais dão tudo o que os filhos querem e, antigamente, também a gente nem sabia o que era isso, então, é coisa da modernidade. Computador é outra coisa que aqui já tem, mas eu mesma nunca usei, celular eu até tenho, mas aqui não pega não.

Dona Nazinha e ‘Seu’ Liro estão casados há 51 anos e já passaram por tempos muito difíceis e, por isso mesmo, veem a modernidade como uma benção, nunca usaram um computador e não têm celular, o serviço de banco é realizado pelos filhos e quase não saem de casa, principalmente dona Nazinha, que tem problemas de locomoção. ‘Seu’ Liro lembra do tempo em que as casas eram iluminadas por lamparinas,

Uma coisa que eu lembro é que aqui em Itamirim tinha três casas que tinham Aladim, era a casa de Serafim, a casa de Lolon e a casa de Sosson. Quando chegava a noite, eles acendiam esse Aladim e botavam na janela da casa e clareava a praça toda. O Aladim funcionava com querosene e tinha uma espécie de bomba que bombeava e ia aumentando a luz. Eu falo que os tempos de hoje são melhores, mas, de algumas coisinhas a gente tem saudade, sim, era muita paz, ninguém brigava, as famílias eram unidas, isso dá saudade, dessa tranquilidade.

Para os entrevistados de Itamirim, os aspectos mais “simples” da modernidade são os melhores. Para eles, não há alegria maior que ter energia elétrica e água encanada em casa, poder entrar em um carro e ir até Espinosa fazer uma feira é algo incomensurável. Computador, internet, tablet, vídeo-game, óculos 3D, ITV são realidades tão distantes do cotidiano deles que, até em falar sobre isso, demonstram o quão deslocados da realidade, desta lógica que, na verdade, falam por ouvir falar. ‘Seu’ Nem, ao comentar sobre esses aspectos da modernidade, diz: *“Aqui em Itamirim ainda não tem internet, mas minha filha lá em São Paulo já tem e ela fala que mostra tudo. Hoje, se a gente falar com um menino desses aí como era a vida, nossa! Ele não acredita, então tem hora que fico assim...”*. Esse “assim...” de ‘Seu’ Nem quer dizer estranhamento, estupefação, desconhecimento. Para ele, a modernidade começou mesmo quando comprou geladeira, *“Eu só fui possuir uma geladeira em 1982. “[...] ‘vixe’ aquilo foi uma coisa absurda, ter uma geladeira dentro de casa, a gente nem tinha costume para poder botar uma fruta, uma carne dentro da geladeira, não, a gente só pensava assim: “... agora posso ter água fria”, só pensava nisso...”* (risos). Depois da geladeira, veio o fogão à gás, porém, ‘Seu’ Nem diz que ainda hoje preferem cozinhar no fogão à lenha. Só uns dois anos depois, segundo ‘Seu’ Nem, foram comprar uma TV e, aí, as grandes mudanças começaram a acontecer, *“[...] essa mudança mais forte ela está aí de uns trinta anos pra cá; de uns trinta anos para trás, não tinha televisão.”* ‘Seu’ Liro, também morador de Itamirim, lembra como a “modernidade” foi chegando:

Aqui não tinha energia nessa época, depois veio a energia e a gente comprou uma geladeira. Nós compramos essa geladeira, mais ou menos em setenta e pouco, foi quando chegou a energia aqui, fogão a gás, foi bem depois. A gente gostava mais de cozinhar no fogão de lenha, até hoje a gente tem o fogão de lenha, mas a gente cozinha nele só de vez em quando, uma canjica, uma feijoada... Televisão, a gente comprou bem depois, tinha era um radinho a pilha onde a gente ouvia as notícias, ouvia música, tudo era pelo radinho, a Hora do Brasil, depois é que a gente comprou uma televisãozinha, eu me lembro que o pessoal que não tinha televisão vinha tudo aqui para casa para assistir.

Assim como ‘Seu’ Nem e ‘Seu’ Liro, dona Nicinha fala do que ela vê de bom na modernidade:

Hoje tem muita facilidade, se a gente precisa ir na cidade, o carro passa na frente da casa da gente, ninguém anda a pé mais não, como antigamente. [...] era difícil demais a vida, naquele tempo a gente morria de trabalhar, eu fico vendo hoje, hoje ninguém trabalha não, até uma roupa, se a pessoa vai

lavar, já tem uma máquina que lava para ela, naquele tempo até o sabão a gente tinha que fazer.

Ao ouvir esses relatos que demonstram alegria e, ao mesmo tempo, temor em relação à pós/hiper/modernidade, lembro-me das palavras de Harvey (1994, p. 21): “Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo - e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.”

• Consumo

“O consumismo me incomoda, me incomoda muito”⁷¹

“Eu, com essa idade toda, me sinto consumista”⁷²

Para Bauman (2008)⁷³, é preciso diferenciar consumo de consumismo. Consumo é algo natural e sempre esteve presente nas sociedades, enquanto consumismo designa um estilo de vida que promove padrões de relações “interpessoais”. Acredita-se, hoje, que a felicidade esteja atrelada à capacidade de adquirir, quem pode comprar “coisas” é mais feliz e, nessa esteira, vão se acumulando frustrações, inseguranças, medos e rejeições. Acredita-se que quem compra mais é mais feliz. Bauman (2009, p. 24) explica:

Se a felicidade está permanentemente ao alcance, e se alcançá-la leva apenas os poucos minutos necessários para folhear as Páginas Amarelas e sacar o cartão de crédito, então, obviamente, um *eu* que não consiga atingir a felicidade não pode ser “real” ou “genuíno”, mas, antes, uma relíquia da indolência, ignorância ou inépcia - senão das três em conjunto. Esse *eu* deve ser uma imitação ou uma fraude.

Se o cartão de crédito ou a possibilidade de poder usufruir dos bens de consumo, especialmente daqueles supérfluos, for condição para a felicidade, o que

⁷¹ Fina, de Diamantina-MG e participante desta pesquisa.

⁷² Cibele, de Montes Claros-MG e participante desta entrevista.

⁷³ BAUMAN, Zygmunt, **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, 190p.

será daqueles que se veem impossibilitados de exercer esse consumo? Professor Joaquim, em seu relato, faz uma observação bem interessante a esse respeito. Ele comenta sobre a quantidade de carros velhos que estão “apodrecendo” nas cidades se questiona sobre a destinação desses carros. O professor conta ainda que ele tem um carro antigo e que todos ficam perguntando quando ele vai trocá-lo, “[...] Todo mundo se espanta com o meu “Chevetinho”, que é de 1975, ele foi de meu cunhado, que comprou outro carro e eu comprei esse na mão dele e estou com ele até hoje; já troquei o motor, troco os pneus, cuido direitinho, ignição. [...] A questão hoje é o consumo, tem que comprar, nem se questiona se há necessidade.” Bauman (2005:151), em sua análise da pós-modernidade, aborda esse tema, “Afim, os carros envelhecem, perdem parte de seu brilho, deixam de funcionar[...]” O mais triste de tudo isso é que as pessoas passam pelo mesmo processo dos carros: envelhecem, perdem o brilho, deixam de “funcionar”. A sociedade consumista não pode tolerar o “velho”, tudo tem que ser novo, funcionar bem ou ser descartado. Bauman complementa sua análise, dizendo: “[...] *Há por aí tantos carros mais novos, melhores, mais bonitos e atraentes, mais fáceis de operar, com reações mais rápidas! É hora de pensar em mudança. É hora de jogar o carro velho no lixo. De qualquer forma, ele não estava destinado a durar para sempre ou estava?*” Esse é o pensamento prevalente numa sociedade consumista: porque vou manter o velho se posso ter o novo? Para esse autor, somos consumidores numa sociedade de consumidores e Bauman ainda acrescenta: “[...] *A sociedade de consumidores é uma sociedade de mercado. Todos nos encontramos totalmente dentro dele, e ora somos consumidores, ora mercadorias.*” (p.151) Bauman diz ainda que os relacionamentos se aproximam e, com rapidez, do padrão de uso/consumo de carros, “[...] repetindo o ciclo que começa na compra e termina na remoção do lixo.” (p.152).

Pensamento semelhante ao de Bauman é o da professora Cibele que, em seu relato, diz que as pessoas não podem ver nada que logo querem comprar.

Hoje em dia, Cléo, a compulsão é tão violenta que as pessoas, às vezes, compram sem nenhuma necessidade, já têm dez pares de sapatos, mas viu um que gostou e não aguenta, tem que comprar e assim compra 13, 20, 200. É o apelo! O apelo é grande demais, leva uma pessoa a ficar alucinada. Eu vejo! Eu, com essa idade toda, me sinto consumista, principalmente quando é coisa bonita. Eu adoro coisa bonita! É um brinco, um colar, fico apaixonada! Então, você imagina esse pessoal jovenzinho, o

apelo é grande demais, querem comprar mesmo! Então as coisas são super descartáveis e até as pessoas estão se tornando descartáveis! Até o namorado é descartável, não quero mais, você vai procurar outro, que eu já estou encontrando outro na minha vida e depois vem o exemplo da TV, que dá um exemplo muito ruim, eu acho!

O fato de fazer essa crítica ao consumismo não quer dizer que Cibebe não goste da modernidade e dos tempos atuais. Para ela, a pós-modernidade, com seus artefatos tecnológicos, veio contribuir para a melhoria de vida das pessoas e, principalmente, das pessoas mais simples. Na visão da entrevistada:

Quem vivia em um meio mais elevado, tinha muitas chances, mas os mais simples não tinham chances de crescer e foi esse povo que mais teve vantagens e mais usufrui das coisas modernas. Todo mundo tem um celular, um carroceiro, um pedreiro, uma doméstica, todos têm seu celular, às vezes, pessoas que não têm nem o primário, todos têm seu celular e sabem lidar com ele. Então, como é que essa modernidade não veio para contribuir e muito com a humanidade?!

Como diz Bauman, consumir é da natureza humana, porém, o consumismo é uma criação moderna da sociedade. Fromm (1983), ao fazer uma análise da sociedade contemporânea, fala da fascinação que o homem moderno tem pelo ato de consumir. Para esse autor, o ato de comprar e consumir converteu-se em uma finalidade compulsiva e irracional, não havendo nenhuma relação entre o ato de consumir com a necessidade e nem mesmo com o prazer, pois o prazer, derivado do consumo desnecessário, logo é substituído por outro prazer: o desejo de consumir novamente e, assim, vai-se consumindo as coisas e, como afirma a professora Cibebe, “*até as pessoas estão se tornando descartáveis!*”.

Em geral, as pessoas mais velhas têm uma relação diferente com o consumismo. ‘Seu’ Elísio é uma dessas pessoas que condena a relação consumista que invadiu a sociedade, para ele,

[...] Tudo que o povo vê quer, acho que isso é que é consumismo. A gente não entra nessa de consumismo, não. Não quer dizer que não participo, mas aqui em casa não tem esse consumismo exagerado, preocupação com moda, se tal roupa ou objeto está ultrapassado, acho que a moda a gente é quem faz. Às vezes, quando saímos e Sônia está usando uma roupa, logo as amigas perguntam ‘onde você comprou isso?’ ‘Em qual loja?’ Ela nem sabe falar, porque sempre é uma coisa velha que possuía.

Sônia, mulher de ‘Seu’ Elísio, se diz assustada com a maneira como os jovens se relacionam com a moda e com os objetos de consumo. Hoje, segundo ela, o adolescente é imediatista e, quando deseja algo, não suporta esperar e o que mais indigna Sônia é o fato de a mídia cada vez mais estimular essa relação consumista, “[...] *A TV, mostrando a toda hora as maravilhas do mundo, eu acho tentador e, por isso, está cada vez mais difícil para as famílias educarem seus filhos dentro de seus padrões.*” Lipovetsky e Charles (2004, p. 33) afirmam que “Todos os dias, parece que o mundo do consumo se imiscui em nossas vidas e modifica nossas relações com os objetos e com os seres, sem que, apesar disso e das críticas que se formulam a respeito dele, consiga-se propor um contra modelo crível.” Realmente, críticas há muitas, mas o que fazer? Como se libertar da febre do consumo exagerado? O que oferecer, principalmente aos jovens, em lugar desses alucinantes desejos consumistas? Os autores afirmam ainda que tudo no mundo moderno é reciclável, inclusive a religião, a dimensão familiar, a relação com a ética, com a política... “*A hipermodernidade funciona mesmo segundo a lógica da reciclagem permanente do passado, e nada parece escapar a seu domínio.*” O que Sônia diz sobre o poder da TV é isso, a todo momento algo novo, mais potente, mais admirado e mais desejado é mostrado para substituir o velho, o feio, o que “já era”.

As necessidades das pessoas variam conforme o lugar e o modo como vivem. Os entrevistados de Itamirim se relacionam com o consumo de uma maneira diferente de como as pessoas de cidades maiores o fazem. Um lugarejo pequeno, sem grandes centros comerciais, não possui *Shopping Centers*, lojas de departamentos, hipermercados, nem mesmo grandes farmácias. Aí, nesse lugar, os desejos, pelo menos os das pessoas mais velhas, são diferentes. Dona Nicinha diz: “*tudo que a gente quiser, hoje tem na maior facilidade, é só chegar na venda*⁷⁴ *e pedir, dinheiro também todo mundo tem...*” Como se pode notar, o que as pessoas desse lugar precisam comprar tem na *venda*... É claro que elas vão a cidades maiores para adquirirem outras mercadorias que uma *venda* não possui. As pessoas mais jovens são naturalmente mais exigentes que as mais velhas no ato de consumir. ‘Seu’ Nem, entrevistado de Itamirim, diz que os jovens estão exigindo muito dos pais e dos avós, que eles não querem trabalhar e que muitos pais estão

⁷⁴ A palavra “venda”, citada por dona Nicinha, é o mesmo que uma pequena mercearia. Em Itamirim, as pessoas dizem: “vou à venda”, quando querem comprar qualquer mercadoria, seja alimento ou necessidades para a casa.

sendo sacrificados. *“Eu vejo aqui em Itamirim, os jovens não trabalham, eles estão vivendo dos pais, é o dinheirinho dos avós e o sacrifício dos pais que os sustentam.”* Esse desabafo de ‘Seu’ Nem é compartilhado por outros entrevistados, quando dizem que o dinheiro das aposentadorias e as bolsas do governo é que estão sustentando as famílias e que alguns pais são *“obrigados”* a dar dinheiro aos filhos até para comprar drogas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após um trabalho que demandou tamanho esforço e envolvimento, o momento exige que dele eu abstraia as suas considerações últimas. As entrevistas com “meus” velhos me proporcionaram um enriquecimento e um aprendizado que, dificilmente, os livros me proporcionariam. Cada um dos entrevistados, com suas lembranças, reviraram também o meu passado e a minha memória, posto que me enxerguei dentro de cada história, me emocionei a cada relato mais dramático, me diverti com os casos engraçados. Apesar de todas essas emoções, precisei separar a pessoa da pesquisadora e, como tal, cheguei a alguns importantes apontamentos, alvo deste trecho final do trabalho.

Uma das observações que mais me chamaram a atenção foi o fato de os entrevistados do distrito de Itamirim demonstrarem em sua fala uma euforia surpreendente em relação aos tempos hipermodernos (falas neste sentido distanciadas dos pesquisados residentes em cidades maiores). Dessa constatação, faço algumas análises:

1. Os tempos passados foram extremamente sofridos para todos eles, com exceção de dona Nazinha, que entende que as lembranças da infância eram boas: “Minha infância foi muito boa, tinha espaço, minha família era muito bem de vida.” Os outros entrevistados relataram uma vida sofrida e com muitas dificuldades, e associam as melhorias do cotidiano advindas da tecnologia a algo extremamente positivo em suas vidas;
2. A noção de modernidade para os moradores de Itamirim se circunscreve à energia elétrica, água encanada, facilidade de transporte, acesso fácil a bens de consumo e facilidade de comunicação. Dona Nicinha, uma das que mais exaltavam as benesses da modernidade, relata a todo momento em seu depoimento as dificuldades que vivenciou na infância e adolescência, como consequência da falta de energia e de água encanada. O que dona Nicinha diz é repetido por todos, cada um à sua maneira. Uma das situações que mais incomodava a todos era o fato de as casas não possuírem banheiros e nem mesmo uma “privada seca”. ‘Seu’ Nem chega a afirmar: “[...] Não tinha banheiro, não tinha chuveiro, muitas casas não

tinham nem privada seca, a gente ia era no mato mesmo.” A modernidade é vista como o tempo da fartura, do conforto, das facilidades;

3. Os aspectos mais negativos dos tempos atuais não é sentido por eles da mesma forma como os entrevistados das cidades de Montes Claros e de Diamantina. A violência que existe em Itamirim, segundo eles, se restringe a acidentes de motos provocados por jovens, brigas pessoais, arruaças provocadas por pessoas que fazem uso de bebidas ou drogas, confusões em dias de festa, maridos que agredem mulheres, pequenos furtos; esse tipo de violência que sempre existiu, em qualquer comunidade, por menor que seja. A violência urbana como as pessoas das cidades grandes a sentem, ainda não é percebida por eles. Não há casos de arrombamentos, de roubos, de assaltos, de estupros, de sequestros. *“Aqui ladrão nunca prejudicou ninguém, a gente pode sair e deixar a porta aberta e tem vez que a gente sai e depois lembra que deixou a porta aberta e aí liga para um vizinho fechar para a gente.”* A fala de dona Nicinha demonstra o quanto a tranquilidade ainda impera no lugar;
4. Outra constatação que faço é que os velhos de Itamirim se sentem melhor com a velhice que os velhos de cidades maiores, onde os conceitos sobre velhice e envelhecer são bem diferentes. Em Itamirim, não existem academias, não existem clínicas de estética, nem cirurgias plásticas. Todos os velhos são “velhos” em sua aparência e em seu modo de pensar, isto é, em nenhum momento de suas falas demonstram qualquer desejo de possuir uma aparência mais jovem ou fazem qualquer alusão a esse fato; a impressão que tive é que, para eles, não existe cirurgia plástica, *botox*, *laser*, preenchimento de face ou qualquer outro procedimento ou artifício de rejuvenescimento. É óbvio que essa constatação se refere aos velhos de hoje que ali estão, o que não quer dizer que os velhos de lá daqui a vinte anos não venham a pensar diferente.
5. Os entrevistados de Montes Claros e os de Diamantina têm pensamentos bastante análogos a respeito da hipermodernidade, do envelhecimento e da velhice. Todos, com pequenas diferenças entre as falas, relataram um passado semelhante, com exceção de D. Maria, de Diamantina, que viveu a infância na roça, em condições bastante parecidas com a dos

entrevistados de Itamirim, com mais dificuldades e sofrimentos que aqueles vivenciados pelos que nasceram em cidades mesmo pequenas, mas com um pouco mais de conforto;

6. Prof. Joaquim foi o que teve a infância mais “civilizada”, já que nasceu em Belém do Pará, cidade bastante evoluída em relação a Montes Claros e Diamantina no princípio/meados do século XX, sendo, inclusive, o único que possuía acervo considerável de fotos, o que demonstra um notável avanço em relação à modernidade vivenciada no sertão mineiro;
7. De todos os entrevistados, ‘seu’ Expedito foi o que demonstrou a maior ligação com o passado. Apesar de a todo o momento dizer que não era saudosista, lembrava-se dos colegas de orquestra e dizia que quando sentia saudades ia atrás deles e iam tocar em algum lugar. O melancólico dessa história é que todos os companheiros de ‘Seu’ Expedito já haviam morrido. A mim, pareceu que ele estava “preso” ao passado e que a realidade, por ser dolorosa, não era vista, nem percebida como tal. ‘Seu’ Expedito parece residir em um espectro das suas próprias memórias e lembranças, notadamente daquelas que o aprazem;
8. Os doze entrevistados sentem muita saudade, lembram-se dos tempos passados como melhores que os de hoje em relação à convivência com amigos e familiares; para eles, havia mais respeito entre as pessoas, e os valores morais, éticos e religiosos eram sentidos por todos como valores importantes a serem seguidos e transmitidos às novas gerações.

O aspecto das relações sociais, afetivas e familiares foi o mais falado e contestado pelos entrevistados. Todos alegaram que sentem uma grande tristeza ao ver como estas relações ocorrem atualmente. Muitos estudiosos do tema pós/hiper/modernidade fazem análises análogas ao que dizem os velhos desta pesquisa. Questões relativas à permissividade da educação, à socialização crescente das funções parentais, à ausência da autoridade familiar são abordadas por estes autores como motivações para a transformação dos valores morais e éticos. Chr. Lasch, citado por Lipovetsky (1983), diz que os indivíduos em tempos modernos aspiram a um desprendimento emocional, isso em função dos riscos de instabilidade que as relações pessoais vivem nos nossos dias. “A libertação sexual,

o feminismo, a pornografia trabalham para um mesmo fim: erguer barreiras contra as emoções e manter afastadas as intensidades afetivas.”⁷⁵

Lipovetsky, ainda em uma análise do que Chr. Lasch diz sobre todos aspirarem a um desprendimento emocional, entende que isso não é propriamente verdadeiro e que, pelo contrário, talvez nunca tenha havido tanta “procura” afetiva como nesta época. Para o autor, o grande drama habita justamente aí:

Quanto mais a cidade desenvolve as possibilidades de encontros, mais sós se sentem os indivíduos; quanto mais livres e emancipados das coações antigas as relações se tornam, mais rara se faz a possibilidade de conhecer uma relação intensa. Por toda a parte encontramos a solidão, o vazio, a dificuldade de sentir, de ser transportado para *fora* de si... (LIPOVETSKY, 1983, p.73)

Freud, em “*O Mal-Estar na Civilização*”⁷⁶, diz: “Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se a distância das outras pessoas. A felicidade passível de ser conseguida através desse método é, como vemos, a felicidade da quietude.” O que esses autores afirmam em seus estudos vai ao encontro do que dizem “meus” entrevistados. Todos lamentam a frieza dos relacionamentos modernos e realçam os seus relacionamentos da infância e da juventude e a maioria deles demonstrou ainda esse desejo de “quietude”.

9. Os últimos trinta anos vividos pelos entrevistados dessa pesquisa são sentidos como melhores no que dizem respeito ao conforto, à comunicação, ao transporte, aos objetos de uso pessoal, às facilidades financeiras, à saúde. Em seus relatos, são unânimes nos elogios a esses aspectos da modernidade, porém, no que diz respeito aos avanços tecnológicos, os entrevistados não demonstraram entusiasmo: não gostam de computadores, de celulares, de aparelhos de última geração.

⁷⁵ Lipovetsky, ao afirmar a frieza existente nos relacionamentos emocionais nos dias de hoje diz ainda que estamos vivendo o fim da cultura sentimental, o fim do *happyend*, fim do melodrama e emergência de uma cultura *cool* onde cada um vive no seu *bunker* de indiferença, ao abrigo das suas paixões e das dos outros. (1983, p. 72)

⁷⁶ *O Futuro de uma Ilusão*, obra escrita por Freud em 1927, considerada sociológica, mas que ultrapassa, em muito, a sociologia, parece ter sido escrita em nossos dias e reflete os anseios, as angústias e os tormentos do homem pós-moderno. Obra essencial e de leitura fundamental para a construção dessa tese.

Alguns autores, como Bobbio, Simone de Beauvoir, Sigmund Freud e outros, dizem que a velhice é triste. Em tempos hipermodernos, quando os velhos viveram a sua juventude em outra realidade, essa tristeza parece ser maior. Bobbio (1994) alega que o progresso científico e tecnológico é tão vertiginoso e irreversível que o velho “[...] não dispondo mais de elasticidade mental para acompanhá-lo, corre o risco de ficar para trás”; e esse “ficar para trás” é o que o remete às lembranças. Ainda na opinião desse autor, “o velho vive de lembranças e em função das lembranças...”. Os velhos, em todos os tempos, sempre viveram de lembranças; o que difere hoje, em tempos hipermodernos, é que eles não mais se reconhecem nos objetos que os cercam, não entendem e não conseguem interagir com a moderníssima tecnologia que ultrapassa seus próprios limites a todo instante, e as pessoas de seu convívio lhes parecem estranhas. Enfim, ser velho em tempos hipermodernos pode ter suas desvantagens, porém, não se pode negar que a velhice está começando a ser vista como um período da vida como outro qualquer e que estudos sobre o envelhecimento e universidades voltadas para a terceira idade já representam uma realidade cada vez mais comum.

A partir dos anos 1970, houve um crescimento significativo do número de pesquisas sobre a velhice e o envelhecimento. Surge, então, um campo específico de estudos: a gerontologia, que pretende desenvolver uma produção acadêmica que olhe “[...] com mais sutileza, para o conjunto de transformações ocorridas na velhice e no processo de envelhecimento [...]”⁷⁷. Estudos ocorridos até os finais dos anos 1960 mostram que o *status* social dos idosos nas sociedades tradicionais era mais alto e prestigiado do que nas sociedades modernas (Debert, 2012). Beauvoir (1990), em seus estudos, deixa bem clara a diferença existente entre o tratamento dado aos velhos das sociedades tradicionais e das sociedades modernas, sendo que, nas primeiras, o velho era mais valorizado e respeitado. Debert (2012) afirma que, até o final da década de 1960, duas teorias dominavam os enfoques no campo da gerontologia: a *teoria da atividade* e a *teoria do desengajamento*. As duas definiam a velhice como um momento de perda de papéis sociais; enquanto a teoria da atividade defendia que os velhos que se mantinham ativos eram mais felizes, a teoria do desengajamento acreditava que um envelhecimento bem sucedido

⁷⁷ DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. 1 ed. 2 reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

dependia da pessoa, voluntariamente, desengajar-se de suas atividades. Esse segundo modelo, segundo Debert (2012), “[...] acaba fazendo coro com os discursos interessados em transformar o envelhecimento em um novo mercado de consumo.” A experiência contemporânea do envelhecimento, de certa forma, coaduna com essa ideia de que “só envelhece quem quer”, isto é, a velhice pode ser eternamente adiada se se adotar determinados estilos de vida e formas de consumo adequadas, o que é uma falácia, muitas vezes, cruel. Sr. Elísio, entrevistado de Montes Claros, em sua entrevista, pondera:

Eu acho que as pessoas quando envelhecem ficam tão preocupadas com a questão da sexualidade que terminam ficando desesperadas. Os velhos vivem em desespero, procurando tratamento, tomando Viagra e eu sempre digo que é impossível a gente ter a mesma atividade sexual que tinha aos vinte anos... Eu sei que já não sou aquele jovem que era, mas não estou desesperado também não. O problema, principalmente do homem, é que se colocou muita macheza nos testículos.

Essa fala de ‘Seu’ Elísio nos remete a um problema social do envelhecimento: a não aceitação das condições biológicas do envelhecer. Não se torna velho só quem quer, torna-se velho quem somou anos à sua trajetória de vida. Por que permanecer jovem? Só a juventude tem beleza e promove prazer e poder? Dona Ruth, outra das minhas entrevistadas, se diz uma velha adaptada à modernidade e afirma que o seu diálogo com os jovens é tranquilo, mas, em nenhum momento, ela nega a sua velhice, dizendo frases como: “*sou velha por fora, mas, por dentro, sou jovem*”; outra das falácias dos tempos modernos, já que o mais bonito do envelhecimento é justamente a maturidade das ideias, a sabedoria que só a experiência adquirida com o tempo é capaz de proporcionar.

Os velhos com quem trabalhei não demonstraram possuir angústias da idade e das rugas; pelo contrário, demonstraram mais sentimentos em relação às perdas dos valores morais e éticos que a sociedade (hiper)moderna vem constituindo. O envelhecimento é notado principalmente pelas perdas ocorridas no corpo, são os aspectos biológicos que mais denotam o envelhecimento e, em função disso e do modelo de sociedade que temos (que valoriza exacerbadamente a juventude e a beleza), as pessoas, desde jovens, estão recorrendo a cirurgias plásticas de diversas naturezas, com a pretensão de retardar, ou até mesmo não

aparentar um corpo envelhecido. Continuar jovem, não envelhecer, segundo Lipovetsky (1983, p. 58-59): “[...] é o mesmo imperativo de funcionalidade pura, o mesmo imperativo de reciclagem, o mesmo imperativo de dessubstancialização, espiando os estigmas do tempo, a fim de dissolver as heterogeneidades da idade.” Quando afirmo que a frase “só fica velho quem quer” é uma falácia, muitas vezes até cruel, me refiro a esse raciocínio que Lipovetsky elabora, do imperativo da perda de referência, a não aceitação da diversidade da vida e das formas. Uma pessoa que “se obriga” a se manter permanentemente jovem é uma pessoa que perde até suas referências físicas e corporais. Como ter 70 anos ou mais e não possuir rugas? Lipovetsky afirma ainda que a “decrepitude ‘física’ tornou-se uma torpeza” e cita Chr. Lasch (p.58):

O moderno medo de envelhecer e de morrer é um elemento constitutivo do neo-narcisismo; o desinteresse pelas gerações futuras intensifica a angústia da morte, enquanto que a degradação das condições de existência das pessoas idosas e a necessidade permanente de valorização, de se ser admirado pela beleza, pelo encanto, pela celebridade, tornou-se a perspectiva do envelhecimento intolerável.

Prof. Joaquim, aposentado e participante desta pesquisa, diz em seu relato:

Os recursos atuais não estarão desumanizando o homem? Até mesmo aquilo que parece bom, muitas vezes tem um efeito devastador na vida do ser humano, por exemplo, o avanço da medicina faz uma pessoa viver muito, porém, não deixa a pessoa morrer em paz, muitas pessoas ficam na cama anos a fio à custa de remédios e de aparelhos, mas, será que vale a pena viver desse jeito?

Todas essas falas se entrecruzam particularmente com a ideia da modernidade contemporânea, desta valorização da juventude e da vida preservada/prolongada a qualquer custo. Diz-se muito da valorização da pessoa idosa, da criação de políticas públicas que vejam este segmento da sociedade como digno de mais respeito, e, em função disso, criam-se programas e políticas específicas de atendimento aos idosos; criam-se universidades voltadas para a terceira idade, ou grupos de entretenimento para velhos, etc. Tudo isso é de importância fundamental e tem modificado de maneira significativa a vida das pessoas idosas; porém, em seu bojo, se incrusta também uma escravização da cultura do belo e do jovem, uma espécie de apologia da beleza eterna, conservada e encerrada no corpo jovial. Em “A Era do Vazio”, Lipovetsky (1983) afirma que o

narcisismo realiza uma missão de *normalização* do corpo: “... o interesse febril que temos pelo corpo não é de modo nenhum espontâneo e ‘livre’, obedece a imperativos sociais, como a linha’, a ‘forma’, o orgasmo, etc. A normalização pós-moderna apresenta-se sempre como o único meio de o indivíduo ser realmente ele próprio, jovem, esbelto, dinâmico.” Todo esse aparato de “normalizações” recai sobre a pessoa envelhecida como um ditame escravizador. Quem não gostaria de envelhecer naturalmente sem ter que recorrer a cirurgias dolorosas e muitas vezes até de risco? Quem não gostaria de ser amado(a), desejado(a) e respeitado(a) da forma que é? Quem, em sã consciência, escolheria passar três ou mais horas em uma academia a fim de se manter jovem e em forma? É claro que para que isso acontecesse, para que resolvêssemos envelhecer de forma natural, a sociedade e seus valores teriam que ser outros, porque mesmo não querendo passar por esses sofrimentos, também ninguém quer ser rejeitado por seu grupo, por sua comunidade. Não se pode envelhecer naturalmente e feliz numa sociedade que tem na juventude e na beleza do corpo seus maiores valores. Freud, em uma análise da civilização, afirma com propriedade:

Nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens.

É óbvio que Freud se refere aqui, também, à nossa decadência física e biológica e é sabido, através da literatura e de biografos desse autor, que ele, ao final da vida, era extremamente pessimista em relação à velhice, até mesmo em função de um câncer que o acompanhava há muito anos; porém, o que ele diz se refere também às forças externas de uma sociedade cheia de exigências e de modelos nos quais os velhos, principalmente, não se encaixam. Quanto aos relacionamentos humanos, ele completa dizendo que talvez o sofrimento advindo desta fonte possa ser mais penoso que qualquer outro, embora “não possa ser menos fatidicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes” (1996,

p. 85). Isso reflete em parte o pensamento dos velhos participantes do estudo, no que diz respeito notadamente aos relacionamentos e aos valores morais e éticos.

10. Outra percepção que tive é que ser velho com setenta anos é diferente que ser velho com oitenta, noventa anos. É como se houvesse mais de uma velhice. Os relatos dos *velhos mais jovens* são mais recheados de esperança que aqueles que tinham mais de oitenta anos; os mais jovens possuem mais alegria, os olhos são menos tristes, o que é relativamente fácil de entender: quanto mais se vive, mais próximo se está da morte e menos futuro se vê à frente. Lembro aqui do que Freud disse em uma entrevista: “Talvez os deuses sejam gentis conosco, tornando a vida mais desagradável à medida que envelhecemos. Por fim, a morte nos parece menos intolerável do que os fardos que carregamos.”⁷⁸
11. Dentre as constatações que fiz em relação aos entrevistados, houve uma que envolveu de modo especial a mim: ao pesquisar no Posto de Saúde de Itamirim sobre os idosos residentes no lugarejo, a funcionária me respondeu que eram 48 homens e 55 mulheres, mas que esse número poderia mudar a qualquer momento, com a morte de alguns e a entrada de outros. Essa fala da funcionária me mostrou a verdadeira dimensão da vida e da velhice, me dando uma visão mais palpável da enorme fragilidade que somos e de como só entendemos isso muito tarde; mas, principalmente, me deu a certeza de que se *o objetivo derradeiro da vida é a sua própria extinção*⁷⁹, o seu objetivo primeiro é o da sua manutenção, e manutenção em plenitude.

Perspectivar uma abordagem conclusiva, neste momento, torna-se inevitavelmente algo pouco desejável, porque demasiado arriscado. Quando se lida com pessoas nada é definitivo ou mesmo duradouro, principalmente em tempos de

⁷⁸ Entrevista concedida ao jornalista americano George Sylvester Viereck, em 1926. Acreditava-se perdida e foi encontrada entre outras preciosidades na biblioteca da Sociedade Sigmund Freud. Foi publicada uma versão condensada, em 1976, pelo Boletim da Sigmund Freud Haus. O texto integral havia sido publicado no volume **Psychoanalysis and the Future**, número especial do “Journal of Psychology”, de Nova Iorque, em 1957. Tradução para o português foi Paulo Cesar Souza, quando publicada pela Revista IDE, 15:54-8 em 1988, com o título “O valor da Vida (Uma entrevista rara de Freud) (Texto retirado da chamada da entrevista)

⁷⁹ Idem, idem.

evoluções tão constantes, rápidas e fluidas como as que acontecem na atualidade. Em relação a esse trabalho, o que considero mais adequado são algumas considerações reflexivas, dentre elas:

- As pessoas com mais de setenta anos sentem dificuldades em se adaptar à tecnologia moderna, especialmente no que diz respeito a computadores e aparelhos celulares e ultramodernos;
- A vida cotidiana se tornou muito melhor com o avanço da tecnologia que envolve aparelhos e máquinas de uso doméstico;
- Os idosos entrevistados consideram os relacionamentos atuais descompromissados;
- Para os pesquisados, a modernidade trouxe muitas coisas boas, apesar de alguns efeitos danosos às relações e à vida social das pessoas, como a violência;
- O consumismo foi considerado negativo ou, pelo menos, não usado de forma inteligente e adequada pelas pessoas;
- As relações familiares se modificaram de maneira drástica nos últimos anos, trazendo prejuízo à educação das crianças e dos jovens;
- Os entrevistados da zona rural, aqueles que vivem vidas mais simples, foram os que mais elogiaram a modernidade.

Ao final deste trabalho e com as informações recebidas pelos entrevistados, tencionei contribuir para o avanço das pesquisas que envolvem idosos, a partir do uso de suas memórias, dialogando com o tempo da hipermodernidade. Outra observação que constato é a falta de pesquisas e projetos que envolvam o universo de pessoas idosas. Até mesmo para as minhas pesquisas neste trabalho, tive dificuldades em conseguir material informativo. A partir daí, sugiro que as universidades, que as políticas públicas e que os governantes tenham uma maior preocupação em desenvolver pesquisas e projetos voltados para este universo. No entanto, atento para que estas pesquisas sejam efetivas e que possam ser intergeracionais, e que os programas voltados para a terceira idade incluam tecnologia e cursos de computação adequados aos interesses deste grupo de pessoas.

Outra pesquisa que, creio eu, teria um grande impacto para o conhecimento deste universo seria uma análise mais consistente e profunda sobre os ideais e interesses de pessoas com mais de 60 anos, nos moldes da pesquisa realizada por Helena Antipoff e continuada por Regina Helena de Freitas Campos, na cidade de Belo Horizonte e que buscava conhecer os ideais e interesses de crianças. O que desejam os idosos da hipermodernidade? Quais os seus interesses? Do que eles sentem falta? Do que mais gostam nesses tempos hipermodernos? Quais as queixas que possuem? Desta maneira, poderíamos não apenas criar projetos como os grupos de terceira idade que visam uma melhor qualidade de vida e um maior engajamento dos idosos, mas também criar projetos a partir de seus próprios interesses.

Desta forma, as considerações aqui relevadas potencializam o debate no campo acadêmico, forjando novas possibilidades de prospecção científica no espaço do saber atrelado a este espectro.

Finalizando, creio que todos os velhos e velhas possam se ver no espelho com a mesma imagem que Manuel Bandeira consagrou:

Espelho, amigo verdadeiro,
 Tu refletas as minhas rugas,
 Os meus cabelos brancos,
 Os meus olhos míopes e cansados.
 Espelho, amigo verdadeiro,
 Mestre do realismo exato e minucioso, obrigado, obrigado!
 Mas se fosses mágico,
 Penetrarias até ao fundo desse homem triste,
 Descobririas o menino que sustenta esse homem,
 O menino que não quer morrer,
 Que não morrerá senão comigo,
 O menino que todos os anos na véspera do Natal,
 Pensa ainda em pôr os seus chinelinhos atrás da porta.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. *Manual de História Oral*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. GOMES, Ivan Marcelo e BRACHT, Valter. *Bauman & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Coleção Pensadores & Educação).

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.) *Usos & abusos da história oral*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2005.

ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

ATHILL, Diana. *Uma vida extraordinária: memórias de Diana Athill*. Trad. Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2009.

BACHA, Maria de Lourdes e STREHLAU, Vivian Iara. *Lazer na terceira idade: um estudo com diferentes classes socioeconômicas em São Paulo*. RBCEH, Passo Fundo, v. 7, n. 2, p. 217-228, maio/ago. 2010.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal - ensaio sobre os fenômenos extremos*. Trad. Estela dos Santos Abreu. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. *Amor líquido - sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Confiança e medo na cidade*. Porto: Relógio D'Água, 2006.

_____. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. *Ética pós-moderna*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Vidas Desperdiçadas*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: JogeZahard, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. *A força da idade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. CABRAL, Álvaro. *Uma morte muito suave*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas II - Rua de Mão Única*. 5. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 2000.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória* - ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

BOBBIO, Norberto. *O tempo da Memória: de senectute e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BORGES, Maria Eliza Linhares Borges (Org.) *Campo e cidade na modernidade brasileira: literatura, vilas operárias, cultura alimentar, futebol, correspondência privada e cultura visual*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2008.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos*. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRITO, Gy Reis Gomes. *Montes Claros: da construção ao progresso - 1917-1926*. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2006.

BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAMPEDELLI, Mônica Anechini. *A identidade do velho no mundo contemporâneo*. Tese sob a orientação do Prof. Dr. Antônio da Costa Ciampa. São Paulo: USP, 2009.

CAMPOS, Regina Célia Passos Ribeiro de. (Org.) *Pesquisa, Educação e Formação Humana - nos trilhos da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CAMPOS, Lúcia Pompeu de Freitas, CAMPOS, Léo Pompeu de Rezende e CAMPOS, Regina Helena de Freitas. (Orgs.). *Memórias de Marília / Marília Lobo de Rezende Costa Martins*. Belo Horizonte: Edição da autora, 2010.

CERQUEIRA, Marília Borborema Cerqueira. *Envelhecimento populacional e população institucionalizada - um estudo de caso dos asilos do município de Montes Claros*. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2003.

CHACHAN, Vera. *A memória urbana - entre o panorama e as ruínas*. In.: BH: horizontes históricos. Organizadora: Eliana de Freitas Dutra; [textos]: Ciro Flávio Bandeira de Mello [et al.] Belo Horizonte: C/ARTE, 1996.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998. 164 p. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola: v.16).

CÍCERO, Marco Túlio. *A velhice saudável - O sonho de Cipião*. Texto Integral. Trad. Luiz Feracine. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. São Paulo: SP. Editora Escala, impressão e acabamento: 2006.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In.: BARROS, Myriam Moraes Lins de Barros (org.) *Velhice ou Terceira Idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2004.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. Revista História Oral, 6, p. 9-25, 2003.

DUARTE, Rosália. *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.

DUMONT, Louis. *O individualismo - uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1993.

DUTRA, Eliana de Freitas. (Org.). *BH: Horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/ARTE, 1996.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. P.81

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Organizado por Michael Schröter. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. *O processo civilizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. (1927-1931). Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROMM, Erich. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Tradução de L. A. Bahia e Giasone Rebuá. 10. ed. Zahar Editores S.A. Rio de Janeiro, 1983.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Ed. S/A, 1989.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. 8. reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

GRAÇA, Ruth Tupinambá. *Montes Claros era assim*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura, 1986.

_____. *Montes Claros - Eterna lembrança / Memórias*. Secretaria Municipal de Cultura, Consórcio Literário - Oficina das Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros, 2010.

GUIDIN, Márcia Lígia. *Armário de vidro: a velhice em Machado de Assis*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. (Org.). *Cine debate: Cinema, velhice e cultura*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005. (Coleção velhice e sociedade)

_____.; SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. (Orgs.). *Velhice e diferenças na vida contemporânea*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006. (Coleção velhice e sociedade).

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 224 p.)

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*, p.16. In.: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 14 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006/2009.

_____. *A memória Coletiva*. Trad. De Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna* - uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 4. ed. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

HUSSEL, Edmund. *A ideia da Fenomenologia*. Tradução: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1990

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

IVO, Any Leal; VELAME, Fábio. *Identidade-Diferença na contemporaneidade* - uma visão pós-moderna. História, imagem e narrativas – nº 7, ano 3, setembro/outubro/2008 - ISSN 1808-9895 - <http://www.historiaimagem.com.br>

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. A incorporação do testemunho oral na escrita historiográfica: empecilhos e debates. *Revista História Oral*, v. 1, n. 13, p.9-22, 2010.

JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. In.: BH: horizontes históricos. Organizadora: Eliana de Freitas Dutra; [textos]: Ciro Flávio Bandeira de Mello [et al.] Belo Horizonte: C/ARTE, 1996.

KUSTER, Eliana. O mal estar da pós-humanidade. *Mnemosine* Vol.5, nº1, p. 34-61 (2009) – Artigo.

LANG. Alice Beatriz da Silva Gordo. (Org.) *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. 2ª Ed. São Paulo: CERU, 1999.

LE-VEN, Michel Marie. (org.) *Afeto e política: metodologia qualitativa: história oral de vida e sociologia clínica*. Colaboradores: Dilma Froes Vieira, Inês Assunção de Castro Teixeira. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Linha Ed. Tela e Texto, 2008.

LE GOFF, Jacques Le. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão... [et al.]. 5ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Izaíra Thalita da Silva; NOGUEIRA, Samara Sibelli de Queiroz e BURGOS, Taciana de Lima. *Inclusão do Idoso no Mundo Digital: Realidade Mossoroense e Cenário Brasileiro*. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Natal, RN - 2 a 6 de setembro de 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Vazio. Trad. De Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Portugal. Relógio d'Água Editores Ltda. 1983.

_____. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

_____. O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

_____. A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

_____. A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Lisboa: Edições 70, 2007.

_____. A sociedade da decepção. Barueri, SP: Manole, 2007.

_____. A terceira mulher: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia do Bolso, 2009.

LUFT, Lya. Múltipla escolha. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. Perdas e Ganhos. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

AMORIM, Marina Alves. Tempos dos femininos e a educação das mulheres: uma micro análise das experiências de três gerações (Belo Horizonte/MG; 1933-2003). Dissertação sob a orientação da Profª. Dra. Inês Assunção de Castro Teixeira. BH: UFMG, 2004.

MASCARO, Sônia de Amorim. O que é Velhice. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos). 2ª reimpr. Da 1ª Ed. De 1996.

MARINHO, Thais Alves. Os caminhos da identidade em um mundo multicultural. Revista Fórum Identidades - Ano 3, Volume 5, jan-jun de 2009 p. 81-107.

MARQUES, Ana Maria. Questão de gênero e geração na produção discursiva sobre envelhecimento nas três últimas décadas do séc. XX. Revista Oral, v. 12 n. 1-2. P. 207-224. 2009.

MATOS, Olgaria. A narrativa: metáfora e liberdade. História Oral, 4, p. 9-24, 2009.

MAURÍCIO, João Valle. Janela do Sobrado: Memórias. Coleção Sesquicentenário. V. 8. Montes Claros: Editora Unimontes, 2007.

MAURITTI, Rosário. Padrões de vida na velhice. *Análise Social*, vol. XXXIX (171), 2004, 339-363.

MEDEIROS, Francisco Emílio; SILVA, Ana Marica e SILVA, Maurício Roberto da. A dimensão lúdica da experiência de infância na memória de velhos. *Revista Licere*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, jun/2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 5ª Ed., revista e ampliada. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MENDES, Márcia R.S.S. Barbosa; GUSMÃO, Josiane Lima de; MANCUSSI, Ana Cristina e Faro; LEITE, Rita de Cássia Burgos de O. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. *Acta Paul Enferm.* 2005;18(4):422-6.

MIGUEL, Carine Seffrin e FORTES, Vera Lucia Fortunato. Idosas de um grupo de terceira idade: as interfaces da relação com suas famílias. *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, 74-85 - jul./dez. 2005.

MOREIRA, Daniel Augusto. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MORLEY, Helena. Minha vida de menina. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MOURA, Rodrigo da Silva. Processo de Industrialização em Montes Claros nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Monografia orientada pela professora Regina Célia Lima Caleiro. UNIVERSIDADE Estadual de Montes Claros-MG, 2004.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do. MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações Social. *Revista Memorandum*8, abril de 2005. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP

NERI, Anita Liberalesso. Envelhecer num país de velhos - significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

_____, YASSUDA, Mônica S. (Orgs.) CACHIONI, Meire (Colab.). Velhice bem-sucedida - aspectos afetivos e cognitivos. 3ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2004. (Coleção Vivacidade)

_____. Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais. 2. Ed. Campinas, SP: Alinea, 2006.

_____. Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

_____. Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. Qualidade de vida e idade madura. 7. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

_____. DEBERT, Guita Grin. Velhice e sociedade. Campinas, SP: Papirus, 1999.

NEVES, Antonino da Silva. Chorographia do Município de Boa Vista do Tremedal, MCMVIII, Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. In.: SILVA, Durvalino Nunes da

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NUNES, Maria Therezinha... [et al.]. *Ecos do passado: memórias da infância e da escola no século XX*. Ibirité: Fundação Helena Antipoff; Belo Horizonte: O lutador, 2010.

PÁDUA, Karla Cunha. “*Pegando as frutinhas que estão melhor para comer*”: Afirmção de diferenças e transformações culturais em contextos de formação de educadores indígenas. Tese sob a orientação da Profª Inês Assunção de Castro Teixeira. Belo Horizonte: UFMG, 2009

PAULA, Rouseane da Silva. A construção identitária da pessoa idosa. *Revista fórum, identidades* - ano 2, volume 3 – p. 111-117 – jan-jun de 2008.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In.: BARROS, Myriam Moraes Lins de Barros (org.) *Velhice ou Terceira Idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

PERES, Marcos Augusto de Castro. Terceira idade, ação política e autonomia: as políticas da velhice como tecnologias sociais. *Revista Tecnologia e Sociedade*, n. 6, 2009. revistas.utfpr.edu.br/ct/tecnologiasociedade/index.php/000/.../12

PERELMUTTER, Daisy e ANTONACCI, Maria Antonieta. (Orgs.) *Ética e História Oral*. Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do departamento de história da PUC-SP. Projeto História 15. São Paulo: Editora da PUC-SP. 1985.

PLATÃO. A República - Texto Integral. Coleção: A obra prima de cada autor. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda. 2006

PRAEDES, Vanda Lúcia... [et al.]. (Orgs.) *Memórias e percursos de professores negros e negras na UFMG*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Coleção cultura negra e identidades)

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. O olho de vidro do meu avô. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2004. (Coleção Veredas)

_____. Tempo de Voo. Ilustrações Alfonso Ruano. São Paulo: Comboio de Corda, 2009.

_____. Indez. 9. Ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1999.

RIBEIRO, Darcy. Confissões. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

ROCHA, Cíntia (etall.). Como mulheres viúvas de terceira idade encaram a perda do companheiro. RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, 65-73 - jul./dez. 2005

RODDICK, Anita. Meu jeito de fazer negócios. Trad. Sérgio Gonçalves. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

RODRIGUES, Marília Borborema. *Envelhecimento populacional e população institucionalizada* - um estudo de caso dos asilos do município de Montes Claros. Dissertação sob a orientação do Prof. Dr. Roberto do Nascimento Rodrigues. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SAMPEDRO, José Luis. *O sorriso etrusco*. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SCHIRRMAC Frank. *A revolução dos idosos: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha*. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996

SIEVERT, Marilde e VIEIRA, Taíse Jaína. Nova geração de idosos: um consumidor a ser conquistado. X Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde – Com Saúde 2007. Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: www.projectoradix.com.br/arq_artigo/X_17.pdf

SILVA, Durvalino Nunes da. Reminiscências de Itamirim. Belo Horizonte: Editora Gráfica Literatura Ltda., 2011.

SILVA, Janaina Corazza Barreto. Desenvolvimento humano na velhice: um estudo sobre as perdas e o luto entre mulheres no início do processo de envelhecimento. Dissertação sob a orientação da Profª. Dra. Maria Júlia Kovács. SP: USP, 2007.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos* v.15 n.1 Rio de Janeiro jan./mar. 2008.

SILVA Maria Ester Vaz da. *“Se fosse tudo bem, a velhice era boa de enfrentar!”* Racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice - um estudo no Norte de Portugal. Tese sob a orientação da Profª Dra. Luísa Ferreira da Silva. Lisboa: Universidade Aberta, 2006.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. *O sonho de uma petite Paris: os cafés no cotidiano da capital*. In.: BH: horizontes históricos. Organizadora: Eliana de Freitas Dutra; [textos]: Ciro Flávio Bandeira de Mello [et al.] Belo Horizonte: C/ARTE, 1996.

SKINNER, B.F. e VAUGHAN, M. E. *Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida*. Trad. Anita Liberalesso Neri. São Paulo: Summus, 1985.

SOARES, Jorge Coelho; SANTANA, Gisela Verri de. *Hipercidades, consumo e habitação: da necessidade de habitar ao desejo de morar*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p. 271-281, ago. 2007.

SOUSA, Gerson de. *Memória e velhice: entre a imaginação na arte de contar histórias e a emoção ao narrar a história vivida*. Tese sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Roberto Alves. USP, 2008.

SOUZA, Maria Cleonice Mendes de. *A Contemporaneidade de Helena Antipoff na fala dos meninos e meninas do sertão*. Dissertação de Mestrado em Educação. Belo Horizonte: FAE / UFMG, 2002.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro, PRAXEDES, Vanda Lúcia, PÁDUA, Karla Cunha et al. *Memórias e percursos de estudantes negros e negras na UFMG*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TEMOTEO, Paulo Sérgio. *Alfabetização digital na terceira idade: O impacto das novas tecnologias*. Disponível em: <www.iesc.edu.br/pesquisa/.../alfabetizacao_digital_na_terceira_idade>. Acesso em 20 mar. 2013.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES, Mabel Mascarenhas e SÁ, Maria Auxiliadora Ávila dos Santos. *Inclusão social de idosos: um longo caminho a percorrer*. Revista Ciências Humanas - Universidade de Taubaté (UNITAU) - Brasil - vol. 1, N. 2, 2008, p. 1-10. Disponível em <http://www.unitau.br/revistahumanas>.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Tradução Elia Ferreira Edel. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRIGO, Maria Helena Bueno e BRIOSCHI, Lucila Reis. *Interação e Comunicação no Processo de Pesquisa*. In.: *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. 2. ed. Alice Beatriz da Silva Gordo Lang (org.) São Paulo: CERU, 1999 - Vários colaboradores.

VAZ, Ester; SILVA, Berta e SOUSA, Isilda. *Configurações de Vida na Velhice. Antropológicas* - Nº 7 'Porto' UFP '2003.

VIANNA, Nelson. *Efemérides Montesclarenses* - Parte I. Coleção Sesquicentenári-. V. 4. Montes Claros: Editora Unimontes, 2007.

VOROBIEFF, Alexandre. *Identidade e Memória da Comunidade Russa na Cidade de São Paulo*. Dissertação sob a orientação do Prof. Dr. André Roberto Martin. SP: USP, 2006.

WITTER, Carla e BURITI, Marcelo de Almeida. (Orgs.). *Envelhecimento e contingências de vida*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011. (Coleção velhice e sociedade).

Sugestão de filmes com a temática do da velhice, do envelhecimento e do envelhecer:

01.A dança das paixões

Ano de lançamento: 1998
Direção: Pat O'Connor

Vivendo no interior da Irlanda, as irmãs Mundy vêem suas vidas passarem por profundas transformações com a chegada do irmão mais velho, Jack (Michael Gambon) que estava vivendo há 25 anos como missionário na África e volta ao lar muito doente. A rotina das irmãs é totalmente afetada por este fato e pela chegada do namorado de uma das irmãs. Esses dois acontecimentos mexem com as mágoas e as paixões que a família Mundy pensava ter enterrado no passado.

02.As confissões de Schmidt

Ano de lançamento: 2002
Direção: Alexander Payne

Warren Schmidt (Jack Nicholson) é um homem de 60 anos que precisa lidar com a recente aposentadoria e também com a morte repentina de sua esposa. Incerto sobre seu futuro e também sobre seu passado, ele parte em uma jornada rumo ao Nebraska para ajudar no casamento de sua filha Jeannie (Hope Davis) com Randall (Dermot Mulroney), um vendedor de camas d'água. Entretanto, cada novo passo que Warren dá parece ser sempre errado, fazendo com que ele acredite que o fim de sua vida será igual ao seu passado: um grande fracasso. Até que Warren decide dividir sua jornada com um inesperado amigo: um jovem garoto da Tanzânia o qual ele patrocina pagando 73 centavos por dia. Em suas longas cartas ao garoto Warren expõe sua história e passa a ver com outros olhos sua própria vida.

03.Balada de Narayama

Ano de lançamento: 1958
Direção: Keisuke Kinoshita

No fim do século XIX, em um pequeno vilarejo japonês, o morador que completa 70 anos de idade deve subir ao topo de uma sagrada montanha e aguardar por sua morte. Aquele que se recusa a cumprir a tradição traz a desonra para sua família. Mas para Orin (Sumiko Sakamoto), uma senhora de 69 anos, procurar uma esposa para o seu filho mais velho, Tatsuhei (Ken Ogata), é mais preocupante do que cumprir a amarga tradição. Vencedor da palma de Ouro no Festival de Cannes em 1983, balada de Narayama é um belo e sensível filme do diretor Shohei Imamura, o primeiro realizador japonês a receber duas Palmas de Ouro no Festival.

04.Cocoon e Cocoon – o regresso

Ano de Lançamento de Cocoon: 1985

Direção: [Ron Howard](#)

Ano de lançamento de Cocoon-o regresso: 1988

Direção: Daniel Petrie

Extra-terrestres vêm a Terra com a missão de recuperar casulos com seres de outro planeta, sendo que enquanto os casulos vão sendo recuperados eles são colocados em uma piscina, energizada pelos alienígenas. Mas os extraterrenos ignoram o fato desta piscina ser utilizada por três idosos moradores de um asilo, que logo passam a ter uma disposição fantástica. Porém, quando esses idosos descobrem a origem da sua juventude um dilema surge na vida deles: Viver em Antares e possuírem a juventude eterna ou viverem na Terra e envelhecerem naturalmente. Dois filmes interessantes sobre questões relativas à juventude e ao envelhecimento.

06.Copacabana

Ano de Lançamento: 2001

Direção: [Carla Camurati](#)

Comédia filosófica sobre a vida e a velhice nos dias atuais, tendo como cenário o célebre bairro carioca. O personagem principal é o fotógrafo Alberto (Marco Nanini), às vésperas de completar 90 anos. Seus amigos preparam uma festa surpresa, mas Alberto parece subitamente tomado pelo passado. E é de forma lúdica, poética e bem-humorada que ele volta no tempo e revisita importantes fatos profissionais e afetivos de sua longa vida. Aos poucos, as lembranças de Alberto e a história do bairro se misturam, formando um painel da vida de Copacabana e do país desde o início do século. Ao lado de tantas lembranças dos anos dourados do bairro, contrapõe-se o cotidiano de Copacabana nos dias atuais, com uma população diversificada que forma, segundo a diretora, "um planeta com vida própria". Um filme sobre a alegria de lembrar e o prazer de viver, em Copacabana, em qualquer idade.

07.Estão todos bem

Ano de Lançamento: 2009

Direção: [Kirk Jone](#)

Viúvo que achava que a única ligação com o resto da família era por meio da esposa decide realizar uma viagem por todo o país a fim de reunir cada um de seus filhos. Refilmagem americana do filme italiano "Estamos Todos Bem", de Giuseppe Tornatore. Filme sugestivo para o entendimento da relação de um pai (idoso) com seus filhos adultos.

08.Ikiru – viver

Ano de Lançamento: 1952

Direção: [Akira Kurosawa](#)

Considerado por muitos como a maior obra do mestre Akira Kurosawa, "Ikiru" (Viver) apresenta a visão da compaixão, mostrando a beleza da vida de um homem a partir da explosão de sua morte. Takashi Shimura interpreta Kanji Watanabe, um idoso burocrata com câncer no estômago forçado a buscar o significado de sua existência nos seus dias finais. Narrado em duas partes, "Ikiru" mostra os questionamentos de Watanabe no presente, através de uma série de retrospectivas de sua vida. O resultado é um olhar multifacetado da vida e suas perspectivas, num complexo retrato de um homem incompreendido e cheio de conflitos.

09.José e Pilar

Ano de Lançamento: 2010

Direção: [Miguel Gonçalves Mendes](#)

A relação e o cotidiano do casal José Saramago, escritor português, e Pilar Del Rio, jornalista 28 anos mais nova que o esposo.

10.Longe dela

Ano de lançamento: 2007

Direção: Sarah Polley

Grant e Fiona formam um casal feliz, que tem sua vida abalada quando ela apresenta alguns graves sintomas, como perda de memória. Logo vem a confirmação: Fiona está com o mal de Alzheimer. Relutante a princípio, ela passa a aceitar a doença e se interna numa clínica. Uma das regras do local é que os pacientes não recebam visitas durante seus primeiros 30 dias. Quando Grant finalmente consegue vê-la, ela já não o reconhece mais. Fiona está agora afeiçoada por Aubrey, outro paciente da clínica, o que faz com que Grant tenha que se contentar com sua nova condição de amigo ao mesmo tempo em que tenta ajudá-la a se lembrar do passado.

11.Morangos Silvestres

Lançamento: 1957

Direção: [Ingmar Bergman](#)

Morangos Silvestres é uma das obras máximas do mestre Ingmar Bergman, sempre nas listas dos melhores da história do cinema. No caminho da Universidade de Lund, onde receberá um prêmio pelos 50 anos de carreira, o professor de medicina Isak Borg (interpretado pelo cineasta Victor Sjöström) relembra os principais momentos de sua vida, temendo a morte que se aproxima. Ao lado de Umberto D., de Vittorio de Sica, e Viver, de Akira Kurosawa, Morangos Silvestres é um dos mais belos filmes sobre a velhice e a memória. Essencial.

12.Shadrach

Ano de lançamento: 1998

Direção: Susanna Styron

Em 1935, um escravo de 99 anos de idade, chamado Shadrach (Sawyer), caminha centenas de milhas para ser enterrado numa fazenda da Virginia, onde nasceu e passou sua infância. O filme é narrado sob a ótica de Paul Whitehurst, um garoto que adora passar seus dias brincando com os sete filhos do casal Dabney, Vernon (Harvey Keitel) e Trixie (Andie MacDowell). Numa tarde quente de agosto, Paul e o velho Shadrach vivem um momento mágico de aprendizado que será lembrado para sempre.

13.Tomates verdes fritos

Ano de Lançamento: 1991

Direção: [Jon Avnet](#)

Evelyn Couch (Kathy Bates) é uma dona de casa emocionalmente reprimida, que habitualmente afoga suas mágoas comendo doces. Ed (Gailard Srtain), o marido dela, quase não nota a existência de Evelyn. Toda semana eles vão visitar uma tia em um hospital, mas a parente nunca permite que Evelyn entre no seu quarto. Em uma ocasião, enquanto ela espera que Ed termine sua visita, Evelyn conhece Ninny Threadgoode (Jessica Tandy), uma debilitada, mas gentil senhora de 83 anos, que ama contar histórias. Através das semanas, ela faz relatos que estão centrados em duas jovens, Ildgie (Mary Stuart Masterson) e Ruth Jamison (Mary-Louise Parker), que provocam a ira dos cidadãos menos tolerantes de Whistle Stop. Mas elas fazem um tomate frito que é conhecido como uma iguaria por todos da região. Assim, cativam até os mais hostis, como também a senhora Evelyn Couch, que ouve a história e a partir de então resolve mudar algumas coisas em sua vida.

14.Umberto D.

Ano de Lançamento: 1952

Direção: [Vittorio De Sica](#)

Itália. Início dos anos 50. Enquanto a economia do país renasce, os idosos sofrem com as miseráveis pensões dadas pelo governo. Em Roma, Umberto Domenico Ferrari, um funcionário público aposentado, é despejado por não conseguir pagar o aluguel de seu

quarto. Na companhia de seu único amigo, o cachorrinho Flik, Umberto vaga pelas ruas, buscando apenas um objetivo: viver com dignidade. Umberto D. é um daqueles filmes que ficam para sempre em nossa memória.

15.Valsa da vida

Direção: Ernest Thompson

Ano de lançamento: 1995

Uma história que te convida a redescobrir os prazeres da vida, o poder da amizade e a sabedoria que há no envelhecer. Um charmoso e espirituoso filme sobre a solidão, amizade e surpresas da vida. Escrito e dirigido por Ernest Thompson, ganhador do Oscar de melhor roteiro adaptado por Num Lago Dourado (On Gold Pond), a narrativa traz à tona toda emotividade e fragilidades sentimentais por vezes escondidas nas pessoas. Em Valsa da Vida, Mc Laine é a orgulhosa e solitária viúva Margaret Mary Elderdice, que tem imensa paixão pela música e sente horror às pessoas que tentam ajudá-la por suas limitações para andar e ouvir. Sua única companheira é a curiosa e abrasiva vizinha Cara Vamum (Minelli), que a acompanha ao violino, quando Margaret quer tocar suas amadas valsas ao piano. Mas, tudo muda quando conhece a viúva conhece Robin (Jennifer Grey), uma jovem dama de companhia que sonha em ser atriz e se tornou amiga da sábia mendiga Goo (Kathy Bates). Suas vidas se cruzarão e tudo poderá acontecer.

16.O Anjo de Pedra

Ano de lançamento: 2007

Direção: [Kari Skogland](#)

Uma mulher que viveu de forma nada convencional e cheia de orgulho. Hagar (Ellen Burtyn) foi uma jovem de coração rebelde, suas escolhas sempre a colocaram em choque com os ideais de sua família e com as regras sociais da época. Cara a cara com sua própria mortalidade e em busca de alívio, Hagar parte para uma viagem ao seu passado, onde as lembranças de uma vida de conflitos familiares, amores destruídos e distanciamento entre seus filhos traz à tona momentos de dor, prazer e reflexão. Momentos que podem trazer as soluções para seus erros.

17. Elza e Fred

Ano de Lançamento: 2005

Direção: [Marcos Carnevale](#)

Fred (Manuel Alexandre) tem mais de 80 anos e descobre que está doente. Quando ele conhece uma nova vizinha, a espivetada Elsa (China Zorrilla) - também na casa dos 80 anos -, descobre que nunca é tarde para realizar sonhos e viver novas experiências.

18. AMOR

Ano de lançamento: 2012

Direção: Michael Haneke

Georges (Jean Louis Trintignant) e Anne (Emmanuelle Riva) são um casal de aposentados que costumava dar aulas de música. Eles têm uma filha musicista que vive com a família em um país estrangeiro. Certo dia, Anne sofre um derrame e fica com um lado do corpo paralisado. O casal de idosos passa por graves obstáculos que colocarão o seu amor em teste.

17. Cerejeiras em Flor

Ano de lançamento: 2008

Direção: Doris Dörrie

Rudi (Elmar Wepper) e Trudi (Hannelore Elsner) formam um casal de terceira idade com uma vida rotineira e tranquila. Porém, ao receber a notícia de que seu marido está com uma doença terminal, os médicos sugerem a Trudi que aproveite os últimos momentos para fazer uma viagem ou realizar algum sonho e que não conte a Rudi sobre a sua doença. Trudi, então convence o marido a fazer uma última viagem ao Japão, na época das cerejeiras. Filme belíssimo, sensível e cheio de emoções que mostra ainda, a relação e impaciência dos filhos com os pais velhos.

18. O Mestre da Vida

Ano de lançamento: 2006

Direção: George Gallo

John é um jovem pintor que não consegue manter um bom relacionamento familiar, sentindo-se sempre incompreendido pelo pai. Por vias do destino, seu caminho cruza o do seu ídolo, o famoso pintor russo Nicoli Seroff. Mas o que John encontra não é mais o audacioso e apaixonado pintor, mas um idoso solitário e de temperamento difícil, que enfrenta problemas com bebida e não consegue se recuperar da perda da esposa. O relacionamento dos dois revive o interesse de Nicolai pela arte e traz um precioso amadurecimento para John. "**O Mestre da Vida**" é um filme muito bonito sobre as difíceis transições da vida e sobre a dor do luto.

19. Antes de Partir

Ano de lançamento: 2007

Direção: Rob Reiner

Antes de Partir conta como dois homens, vindos de mundos bem diferentes, se encontram numa ala hospitalar para pacientes com câncer e percebem que suas diferenças não significam nada diante do destino que os une. Os dois, então, fazem um pacto de realizar todos os seus desejos antes de morrerem. Uma comédia divertida e inspiradora. Mais uma vez, **Morgan Freeman** nos encanta com uma atuação

fantástica. Talvez um novo clássico sobre envelhecimento.

20. Conduzindo Miss Daisy

Ano de lançamento: 1989

Direção: Bruce Beresford

Miss Daisy é uma senhora judia, residente de uma cidade no sul dos Estados Unidos, na década de 1950. Mesmo após um sério acidente, ela tem dificuldade para aceitar que sua habilidade como motorista não é das melhores. Seu filho, preocupado, resolve contratar um profissional, um homem negro chamado Hoke Colburn. A partir daí a história desenrola, mostrando a aproximação dos personagens, a delicada evolução de seu relacionamento e a transcendência de suas inúmeras diferenças.